

As Terras Sagradas do Brasil

2ª Edição

Eliseu Mocitaíba da Costa

Miguel Borges

AS TERRAS SAGRADAS DO BRASIL

INTRÓITO

**Oculto e revelado
O Trono de Deus
Amigos adiantados e de outras dimensões**

1 - LEMBRANÇAS DO FUTURO

**A Luz reside no Ocidente
O Rei do Mundo e uma profecia acontecida
Entre o Tibete e o Brasil – um enrêdo da evolução
Uma Terra Sagrada no Rio de Janeiro
A civilização dos atlantes e o Brasil**

2 - FIAT LUX!

A onda de vida no oceano sem praias

3 – O VERBO SE FEZ CARNE

**E HABITOU ENTRE OS HOMENS
O mental e o espiritual na estrada da evolução
O efeito-cascata na criação e um cardume na piracema
O homem de sete corpos e o Anjo caído para evolução
A traição dialética no sexo e a lealdade da alma humana
Os Rebeldes da evolução nas primeiras guerras
O Dragão Celeste e o fim da Era Lemuriana**

4 – E DEUS HABITOU ENTRE NÓS

**O que se sabe da vida entre os atlantes
Raios escuros da lua: a mais medonha das armas
Os 200 mil anos da grande pirâmide**

5 – O ÊXODO DOS DEUSES

**Treva feita na Luz. Sol dentro da terra
A vida no reino do sol que não se põe
Contactos entre a face da terra e o Reino de Agartha
As castas na sociedade emergente dos arianos
Mais confirmações do Brasil: de Fawcett à Teosofia clássica
Cabral descobre o Brasil, Anchieta e Ramalho o criam**

6 - A Reconquista do Divino

**O Caminho da Evolução sem o Abuso da Violência
Montanhas e Mosteiros nas Terras Mais Sagradas**

7 – E Ele peregrinou sobre a Terra

**O Santo Graal, traço de União Entre
Ocultismo e Cristianismo**

**A Demanda do Graal em Terras do Brasil
A Lenda de Teresópolis**

- 8 – Um porto seguro sob o Equador
Mais Confirmações do Brasil:
De Fawcett à Teosofia Clássica
Cabral Descobre o Brasil,
Anchieta e Ramalho o criam**
- 9 - DEUS E DEUSA NA TERRA PROMETIDA
O mistério das Plêiades na ascensão feminina
Fohat e kundalini: uma costela de Eva em Adão
Sem catástrofe nas terras mais sadias**
- 10 – PERTO DO FIM DA JORNADA
O significado oculto da Igreja de Melki-tsedek
Flagelos de Deus na face da terra
Um novo conceito de Terra da Promissão**
- 11 – UM RECOMEÇO NO CENTRO DO UNIVERSO
Vale o escrito nos astros desse lábaro estrelado
Vivendo e evoluindo após o fim do mundo
A escuridão que não cabe dentro da Alma**

Bibliografia

AS TERRAS SAGRADAS DO BRASIL

Eliseu Mocitaíba da Costa – Miguel Borges

OCULTO E REVELADO

Os profetas tinham razão? Será que o mundo vai acabar brevemente? O destino da Humanidade é trágico? Ou estamos melhorando apesar de tudo?

Em uma linguagem atualizada, este livro levanta as respostas do Ocultismo clássico e do Esoterismo moderno a certas questões que vêm encantando e atormentando a Humanidade, ainda mais na presente transição de milênio.

O destaque dado ao Brasil corresponde à posição de relevo que ele ocupa em muitas profecias relacionadas com o mundo em geral. À luz dos prognósticos e das previsões, chegará este a ser um país bom para a felicidade do povo? Terá importância na civilização do futuro? Mas quando e como?

O levantamento mostra que várias profecias já se cumpriram, outras estão cumprindo-se neste momento ou dando sinais de uma realização próxima. Pelos indícios em conjunto, não está distante a superação das aflições de hoje. Mas o modo de falar dos profetas não é preciso, comportando interpretações onde muitas vezes fica tênue a diferença entre o bom e o mau prognóstico, passando-se de um para o outro como quem cruza uma linha invisível.

No Ocultismo, que é o campo do conhecimento sobre os mistérios da Vida e da Natureza não acessíveis ao pensamento objetivo científico, o Futuro não chega a ser uma sentença definitiva, uma conta líquida e certa a receber ou a pagar. A profecia ocultista indica piques de tendências, aponta fatos em elaboração e sugere as ações, os sentimentos e as idéias para que o que foi profetizado se cumpra ou deixe de cumprir-se. Portanto, sua realização depende, em parte, da iniciativa ou omissão dos seres humanos, que podem aderir ou resistir ao impulso dos seres divinos, sendo também capazes de suscitá-los.

Neste trabalho, pegamos a estrada que nos dá uma visão desassombrada da Evolução na visão ocultista. Na longa estrada da ignorância ao entendimento, a busca não pode, por preconceito ou intolerância, excluir caminhos. Todos são bons, se nos ajudam a chegar.

Sendo antiquíssima, a linguagem do Ocultismo é ultramoderna. Os avanços da Física e da Astrofísica estão diluindo as fronteiras com a Metafísica. Entre a concepção dita *materialista* da Vida e a aquela dita *espiritualista* ainda existe uma massa de conceitos e preconceitos separando o mundo humano do mundo divino, mas está sendo ultrapassada.

O saber antigo expresso na Alquimia dizia que a linguagem dos deuses é química. Os alquimistas a compreendiam como Magia.

Na visão ocultista essa linguagem encontra-se implícita ou explícita em todo o conhecimento científico e a única condição para o ser humano aproveitá-la em benefício de sua felicidade consiste em harmonizar o Saber com o Amor. O contrário - a

desarmonia entre o Intelecto e o Coração - poderia fazer a Humanidade caminhar no sentido oposto, da infelicidade e da catástrofe. Felizmente, as sinalizações da Evolução apontam para um desfecho favorável à condição humana. Porém, a Humanidade deve fazer sua parte.

O requisito básico para aproveitar-se bem a oportunidade que a Evolução apresenta é despojar-se da tentação de pensar sempre da mesma forma, quer se trate de um intelectual avançado, de um religioso sincero, de um esoterista convicto ou até de tudo isto ao mesmo tempo.

Daí a razão para se considerar este livro como uma abertura para a informação cultural sobre certas áreas usualmente reservadas. A queda das barreiras entre a Física e a Metafísica, entre a ciência profana e a ciência arcana, tornou obsoleto, em grande parte, o conceito rígido do Ocultismo como uma área do conhecimento só acessível aos místicos "oficialmente" iniciados e aos eleitos dogmaticamente "iluminados".

No Ocultismo, a palavra **sagrado** é considerada como sendo o sinônimo superior da palavra **sadio**: uma senha para acessar a fonte de amor e fraternidade existente no fundo dos corações e mentes dos seres humanos, lá onde vive a essência do Grande Autor. Para encenar sua divina comédia no palco do planeta, Ele precisa de nós, personagens-atores, na nossa inumerável diversidade.

Pela própria natureza do assunto, é indispensável abordá-lo abrindo o espírito para o Imaginário, o Mito e a Lenda, que tanto escondem como revelam fatos, simbolizando os sonhos de realização e felicidade dos povos e dos indivíduos - espelhando igualmente seus terrores e incertezas.

O texto faz a ponte entre o enfoque ocultista e a História acadêmica formal. Tratando de Terras Sagradas, resulta também no roteiro de um turismo transcendente, misterioso e interativo: o viajante descobre que as paragens aqui descritas não lhe são desconhecidas, sentindo que já esteve antes entre estas estranhas relíquias materiais e espirituais.

Como fórmula de segurança mental e ética nesta incursão, invocam-se nossos direitos e obrigações perante a Lei - aquela que, auto aplicada, rege a tudo e a todos; a mesma que os religiosos tendem a chamar de Deus; os ocultistas, de o Eterno, com seus sucedâneos: o Supremo Arquiteto, o Logos, o Planetário; certos filósofos, de Mens Magna; e muitos cientistas, de Termodinâmica.

Seja qual for o nome desse poder superior, sua presença cria e sustenta as Terras Sagradas do Brasil e do Mundo. São palcos onde Deus contracena com protagonistas reais ou imaginários (também, reais & imaginários), que vão dos anjos, avatares, gênios e viajantes cósmicos até os elementais da Natureza, os animais e as plantas, passando pelas criaturas humanas.

O TRONO DE DEUS

Quem já sobrevoou o Aconcágua e o Everest conhece o sentimento de grandeza e poder que se experimenta diante da forma majestosa da montanha. Tem-se mesmo a sensação de estar na presença do Trono de Deus.

Para várias escolas de sábios antigos, a Terra toda é mais que o Trono: é o próprio corpo de Deus. Contemporaneamente, o britânico Peter Russell refere-se ao planeta, com tudo o que nele existe e vive, como sendo o Cérebro Global.

Daí que, sendo antes de tudo Mente, o corpo de Deus tenha a forma de um cérebro. A Terra se apresenta como um símbolo, certamente o maior dos ideogramas, a cabeça de Deus no seu aspecto material.

Esta noção de que o Ser divino tem uma forma corporal está na origem da frase de Spinoza, de que “a Terra é sagrada”. Escrita há cento e cinquenta anos, a tirada spinoziana antecipou em pelo menos um século a preocupação contemporânea com o meio ambiente.

A divinização da Natureza é uma tendência arcaica e arcana (mística) assimilada pela cultura moderna, com todo o viés científico desta.

Basta lembrar que a mídia dos dias de hoje consagrou a expressão “santuário ecológico” para designar os lugares onde a vida selvagem de plantas e animais continua virgem, isto é, não alterada pela tecnologia, esta criação eminentemente humana.

Na tradição ocultista de fonte oriental, algumas partes do Planeta são mais sagradas do que outras, por determinados períodos. Na época dos Vedas (um passado de milhares de anos), a superfície da Terra tinha sido dessacralizada pelo cataclismo planetário que destruiu a civilização atlante.

Ao tempo da Idade de Ouro da Atlântida (escala de um milhão de anos), floresceu nesse continente hoje perdido uma esplêndida civilização. Era baseada no equilíbrio ecológico integral em todos os níveis: no seio da Natureza, no relacionamento do meio ambiente com a Humanidade e dos humanos entre si.

O globo terrestre não estava inclinado em relação ao plano da órbita, como hoje ocorre. Não existiam as calotas polares, o clima mundial estava unificado, com uma única estação (a Eterna Primavera) o ano inteiro. Igualmente, o temperamento humano. (cap.4, p.51).

O alquimista Paracelso afirmava que por trás do aspecto material dos quatro elementos existe uma contraparte espiritual e invisível a que ele deu o nome de *elementais* e que se relacionam com os quatro reinos da Natureza: gnomos, ligados à Terra; ondinas, ligadas à Água; silfos, ao Ar; e salamandras, ao Fogo.

Os elementais, habitantes não humanos do astral, são reconhecidos como espíritos da natureza. Fazem parte de uma evolução paralela à da Humanidade. São entidades astrais dotadas de inteligência própria definida. Procuram evitar o ser humano homem

por causa de certas vibrações - para eles, grosseiras e prejudiciais à sua vida. Seus corpos são formados de energia. São os operários e artesãos do universo manifestado. Na Atlântida, chegou a haver harmonia nas relações entre os elementais e os humanos, tendo sido este um dos grandes fatores da Idade de Ouro.

Dialeticamente, o desenvolvimento desta sociedade foi tão magnífico que ela mesma engatilhou seu próprio colapso.

Aquela cultura acabou por dominar uma forma de energia (atualmente desconhecida) que a Tradição chama de os Raios Escuros da Lua. Conta o mito: pela sede de saber (mais que de poder), os humanos acabaram aplicando tais raios em certas armas, numa guerra mundial que redundou em tremendas catástrofes, arrasando o planeta.

O continente atlante, aonde se ia de pé enxuto do que é hoje a América Central até Gibraltar, desapareceu - embora não de uma só vez. Em seu lugar surgiu o Atlântico, nome dado às águas que o engoliram quase inteiramente. Ao longo de centenas de milênios, em novos cataclismos, foi-se reduzindo o remanescente da Atlântida até ficar apenas a Ilha de Poseidonis, da qual Platão nos dá notícia como tendo por sua vez desaparecido há apenas uns 12 mil anos.

Logo no início desse processo de destruição, uma parte da liderança atlante, percebendo antecipadamente o desastre, refugiou-se no único lugar que ficaria a salvo: um espaço entre físico e para físico (dimensional) no umbigo do planeta. A Tradição o chama de A Terra Imperecível que Nenhum Cataclismo Pode Destruir e o conhece por nomes como A Magnífica Thule, Manoa, Shangri-Lah, Eldorado, Duat Superior, Agartha, Shamballah etc.

Depois que a poeira baixou muitos dos antigos atlantes, já então na condição de “intraterrestres”, decidiram voltar à face da Terra.

AMIGOS ADIANTADOS E DE OUTRAS DIMENSÕES

O racionalismo da cultura moderna, cartesiana (combinado com os programas espaciais dos Estados Unidos e da antiga União Soviética, mais a ficção científica na literatura e no cinema), consagrou os Objetos Voadores Não Identificados (Ovnis ou Ufos) como sendo veículos vindos do espaço exterior. Vive-se hoje a grande voga dos Extraterrestres.

Mas, a rigor, não há contradição nem exclusão mútua entre os ETs e seus primos próximos, os Intraterrestres ou ITs. Para completar a solução deste aparente enigma, está aí a última palavra em termos de seres que habitam a fronteira do Real com o Imaginário: os Ultraterrestres ou UTs., oriundos de mundos paralelos no espaço e no tempo. Uns e outros vêm a ser os mesmos viajantes vistos sob ângulos diferentes.

A Tradição revelada nas mais avançadas escolas de iniciação indica, quando colocada na linguagem moderna, que o centro da Terra é como um buraco negro sideral ou uma passagem quântica (dimensional) para (e de) qualquer ponto do espaço-tempo.

A palavra **planeta** provém do grego *planétes*, significando "errante". Originalmente, referia-se ao fato de que os astrônomos antigos percebiam os movimentos do Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, os sete membros do sistema solar visíveis a olho nu, distinguindo-os das estrelas, então consideradas "fixas". (As estrelas cadentes eram vistas como fenômenos atmosféricos, portanto terrenos, e não como objetos celestes. Urano é muito raramente visível à vista desarmada).

Mas o vocábulo **planeta** é também um diminutivo de **plano**. Deste modo, os planetas têm a ver com planos ou dimensões da realidade na sua natureza mental, vale dizer, como criações da mente humana em sintonia com a Grande Mente. Portanto, os **pequenos planos** (ou pequenas partes do Todo) de onde vêm as naves estão no espaço sideral, como quer a moda, mas com os viajantes acessando a Terra pelo portal cósmico existente no interior de nosso próprio planeta. Portanto, eles são Extraterrestres que chegam à superfície passando por dentro do âmago da Terra, numa transposição dimensional, quando então são Intraterrestres/Ultraterrestres.

Ressalta-se assim a coincidência entre as expectativas de hoje, que veem os ETs como amigos mais adiantados vindos do Espaço, e a tradição mongol/tibetana sumamente ocultista, onde os emissários eram considerados como vindo do centro da Terra (Shamballah, Agartha) - ou seja, no modo de dizer atual, ITs ou UTs.

Para os antigos habitantes do Trans-Himalaia iniciados em certos segredos, as partes da superfície do planeta eram (são) tanto mais sagradas quanto maior sua ligação com o âmago da Terra.

Esta ligação se faz também graças a um super talismã, a Taça do Graal, periodicamente trazida do profundo interior para a superfície. Este magno símbolo/aparelho agrega potência material e poderio espiritual, magia terrenal e tecnologia cósmica.

Numa longa fase da História, já na era cristã, a maneira de ver os seres de outros planos ou dimensões os colocava como anjos, arcanjos, santos. Em suma: emissários da Divindade, vindos do Céu ou Mansão dos Bem-aventurados.

Independente do credo das pessoas, é inevitável reconhecer a existência e a presença entre nós, sob diferentes óticas e nomes, desses seres, homens e mulheres, dotados de grande bagagem espiritual traduzida em amor e sabedoria. Eles se ligam a certas Terras (partes do planeta) que então passam a ser consideradas Sagradas.

No fundo, trata-se de diferentes denominações para seres humanos ou super-humanos que vêm de fora da realidade cotidiana, consciências altamente evoluídas que trabalham por outro estado de consciência: novas concepções, novos sentimentos, novas informações e experiências espirituais ou materiais.

A cultura arcaica (arcana) do Trans-Himalaia (englobando Índia, Tibete e Mongólia) chamava os maiores e mais sábios deles de *avatares*: manifestações ou encarnações na Face da Terra de consciências ascensionadas que encarnam para ajudar na nossa evolução, ajudando também a si mesmas. Os lugares da Terra mais acolhedores e as

gentes mais receptivas a eles definem os pontos onde se situam as Terras que são o tema deste livro.

Hoje, há uma expectativa comum a uma enorme variedade de correntes ocultistas/espiritualistas pela iminente chegada de Maitrêia, o avatar integral, anunciado há milênios pelo Budismo Esotérico e o Hinduísmo clássico como sendo o avatar integral, a décima encarnação de Vishnu. Há quem sustente que ele já nasceu, e no Brasil, restando duas questões fundamentais.

É ele um indivíduo ou um movimento espiritual? Já começou a atuar, ou se não, quanto acontecerá isto? As respostas possíveis são levantadas neste livro.

As esperanças e ansiedades em torno de Maitrêia tendem a colocá-lo como um messias, mas o registro fiel da Tradição oculta (cada vez mais revelada) indicam que ele não se prende a nenhum determinado conjunto de crenças religiosas, sendo um personagem eminentemente ecumênico.

Faz-se aqui uma exposição da ideia da existência de Terras Sagradas em sua evolução, bem como das várias formas e localizações que as mesmas vêm assumindo ao longo da História, de acordo com cada povo e cada conjunto de tradições e crenças.

Os dados não deixam dúvida de que existe uma realidade transcendente atravessando todas as épocas e civilizações. E de que essa transcendência está ligada a um plano mais sutil de percepção da Natureza, da Terra e da Humanidade, uma consciência mais ampla e profunda do Universo. Este enriquecimento do intercâmbio entra a Humanidade e Deus expresso na Natureza tem, como produto final, o ganho de amor e sabedoria.

Trata-se de uma área da experiência e do conhecimento humanos onde a Ciência ainda não penetrou. Continua no domínio do Mito e da Lenda. Por isso mesmo, talvez seja a última morada do sonho humano. Daí sua importância para uma civilização, como esta nossa, que se sente distante das fontes de crescimento espiritual.

Entende-se, também, que para haver tão Grande Manifestação, deva haver uma grande preparação entre os civilizados-espiritualizados para, então, se apresentar um Ser de tão Excelsa Magnitude.

1 - Lembranças do Futuro

Significativamente aquele voo começou em um jato da Royal Nepal Airlines que decolou de Kathmandu, Nepal, às 3 da tarde, com destino a Nova Délhi, Índia. Era o início do mês de fevereiro de um ano qualquer na década de 90 do Século XX, meados do inverno no hemisfério norte, e o Sol já descambava para o horizonte.

Observando o céu, o passageiro notou que o avião parecia tomar o rumo oposto ao da capital indiana (que fica mais para oeste da capital Nepali), embicando para leste. Antes que no espírito do viajante pudesse tomar forma o temor de algum problema, como erro de rota ou desvio por sequestro, o comandante avisou, pelo som de bordo, que a companhia estava oferecendo uma cortesia extra: o sobrevoo do Evereste.

O teto do mundo fica a uns 200 quilômetros a leste de Kathmandu, ligeiramente para o norte. Em quinze minutos o jato se defrontava com a imponente da grande montanha. Nem mais o ronco suave das turbinas se ouvia a bordo. Foi como se o silêncio que se impôs à alma de cada passageiro reinasse na cabine. Recortado contra o céu da tarde gelada, o Evereste girava lentamente junto com a curva descrita pela aeronave.

Na imaginação do passageiro, a solene rotação virtual funcionou como uma gigantesca dobradiça abrindo a porta para um passado que nada têm de ultrapassado ou morto, de deuses e demônios, guerreiros e sábios. Do cimo daquelas neves eternas, 40 eras contemplavam a aeronave moderna.

Embora a 9 mil metros, pouco acima do ponto mais alto da face da Terra, sentia-se em todos a bordo a atitude reverente de quem se encontra diante do Trono de Deus. Ao redor dali, na cordilheira do Himalaia, moraram os Budas Vivos, seres humanos divinizados, ou entes divinos humanizados, que reinaram sobre o território do Tibete e cujo império espiritual se estendeu à maior parte do mundo conhecido, durante milênios. Para os povos do Trans-Himalaia, que se espalharam da Índia à Mongólia, foi esta a mais sagrada das terras.

* * *

A LUZ RESIDE, AGORA, NO OCIDENTE

Estando o Evereste, Kathmandu e Nova Délhi praticamente na mesma latitude, todos se interligam pelo paralelo que, no seu prolongamento ao redor do globo, vai passar pelo Golfo do México. E a ligação entre as duas afastadas regiões - o Himalaia e o Golfo - é mais do que simplesmente cartográfica. A mesma Tradição Primordial que gerou os Budas Vivos do Tibete e depois os Budas Vivos da Mongólia teve origem no que é hoje o Mar do Caribe e seu entorno, lá onde muito antigamente existiram as terras firmes da lendária Atlântida. Esta Tradição tem raízes também no coração da atual América do Sul, onde hoje se encontra o planalto central brasileiro.

O jato rumou para oeste logo depois de concluída a reverência aérea ao Trono. Era afinal a sua rota programada. Porém, para o passageiro atento, havia na situação bem mais do que uma mera coincidência. Ele tinha notícia do ramo mais atual do Ocul-

tismo: segundo as convicções deste ramo, os valores espirituais desenvolvidos no Oriente chegaram ao máximo que podiam alcançar nas condições existentes ali, e agora estão de volta ao Ocidente para um novo giro da espiral da Evolução.

Pela a história contada em certas escolas de iniciação, a civilização atlante correspondeu, no seu auge, à mais completa Idade de Ouro que a Humanidade já conheceu. Adiante neste livro, vamos descrevê-la. Neste ponto, importa dizer que a Idade de Ouro foi sucedida pela Idade do Ferro ou das Trevas, em uma queda gradativa ao longo de cerca de um milhão de anos, passando pelas Idades do Bronze e da Prata. A Idade das Trevas é conhecida na Tradição como Kali-Yuga e nela nos encontramos hoje.

Para Helena Blavatsky (1831-1891), fundadora da Teosofia, a atual Kali-Yuga começou há “apenas” uns cinco mil anos, com a morte de Krishna, e sua duração total prevista é de 432 mil anos. Mas depois da morte da fundadora da Sociedade Teosófica, esta expectativa mudou radicalmente.

Há notícia (como veremos depois) de que o fim da Idade das Trevas foi muito antecipado pelo resgate cármico ao qual o Programa da Evolução teve de recorrer para que a Humanidade não perecesse em consequência dos grandes conflitos do século XX. Principalmente aquele onde pela primeira vez se utilizou armamento nuclear.

A bordo do jato nepalês, o passageiro brasileiro lembrou-se de que antiquíssimas profecias apontam para o Novo Mundo - e nele o Brasil - como sendo o palco do início de uma novo período de saúde física, ambiental, mental e espiritual do planeta - ou seja, uma nova Idade de Ouro.

O REI DO MUNDO E UMA PROFECIA ACONTECIDA

Um dos personagens mais fascinantes e intrigantes da mitologia ocultista é o Rei do Mundo, o mesmo que, na Bíblia, aparece com o nome de Melkitsedek. Na tradição tibetano-mongol, ele foi conhecido como Rigden-Jiepo (mudou de nome em meados do século XX). Dele, conhece-se uma terrível profecia sobre a situação mundial. Foi colhida na Mongólia e repassada ao Ocidente pelo escritor polonês Ferdinand Ossendowski, no livro “Bestas, Homens e Deuses – O Enigma do Rei do Mundo”, escrito nos anos 20. Nessa obra, Ossendowski, um guarda-branco que teve de fugir dos bolchevistas na Revolução soviética, relata sua longa peregrinação no Trans-Himalaia, inicialmente empreendida a contragosto, e depois apaixonante para ele e seus futuros leitores.

O Rei do Mundo é um paradoxo vivo, um conceito aparentemente contrário ao senso comum: sendo um personagem real, seu habitat está na esfera do Mito. Ele vive em uma dimensão paralela à nossa e ao mesmo tempo mesclada com esta. Seu reino é profundamente subterrâneo: os Mundos Interiores de Agartha e Shamballah.

A profecia do Rei do Mundo foi feita na virada do século XIX para o século XX e não se refere a nenhum país em particular. Antes, traça um quadro geral de sabor

apocalíptico, mas com uma insinuação de esperança por melhores dias, no fim. Para essa fase de bonança depois da tormenta é que entram em cena as previsões sobre o Novo Mundo e especialmente o Brasil. (O Rei do Mundo, 1978. René Guénon. Ed. Cavalo Branco).

Ainda hoje em dia, geralmente se apresenta a predição feita por Rigden-Jiepo como referindo-se a acontecimentos futuros. Porém, na realidade, suas previsões, feitas no alvorecer do século XX, em grande parte cumpriram-se ao longo deste. Veja-se logo a seguir uma relação dos grandes acontecimentos já ocorridos e que “batem” com os citados por Rigden-Jiepo na profecia. O Leitor poderá fazer o cotejo entre o profetizado (citado mais abaixo) e o acontecido.

Profetizou o Rei do Mundo:

As duas Guerras Mundiais, que mataram e mutilaram milhões, mediante o uso de armas extremamente cruéis que impediram (e impedem) a defesa das vítimas, como a bomba nuclear e os gases mortíferos os bombardeios nucleares de Hiroxima e Nagasáqui, os ataques aéreos com bombas incendiárias que destruíram Dresden, arrasaram Nurembergue e castigaram Londres, além de muitas outras cidades, inclusive nas guerras que vêm-se sucedendo após a segunda conflagração mundial: Coréia, Vietnã, Oriente Próximo, Golfo Pérsico, Iugoslávia etc. desmoronamento de potências bélicas como a Alemanha nazista, a Itália fascista, o Japão imperialista e a Rússia comunista a crise dos EUA deflagrada pelo crack da Bolsa de Nova Iorque em 1929 e a sombra que ficou pesando sobre o regime capitalista depois da queda do império soviético, com a expectativa mundial de que os EUA serão a “bola da vez” fim do império colonial europeu (inglês, português, belga, francês, holandês etc.) na Ásia e na África a onda de corrupção política e governamental que vem atingindo muitos países grandes fomes como a de vários países africanos, além da fome endêmica em muitas partes do mundo a revolução dos costumes e o “liberou-geral”, desmoralizando velhos tabus mas também gerando incerteza e decomposição moral pelo excesso na exaltação ao sexo nesse contexto, a crise universal da família avanço da toxicomania fim das monarquias autoritárias, substituídas (com raras exceções) pela monarquia parlamentarista (democrática) a destruição ambiental em níveis nunca antes imaginados a poluição sonora, inclusive pelo rock pauleira (cujos malefícios de larga escala foram denunciados no final da década de 80 pelo roqueiro britânico Sting num depoimento que, com toda a momentânea repercussão mundial, caiu ou “foi caído” no esquecimento)

De algum modo, nesses malefícios podem-se perceber de forma mais ou menos explícita os benefícios que vêm juntos. Para construir um mundo novo, é necessária a destruição do mundo velho. Como se verá logo adiante, o Rei do Mundo delineou o panorama da crise e da decadência para depois entrar com a transformação, como sendo uma coisa o indispensável preâmbulo da outra.

Disse Rigden-Jiepo:

“Cada vez mais os homens esquecerão as suas almas, preferindo ocupar-se de seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a Terra. O Crescente se aniquilará e seus adeptos cairão em miséria e guerra perpétua. Seus conquistadores serão iluminados pelo Sol, mas não se elevarão duas vezes; acontecerá a maior das desgraças que culminará em injúrias diante de outros povos. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão, uma duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Haverá uma guerra terrível entre as nações. Os oceanos se tingirão com o sangue de irmãos contra irmãos. As terras e o fundo dos mares ficarão cobertos de ossadas. Povos inteiros morrerão de fome, ou por moléstias desconhecidas, ou pela prática de crimes não previstos nos códigos com que se regem os homens, e isto por nunca terem sido vistos iguais na terra...

As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo.

O pai se revoltará contra o filho, o irmão contra o irmão e a mãe contra a filha. O vício, o crime, a destruição do corpo e da alma continuarão a sua rota fatal... As famílias serão divididas... O amor e a fidelidade desaparecerão, porque a prostituição reinará até nos lugares mais sagrados... Em dez mil homens [pessoas], um só viverá, mesmo assim, louco e sem forças, não encontrando habitação nem alimento. Toda a Terra ficará deserta. Deus lhe voltará as costas. Sobre ela cairá o espesso véu da noite e da morte...

Então enviarei um povo, agora desconhecido, que, com mão firme, arrancará as más ervas da loucura e do vício. E conduzirá aqueles que ficaram fiéis ao Espírito de Verdade na batalha contra o mal... Fundarão eles uma vida nova sobre a Terra purificada pela morte das nações. Então os Povos da Agartha sairão de suas cavernas subterrâneas e aparecerão na face da Terra... ”.

Conforme veremos ao longo deste livro, os habitantes das "cavernas subterrâneas" ou Mundos Interiores, os *Povos de Agartha*, já não são tão *desconhecidos* como no tempo da profecia.

A colocação feita por Rigden-Jiepo vem motivando uma variedade de interpretações sobre quem seriam estes reformadores/salvadores.

Para a ufologia mística, eles virão (já estariam vindo) em naves espaciais (discosvoadores) ou, mais atualizadamente, veículos interdimensionais. Seriam eles os Ets, ITs e UTs.

Em outro nível de entendimento, os Povos de Agartha já estão atuando entre nós, de três maneiras básicas.

Primeiro, inspirando um grande número de pessoas por meio do espalhamento de ideias e sentimentos no aura da Terra (no *akashá*, arquivo vivo do Universo).

Segundo, encarnando em um considerável número de crianças por toda parte, sem restrição ou discriminação social, econômica, “racial”, geográfica nem ideológica.

Terceiro, em número muito menor, vindo fisicamente para a face da Terra (passando por portais dimensionais).

Os Povos de Agartha (ainda) têm opositores. Em outro ponto, veremos como a medonha situação descrita por Rigden-Jiepo resultou da luta entre dois regentes de megaciclos da Evolução, seres cósmicos conhecidos como Planetários. Eles recentemente se reconciliaram e juntos estão criando as condições para que a Terra e a Humanidade saiam da Idade das Trevas em curto prazo. Mas há, pelo caminho, o bagaço da luta, restos cármicos ainda ativos, por resolver.

Tudo isto faz parte da mitologia viva centrada em torno da figura do Rei do Mundo, e é um dos temas centrais deste livro.

*

ENTRE O TIBETE E O BRASIL O ENREDO DA EVOLUÇÃO

Para a entrada de uma nova Idade de Ouro, o centro das atividades humanas teria de passar das velhas terras desgastadas por toda uma era de conflitos, para áreas que ficaram isoladas e relativamente a salvo da guerra cósmica com seus reflexos no plano humano. E segundo uma profecia tibetana de antiguidade desconhecida, citada pelo 13º Dalai Lama (morto em 1924), o centro dessa nova fase será o Brasil. A função de Dalai Lama (governante temporal e espiritual do Tibete) correspondia a uma representação, na face da Terra, do Rei do Mundo subterrâneo.

Em 1904, o coronel inglês Younghusband, então chefe das tropas britânicas que dominavam o Tibete, leu um documento intitulado “**Fatos que ocorrerão no ano do Dragão da Madeira**”, com previsões de astrólogos tibetanos. Eles previam as duas Grandes Guerras Mundiais, a data da morte do 13º Dalai Lama e a invasão deste país em 1950 pelos chineses.

“Mas além disso {a previsão} continha uma informação otimista: a luz da sabedoria voltará a brilhar no Ocidente, em especial na terra de Fu-Sang”, afirma o engenheiro de telecomunicações e professor de yoga Arlindo Fiorentin, em seu livro “**Tibete – Terra de Magia e Mistério**” (Ediouro). Fiorentin é espiritualista, estudioso dos mistérios tibetanos e um entusiasta da idéia de que ao Brasil cabe agora um papel de relevo nos acontecimentos ligados ao programa cósmico da Evolução.

Segundo ele, o 13º Dalai Lama, falecido em 1924, confirmou as previsões dos astrólogos no seu testamento político, no seguinte texto, citado também, anteriormente (em um livro de título quase igual ao de Fiorentin) pela andarilha britânica Alexandra David-Neel, que viveu mais de 100 anos e morreu na década de 60:

“No Ano do Tigre de Ferro e da Terra, a religião e a administração secular do Tibete serão atacadas pelas forças da Fênix Vermelha. O 14º Dalai Lama e o Panchen-Lama serão vencidos. As terras e as propriedades dos mosteiros lamaístas serão distribuídas entre os invasores. Os nobres e as altas personalidades do Estado terão suas terras e seus bens confiscados e, para não morrer, terão que servir às forças invasoras. Contudo, a grande luz espiritual que há séculos brilha sobre o Tibete, não

se apagará. Ela aumentará, se difundirá e resplandecerá na América do Sul e, principalmente, nas terras de Fu Sang, onde será iniciado um novo ciclo de progresso com a nova sétima raça”.

Conclui Fiorentin: “Ora, 1950 é o Ano do Tigre de Ferro e da Terra, Fênix Vermelha são os comunistas chineses e Fu Sang, para os tibetanos, é o Brasil”.

Um outro autor, Aníbal Vaz de Mello, notabilizou-se também pelos dois livros que publicou – **A Era de Aquarius** e **Sinal dos Tempos** - , defendendo igualmente o ponto de vista de que o Brasil tem bagagem do passado, viva e válida no presente para engrandecer o país e o mundo no futuro imediato.

O autor que mais escreveu e trabalhou para tornar uma realidade estas expectativas sobre o Brasil foi Henrique José de Souza (1883-1963). Ele fez sua iniciação ocultista no Tibete e na Índia, aos 16 anos de idade. De volta ao Brasil, criou, já adulto, um movimento mental-espiritualista (hoje chamado de Eubiose) que, partindo da tradição teosófica, colocou nosso País no centro da trama evolucionar. Esta é conduzida por uma grande e misteriosa entidade conhecida na Tradição Primordial (da mitologia ocultista) como o Governo Oculto (também dito Espiritual) do Mundo (o GOM) ou Grande Fraternidade (Branca ou de Luzes). O Rei do Mundo é o chefe do GOM.

Henrique José de Souza foi antes de tudo um invencível otimista, um mestre misterioso e um incansável trabalhador cultural. Trabalhou com informações transcendentais que, emolduradas por uma assombrosa cultura geral, foram por ele colocadas como “revelações”. Seu conhecimento não cabe facilmente no plano racional e é repassado em textos, algo cifrado, às vezes com tom mágico, ora com doçura, ora com firmeza. Mesmo nos momentos mais difíceis da situação nacional e diante dos problemas mundiais mais inquietantes, HJS sempre expressou convicção de que o Brasil terá relevante papel anunciado, em benefício de toda a Humanidade, e sem demora. Ele chamou a isto de “saque sobre o futuro”.

No livro **“O Tibete e a Teosofia”**, o teósofo espanhol Mario Roso de Luna relata que antigamente existia no mosteiro de Narabanchi-Kure, em Urga, Mongólia, uma galeria de 33 nichos. Cada qual continha a estátua de um Buda-Vivo, desde o primeiro até o último, cujo nascimento se esperava para o Século XX. Todos os indivíduos retratados eram francamente do tipo mongólico – exceto um, justamente o derradeiro, que tinha tipo ocidental e pele de um moreno mais claro. A quem perguntasse, os lamas explicavam que aquele personagem nasceria em terras do Ocidente, onde passaria a centralizar-se o programa da Evolução.

É comum a vários povos antigos a tradição relativa a uma terra encantada onde persistia o paraíso terrestre. Esta lenda estava viva no sentimento da marujada que se engajou nas grandes navegações portuguesas, ao tempo de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Para muitos jovens que se fizeram ao mar, ainda se podia encontrar o Éden bíblico na então Ilha de Vera Cruz (depois Brasil).

Na linha da Teosofia ortodoxa, deve-se citar o grande interesse que o pensador indiano Jinarasadasa demonstrou pelo Brasil. Em meados do Século XX, o então Presidente da Sociedade Teosófica (que tem sede na Índia) comportava-se como um entusiasta de nosso País, aprendendo a falar português e visitando-nos por três vezes. No livro **“Fundamentos da Teosofia”** (Editora Pensamento), Jinarasadasa não se distanciou da opinião teosófica de que a Idade de Ferro ainda vai durar uns 40 milênios, podendo ocorrer, no meio tempo, períodos relativamente favoráveis, (pequenos ciclos (idades) de ouro). Para os teósofos ortodoxos, a vez de o Brasil assumir a vanguarda da Evolução só chegará mesmo daqui a uns 25 mil anos. Para eles, não houve o “saque sobre o futuro”, que aponta para a imediata antecipação da ascensão brasileira. Nem por isso Jinarasadasa deixou de sentir e reconhecer que temos nossos valores positivos e que nestas terras, em se plantando boas sementes espirituais, tudo dá. Em 1993, a Sociedade Teosófica escolheu o Brasil para sediar seu congresso anual.

Segundo a revista **Ano Zero** (edição de agosto de 1993), o país de Fu Sang, falado nas tradições do Tibete, é o Brasil. Para chegar a esta informação, a revista reuniu as informações já citadas e mais a da escritora Chiang Sing. Esta, apesar do nome chinês, era brasileira, tendo vivido no Oriente muito tempo. No Brasil, conheceu grande popularidade e prestígio, inclusive com o livro **“Mistérios e Magias do Tibete”** (Editora Rodemar, Rio de Janeiro, 1965). Ela informa que Fu Sang situa-se na América do Sul. Segundo **Ano Zero**, citando a autora, *“os tibetanos chamam Fu Sang ao Brasil, onde dizem que teve início sua civilização antes do grande dilúvio”*.

Pela tipologia, os nossos índios, remotos remanescentes da desaparecida civilização da Atlântida, que na Tradição primordial ou mitologia ocultista tem tudo a ver com o Rei do Mundo e os povos de Agartha, são aparentados aos tibetanos. Estes conservam, desde um passado imemorial, as mesmas características físicas (aliás, predominantes entre as etnias atlantes, todas das hoje chamadas “raças amarelas” – também chineses, japoneses, coreanos, vietnamitas, ameríndios etc.). Quando Chiang Sing cita a tradição sobre a terra de Fu Sang, onde teria começado a civilização tibetana, provavelmente se refere a esse passado. Desta forma, o Brasil já teve posição de relevo na Evolução e está voltando a ter.

Arlindo Fiorentin é específico quando procura fundamentar sua convicção de que Fu Sang é o Brasil. Ele registra a tradição de que duas expedições chinesas estiveram nas Américas (via Oceano Pacífico) muito antes dos europeus. A primeira foi no ano de 2250 a C. e a segunda no século V da Era Cristã.

Nesta, os chineses teriam chegado à região que hoje corresponde ao México. Consta de uma crônica da época que um monge budista de nome Hwui Shan, integrante da expedição, ao voltar à China, revelou perante a Corte que havia ido a um país distante, a leste (os expedicionários cruzaram o Pacífico navegando na direção do nascente). O termo Fu Sang, escolhido pelos chineses para denominar aquela região mexicana, é o mesmo nome dado a uma planta da América Central. Para eles, todo o Novo Mundo constituía uma só região, daí *Fu Sang* terminar sendo aplicado ao Brasil.

Na informação ocultista, os tibetanos modernos trazem, na cultura e na religião, vivos vestígios da extinta Atlântida, de onde se originaram.

Se aquele jato que cruzava de Kathmandu para Nova Délhi prosseguisse sobrevoando o mesmo paralelo, iria chegar ao Caribe. Segundo a Tradição primordial, na vasta região entre a costa norte do Brasil e a costa sul dos Estados Unidos, existiu a parte mais central da Atlântida. Sua capital, Shamballah, ficava na parte mais a leste dessa área, já saindo para o pleno Oceano Atlântico.

Porém, a História não é (ao contrário de como a definia ironicamente Eça de Queiroz) uma velhota que se repete sem parar. Há indicações de que as terras onde deve começar a nova Idade de Ouro estariam mais para a América do Sul. E os tibetanos tomaram emprestado o antigo nome chinês do Novo Mundo – Fu Sang – para designar o Brasil.

Mário Roso de Luna, que assumiu, em sua vasta obra escrita, colocações baseadas nos ensinamentos e indicações da Grande Fraternidade (os quais vêm a ser a mesma Tradição primordial), escreveu num artigo:

“O país de Pinzón, Cabral e Lepe de Souza [o Brasil], por sua vizinhança com a Europa e a África; por sua mescla de raças e por numerosas outras razões, demonstra excepcionais características que nos dão o direito a dizer que seu futuro é semelhante ao da América do Norte, que em cultura nada fica a dever à Europa”.

Roso de Luna fez esta observação logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando os europeus como ele já reconheciam unanimemente a ascensão política, econômica e cultural dos Estados Unidos. Como teosofista, o autor espanhol sabia que o papel espiritual destinado ao norte-americano poderia ser vir a ser desempenhado por outro povo, se aquele não cumprisse sua parte. E Roso de Luna já acenava com a alternativa programada, o Brasil.

É bem conhecida a profecia do bispo católico Dom Bosco (1815-1883), a quem foi dedicada, no início da construção de Brasília, uma pequena capela existente até hoje. Em um de seus sonhos-visões, de 3 para 4 de setembro de 1883, evidencia-se sua visão profética da futura capital brasileira e das magníficas perspectivas abertas para o Brasil. Disse ele:

“Eu enxergava nas entranhas das montanhas e no seio profundo das planícies. Tinha ante meus olhos as riquezas incomparáveis desse país, as quais um dia hão de ser descobertas. Mas isto não era tudo. Entre os paralelos 15° e 20° havia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: Quando vierem escavar as minas ocultas no meio dessas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”.

UMA TERRA SAGRADA NO RIO DE JANEIRO

A profecia de Dom Bosco é reconhecida como sinal de uma predestinação do Brasil em geral e de Brasília em particular. Mas também o Rio de Janeiro cabe (ou coube) nesse contexto.

Por incrível que pareça aos olhos dos moradores dessa bela cidade crivada de problemas, a atual região do Grande Rio foi programada como uma das Terras Sagradas do Brasil, destacando-se o ponto onde hoje se situa Teresópolis, na Serra dos Órgãos. Como se diz entre os ocultistas, onde há muita luz há também muita treva. Por isso, quem há pouco tempo olhasse para a estátua de Cristo no Corcovado e visse uma marca no seu peito, qual se tivesse sido golpeado pela ponta de uma lança, não deveria estranhar muito. Até 1976-77, essa marca estava bem visível. Depois, uma obra de manutenção a fez desaparecer, junto com outros vestígios do desgaste natural do monumento. Vendedores e prestadores de serviços a turistas, como motoristas de táxi que faziam ponto junto da base da estátua do Corcovado, diziam que aquele sinal fora feita por um raio. Aliás, lembrava o golpe da lança do centurião Longinos no peito de Jesus, no Gólgota.

Há um significado bem mais profundo no jogo de luzes e sombras que cobrem a história desse lugar (o Rio) ao mesmo tempo sagrado e complicado. Uma história que tem a ver com a presença dos fenícios, há uns três mil anos, no que é hoje o Rio de Janeiro e arredores. E que explicaria o perigo que pesou sobre a cidade, de ser invadida pelo mar. Ameaça já removida, pelo menos na escala anunciada. Tal perigo, enquanto esteve no auge, foi simbolizado naquela “chaga” no peito da estátua do Corcovado.

Tudo começou há quase três mil anos. Informações de várias fontes – ora acadêmicas, ora esotéricas – dão conta de que uma expedição de fenícios esteve por estes lados antes da Era Cristã. As fontes principais são o livro **“Inscrições e Tradições da América pré-histórica, especialmente do Brasil”** (1939), de Bernardo da Silva Ramos; o livro **“Fenícios no Brasil”** (1924), do misterioso imigrante austríaco Ludwig Schwenhagen; e principalmente, na parte mais mística e mítica, os escritos de Henrique José de Souza.

A trama tem início em 850 a C., em Tiro, capital da Fenícia, na Ásia Menor. A casta militar e religiosa insuflou uma revolta popular contra o rei Badezir, com o objetivo de mudar a forma de governo, de monarquia para uma república do tipo grego. Destronado, o monarca retirou-se com uma frota de seis navios, levando consigo um casal de filhos – os gêmeos Yetbaal, homem, e Yetbaal-Bey, mulher – mais um grupo de sacerdotes, navegadores e militares fiéis.

Segundo Henrique José de Souza no folheto **“Brasil Fenício – Brasil Íbero-Ameríndio”** (editado pela Sociedade Brasileira de Eubiose em 1983), a viagem tinha por objetivo principal estabelecer nestas terras as bases para uma nova civilização. Nisto, Badezir teria funcionado como um emissário ou agente do Governo Oculto do Mundo, que segundo a tradição ocultista mantinha, na época, um movimento organizado entre os fenícios, a escola de iniciação dos Cários. Ao que tudo indica, o rei de-

posto resolveu antecipar o programa do GOM, de reativação do centro espiritual da Evolução no Ocidente.

Este empreendimento fenício faz parte da formação das bases para o surgimento das Terras Sagradas do Brasil. Importante aqui é registrar que a tentativa de Badezir foi frustrada por um atentado tramado e executado pelos interesses contrários: a embarcação em que os gêmeos Yetbaal e Yetbaal-Bey atravessavam a Baía de Guanabara para ir celebrar um cerimonial mágico em Niterói foi posta a pique defronte do Pão de Açúcar. Eles morreram afogados.

No livro “**Aquém da Atlântida**”, o historiador Gustavo Barroso faz uma confirmação indireta deste mito, ao registrar certa lenda árabe, de incerta antiguidade, falando de uma “ilha Brasil”. Na entrada da barra, morava um certo *Mano Satanas* (“a mão do Diabo”), que ali provocava o naufrágio das embarcações. Barroso, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, anotou que “*o nome Brasil surge na geografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sul-americana banhada pelo Atlântico*”. Segundo ele, esse nome evoluiu de vários outros: Bracil, Berz’l, Braçur, Braxilis, O-Brasile, O-Brasil, Bresail, Hy-Bresail. Estas últimas denominações seriam de origem irlandesa.

A fonte de todos estes termos poderia estar mesmo no próprio nome *Badezir* (“Bra-dezir, Brazir, Brazil”). Na lenda de origem fenícia, conforme repassada por Henrique José de Souza, o rei Badezir, desgostoso com o fim trágico dos filhos, também morreu pouco depois. Durante um tempo, seu corpo ficou guardado no interior da esfinge fenícia que, desgastada pelo tempo, é vista modernamente como sendo um monumento natural, a Pedra da Gávea, no Rio. Lá já se encontravam os despojos dos filhos. Depois de sete anos, os restos mortais do rei foram transferidos para uma pirâmide no coração da floresta amazônica. Os dois filhos permaneceram na Gávea até a década de 50, quando foram recolhidos. Hoje, no interior da Pedra, segundo HJS, não há mais vestígio algum desse episódio.

O Gigante, a formação rochosa que vai do Pão de Açúcar (os pés) até a Pedra da Gávea (a cabeça), tendo como representação da fertilidade o Cristo Redentor, Corcovado, representa o momento crucial, o despertar de uma Nova Era, que patenteará as Terras Sagradas do Brasil. Uma era de Luz e Esplendor do III Milênio.

(O programa **Fantástico**, da Rede Globo de televisão, colocou no ar, em 1986, imagens aéreas de duas formações claramente piramidais existentes no mais profundo recesso da selva amazônica).

A operação conduzida por Badezir deve ser vista como uma “profecia preparada”, isto é, a ação preparatória de um futuro desejado e possível. Não deu certo, e por causa disto a ex-capital do Brasil estaria pagando um preço cármico – aliás, extensivo ao país como um todo. Os problemas urbanos do Rio de Janeiro de hoje, bem como a ameaça de invasão pelo mar, seriam em grande parte decorrente do carma gerado pela tragédia da família Badezir. Mas a própria remoção dos restos mortais fenícios afastou ou pelo menos minimizou tais perigos.

A programação evolucionar que destaca o Brasil garante-lhe uma cobertura capaz não só de afastar situações irremediáveis como de trazer um bom futuro em curto prazo. O malogro da tentativa fenícia não fez o GOM desistir de transferir o centro da evolução para estes lados.

A CIVILIZAÇÃO DOS ATLANTES E O BRASIL

Um dos indícios mais fortes apontando para o papel relevante do Brasil na civilização do Terceiro Milênio é o fato de as profecias criarem a expectativa de que, para alcançar uma nova Idade de Ouro, a evolução voltará a centrar-se nesta parte do mundo. Uma razão disto reside em que as duas principais capitais atlantes situavam-se por aqui, uma (a Cidade dos Telhados Resplandecentes) no planalto central do atual Brasil; outra (a Cidade das Portas de Ouro), na vizinhança das atuais águas territoriais brasileiras, o mar de 200 milhas, ao norte.

Este aspecto da questão relaciona-se com a saga do Coronel Fawcett e a expedição Roosevelt, ambas datando aproximadamente da mesma época (década de 20) e centrando-se na mesma região (planalto mato-grossense). Há fortes indícios de que tanto Percy H. Fawcett quanto Theodore Roosevelt procuravam ali a mesma coisa: vestígios de uma antiquíssima civilização. A história do primeiro é paradoxalmente mais clara que a do segundo, embora mais misteriosa. A de Roosevelt passa por ter sido uma viagem inteiramente despreziosa, por esporte. Mas as duas expedições (que são mais bem abordadas em outro ponto) apontam para a existência de um grande mistério naquela região do Brasil. (Vejam Série Portal de Aquário – O Caminho do Fogo Sagrado)

Entre vários autores ocultistas, teosóficos e esotéricos, Arthur E. Powell, no livro **O Sistema Solar** (Ed. Pensamento, 1993, publicado originalmente em inglês, em Madras. Índia, 1930) refere-se à Atlântida como sendo um império mundial. Sua capital, Shamballah, localizava-se na faixa equatorial, entre as latitudes 5 e 15 norte, sobre o meridiano onde hoje se encontra o Cabo Branco, o ponto mais oriental do Brasil, no Estado da Paraíba.

O pesquisador Ernani M. Portela dá conta de tradições segundo as quais o império atlante tinha outra capital mundial, além de Shamballah. No artigo “**As profecias que atestam o advento da nova civilização**” (Revista Dhâranâ, março-junho de 1959), Portela informa que Shamballah, sendo o centro do império, era a sede do governo espiritual e principal. A outra era a sede do governo temporal (material, prático) e localizava-se no atual planalto de Roosevelt, em Mato Grosso.

Aquele planalto ganhou o nome de Theodore Roosevelt em comemoração à viagem que o então ex-presidente dos Estados Unidos fez à região na década de 20, em companhia do general (depois marechal) Cândido Mariano da Silva Rondon. Oficialmente, a expedição Rondon-Roosevelt destinava-se a atender ao interesse do líder norte-americano “por caçadas e lugares exóticos”. Ainda está por ser pesquisado até que ponto a mesma se relacionava com a **Missão Y**, na qual a retomada da civilização,

nos planos do GOM, oscilou entre dois centros alternativos / complementares: os EUA e o Brasil.

Na mesma revista “Dhâranâ”, da Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE), Manuel Tenreiro Corrêa publicou uma série de artigos, descrevendo minuciosamente uma civilização pós-atlante que existiu onde hoje é o planalto central brasileiro. Construída por sobreviventes do cataclismo planetário que destruiu a Atlântida, conservou sua identidade cultural e memória histórica por nada menos de 200 mil anos. Terminou possivelmente por força de uma radical mudança climática, muitos milênios antes de surgirem os sumerianos e os egípcios.

*

A visão do Evereste como sendo o Trono de Deus inspirou tão fortemente o viajante que ele, poucos dias depois, ao desembarcar em Bombaim, viria a ter um *insight*.

Ao sair da estação de passageiros na grande cidade indiana, ele notou na fachada o nome do aeroporto: *Santa Cruz Airport*. Foi um impacto, encontrar ali este nome tão português, ainda mais por se referir a uma das antigas denominações do Brasil. Então o forasteiro lembrou-se de que estava em uma região onde estiveram também os portugueses na época colonial. Sua ex-colônia de Goa não fica longe de Bombaim - palavra que deriva da expressão portuguesa “boa baía”.

De repente o viajante teve um aprofundamento de sua compreensão sobre a visão ocultista/esotérica da História do Brasil e do planeta.

Na grande trama da Evolução, foram os navegantes ibéricos – portugueses e espanhóis – que abriram o caminho marítimo para as Índias e o Novo Mundo. Aliás, este foi inicialmente chamado de Índias Ocidentais. Era a civilização marchando do Oriente para o Ocidente, de volta - tanto que na bandeira de Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, lia-se uma divisa em latim, “*Sic illa ad arcam reversa est*”, significando: “*E assim ela voltou para a arca*”. Ao que parece, este dizer evocava a volta da marcha da civilização à remota origem atlante.

E era uma etapa fundamental do plano que vem, de forma fantástica, quase inacreditável, mantendo sua continuidade através das eras, para chegar até aqui: Fu Sang, Hy-Bresail, Vera Cruz, Santa Cruz, Brasil, o País do Futuro, do futuro imediato.

Para seguir esse roteiro, é preciso mergulhar na visão ocultista da origem do mundo como palco sagrado onde se passam a tragédia e a comédia da espécie humana.

2 - Fiat Lux !

“Eu sei perfeitamente que neste momento o Universo inteiro está nos escutando e que cada palavra que dizemos ecoa na mais remota estrela”.

A intuição do escritor Jean Giraudoux na peça “A Louca de Chaillot” tem relação com a concepção ocultista sobre a origem e a natureza da Criação. Segundo fontes esotéricas, o som foi o primeiro dado da realidade a sair da mente divina, antes mesmo da luz. Na concepção ocidental, menciona-se o Verbo. Este, como sinônimo de “palavra”, afinal vem a ser, também, som. E o vocábulo “verbo” designa ação.

Assim, o Criador entrou em ação por meio do Som, primeiro componente – chamado na linguagem do Ocultismo de “substância universal” – do que viria a ser o mundo material. A Luz vem em segundo lugar, sendo que, no Ocultismo, este termo não se refere propriamente à luminosidade física, e sim ao aparecimento de uma linguagem no Caos original, aquilo que existia antes de aparecer o Som. “Luz”, aí, significa “entendimento”: o Criador começando a expressar um significado inteligível da energia espiritual que existia em estado puro, bruto.

Com a criação, o Universo, que no início era Caos, torna-se uma linguagem, ou seja, Cosmos. Seus processos assumem um andamento e um rumo. Na linguagem da Física moderna, esse rumo é tema de estudos baseados na observação e interpretação do comportamento de objetos cósmicos extremamente distantes. Tais estudos parecem indicar que o universo tende para uma espécie de morte, com a progressiva redução de todos os seus processos, o que poderia simplificarmente ser chamado de “desgaste da energia universal” (entropia). Os físicos conhecem isto como “morte calórica do universo”: se ele for um sistema fechado, então está esfriando e vai esfriar até atingir uma espécie de extremo congelamento cósmico.

Mas não há prova de que o universo seja um sistema fechado. E no Ocultismo, sabe-se desde tempos imemoriais que o universo não é um só, mas uma sucessão de universos, cada qual vindo do anterior e abrindo-se para o seguinte. Ou seja: no Ocultismo, o universo é um sistema aberto no tempo.

No entendimento da Física, este roteiro carece de sentido, pelo menos do ponto de vista humano, não se conhecendo sua finalidade (“para que, por que?”). Mas para a Metafísica ocultista os processos e o rumo do Universo têm significação, sim, e esta é inteligível, podendo ser formulada na linguagem da ética humana (em termos que veremos adiante neste texto).

Em outras palavras: tanto para a Física moderna como para a Metafísica esotérica, o Universo pode ser entendido como a linguagem de um programa. E para o Ocultismo/Esoterismo, esse programa tem um sentido ético compatível com a necessidade e o interesse humano.

Todas estas palavras inspiram uma analogia entre as concepções do Ocultismo e os padrões da informática. Esta analogia leva a imaginar o Universo como sendo a *linguagem* de um magno *sistema* (o *hardware* máximo) onde está rodando o *programa*

da evolução (o máximo em *software*). Considerando-se que a Teosofia tradicionalmente se refere a cada grande etapa da história do universo como sendo um Sistema de Evolução, tem-se aí mais uma antiga expressão do Esoterismo (*sistema*) ampliando a coincidência com a moderna terminologia da informática.

O programador desse magno “computador” (o Universo) e também seu principal operador é a magna mente ou consciência que chamamos por muitos nomes. Um deles, o vocábulo *Deus*, ensejou um famoso trocadilho teosófico: *Deus = de + eus*. Decorre isto de que o sistema inclui um infinito de terminais ligados em rede. Cada um deles tem seu próprio operador, que vem a ser cada ente (ego) em ação no Universo, nos limites do alcance do programa e com a supervisão do programador. Quanto melhor o ente conhece o sistema e o programa, e quanto maior sua comunicação com o magno operador, mais proveito pode tirar para sua própria evolução, menos problemas chega a causar no sistema e mais ajuda lhe propicia. O ente é também um agente potencialmente capaz de, pelo carma e o *feedback* (ver abaixo), promover mudanças em aspectos fundamentais do próprio programa.

Mas qual seria a *base de dados*, quais as informações que o “supercomputador” processa?

Sobre isto, uma ideia expressa pelo ás da ficção científica, Isaac Azimov (1920-1992), no conto “Fiat Lux”, também reflete a fascinante proximidade entre a antiquíssima concepção ocultista do mundo e a moderníssima linguagem da informática.

No conto de Azimov, os passageiros de uma nave espacial da Terra estão admirando a visão do Espaço e indagam do computador de bordo se aquela maravilha vai acabar um dia. A máquina responde que sim, por causa do fim da entropia. A entropia pode ser definida como o nível de atividade no universo físico. O fim da entropia seria a morte do tempo e do espaço - portanto, do mundo dos fenômenos; da "realidade", enfim.

Desolados, os humanos querem saber como impedir isso. O computador responde que só revertendo-se a entropia. Mas como? Ele alega que os dados são insuficientes para uma resposta. Passam-se milhões de anos, o Universo vai envelhecendo. Ao longo das eras, os humanos nunca deixam de periodicamente perguntar ao Computador (cada vez mais aperfeiçoado) como reverter a entropia. Ele sempre retruca que os dados são insuficientes para um resposta.

Finalmente, com o Universo já quase inteiramente desativado, as duas últimas consciências humanas se encontram no que resta do Cosmos e interpelam o Computador Universal, versão evoluidíssima do primeiro da “espécie”. Já funciona por si mesmo, se auto programa e se auto aperfeiçoa, instalado no hiperespaço, isto é, feito de energia pura. Como reverter a entropia? Ele volta a alegar que os dados continuam insuficientes para uma resposta. Os dois últimos humanos o acusam de incompetência e manifestam sua indignação. Ele então promete continuar estudando o problema. Desaparece tudo e só resta o grande Computador dentro do Nada.

Há um lapso de não-tempo-não-espaço.

Encontrando a resposta, o Computador diz: “Fiat lux”. E o Cosmos desperta outra vez.

A bela alegoria de Azimov expressa a ideia de alternância entre a atividade e o repouso da Mente Universal com tudo o que por ela se cria. O conto utiliza uma metáfora da informática para falar da concepção ocultista formulada há milênios, de que o universo nasce, evolui e morre, sem que o programa da evolução acabe. O sistema simplesmente entra em repouso, e depois volta a funcionar, quando nasce um novo universo. E este começa utilizando o material recolhido no anterior, conservado e reprocessado durante o período de inatividade. Esta palavra, aliás, não é exata, já que durante o descanso o sistema não fica propriamente inativo. Nessa fase, as *informações* recolhidas em toda a experiência prévia vão constituir uma nova *programação*: vale dizer, são utilizadas para a *base de dados* da nova etapa da criação. Igualmente, a experiência prévia supre o material para uma nova *configuração* do sistema, e assim por diante.

A *base de dados* e seu processamento correspondem ao carma como desdobramento infinito das consequências da lei de causa-efeito-causa. Pela *retroalimentação* (*feedback*), produzem-se modificações no sistema e no programa por efeito de respostas à ação deles mesmos. O carma universal ramifica-se até ao nível do indivíduo, que por uma capilaridade de mão dupla liga-se tanto ao Cosmos como a cada partícula.

A ONDA DE VIDA NO OCEANO SEM PRAIAS

Na linguagem própria do Ocultismo, não há como falar da origem e do funcionamento do Universo sem recorrer naturalmente à forte veia poética da Tradição.

O reservatório infinito de energia espiritual ainda sem forma e sem nexos é o Mar Sem Limites, o Oceano Sem Praias, o caldo de cultura da substância viva primordial, que tem na Tradição o nome de *akasha* (*o 5º elemento*). É a sua primeira configuração. O poeta Vinícius de Moraes (de propósito ou não) referiu-se a esse Oceano primordial quando, no poema “**O Dia da Criação**”, diz que “*a vida vem em ondas como o mar*”.

Giraudoux - citado aqui como um exemplo entre centenas - certamente sentiu o Cosmos do mesmo modo que os ocultistas; ou seja, tendo uma continuidade, uma contiguidade infinita onde todas as coisas se interligam – como na fluidez do mar. Einstein chamou o cosmos de “um contínuo espaço-tempo quadridimensional”. O *akasha* é um *continuum*, a unidade infinita. Nele se forma a Onda de Vida, que surge quando a mente universal (o Criador, o Logos, Deus) entra em ação.

Antes disso, o que a mente divina estava fazendo? A resposta, tendo a ver com a alternância entre programação (idealização ou ideação) e execução (criação), é surpreendentemente simples: descansando.

Segundo a filosofia hindu antiga, o Universo passa alternadamente por períodos de atividade e repouso. Quando uma Onda de Vida acaba de dar a volta ao Oceano Sem Praias, tendo provocado mil e um efeitos em todos os níveis, é porque se espraiou tanto – por assim dizer – que deixou de se comportar como onda. As águas do Mar sem Limites entram em repouso, com novas substâncias, novos ingredientes físicos e mentais dissolvidos (por assim dizer) nesse caldo, que assim vai-se enriquecendo. Tudo o que se criou nesse meio tempo cai em um período de repouso cósmico.

Na filosofia Sankya, dos antigos mestres do hinduísmo, a fase de atividade chamava-se *manvantara*; e a de repouso, *pralaya*. Há milênios os sábios hindus sabiam do que os europeus só vieram a descobrir há apenas alguns séculos: que os períodos de tempo, na escala cósmica, contam-se em bilhões de anos. Por exemplo: um dia de Brahma (divindade máxima do hinduísmo) compreende mais de quatro bilhões e trezentos milhões de anos solares (dos nossos). A noite de Brahma tem igual duração. Note-se a coincidência com a escala de tempo admitida pela ciência moderna como sendo a da idade da Terra, ou seja, cerca de cinco bilhões de anos.

Cada uma destas Ondas de Vida pode ser vista como uma Ronda da Evolução ou Cadeia Planetária. E cada Ronda percorre sete Globos ou Planetas. Um gráfico os mostraria dispostos em dois arcos (de três Planetas cada), um descendo, outro subindo, encontrando-se no ponto inferior, onde se situa o quarto Globo.

É neste quarto Globo que nós, humanos, estamos vivendo, daí ser o número quatro o número da Terra: quatro pontos cardeais, quatro dimensões (comprimento, largura, altura, tempo), quatro reinos da Natureza (mineral, vegetal, animal, hominal), quatro fases da Lua, quatro naipes do baralho, quatro animais da Esfinge (leão, águia, touro e homem) etc.

O planeta-sede da Evolução, antes da Terra, foi o que hoje é a Lua. Por isso a etapa precedente a esta é conhecida como Cadeia Lunar.

No antigo Planeta Lua, houve a evolução de seres que a Tradição chama de Pais lunares (“Pitris”, em sânscrito).

Entre as diversas formas de se contar a história, há uma que impressiona pela beleza poética.

Ao completarem seu trabalho evolucionar, os Pitris, junto com tudo o mais, adormeceram no pralaya. E sonharam. Seus sonhos foram povoados por *chayas*, sombras astrais ou etéreas (energéticas) deles mesmos, e que começaram a se perguntar: quem somos e o que estamos fazendo aqui? Com esta indagação teve início a nossa própria evolução: nós, humanos, somos os *chayas* no atual estágio da busca por sua origem e destino.

A filosofia arcana (ocultista) fica parecida com a Ciência moderna quando tampouco pretende conhecer o segredo de por quê tudo começou e como vai terminar. Isto é: a razão primeira das coisas, no início de tudo, e o final, na consumação do tempo e do espaço, não são objetos ao alcance do conhecimento humano. Os antigos sábios hindus chamavam de Tat (Aquilo, Aquele), o princípio criador. Nota-se a semelhança do

som desta palavra com a o inglês *that*, “que”, “aquilo” ou “aquele”, o mais indeterminado dos pronomes.

Mas, para o Ocultismo, é possível, sim, conhecer os valores humanos afinados com as grandes tendências da Evolução. O sentido geral da evolução vai da não-inteligência à inteligência, da violência à paz, da ignorância à a sabedoria e do ódio ao amor.

A Ciência moderna e a Ciência arcana querem e são capazes de, cada qual a seu modo, compreender como a Criação funciona. A Ciência arcana indaga e procura responder sobre mais: sobre o sentido, o direcionamento da Evolução, na escala de uma ética cósmica compreensível pela inteligência humana. Esta consiste, sinteticamente, na transformação constante de energia em consciência.

De certa maneira e até certo ponto, a Ciência moderna não deixa de lidar com estes conceitos, a seu próprio modo, quando a Astrofísica descreve o modelo da evolução de uma estrela como o nosso Sol. Uma massa de gás frio (hidrogênio), espalhada rarefeitamente em um colossal volume de espaço, vai-se condensando ao longo de bilhões de anos solares (uns poucos anos de Brahma) sob o efeito do seu próprio campo gravitacional, a princípio extremamente tênue. À medida que a nuvem se condensa, esquenta pelo atrito entre as moléculas, provocado pelo aumento da intensidade da gravitação. A massa de gás em condensação tende a formar um corpo esférico, com as camadas de cima pressionando as de baixo e fazendo a temperatura subir, até atingir milhões de graus no núcleo. Então, começa a reação termonuclear, liberando energia e fazendo aquele corpo acender-se como uma nova estrela. A luz, o calor e a radiação em geral propiciam a formação da cadeia dos elementos e dos processos de transformação que levam ao surgimento dos planetas e da vida nos seus mais diversos níveis e formas de elaboração. Chega-se eventualmente ao cérebro concreto e seu produto abstrato, a inteligência.

Eis um exemplo da direção do movimento cósmico: do potencial (gás frio, idéia sem forma) para a realização (estrela, ação, a Criação, o Logos).

A programação da evolução do Cosmos como um todo e do nosso mundo em particular foi decidida em conjunto pelos Sete Autogerados, Filhos do Eterno. Vale dizer, o programa evolucionar foi traçado por seres superiores (sagrados), daí seu caráter sacro com tudo o que contém, a começar pela própria Terra.

Tat (Aquilo ou Aquele) é chamado também de O Eterno, nome que sugere um anagrama (palavra criada pela troca na posição das letras de outra): Tat existe no éter (*eter no*), expressando-se como o Akasha, o Oceano Sem Praias. Visto como uma Pessoa, o Eterno tem Sete Filhos (autogerados e ao mesmo tempo projeções do pai). Estes recebem diferentes nomes nas várias linhas da Tradição: Luzeiros, Planetários, Arcanjos, Potestades, Maha-Chohans, Brumas Celestes, Ishwaras.

No princípio de tudo, os sete Planetários reuniram-se em assembleia e acertaram a Programação da Evolução, em sete etapas, sendo cada qual um Sistema de Evolução. Um por um, sucessivamente, cada Planetário assumiu a missão de, mergulhando no

Oceano Sem Praias, reger e coordenar a execução da Programação; isto é, ir acompanhando e inspirando a configuração e a operação do Sistema de Evolução que lhe correspondia.

Enquanto o Planetário da vez realizava (realiza) seu trabalho, os outros mantinham-se (mantêm-se) vigilantes na reserva, principalmente o da etapa a seguir. No Ocultismo, encontra-se desde a mais remota antiguidade a ideia moderna (essencial à informática) de que o jogo de ação-reação dentro do processo (*feed-back*, retroalimentação) vai modificando e ajustando o próprio processo.

Para se avançar na compreensão disto, pode-se recorrer a um jogo de palavras. No começo o que existe é um grande Ego, o Eu Universal, único e abrangente, abstrato, puramente espiritual. Ao se projetar no Akasha (o Mar Sem Limites), esse Ego supremo (que é a negação do “egoísmo” inferior, já que nele se encontra tudo) vai-se subdividindo, se multiplicando na infinidade de seres e coisas que aparecem. O Ego torna-se Geo (a Terra, o Mundo – por extensão, o Universo manifestado). Dentro em pouco, há uma infinidade de egos, um para cada ente, todos decorrentes do primordial, mas cada qual com sua ação própria. Instala-se então o processo de ação-reação, estímulo-resposta, informação - retro informação: em uma palavra, a gradual formação da inteligência.

Este processo é auto monitorado dentro do Sistema, sendo a auto monitoração chamada de Carma. O livre-arbítrio é a possibilidade acessível a cada ente, de interpretar a regra do jogo: portanto, um tipo de liberdade nos limites da programação, até porque, sem isto, não haveria regra, e sem regra não há jogo. O livre-arbítrio projeta-se da escala macro do universo para a escala micro de cada ser, sendo autolimitado e autocontrolado como o próprio Carma, do qual é um aspecto igualmente indispensável para que cada ser possa avançar na Evolução.

O direcionamento e a meta básica do programa são conhecidos, mas não se conhecem os pormenores de como o mesmo vai-se comportar para chegar lá, já que cada coisa ou ser participante torna-se um agente - seja grande, seja pequeno - de modificações. Conhecer ao máximo possível esses pormenores é o objetivo tanto da Ciência profana como da Ciência arcana, cada qual à sua maneira.

A execução da Programação que parte da ideia para a realização, é conhecida como Mergulho na Matéria. É o mergulho do Planetário (ou programador/maxi operador) de cada Sistema de Evolução, no Mar Sem Limites, o caldo de cultura onde vai-se produzindo a vida nas suas mais diversas formas: o Akasha, banco de dados do Universo, arquivo vivo universal. Daí o termo Universo: uno e diverso.

Sendo o quarto dos sete Globos da atual cadeia planetária ou Sistema de Evolução, a nossa Terra está no ponto mais baixo do arco descrito por Blavatsky, como já vimos. Em compensação, está também no início da subida evolucionar. Isto é: chegamos ao ponto mais fundo do mergulho na Matéria e vamos iniciando a nova ascensão do Espírito.

Na descida, fomos ganhando vivência, experiência, informação, tudo expressando-se em inteligência, livre-arbítrio e, portanto, carma – e o carma em si, no seu conjunto, não é bom nem mau, mas simplesmente neutro. Na subida, o programa tende a processar todos esses dados, pela vivenciação e a reflexão, transformando a experiência-informação-inteligência em sabedoria, que traz naturalmente o amor na escala macro, universal.

Este é (apresentado de forma esquemática) o sentido ético geral comum às filosofias inspiradas na Tradição Primordial ou Ciência das Idades. Esta, por sua vez, se originou da Religião-Ciência da Idade de Ouro da Atlântida.

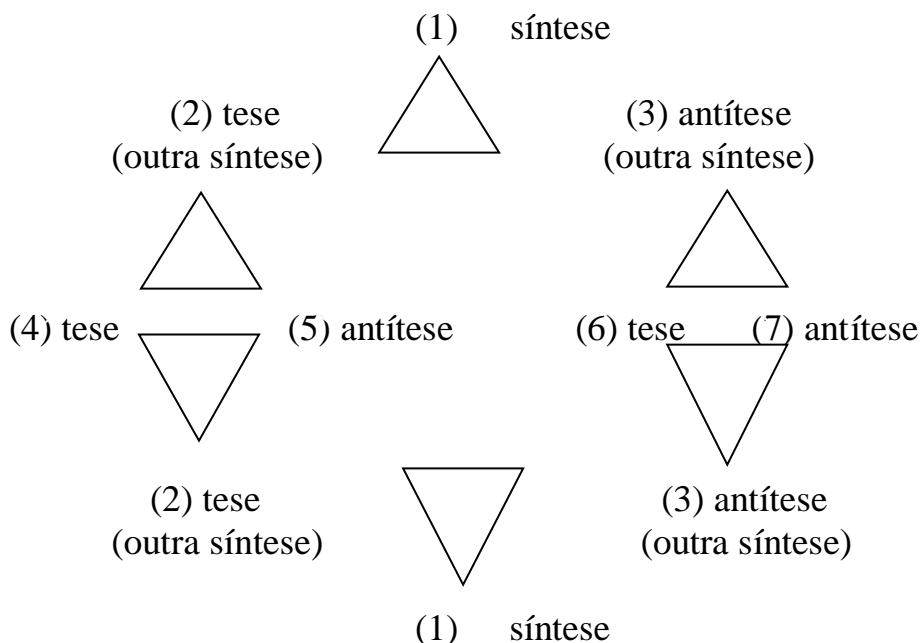
A religião-ciência formou-se durante a longa fase de equilíbrio do planeta como um todo, em todos os níveis (cósmico, magnético, ecológico, climático, psicológico, social, filosófico etc.), uns repercutindo sobre os outros. Esta situação será descrita no Capítulo 4 (“E Deus habitou entre nós”) do presente livro. Nela, a Terra era realmente sagrada, como queria Spinoza, a ponto de o maior dos arquétipos, o supremo modelo mental dos seres, Deus, estar presente na face da Terra e no meio da Humanidade de então. Na atual etapa do programa, há o esforço e a expectativa de serem recriadas, re-engenhadas, as condições para que isto volte a acontecer brevemente.

Hoje, a noção de Terras Sagradas corresponde a uma reminiscência ancestral daquela Idade de Ouro e se relaciona com partes da superfície da Terra ligadas à etapa atual do programa cósmico, naturalmente referenciada à etapa anterior. A existência desses lugares demonstra que continua sendo possível encontrar-se e realizar-se, no plano objetivo, a harmonia e a felicidade que existiram na Atlântida, de outra forma, pois a História não se repete (ou só se repete como farsa). Na Atlântida, e no estágio a que chegou aquela civilização, o abstrato se fez concreto: o maior dos arquétipos, Deus, esteve presente no mundo físico, fundindo o reino divino e o reino humano. Originou-se aí a mística do poder divino dos reis (que acabou por se autodestruir).

As Terras Sagradas podem, portanto ser vistas como sendo os locais onde está (ou esteve) ativada a busca da utopia da felicidade ao mesmo tempo transcendental e cotidiana, individual e social. A maior característica da Atlântida foi por certo a situação de completo equilíbrio ambiental, conforme já vimos e veremos mais ainda, adiante. Este equilíbrio abrigou e alimentou a natureza sacra daquelas regiões (abrangendo, na época, praticamente toda a superfície da Terra). Eram sete (cidades, cantões ou províncias), expressando a dinâmica setenária da Evolução, inaugurada pelos Sete Autogerados.

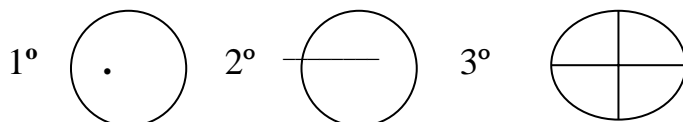
A dinâmica da dialética (no Ocultismo se diz *polaridade* ou *bipolaridade*) ajuda a compreender a simbologia do número 7 e a significação mágica que o mesmo assumiu universalmente. A referência ao 7 reflete e celebra o interminável desdobramento, no mundo manifestado (fenômenos e ideias articuladas), do processo racional descrito por Hegel: a fusão incessante de contrários - tese e antítese - numa categoria superior, a síntese. Assim: *tese* e *antítese* resolvem-se na *síntese*, somando três termos; a *síntese*, por sua vez, passa a ser uma nova *tese* que se confronta com uma outra *antítese*, gerando uma nova *síntese*. Somando-se os termos em itálico, chega-se ao nú-

mero 7, expressando o ritmo setenário da dialética (bipolaridade), que se multiplica ao infinito.



Aplicado ao infinito, esse processo, que deve ser “lido” de cima para baixo e de baixo para cima, lembrando a forma da pirâmide dupla, espelha a criação inumerável.

Encontra-se a mesma dinâmica na representação gráfica dos três grandes níveis da consciência do Logos Criador, tradicionalmente chamados de Primeiro Trono, Segundo Trono e Terceiro Trono. São graficamente representados assim:



Somando-se as divisões do espaço dentro dos círculos, contam-se também sete.

As concepções ocultistas da Evolução são basicamente setenárias: as idéias e as coisas agrupam-se em sucessivos conjuntos e múltiplos de sete, bem como em números formados pela repetição do algarismo 7 – como, por exemplo, na referência de que as encarnações a serem realizadas pelo indivíduo são 777. No plano da Evolução humana, são sete Raças-Mães (Raças-Raízes), com as seguintes subdivisões: sete Sub-raças, sete ramos raciais, sete famílias etc.

Para um bom ocultista, isto é bem mais do que apenas um exercício intelectual. Basta citar alguns exemplos definitivos: as sete notas musicais, as sete cores básicas, os sete dias da semana (do latim *septimana*, palavra derivada de *septe* = sete).

Não será por acaso que o mês lunar, isto é, o tempo levado pela Lua para orbitar a Terra, tem 28 dias, sendo 4 seu único divisor inteiro: 28 dividido por 4 = 7. Trata-se de uma expressão direta da dialética setenária da Evolução.

Quanto ao 1 e o 3, sua carga ideográfica aparece na conhecida sentença ocultista: “Deus existe como Um, manifesta-se como Três e se expressa como Sete”. Deus é Uno, Triplo e Sétuplo. Aí encontram-se: a suprema unidade de tudo, as trindades divinas, a urdidura genética (pai, mãe, filho) e a dialética. O número 137 é arquetipalmente o número de Deus.

Toda esta digressão serve aqui tão somente para estimular o entendimento de que, na Atlântida, fonte do conceito de Terras Sagradas, os valores da dialética transcendental estavam objetivamente realizados. Mas não se deve colocar em segundo plano a noção de transcendência.

O mistério da Criação, da Evolução e do Ser humano não cabe em esquemas. Mas os esquemas nos ajudam a ter em mente que existe uma Programação cósmica ainda impossível de ser plenamente acessada pela compreensão humana. Entre suas partes e aspectos mais compreensíveis estão as Terras Sagradas.

3 – O Verbo se fez carne E habitou entre os homens

O paralelismo entre Ciência e Magia é útil para o tema deste livro porque o conceito de Terras Sagradas aponta para uma convergência com o moderno entendimento sobre equilíbrio ecológico. Para a Magia (outro nome do Ocultismo e do Esoterismo, realçando o lado prático destes), a Terra como corpo de Deus é a expressão física do Planetário da Ronda, o agente-mor da consciência do presente ciclo evolucionar; e o Universo é o habitat da Terra e de tudo o que nela existe, a começar pela Humanidade.

Nesse paralelismo verifica-se mais uma vez como a linguagem da Ciência tem muito em comum com a linguagem do Ocultismo, forma mais tradicional do Esoterismo.

Segundo a teoria científica do bigue-bangue (em inglês, *big-bang*), a mais aceita atualmente, o Universo começou com um objeto chamado de Ovo Cósmico (certamente, o Átomo Primordial dos ocultistas) e às vezes de Astro Zero (*Zero Astro*, expressão que lembra *Zoroastro*).

É interessante notar que Zoroastro, outro nome de Zaratustra, nascido na Média no séc. VII a. C., foi o criador da casta dos Magos e reformador do masdeísmo, religião dos persas antigos, caracterizada pela divinização das forças naturais. Parece ir além da mera coincidência o fato de os cientistas da modernidade, magos da Ciência contemporânea, homenagearem o mestre dos magos antigos, pelo nome dado ao objeto inicial da Criação.

Para os cientistas o Universo como o conhecemos formou-se a partir da formidável explosão (o bigue-bangue) desse objeto onde se acumulava, em altíssima condensação, tudo aquilo que viria a constituir a Matéria existente hoje.

A hipótese científica supõe que o Ovo Cósmico consistia de “matéria degenerada” (pela formidável densidade). Etimologicamente, pode-se entender esta expressão não como “corrompida”, mas como “não gerada” (como em “destituir” no sentido de “privar”; ou seja, “matéria privada de geração”, vale dizer, “matéria antes de ser gerada”).

Tanto é válida essa interpretação que, para os cientistas, foi com o bigue-bangue que se formaram os elementos físicos/químicos (começando com o hidrogênio, o de menor peso atômico), e dos quais é constituída toda a matéria conhecida.

Um apêndice ou variante dessa teoria consiste em que o Ovo Cósmico (que viria a explodir) surgiu como resultado da contração do Universo que antes existia, semelhante a este nosso. Nessa hipótese, as galáxias, estrelas e tudo mais existente em outra era foram aproximando-se mutuamente por força da atração da gravidade, condensando-se até formar o Ovo. Quando a condensação chegou a um ponto insustentável, o Ovo explodiu, dando início aos processos que, em suma, configuraram a Criação como a percebemos.

Tal hipótese admite que o Cosmos é pulsante, isto é, parte do bigue-bangue do Ovo Cósmico e depois volta a este, assim : impelidos pela explosão inicial, os objetos cósmicos primeiramente se afastam uns dos outros, até que perdem o impulso, o suficiente para começarem a voltar ao reencontro geral, quando se forma novamente o Ovo. E este torna a explodir, começando tudo de novo, numa repetição interminável, levando dezenas ou talvez centenas de bilhões de anos nesse andamento. É a idéia do *L'Éternel Retour* (o Eterno Retorno) na escala macro. No conto de Azimov, já citado (cap. 2), encontra-se uma versão informatizada disto. Corresponde aos conceitos de *manvantara* (atividade) e *pralaya* (inatividade), conforme visto no capítulo anterior.

A idéia científica do Universo pulsante tem entrado e saído “de moda” entre os físicos teóricos, divididos entre esta hipótese e a do Universo que se expande para sempre, não voltando ao ponto de origem.

Havia na Antiguidade uma doutrina que lembra a teoria pulsante. Comum aos filósofos órficos, pitagóricos, jônios e estóicos, considerava que o Mundo, ao fim de um determinado período, retorna ao caos inicial, a partir do qual novamente se cumprirá um ciclo idêntico ao anterior, e isto ocorre um número indefinido de vezes.

Esta ideia está próxima da concepção ocultista, mas com uma importante diferença. Para o Ocultismo, o Universo não faz uma volta circular, e sim elíptica ascendente. Isto é, partiu do Caos para o Cosmos (o Manifestado, a Criação inteligível, de uma fonte inteligente). E caminha para um amadurecimento nessa direção, onde inteligência, harmonia e amor se entrelaçam. Os períodos de descanso (*pralaya*) podem até certo ponto ser entendidos como retornos momentâneos ao Caos. Porém, de cada vez que reentra em atividade (*manvantara*), o Universo alcança um ponto mais alto da curva, avança, melhora, porque em cada etapa realiza um aprimoramento, um enriquecimento mental, espiritual.

Pela distância entre as galáxias, medidas atualmente, além de outros indicadores, os cosmofísicos modernos têm meios de calcular o momento em que ocorreu o bigue-bangue: há cerca de 20 ou 25 bilhões de anos. Esta seria a idade do Universo. Desde os tempos do esplendor da Civilização Atlante, há milhões de anos, sabia-se que a história do Mundo vinha de um tempo, já naquela época, remotíssimo, na escala temporal que a Ciência moderna só veio a admitir há uns poucos séculos. Até há uns 150 anos, não se imaginava que o Universo fosse tão "velho".

Na Tradição ocultista, a sucessão de Sistemas de Evolução corresponde à hipotética sucessão de Ovos Cósmicos e bigue-bangues da linguagem científica (hipótese do Universo pulsante, descartada ao menos momentaneamente pelo telescópio espacial Hubble, como registraremos logo adiante). Em tanto uma como na outra linha da Ciência – antiga ou arcana, de um lado, e moderna, do outro – tal sucessão é infinita, olhando-se quer para o passado, quer para o futuro. Recentemente, passou a predominar entre os cientistas a preferência pela hipótese de que o Universo não é pulsante. Ao contrário: estaria envelhecendo e caminhando para a morte sem perspectiva de renascimento. Esta tendência formou-se a partir da interpretação de novos dados re-

colhidos pelo Hubble, mas nada prova que futuras observações não possam vir a revertê-la, como aliás é provável.

No Ocultismo, fala-se de uma série infindável de Sistemas, que se sucedem interminavelmente agrupando-se em conjuntos de sete Cadeias Planetárias (um Planeta ou Globo para cada Cadeia). Na realidade são oito Cadeias, porque cada conjunto de sete forma uma oitava coisa, que é a síntese de todas e que serve de base para o início do Sistema seguinte.

Por essa seriação infinita, a História toda da Criação não teve começo nem terá fim, havendo, como já vimos, intervalos ou períodos de descanso entre dois ciclos de atividade.

Uma comparação com certo fato verificado na experiência comum pode ajudar a conceber a existência desse número incontável de etapas da Evolução: na Música, usa-se a expressão “uma oitava” para designar o intervalo de oito graus ascendentes ou descendentes entre duas notas de mesmo nome (de um dó mais alto a um dó mais baixo ou vice-versa). Existe uma infindável sucessão de escalas musicais acima ou abaixo daquela que se está tocando/ouvindo. Subindo ou descendo, há sempre uma escala a mais, apenas com a limitação circunstancial da capacidade do instrumento e do ouvido. Uma outra limitação mais complexa seria a própria capacidade vibratória da matéria, capacidade esta que, na concepção ocultista, certamente aumenta com a sutilização crescente da própria matéria.

Os antigos filósofos hindus que ao longo de várias gerações elaboraram a filosofia Vedanta, mergulhando nas mais profundas abstrações, eram também práticos a seu modo. Eles consideraram, para o benefício da prática filosófica, que o começo de tudo foi o início do atual Sistema de Evolução ou Quarta Cadeia Planetária, da qual, como se viu, a nossa Terra é o Quarto Globo ou Planeta. O que ocorreu antes disto é inacessível à especulação e muito menos ao conhecimento. Desta forma, a história ficou tendo um começo mais ou menos definido, para o governo do alcance da compreensão. A Ciência moderna também assume que a história do presente Universo teve princípio com o bigue-bangue, e o que havia antes não é, ao menos por enquanto, passível de conhecimento.

Na concepção ocultista, a evolução da inteligência e da consciência é o almejado produto final da Evolução como um todo e necessita de uma base corporal (física), que é a própria Humanidade. Esse produto será final, mas não terminal, já que o processo não parece caminhar para um desfecho definitivo; isto é, sempre haverá mais conhecimento e amor no Cosmos (v. cap. 2), até um nível impossível de se imaginar.

À medida que a Evolução vai transcorrendo e produzindo seus resultados, cada Sistema de Evolução resulta em um conjunto de seres que assumem a vanguarda do processo evolutivo, daí p'ra frente. E cada conjunto desses seres (em geral tidos como sendo 777, um número padrão, simbólico, conforme explanado no capítulo anterior) vem a constituir uma Hierarquia Criadora. Uma Hierarquia é o sumo ou síntese da evolução da consciência em determinada etapa.

Tat, Aquele, o Eterno, Deus, existe originalmente como Caos, Ovo Cósmico, uma matéria que não é “material” (física), mas é o “material” (matéria prima, insumos mentais/espirituais) com os quais o mesmo Tat vai trabalhar para produzir a manifestação ou criação. É aí que ele se torna o Supremo Arquiteto, o Criador em pleno trabalho.

Pode-se dizer, para efeito didático ou talvez poético, que o bigue-bangue foi a “explosão” do pensamento do Eterno, que estava em repouso (*pralaya*) e despertou. Esse Caos primevo é mencionado logo no primeiro parágrafo da Bíblia, onde está dito que “no princípio era o Caos”, o abismo sobre o qual pairava o Espírito de Deus (em hebraico, *tohu-bohu*).

A analogia com a explosão sugere também a idéia de som. Imagine-se o estrondo de uma detonação desse porte, se já houvesse ar para propagá-lo e ouvidos para percebê-lo. Foi certamente a primeira "palavra" pronunciada pelo Criador.

Por isso se diz que um *avatar* (“encarnação da divindade”), ente humano diretamente inspirado pelo Logos criador (a exemplo de Zoroastro, Sibila de Cumes, Pitágoras, Moisés, Odin, o Buda, Jesus, Maomé, Helena Blavatsky, o brasileiro Henrique José de Souza e tantos outros), é o senhor da Palavra Perdida.

À medida que esse processo (a propagação da grande explosão ou palavra original) vai crescendo e desdobrando-se (multiplicando-se), distanciando-se do ponto inicial, o Logos criador vai tendo necessidade de agentes seus. São criaturas formadas no próprio processo, que trabalham pela difusão e a prática da linha do pensamento originário, inicial (divino).

Cabe a esses entes pensar e agir em sintonia com o pensamento do Criador. Sem isto, a Criação se distanciaria do rumo programado.

Como diz o poeta Augusto dos Anjos, a Manifestação passaria a ser uma “alavanca desviada do seu fulcro”.

Conforme já se viu no capítulo anterior, para a ciência arcana o “*fiat lux*” refere-se não propriamente à criação da luz física, mas ao início do processo do conhecimento, da inteligência, da iluminação da própria mente divina expressa na mente humana: é como que o Ser supremo abrindo os olhos depois de uma noite de sono e de repente vendo o clarão do estado de vigília. É o ponto de partida do Universo inteligível, que começou com o começo do fim do Caos, entendido este como o repouso da mente divina, ou seja, sua momentânea desativação. Na falta da atuação do divino, o Universo fica “demente”, caótico. O fim do Caos seria representado justamente pelo bigue-bangue. “*Faça-se a luz*” significa, então, “organize-se o pensamento, exerça-se o entendimento, tenha fim o estado de ausência da razão divina”.

Sendo produto do pensamento de Tat, o Cosmos precisa ser constantemente “pensado” na linguagem Dele. Do ponto de vista humano, esta linguagem deve ser intuída na parte onde permanece misteriosa, bem como estudada e praticada onde já foi as-

similada pela mente humana (uma pequena parte). Quanto maior o conhecimento e a assimilação do pensamento divino, que as criaturas humanas já tenham alcançado, mais verdadeira e eficaz a linguagem humana e mais completamente a criatura vai-se tornando, também, criador.

O que é subjetivo precede o que é objetivo, sem que um deixe de ser o reflexo do outro, como no símbolo maçônico: dois triângulos isósceles (de lados iguais), um por sobre o outro, o primeiro com o vértice apontando para cima, o segundo para baixo, ambos tocando-se pelos respectivos lados superior e inferior (às vezes desenhados com uma estreita faixa separando-os). O de cima representa o Eterno (Aquele que pensa primeiro, que tem a iniciativa de “agir” espiritualmente); o segundo, o Supremo Arquiteto (Aquele que é o primeiro a operar mentalmente, impulsionando a construção do que é concebido espiritualmente).

O MENTAL E O ESPIRITUAL NA ESTRADA DA EVOLUÇÃO

A diferença entre “espiritual” e “mental” não tem nada de nítida. Os conceitos se interpenetram e se permutam continuamente. Para efeito de apoio ao entendimento, pode-se dizer que a tônica do Eterno consiste em “pensar em agir”, e a do Supremo Arquiteto, em “agir pensando”. Sendo um o reflexo do outro, só são perceptíveis pela mente humana quando juntos. E este seu aspecto dual funcional percebido pela inteligência humana é o que se chama de *Logos Criador* ou simplesmente *Logos*. Aliás, pode-se entender que o mundo humano está representado, nesse símbolo gráfico, pelos lados (dos triângulos) que se tocam ou pela estreita faixa entre eles. Neste sentido, a Humanidade é “a ponte que une e separa” a idealização do plano divino da realização da vontade divina.

Uma outra forma deste simbolismo apresenta os dois triângulos entrelaçados e meio sobrepostos, formando a estrela de seis pontas, estrela-de-davi ou signo-de-salomão. Considerado o grande emblema judaico, também é muito utilizado nos mais diferentes níveis de práticas mágicas (assim como a estrela de cinco pontas) e amplamente adotado como distintivo de xerifes norte-americanos. A figura do xerife tem, aqui, valor simbólico, representando a Lei ou programação cósmica aplicada à vida.

Para estender esta reflexão ao assunto “Terras Sagradas”, vamos aqui ampliar o recurso à “gíria dos micreiros”, utilizada no capítulo 2. Não há o risco de cairmos demasiadamente no concreto, uma vez que a linguagem da Informática exige níveis de abstração que nos defendem de um excesso de objetividade incompatível com o tema.

Veja-se Tat, Aquele, o Eterno, como sendo o Inventor/Projetista do grande *hardware*, o equipamento físico do “Computador Cósmico” e os dispositivos a ele diretamente relacionados, isto é, sua *configuração*, metáfora do Universo.

O Supremo Arquiteto seria então o construtor desse “Computador”, o Universo, concebido pelo Eterno. Juntos, os dois – o primeiro pelo lado de sua tônica, a *pensação*, e o segundo pelo lado da *real ação* ou *real(iz)ação* –, produzem o *software* da Evolução, a Programação Cósmica, “base de dados” sobre a qual o Sistema trabalha. Os

Planetários (cap. 2) são representantes do Eterno e do Supremo Arquiteto nas sete etapas macro, sucessivamente.

Nessa analogia, cada ser humano seria o operador de um terminal do “Computador”. E cada Terra Sagrada, um terminal. Daí que a localização de cada uma dessas “terras/terminais”, bem como a eficiência e o acerto da operação da mesma, dependem do conhecimento e da prática que cada pessoa aí colocada tem da Programação Cósmica.

Uma outra tradução material da alta abstração do pensamento foi sem dúvida, de certa forma, consagrada há quatro séculos por Isaac Newton, quando chamou de Mecânica Celeste o funcionamento do Cosmos. Na Física moderna, usa-se expressão de sabor similar, Mecânica Quântica.

Na concepção esotérica (ocultista), o Programa cósmico, para funcionar bem, necessita de operadores que aprendam a lidar com a *mecânica* do mesmo, que o estudem, o “*sintam*”, o vivenciem e tirem dele o melhor partido. Os operadores devem ser inteligentes e estar conscientes das possibilidades, procedimentos e “manhas” do conjunto.

E o desenvolvimento da inteligência/consciência dos operadores cabe a cada um deles mesmos - mas também à Humanidade como um todo, com aqueles mais aptos e vocacionados para tanto sendo pontas-de-lança. O estado de consciência de cada um é relativo ao de todos, e vice-versa. Neste sentido os humanos são, nos mais diferentes níveis, operadores escalados pelo binômio Eterno/Supremo Arquiteto. Quanto mais capazes forem eles de operar o Programa, mais fiel e completo será o resultado desse trabalho (que vem a ser a própria vida, afinal).

Os operadores mais sintonizados e familiarizados com o Programa cósmico elevam-se ao grau de agentes assumidos da magna dupla Eterno/Supremo Arquiteto. De forma mais ou menos consciente, de acordo com seu nível evolucionar, consciencial, os agentes envolvem-se diretamente na construção da ponte de mão dupla entre o espiritual e o material. Assim, os pontas-de-lança funcionam como orientadores ou instigadores dos novos contingentes humanos que vão entrando em cena no palco da Evolução. Como artesãos da criação constante, regendo-coordenando essa produção da realidade mental/material, são então chamados de Hierarquias Criadoras.

Tal noção conduz, como se verá mais adiante, à doutrina dos avatares conforme o Ocultismo e o Budismo esotérico. São seres originalmente humanos, longa e profundamente evoluídos. Tão identificados estão com o Espírito de Verdade (o pensamento de Deus em ação, o Logos) que, na perspectiva religiosa, especialmente do hinduísmo, chegam a ser considerados reencarnações de Deus (ou de um deus).

O EFEITO-CASCATA NA CRIAÇÃO E UM CARDUME NA PIRACEMA

Às vezes implícita, outras vezes explícita nessa concepção, está a ideia de que toda a Criação, sendo obra da inteligência divina, necessita da interveniência e/ou interme-

dição humana por ela inspirada. Nada mais lógico, considerando-se que, na linha do entendimento místico, reconhece-se a existência da Programação a cumprir, delineada pela consciência ou inteligência *macro*, criadora. As criaturas, com seus respectivos níveis de percepção, conhecimento e amor-sabedoria, são o *efeito-cascata* da inteligência suprema do Eterno, Tat, o Criador, Deus, Supremo Arquiteto. Crescem e voltam para Ele - como salmões na piracema.

Esta metáfora parte da cena em que os animais, remontando o curso do rio para a reprodução, são tão numerosos que formam como uma *cascata de peixes* - uma cascata que, em vez de cair, sobe. O acontecimento reproduz o momento da Criação, quando as criaturas voltam ao Criador para retro-alimentar o Programa e realimentar o processo. É a criatura (Deus em matéria, Supremo Arquiteto) subindo de volta ao Criador (Deus em espírito, o Eterno) e levando a experiência obtida no mundo material, a qual vai enriquecer a consciência Dele.

Outra forma de apresentar a metáfora: o *efeito-cascata descendente*, personificado no Logos, percorre todas as hierarquias e escalas; isto é: cada ente ou coisa no Universo é pelo menos como que “uma gota-peixe” da consciência derramada pela mente divina, de patamar em patamar, fragmentando-se até os planos mais baixos da evolução. (Em lugar de “uma gota”, pode-se dizer “uma vibração sonora”, para se ficar na ideia do Som, da Palavra divina, como sendo a origem e a base do processo). Quando voltam à origem, na inversão da direção pelo *efeito-cascata ascendente*, as águas e suas gotas/peixes estão energizadas e purificadas.

Há ainda um outro ângulo da metáfora. As águas do Logos derramam-se pelo mundo e penetram na matéria (o corpo do Planetário), lavando-a e ao mesmo tempo filtrando-se nela. Pela chuva e as nascentes, voltam limpas e mais palatáveis, realimentando a vida e matando a sede do próprio Logos.

*

Em resumo: no misticismo ocultista, o Mundo é uma criação, uma construção da Mente suprema, com retroalimentação. E como é no ser humano que a Mente encontra seu ponto mais alto no Universo material, cabe à Humanidade sintonizar-se mentalmente com o programa evolucionar, para melhor realizá-lo. Para tanto, conta com a ajuda dos seres que vão chegando primeiro à realização dos valores dessa sintonia: Hierarquias Criadoras, Avatares, Manus, *Cristos*, *Budas* (estes dois termos designam graus de iluminação espiritual, não se tratando, portanto de nomes próprios). Seguem-se, nessa escala, os Adeptos, Mestres etc.

A doutrina dos avatares está intimamente relacionada com a existência de Terras Sagradas. Sendo eles originalmente humanos, e (re)assumindo a condição humana ao virem ter entre nós, necessitam de condições ambientais que tornem menos árduo e difícil o cumprimento de suas missões. Este aspecto será mais detidamente abordado no próximo capítulo.

Nessa linha, a Humanidade atual é, em grande parte, produto da atuação de Hierarquias Criadoras. Estas por sua vez são resultantes da evolução humana nas etapas anteriores à terrestre. Não estão material e humanamente manifestadas como os avatares, adeptos e mestres. As Hierarquias criadoras são seres energéticos, não dotados de algo que se pudesse compreender como sendo um corpo “físico”. Por isso mesmo precisam dos avatares e dos humanos para agir no mundo.

Seus nomes, do sânscrito: Assuras (formados na Cadeia (Sistema) Planetária de Saturno), Agnisvatas (vindos da Cadeia Planetária do Sol ou Pitris solares), Barishads (que representam a síntese da evolução na Cadeia Planetária da Lua, ou Pitris lunares), e Jivas, ora em fase final de formação. Há uma hierarquia especial, de algum modo filiada mas também, misteriosamente, paralela a estas quatro: a dos Kumaras ou Assuras Primordiais.

Na linguagem comum, pode-se dizer que um certo indivíduo, embora “normal”, de carne e osso, é um Assura ou um Agnisvata etc. Quer-se com isto dizer que ele, mesmo encontrando-se em forma humana, está na linha desta ou daquela hierarquia, pensando, sentindo e atuando no *comprimento de onda*, na *frequência vibratória* da mesma. Porém, diferentemente dos Avatares, dos Mestres etc., o ser humano padrão raramente tem a consciência objetiva disso.

A Hierarquia Jiva é a que se encontra atualmente funcionando na Humanidade e é, aliás, a vanguarda espiritual dos humanos, que hoje são todos basicamente Jivas. O produto evolucionar desse trabalho virá a constituir a Quinta Hierarquia, ainda sem nome definido, por estar em início de formação.

O HOMEM DE SETE CORPOS E O ANJO CAÍDO PARA EVOLUÇÃO

Na criação material a partir da realidade mental superior, um dos papéis dessas Hierarquias tem sido ajudar a criar, desenvolver e aperfeiçoar o aspecto corporal do ser humano, trabalhando em níveis cada vez mais “densos” da matéria.

As Terras Sagradas funcionam como uma ligação concreta entre a dimensão do físico e a dimensão do espírito no corpo do Planetário da Ronda, que é o próprio planeta Terra.

No Ocultismo, quase tudo são corpos. O ente humano possui sete componentes, chamados de “veículos” ou “corpos”. Eles compõem os dois polos de uma unidade, gerando o ser integral, o Oitavo. Um dos polos é a Personalidade, dita “a Pedra Cúbica”, justamente por constar de quatro “lados” ou aspectos. É o Quaternário Inferior, que serve de base dinâmica para a realimentação dos níveis superiores da Consciência manifestada. Esta vem a ser o ouro pólo, a Tríade Superior. O ser humano completo, realizado, consiste da Pedra (com seus quatro componentes) e da Tríade (com três) em perfeita articulação.

Em uma outra forma de dizer: a Tríade Superior engendra a Pedra Cúbica para vir aos planos mais densos da realidade a fim de ganhar experiência. E para que o processo se complete, a Pedra precisa de canais de comunicação com a mesma Tríade.

Os componentes de ambas são chamados de “corpos” ou “veículos”. Cabe aqui uma resumida exposição de sabor didático.

Veículos da Tríade Superior (Ego Superior, Verdadeiro-Eu, *Self*, Mônada):

corpo mental abstrato ou inteligência pré-intuitiva;

corpo búdico ou intuitivo pleno e

princípio crístico ou de Atmã, ente espiritual/divinal, o ego da própria mônada, que vem a ser a emanção individual da consciência suprema; a mônada é o indivíduo espiritual em eterna evolução; numa formulação poética, é cada centelha do fogo divino.

O mental abstrato e o búdico interpenetram-se continuamente e, juntos, formam o *corpo* causal. Na filosofia dos iogues clássicos, tal veículo tem este nome porque recolhe os resultados das experiências vividas pelo ente ao longo das encarnações, os quais, trabalhando como *causas*, amoldam as vidas seguintes.

Veículos do Quaternário Inferior (Ego pessoal, Personalidade, Pedra Cúbica):

corpo ou veículo energético-vital, correspondente ao *prana* (vitalidade), por isso também dito “prânico”;

corpo anímico ou astral (psíquico-emocional-prânico, com um vestígio do mental), geralmente identificado com o que se considera como sendo a “alma” (em sânscrito, *kâma-rûpa*, significando *corpo* ou *veste do desejo*);

corpo ou veículo físico, aquilo que vulgarmente se chama de “corpo” propriamente dito, ou seja, esse objeto de carne e osso, que contém o astral e o vital.

corpo mental concreto, que funciona englobando os demais junto com o raciocínio objetivo, que é o processamento cerebral feito a partir dos dados recolhidos pelos cinco sentidos.

Na realidade, estes quatro componentes estão imbricados, entrelaçados uns nos outros. Há uma certa mistura de termos que às vezes chega a dificultar a compreensão da constituição do ente humano. Por exemplo, a “alma” ocasionalmente é chamada de “duplo etérico”, nome também atribuído a uma outra forma, a do aura, que é o reflexo (ou “rebarba”) do corpo etérico na vizinhança imediata do corpo físico.

Como vimos acima, na filosofia arcana fala-se até em “corpo causal”, quase o mesmo que se dizer “corpo espiritual”, mostrando como, no Ocultismo, Espírito e Matéria são espelhos um do outro: como diz Blavatsky, o Espírito e a Matéria “são inseparáveis, e não obstante estão sempre separados”. No nosso presente estágio evolucionar,

a Pedra Cúbica é um instrumento para a realização de todo o potencial mental do ser humano, devendo, portanto ser entendida como o “meio de campo”.

Para compreender-se o esquema macro da Evolução, é preciso considerar que os Sistemas de Evolução são sete, relacionado cada um deles a um dos Sete Planetas Sagrados, aí entendidos como “corpos de Deus”. Cada sistema seguinte àquele que se encontra ativo é a “Oitava Coisa” - como a oitava da escala musical. E cada Sistema trabalha uma das sete Cadeias Planetárias, aproveitando o cabedal trabalhado na Cadeia anterior e preparando o trabalho nas seguintes. O Primeiro Sistema trabalhou a Cadeia de Saturno; o Segundo trabalhou a Cadeia do Sol, com a experiência da de Saturno; o Terceiro Sistema trabalhou a Cadeia da Lua com a experiência das duas Cadeias anteriores, e assim por diante.

Note-se que os Sete Planetas Sagrados mencionados nas Tradições são Saturno, Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus, conhecidos na Antiguidade pelos astrônomos profanos – não iniciados no Ocultismo. Esta lista é acrescida dos astros descobertos depois da invenção do telescópio: Urano, Netuno e Plutão. Deve-se incluir mais um, Vulcano, hoje tido como absorvido pelo Sol. Completa-se a lista com a nossa Terra.

Nos primeiros Sistemas de Evolução, a matéria ainda não existia como a conhecemos hoje. O Ocultismo a chama de “flogística”. O termo *fluogisto* ou “*flogisto*” (do grego *phlogistós* designa uma substância etérea (energética, de energia-vitalidade) e psíquica (contígua ao mental). Dela era constituído todo objeto existente naquelas remotíssimas etapas. Seria um estado intermediário entre o influxo espiritual-mental, emanado da Mente Universal (do Eterno, do Logos, do Planetário), e a manifestação física.

Essa substância vai ganhando densidade à medida que se aprofunda o “mergulho na matéria”, chegando à terceira dimensão (teosoficamente, “o Terceiro Trono”, sendo toda coisa neste estágio feita de “Akasha condensado” – V. Cap. 2).

Não vamos aqui nos deter sobre o acontecido nos três primeiros Sistemas de Evolução, antecedentes do atual (que é, portanto, o Quarto). A repercussão desses acontecimentos sobre o presente Sistema será eventualmente mencionada no curso da exposição. Passemos diretamente ao Quarto Sistema, que já percorreu três das suas Sete Cadeias Planetárias (Mercúrio, Vênus e Lua) e se encontra na Quarta Cadeia, a própria Terra.

Na primeira etapa da Evolução da Terra começou a formar-se fisicamente este planeta, primeiramente no nível etérico-astral (flogístico), como tudo nele. Constituíram-se os minerais em geral, especialmente os metais (ainda não propriamente físicos como atualmente). Configurou-se então o primeiro reino da Natureza, o reino mineral, para o que agiram os Assuras, as consciências vindas do Primeiro Sistema de Evolução (regência de Saturno).

Nessa fase, apareceram os primeiros seres antecessores do ser humano. Pertenciam à Raça chamada Adâmica. Eram formas filamentosas etérico-astrais unicelulares ou quase, e a Hierarquia que trabalhava diretamente com as mesmas eram os Pitris Ba-

rishads ou Progenitores Lunares (provenientes da cadeia lunar). Sendo os primeiros organismos quase “físicos”, estavam próximos a Atmã, a inteligência universal, o espírito do Logos, mas, como recém-nascidos, sem meios de consciência. A parte da Terra onde viviam era o atual círculo ártico. Desenvolveram o sentido da audição e a sua reprodução era por cissiparidade, modalidade de reprodução vegetativa dos seres unicelulares em que ocorre a divisão direta das células..

Na segunda etapa da formação do planeta Terra, agora mais densificado, entraram em ação os Agnisvatas (formados no Segundo Sistema, sob a regência do Sol). Eles conduziram a configuração etérico-astral do Reino Vegetal, com base no trabalho já realizado pelos Assuras. Esses antecessores do ser humano pertenciam à Raça Hiperbórea, sediada no hemisfério norte. Possuíam corpos etéricos, com forma filiarborescente (à maneira de árvores filamentosas), e neles já se prenunciava a conformação ora animal, ora humana. Ganharam mais um sentido, o tato, e seu estado de percepção era embrionariamente o Búdico (intuição), que veio se juntar a Atmã (ambos estes princípios ainda sem os meios de consciência próprios do ciclo então iniciante). Como na Raça anterior, reproduziam-se por cissiparidade. No final do período, isto começou a modificar-se, com uma insinuação de sexualidade hermafrodita, o que foi chamado pelas tradições de androginismo latente.

Na terceira etapa da gênese da Terra desenvolveu-se plenamente o Reino Animal (meio flogístico, meio físico, como aliás, já então, o planeta e tudo nele), sob a influência dos Barishads, os *Pitris* (Pais) *lunares*, que eram o sumo da Evolução do Terceiro Sistema com base no Planeta Lua.

Por esse tempo, o eixo da Terra era perpendicular ao plano de sua órbita em torno do Sol (Cap. 4). O clima mundial apresentava-se quente, mas uniformizado, não havendo calotas de gelo nos pólos. A Ciência moderna indica que o clima da Terra, nos seus milhares de milhões de anos de meio ambiente completamente formado, tem sido péssimo a maior parte do tempo, com relativamente curtos intervalos de condições meteorológicas razoáveis ou boas. Na época em que surgiu o *homo lemurianus* (se assim podemos chamá-lo), o clima era bem mais estável, apenas perturbado localmente pela intensa atividade vulcânica. Surgiram aí também, mais para o final, sob a influência conjunta dos Agnisvatas e Barishads, os primeiro seres do reino hominal, como desdobramento evolutivo dos reinos mineral, vegetal e animal, anteriormente formados. A raça envolvida era a Lemuriana. Esta desenvolveu subtipos ao longo de diferentes estágios.

Os espécimes lemurianos rudimentares, que se autofecundavam, alcançavam porte gigantesco. Seu estado de percepção assemelhava-se, inicialmente, ao das duas Raças anteriores.

A Terra era o Éden Primordial (que não deve ser confundido com o Éden bíblico, até porque se encontrava em um estado entre o físico e o flogístico). Aí os seres dos quatro reinos da Natureza, na sua situação de (in)consciência, ou de pré-consciência, viviam e conviviam em equilíbrio e harmonia ecológica, nas condições próprias da época. Não havia lugares sagrados especiais, porque toda Terra o era, naquele nível.

No segundo estágio, a diferenciação dos dois sexos definiu-se um pouco mais, embora os seres continuassem andróginos.

Esta raça habitava o continente da Lemúria, tragado, no final de sua história (há uma ou duas dezenas de milhões de anos), pelo que é hoje o Oceano Pacífico, motivo pelo qual seus vestígios não são encontrados, estando submersos nos abismos oceânicos. Há poucas exceções, como a Esfinge de Gizé (onde muito mais tarde viria a ser o Egito) e os *moais* (estátuas gigantes da Ilha de Páscoa), além de alguns outros sinais esparsos pelo mundo.

Em parte de sua trajetória, os lemurianos conviveram com os dinossauros, tendo o surgimento dessa raça ocorrido entre o triásico e o jurássico, em torno de 100-50 milhões de anos no passado. Na Tradição aparecem outras datações algo diferentes: ela teria tido seu maior desenvolvimento na época que, para a Geologia moderna, coincide com o eoceno, quando os grandes répteis já estariam dando a vez aos mamíferos. O eoceno começou há uns 54 milhões de anos e durou até o início do oligoceno, há uns 36 milhões.

Na esfera mitológica, houve, em certo momento, uma ruptura no andamento do Programa Evolucionar. Foi um magno acontecimento que é narrado de diferentes maneiras, conforme a angulação do qual é visto, mas com a mesma tônica.

Sob o ângulo do trabalho dos Sete Planetários (Cap. 2), a Tradição relata que houve uma mudança imprevista no Programa traçado na primeira Assembleia dos Sete Filhos do Eterno: a antecipação da regência do Quinto Luzeiro para completar a do Quarto. Originalmente, o papel do Quinto seria reger a formação do Quinto Sistema. Neste deveria desenvolver-se plenamente, de forma gradual, o mental dos seres humanos, iniciando-se o retorno da Criação ao seio da Divindade, já então com toda a experiência vivida na longa trajetória, e que iria enriquecer a própria Mente divina.

A antecipação foi considerada necessária por ter havido uma “recaída” de grandes contingentes de humanos lemurianos, que regrediram ao estágio animal. Se para a ciência profana o ser humano descende de um tronco comum (o “elo perdido”) de onde também procede o macaco, para a ciência arcana o que se deu foi o inverso, com o macaco descendendo do homem, em decorrência da “recaída” biológica.

O Quinto Planetário, cuja tônica é o magno conhecimento subjetivo mental aplicado à plena vida física objetiva, foi convocado antecipadamente para trabalhar o avanço evolucionar do *homo lemurianus* que viria a converter-se no ser humano moderno. Esse ente encontrava-se num estágio ainda distante daquele em que daria os primeiros passos para desenvolver, na escala geral da espécie, o corpo ou veículo mental concreto, isto é, a capacidade de raciocinar com base no registro sensorial.

Nos primeiros estágios da evolução, os antecessores do ser humano tinham incorporado o etérico (energético-vital), o astral (anímico-vital) e o físico denso, chegando à etapa lemuriana. No coroamento desta deveria ativar-se o mental, o quarto “lado” da Pedra Cúbica. Na programação original delineada pelos sete Planetários, a direção

deste trabalho caberia ao Quarto, Atlasbel, a quem caberia conduzir a transição para a quinta raça-raiz (raça-mãe), que teria plenamente ativada a faculdade mental concreta. Por isso ela acabaria ganhando o nome de “atlante” (de “Atlas”), apesar do que viria a ocorrer.

Quando o Quinto se deu conta de que teria de reduzir drasticamente sua própria consciência para poder relacionar-se com a não-consciência desse ente pré-humano, recusou-se. Alegou que o Quarto, seu antecessor, estava passando-lhe a função de Planetário, com a (pré-)Humanidade num estágio bem anterior àquele em que ele, O Quinto, esperava encontrá-la. E, na Assembleia dos Sete, propôs queimar etapas, doando imediatamente aos lemurianos a personalidade completa, com o mental concreto (raciocínio).

A Assembleia discordou da aceleração imediata da formação da Pedra Cúbica e o Quinto acabou rompendo com seus seis Irmãos, passando a trabalhar independentemente, por fora, com toda a sua Corte. Então o Eterno baniu-o como Anjo Rebelde e convocou o Sexto Planetário, (no Ocultismo, o mesmo Jeovah das Escrituras hebraicas), para assumir a tarefa de conduzir a evolução humana, que não podia ficar sem um dirigente.

Nesta situação de conflito cósmico, quando o Quinto chegou a querer destruir o trabalho já feito, para começar tudo de novo, a Humanidade não deixou de sair ganhando: embora mantendo o andamento gradual decidido pela Assembleia dos 7, o Sexto Luzeiro acelerou a evolução dos corpos dos lemurianos, que em consequência desenvolveram rapidamente o cérebro, o sistema nervoso e o sistema das glândulas endócrinas. Assim se foi criando a alma pessoal (corpo psico-mental), o ego e a inteligência ou raciocínio simples, básico (mental rudimentar).

Nesse trabalho, foi muito importante a contribuição do Quinto, que com suas hostes “corria por fora”, criando atritos e contradições que, para (e ao) se resolverem, aceleravam ainda mais o processo.

Com a raça lemuriana, a Terra entrara definitivamente no seu estado mais denso, objetivo, corporal, passando seu aspecto flogístico para o segundo plano, ficando subjacente, interiorizado. Em compasso com essas mudanças, o ente humano desenvolveu um terceiro sentido, a visão, que veio somar-se aos já existentes (audição e tato), intensificando sua interação com o meio ambiente e, portanto, seu ganho de experiência (informação/conhecimento).

Consolidou-se também a separação dos sexos, com a reprodução humana passando a fazer-se pelo intercuro entre macho e fêmea (v. adiante).

Envolvidas diretamente neste acontecimento estiveram as Hierarquias Agnisvata e Barishad, polarizando-se a primeira no masculino e a segunda no feminino. Tal polarização – ao que se pode depreender de um complexo conjunto de informações – tornou-se necessária para uma intensificação do processamento das experiências, a título de compensação para o impasse colocado pela recusa do Quinto. Participou também

dessa transformação uma outra Hierarquia, a dos Pitris Kumaras ou Assuras Primordiais.

Os Kumaras já vinham conduzindo o processo de interiorização anatômica do olho único que os Lemurianos possuíram inicialmente (depois, passaram a ter dois olhos). Interiorizado, o órgão transformou-se na atual glândula pineal, pré-requisito físico para a formação do aparelho cérebro-espinhal como processador físico do mental. Foi este o aspecto objetivo, corporal, da implantação do Ego no ser humano.

Essa movimentação das Hierarquias no meio dos humanos e a descida do Quinto e do Sexto Senhor com suas respectivas hostes, que entraram em luta umas com as outras são referidos nas Tradições como a Queda dos Anjos.

A Humanidade estava então pronta para uma etapa completamente nova, com características já bem mais próximas da situação atual. Tendo-se formado toda a base acima descrita, surgiram as condições para a criação de um valor completamente desconhecido dos reinos mineral, vegetal e animal: a Cultura ou Civilização, um atributo especificamente humano.

O surgimento do mental e da Cultura é alegorizado nas tradições judaico-cristãs como a degustação do fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, relacionando-se esta alegoria com a separação dos sexos e a necessidade de sua *re-união* no ato reprodutivo. Por isso diz a Bíblia que, antes de comerem do fruto proibido, o homem e a mulher “estavam nus e não sentiam vergonha”. Isto é: como ainda não dispunham do mental, eram inocentes como animais. Depois de comerem, “abriram os olhos e viram que estavam nus” (segundo o texto do livro do Gênesis). Em outra forma de narrar, a tradição esotérica oriental registra que no bojo dessas grandes transformações – concretização do mental, separação dos sexos, invenção da Cultura -, surgiu a noção de Bem e Mal (“eles abriram os olhos”). Antes, Bem e Mal não existiam no sentido que essas palavras viriam a ter.

Deve-se considerar que a Evolução, sem dar propriamente um salto, lançou nessa ocasião as bases para as mutações que iriam consolidar-se em um longo processo, passando pelo estágio atlante e chegando aos primeiros ários, a (hoje velha) raça-mãe da atualidade.

Antes das mudanças, os humanos de então não usavam roupa (o que era favorecido pela amenidade predominante do clima, como já vimos, tão próximos estavam do reino animal). A adoção da roupa é posterior (numa vasta perspectiva de tempo) à separação dos sexos e coincide com os sinais primordiais da Civilização. E a Civilização é a “roupa máxima”, a veste maior da Humanidade. A propósito, Henrique José de Souza, exímio trocadilhista, assinala que a palavra *Europa* significa “a roupa do Ego”, sendo que a palavra *rupa*, em sânscrito, quer dizer *forma*, que é um sinônimo de *veste*.

A TRAIÇÃO DIALÉTICA NO SEXO E A LEALDADE DA ALMA HUMANA

No processo de configuração de dois sexos anatomicamente diferenciados e separados, os seres foram deixando de ser hermafroditas. A dupla natureza masculino-feminina deixou de existir no corpo e foi ativada no psiquismo (alma) e no mental (raciocínio), passando do plano objetivo para o plano subjetivo.

O lado masculino tem sua tônica no mental. O lado feminino, no emocional (ou psíquico). Com a separação dos sexos, dividindo-se a espécie humana em machos e fêmeas, as duas tônicas também se separaram, mas só até certo ponto: o elemento masculino ganhou tônica no mental externamente, interiorizando-se o emocional nele; e no elemento feminino, ocorreu o oposto, tendo-se interiorizado a tônica mental e exteriorizado a emocional. Por isso se diz que o homem tende mais para o racional; e a mulher, mais para o intuitivo (aqui como sinônimo de sensibilidade não-racional).

Em outras palavras (numa perspectiva geral, acima das diferenças individuais e/ou circunstanciais), o homem com seu mental exteriorizado procura na mulher o emocional exteriorizado nela; enquanto a mulher, que passou a ter seu mental interiorizado, procura no homem o emocional interiorizado nele. Na cultura profana, esta noção da ciência oculta/arcana foi assimilada pela psicanálise na linha de C.G. Jung, para quem a mulher tem alma masculina (*animus*); e o homem, alma feminina (*anima*).

Esta bipolaridade se expressa também na localização anatômica dos respectivos órgãos sexuais: externos nos homens, internos nas mulheres.

Desta forma, no interior de cada pessoa, seu conteúdo mental sexual, ao nível da alma, *trai* o continente exterior, ao nível do sexo corporal. E nesta *traição* dialética, bipolar, o ser tem à sua disposição uma tensão criativa, que ele pode aproveitar para se autoconstruir, mas também para se autodestruir. Isto, bem entendido, no plano particular, pessoal. No plano macro, a espécie, segundo o Programa da Evolução, caminha para o androginismo espiritual, onde a *traição* se resolve plenamente, com imenso ganho de amor e sabedoria. Será um nível mais alto e profundo da lealdade da espécie para com o plano divino.

O androginismo psico-mental (fusão de emoção e razão) no nível pessoal, individual, passou a ser o processo de busca do equilíbrio entre as duas tônicas presentes em cada indivíduo, ou seja, o mental equilibrado com o emocional e vice-versa. Na Teologia ocultista a realização do androginismo subjetivo é um passo fundamental para o crescimento espiritual: vale dizer, o retorno consciente da Criatura ao nível do Criador. Isto, por ser o Eterno o Andrógino mais-que-perfeito, trazendo em si o potencial espiritual dos dois sexos.

É por isso que o homem e a mulher procuram-se mutuamente no palco da vida. Originalmente, no estágio instintivo, pré-consciente, o masculino e o feminino existiam juntos em um só corpo. Ao se separarem pela sexualidade, que chegou junto com o processo da dualidade razão/emoção, os seres incorreram no “pecado original”: mergulharam no mundo da matéria (âmbito humano), assim distanciando-se do mundo do espírito (âmbito divino), para com isso crescerem em experiência/consciência. Esta realidade transcendente está expressa no mito grego do romance entre Eros (Espírito) e Psiquê (Alma).

Uma consequência de ordem geral dessa contingência foi que o meio onde se moviam os protagonistas humanos – a própria Terra – “humanizou-se”. O planeta como um todo deixou de ser estritamente o “palco divino” onde se desenrolava a trama cósmica da Evolução, tornando-se um “palco humano”. A trama evolucionar prosseguia e necessitava delimitar seu próprio espaço cênico, onde as Hierarquias Criadoras encontrassem condições relativamente adequadas para continuar trabalhando com e pelos humanos. Estes palcos especiais, em diferentes partes do mundo, viriam a ser as Terras Sagradas.

Mas no momento da Queda dos Anjos, essas Terras Sagradas ainda não eram “necessárias”, o que aconteceria depois, no final da era atlante, como se verá.

A Queda dos Anjos é sintetizada simbolicamente no episódio da esmeralda que se desprende da frente de Lúcifer no momento de sua precipitação na esfera terrena. No simbolismo, essa pedra preciosa representa a Razão, o Raciocínio. Mais tarde, os Anjos da corte de Lúcifer a recolheriam e a utilizariam para fazer o Cálice ou Taça do Graal, o emblema máximo da busca da Sabedoria. A criação do Graal tem ligação direta com a origem do conceito de Terras Sagradas, uma vez que a presença deste hiper Talismã sacraliza o lugar onde se encontra (às vezes na superfície; outras, mais frequentemente, escondido sob a mesma, mas com influência nela).

OS REBELDES DA EVOLUÇÃO NAS PRIMEIRAS GUERRAS

No final da trajetória da raça lemuriana, os humanos já desenvolviam o sentido de vida social acima do nível meramente gregário instintivo encontrado entre os animais. Acentuou-se a diferenciação entre um espécime e outro, enquanto, dantes, se assemelhavam como, por exemplo, as abelhas ou formigas entre si. No estágio vegetal, a “alma” é um coletivo da espécie (por exemplo, a “alma-laranjeira”, “almamacieira”, ou seja, a alma de todas as laranjeiras ou macieiras etc.). No estágio animal, a “alma” é um atributo coletivo do bando ou manada, do cardume ou enxame. Entre os lemurianos terminais (os primeiros seres que podem ser chamados de “humanos” no sentido atual) formaram-se as “almas-grupos” (clãs, tribos).

Contudo, eles necessitavam do comando direto de personagens conhecidos na Tradição como “Reis Divinos”. Faziam parte das hostes do Quinto ou do Sexto e eram consciências evoluídas nos Sistemas ou etapas anteriores. Estavam na vanguarda da Evolução espiritual na época e encarnaram entre os lemurianos, ora para ajudá-los, ora para se servirem deles.

O lado “mau” coube aos seres que, embora igualmente evoluídos em Sistemas anteriores, tinham maneiras completamente diversas de agir entre os humanos, por serem consciências rebeldes, agressivas, voltadas para a dominação. No fundo, talvez quisessem impor consciência imediatamente, em vez de trabalhá-la gradualmente.

Cabe lembrar que a macro história da Evolução passa por vastos períodos de confronto entre tendências e tônicas dos magnos personagens em cena, chegando muitas vezes a grandes lutas que deixaram resíduos a serem resolvidos em etapas subsequentes.

A Tradição refere-se a uma Oitava Esfera (não confundir com Oitavo Sistema). A Oitava Esfera é uma espécie de presídio cósmico de segurança máxima, onde eram aprisionados os “bandidos da Evolução”, que ali podiam empreender autocrítica e efetivar o direito ao próprio resgate. Este mito refere-se a uma realidade espiritual que vai aparecer em todo o imaginário da Humanidade, sob uma imensa variedade de nomes, desde a Geena hebraica ao Inferno-Purgatório de Dante, passando pela Reino de Vulcano dos gregos, o Tártaro dos romanos, o Cone da Lua dos eubiotas e até mesmo a Zona Fantasma das histórias em quadrinhos (com o personagem mítico-futurista do Super-Homem).

Na linha dos ensinamentos do mestre brasileiro Henrique José de Souza, vê-se que tudo isto é a cena cósmica, o teatro da vida; trata-se de drama/tragédia/comédia. Aí a bipolaridade (outra palavra para designar a dialética) exige a (e redundante na) existência de protagonistas e antagonistas. Todos são, afinal, criações do Grande Autor (Deus, Logos, Supremo Arquiteto, Planetário).

Naquele episódio da Lemúria, pela necessidade de se dar a “volta por cima” das dificuldades no seguimento da Programação, contingentes de consciências (Hierarquias decaídas) que estavam nos domínios da Oitava Esfera tiveram a oportunidade de vir à Terra. Colaborando com as Hierarquias Criadoras, poderiam redimir-se. Porém, nem todos vieram afinados com esse propósito, continuando como antagonistas, vilões, seres tenebrosos.

Do embate de forças e sob o influxo dos reis divinos, foram-se formando, ao longo de inúmeros milênios, na Lemúria, os primórdios da Civilização. Esta propriamente só viria a se configurar na era seguinte, na Atlântida. O movimento lemuriano pré-civilizado tendia para o âmbito mundial: ia espalhando-se por todo o hoje desaparecido continente lemuriano, onde então habitava a Humanidade iniciante (já com uma predominante tipologia física algo próxima da atual).

A Geologia admite que há dezenas de milhões de anos existiu a *pangéia*, um supercontinente englobando todas as terras secas do planeta, as quais depois se separaram. Ao longo de um vasto período de milênios, aprendeu-se a usar o fogo, domesticaram-se animais, introduziu-se o uso de utensílios e desenvolveu-se um rústico artesanato da pedra, da madeira e da cerâmica, além dos rudimentos da agricultura. A culminância desse processo foi criação da arquitetura megalítica (*mega*, grande + *lito*, pedra).

Para exemplificar o nível cultural existente, basta citar o regime do uso do fogo, vigente em grande parte desse período. Cada núcleo de população mantinha uma fogueira central e comunitária acesa permanentemente. Embora o clima em si fosse medianamente estável, havia grandes vulcões ativos e potentes vendavais. Se acontecia de um desses fatores apagar a fogueira, quando não a própria chuva, os prejudica-

dos tinham de ir a alguma população vizinha para obter uma acha de lenha a fim de reativar seu próprio fogo. Nem sempre isto se fazia pacificamente. Havia luta.

Por essas e outras, iniciou-se a construção de fortificações (muitas, de pedras superpostas, sendo a argamassa uma novidade ainda rara). E já na transição para a raça subsequente, configuraram-se as primeiras cidades, algumas delas consideradas sagradas, prenunciando as futuras metrópoles centrais dos atlantes.

A grande característica da cultura lemuriana é que a mesma não tinha referencial de uma experiência de civilização anterior e trazia uma saudade (principalmente na liderança) ao mesmo tempo difusa e intensa de algo indefinido. Esta saudade, que se expressava pelo hábito da contemplação das estrelas, pode ser entendida como a lembrança da origem cósmica, por um lado; e por outro, daquele Éden Primordial terrenal. Tal sentimento ainda se faz presente hoje. Na esfera da memória da espécie, a História volta puramente como Mistério e Mito. Na Lemúria, ambos estes valores atávicos, embora ainda não desaparecessem de todo, acabaram enfraquecendo-se justamente pela Queda e o subsequente aparecimento da Civilização. Era o perde-ganha da Evolução.

O monumento totêmico construído por esse povo e que chegou aos dias atuais é a Esfinge, memorial erigido nos últimos tempos dos Lemurianos, evocando sua ascensão acima do substrato eminentemente animal. Na estátua colossal homenagearam-se as Hierarquias Criadoras participantes de toda a transformação humana até então. O corpo da Esfinge contém elementos das formas dos animais-totens cósmicos, com a seguinte correspondência: Assuras (Águia, Cadeia de Saturno, asas); Agnisvatas (Leão, Cadeia Solar, garras), Barishads (Cadeia Lunar, busto de mulher); Jivas (Touro, Cadeia da Terra, dorso). Na Esfinge de Gizé como a conhecemos, as asas e as mamas já foram levadas pelo desgaste do tempo.

A civilização lemuriana foi favorecida pelo relativo equilíbrio ecológico planetário e o clima em geral estável por toda parte. Mas havia um outro fator que, se resultava favorável por um lado, por outro provocou o episódio terminal da Lemúria. Há uma variedade de maneiras de se contar esta história, mas as coincidências entre as versões predominam sobre as divergências.

Na esfera mitológica, conta-se que diferentes tipos de seres de outras dimensões (identificadas com os planetas dos Sistemas de Evolução anteriores) vieram à Terra (como vimos antes), com distintas intenções e atitudes. Alguns trabalhavam pela ascensão espiritual da jovem Humanidade, enquanto outros se aproveitavam dela (os bandidos da Evolução, já mencionados).

Segundo a lenda, a liberdade de costumes, própria da primeira cultura “pagã”, assumiu formas transtornadas, com o cruzamento entre seres alienígenas superinteligentes, de um lado, e lemurianos ou lemurianas de inteligência naturalmente rudimentar, de outro. Isto gerou indivíduos que se arvoravam em semideuses, disputando a dominação sobre os humanos e fazendo frente aos reis divinos. Foi agredida a paz natural

do equilíbrio ecológico e guerra tornou-se o perverso traço dominante daquela cultura.

O DRAGÃO CELESTE E O FIM DA ERA LEMURIANA

Várias tradições também dão conta de que a era lemuriana foi marcada por um grande evento astronômico que atravessou um vasto período. O satélite da Terra (a Lua de então) aproximou-se demais e, sob a pressão da força gravitacional, esfacelou-se. Formou-se um anel de fragmentos orbitando a Terra (à semelhança dos anéis de Saturno). Era a Serpente ou Dragão Celeste. Um sem-número de fragmentos de rocha foi atritando-se com as altas camadas da atmosfera, chegando a inflamar-se como estrelas cadentes. Eram as Escamas de Fogo. Pelo bombardeio desses meteoritos, as condições de vida na superfície da Terra começam a ficar difíceis, inclusive pelas mudanças no clima.

Finalmente, no encerramento daquela era, o anel orbital colidiu diretamente com o planeta, na região equatorial. Foi o cataclismo que encerrou a história da Lemúria. O continente lemuriano – também conhecido como País de Mu, denominação às vezes aplicada à Atlântida – desapareceu em meio a monstruosos incêndios, erupções vulcânicas, terremotos e maremotos. O oceano – atual Pacífico – cobriu as terras secas onde vivia a maior parte da Humanidade (há indicações recolhidas pela Arqueologia acadêmica de que a Esfinge já esteve submersa - segundo os arqueólogos, em época muito mais recente). Os sobreviventes migraram para outras latitudes, principalmente ao Norte.

Remanescentes lemurianos selecionados e conduzidos por reis divinos refugiaram-se na Ilha Branca ou Paradesa, situada no que é hoje o Deserto de Gobi, então um mar. Ali, na Cidade da Ponte, a fim de salvar e repassar adiante o conhecimento e a prática do Programa da Evolução, a liderança espiritual criou a primeira escola de iniciação. Esta ficou conhecida na Tradição como *Sudda Dharma Mandalam*, a Grande Fraternidade Branca, base do Governo do Mundo (que muito mais tarde passaria a ser Oculto).

Desde então o G.O.M., na sua permanente vigília para o progresso da Humanidade dentro dos padrões das Leis da Evolução, periodicamente lança um movimento cultural/espiritualista (que pode estar centralizado em uma determinada instituição e/ou em um determinado lugar ou terra sagrada). Essas iniciativas são conhecidas como escolas iniciáticas e têm um triplo objetivo: preservar a sabedoria universal em meio às incertezas e acidentes de percurso da História; atualizar perenemente essa sabedoria, sincronizando-a com o andamento da evolução humana; e trabalhar por uma consciência maior entre os seres humanos. Mais do que simples colégios esotéricos (que nelas se inspiram), quem direciona cada um delas é um determinado personagem, uma individualidade altamente espiritualizada (avatara, grande mestre), que vem trabalhar para retificar, restabelecer e/ou implantar novas diretrizes na face da Terra (V. Cap. 2).

Sudda Dharma Mandalam formou os primeiros Adeptos independentes, em número de 49 (um múltiplo de 7 – V. Cap anterior). O termo “Adepto” designa aí um grau de iniciação (acima do comum dos humanos). E “Independente” indica sua incumbência e vocação de trabalhar diretamente no meio da Humanidade, sem compromisso institucional, isto é, sem estarem ligados formalmente a esta ou aquela escola ou ordem.

Sobre a Lemúria, informam Hernani M. Portela e V.H. Portela (Revista “Dhâranâ”, da Sociedade Teosófica Brasileira, depois Sociedade Brasileira de Eubiose, p. 36, n.15-16, janeiro/fevereiro de 1961):

“Lemuriana – O terceiro continente, Shalmali Dwipa, que os geólogos conhecem por Gondwana, onde habitou a terceira Raça mãe, ou dos Lêmures, e que a geologia situa entre as Eras Primária, Secundária e nos sistemas Devonianos, Carbonífero, Permiano, Triássico (apogeu da Lemúria), Jurássico e mesmo Cretáceo, surgiu pela modificação ocorrida com a emersão da imensa cadeia do Himalaia. Mais ao sul os continentes se elevam para Leste, ao lado do Ceilão, da Austrália até Tasmânia e a Ilha de Páscoa; para Oeste até Madagáscar. Uma parte da África emerge, igualmente. Dos continentes precedentes, a Lemúria conserva a Suécia, a Noruega e a Sibéria.

Vê-se, portanto, que, biologicamente falando, durante milhões de anos, os organismos hermafroditas foram se aperfeiçoando até chegar a uma fase em que os gametas masculino e feminino não mais amadureciam simultaneamente no mesmo organismo. Com o decorrer dos milênios, um dos órgãos sexuais aborta por completo; o indivíduo passa a ser nitidamente masculino ou nitidamente feminino. Foi nos últimos dezoito milhões de anos que os Lemurianos passaram a constituir uma raça dióica, isto é, com os sexos totalmente separados. Os homens eram de estatura descomunal e poderosos, pois necessitavam lutar contra animais gigantescos, afins com a evolução daquela época, cosmogônica e antropológicamente falando, como os megalossauros, pterodátiles, etc. A separação dos sexos, aliada à exacerbação dos sentidos, levou a humanidade a se desviar da Lei. (Aliás, segundo a Teosofia e o Ocultismo, os macacos antropóides são os últimos descendentes de cruzamento entre certa classe de homens inferiores e um tipo de animal parecido com a lontra, havido nesta raça, a Lemuriana. Os cataclismos começaram, então, sua obra destruidora. Os fogos da terra e as estrelas do céu varreram do mundo o vasto Continente, restando a Branca ou Paradesa, descrita por Saint-Yves d’Alveydre, Annie Besant e outros. Foi nela que se formou o primeiro núcleo da Grande Fraternidade Branca, também conhecida por Sudda Dharma Mandalam, como escudo defensor do mistério da Esfinge”.

A Grande Fraternidade Branca iria ter papel decisivo na retomada do processo evolutivo no segundo ato do drama/tragédia/comédia da Civilização, que se desenrolaria a seguir, na Atlântida.

4 – E DEUS HABITOU ENTRE NÓS

O cataclismo final da Lemúria não alterou basicamente da situação de equilíbrio e estabilidade ecológica do planeta. As enormes perturbações climáticas foram passageiras, desaparecendo ao se desfazerem as densas nuvens de poeira e resíduos lançados na atmosfera, obscurecendo o Sol. Durante um tempo, reduziu-se em muito o calor e a luz que chegavam à superfície. Mas o eixo terrestre e o eixo celeste continuaram alinhados, superpostos. E não existiam geleiras nas calotas polares.

Para o entendimento do que ocorreu na etapa seguinte da evolução da Terra e da Humanidade - a civilização atlante -, vamos aqui descrever sucintamente a situação astronômica e ambiental do planeta na época, segundo o relato ocultista, comparando-a com a situação atual. Alguma conceituação é necessária.

O eixo terrestre é a linha imaginária ligando o polo sul ao polo norte e passando pelo centro geométrico da esfera terrestre. Representa a linha em torno da qual se faz o giro do globo, o movimento de rotação que se traduz na alternância de dia e noite. Na linguagem do Ocultismo, é o tubo cósmico por onde fluem as energias sutis da Natureza que ligam o Céu e a Terra.

O eixo celeste é a linha imaginária passando também pelo centro geométrico da Terra, mas perpendicular à eclíptica, sendo esta o plano da órbita do planeta. Nas eras lemuriana e atlante, o eixo celeste unia os polos, igual ao eixo terrestre. O equador terrestre estava no mesmo plano da órbita. Desta forma, os dois eixos eram uma linha única, ou seja, coincidiam, estavam superpostos, alinhados.

Em decorrência desse alinhamento, cada parte da superfície terrestre expunha-se à radiação solar o ano inteiro da mesma forma. Havia alguma diferença na intensidade da radiação recebida, em decorrência da latitude, com a região equatorial recebendo os raios solares num ângulo mais vertical. Porém isso não era suficiente para provocar grandes diferenças de temperatura de uma área para outra, até porque a atmosfera funcionava como equalizador do clima mundial. Com os eixos alinhados, o clima apresentava-se praticamente o mesmo por toda parte (à exceção das montanhas mais altas, mas aí pela rarefação atmosférica).

Atualmente, esse alinhamento não existe mais, tendo desaparecido no primeiro cataclismo atlante (não no lemuriano). Hoje, o eixo terrestre continua ligando os polos, mas inclinou-se em relação à eclíptica. O equador não está mais no plano da órbita. A inclinação tem o ângulo de 23 graus e 27 minutos.

Esse desvio tornou-se o fator da diferenciação das estações do ano e levou à formação das calotas de gelo nos polos, as quais, por sua vez, passaram a acentuar as diferenças entre as estações climáticas.

Com a inclinação do eixo terrestre, algumas partes da superfície passaram a estar diretamente voltadas para o Sol em certas épocas do ano, ficando outras num ângulo mais oblíquo em relação à incidência dos raios solares, que assim as aquecem menos nesses períodos. Depois, ao longo do ano, as regiões trocam de posição: as que rece-

biam mais calor passam a receber menos, e vice-versa, numa alternância que se repete anualmente. Em função da posição do planeta na órbita em cada estação, a diferença é enorme: ora é o pólo norte que se aquece mais, ora, opostamente, o polo sul. Em cada época, as geleiras polares diminuem em um dos polos e crescem no outro, e vice-versa. Isto é o que causa a alternância das estações: quando é verão no sul, é inverno no norte, e vice-versa, com a primavera e o outono representando as transições.

Na antiga situação de alinhamento dos eixos terrestre e celeste, o clima mundial equalizado acarretava a inexistência de calotas de gelo nos polos (a Tradição registra a ocorrência de eras glaciais periódicas). Hoje, as geleiras polares, que crescem e diminuem alternadamente no inverno e no verão em cada hemisfério, funcionam como fatores e reguladores do regime das estações do ano (o fenômeno das eras glaciais continua existindo, aparentemente de 30 mil em 30 mil anos).

Na Lemúria e na Atlântida, não havendo gelo polar e não existindo as estações, o equilíbrio climático oferecia as condições fundamentais para o equilíbrio ecológico, tanto entre diferentes aspectos da Natureza como entre esta e os humanos de então. A estabilidade das condições ambientais tendia a colocar a Natureza como aliada dos seres vivos, e não como adversária. Houve também uma certa equalização dos temperamentos humanos, a partir da uniformidade climática induzindo a um mesmo padrão de alimentação.

Também o alinhamento do eixo do planeta com o tubo cósmico por onde fluem as energias entre o Céu e a Terra gerava boas condições astrológicas e magnéticas, numa perspectiva mágica (ainda) impossível de ser concebida racionalmente.

Tudo somado, a Terra por inteiro era sagrada.

O colapso da Lemúria criou uma espécie de vazio, um interregno no andamento do Programa da Evolução. As Hierarquias Criadoras o aproveitaram para acentuar o impulso da diversificação e multiplicidade da experiência evolucionar, condição necessária ao seu enriquecimento. Relembremos aqui que tais Hierarquias eram as consciências evoluídas nos Sistemas anteriores, com destaque para os Kumaras, chamados de os Senhores de Vênus.

O planeta Vênus que conhecemos no mundo físico, estudado pela Astronomia com o auxílio de telescópios e sondas espaciais, é o aspecto objetivo do palco onde a Hierarquia dos Kumaras atingiu o seu auge. Aí se esconde uma realidade espiritual ainda impossível de ser diretamente acessada pela nossa consciência. Mitologicamente, os Kumaras vieram dali para a Terra no episódio da Queda ou Descida do Quinto Planetário (Capítulo 3).

Na astronomia dos gregos e romanos antigos, o planeta Vênus, quando visto logo antes do amanhecer, era chamado respectivamente de Fósforo e Lúcifer (sendo Lúcifer um dos nomes do Quinto). Ambas as palavras significam “Portador de Luz”, denominação que encerra um duplo sentido. Explicada factualmente, tem a ver com a circunstância de que, quando sua posição na órbita o coloca entre o Sol e a Terra (elongação oeste), aquele astro ergue-se do horizonte pouco antes do Sol, como que “tra-

zendo-o”. Na mitologia ocultista, Lúcifer vem a ser identificado com Prometeu, o herói que “trouxe a luz”, o fogo dos Deuses, o Mental, o raciocínio, para os seres humanos, aceleradamente - tendo sido castigado por isso: amarrado a um rochedo, uma águia vinha comer-lhe o fígado. Lúcifer também sofreu punição.

Quando na posição oposta (elongação leste), Vênus é avistada logo após o ocaso. Os astrônomos antigos pensaram durante muito tempo que se tratava de dois astros diferentes, o do anoitecer chamado de Vésper (“o dia anterior”, por se relacionar com o crepúsculo, que prenunciava o dia seguinte). Cada qual era visto em uma época do ano.

Segundo Blavatsky, os Kumaras, em número de sete (7), são representados como jovens de 15-16 anos. Depois de completarem sua evolução em Vênus, quatro (4) seres dessa Hierarquia Criadora vieram para a Terra, encarnando-se aqui em meados da era lemuriana. Assumindo forma terrenal, chegaram a procriar com humanos. Na mitologia ocultista, eles chefiaram as hostes do Quinto Anjo ou Planetário e são os progenitores dos Reis Divinos e os fundadores da Grande Fraternidade Branca. Coube a esta redesenhar o Programa da Evolução, projetando as bases do surgimento da Atlântida com sua Civilização, que chegaria à primeira Idade de Ouro da espécie humana.

Para começar, o colapso da Lemúria não fora total. Houve sobreviventes em grandes números, que se redistribuíram pela Terra, o suficiente para o redesenho em larga escala do mapa das populações. Isto viria a propiciar um rápido enriquecimento cultural dos povos, pela multiplicação das experiências nos confrontos e contatos uns com os outros, com o meio ambiente e com variados níveis de liderança (como veremos adiante).

No final da era lemuriana já havia uma certa diferenciação de tipos humanos. Isto ocorreu porque, embora o clima fosse uniforme, muitas populações viveram nas montanhas, outras nos vales ou no litoral, ao longo dos milênios, em ambientes distintos entre si. Também contribuiu para diferenciá-los a miscigenação com alienígenas. Esta palavra é empregada aqui (v. capítulo 2) com significação diferente da atual, de “extraterrestres”, assunto a ser abordado mais adiante).

Depois do afundamento da Lemúria e ao longo de milhões de anos, outras terras emergiram e o mapa dos continentes ganhou nova configuração. Ao influxo das Hierarquias Criadoras, a evolução dos remanescentes humanos lemurianos e do meio ambiente foi criando as condições para o surgimento de uma nova raça mãe, aquela que ficou conhecida na Tradição pelo nome de atlante. Na mitologia grega, a memória ancestral dos atlantes mesclou-se com a evocação dos deuses e heróis. No panteão grego, Atlas era um titã que sustentava nos ombros a abóbada celeste. Sendo o quarto titã, Atlas foi identificado, na mitologia ocultista, com o Quarto Planetário. Seu nome inspirou o termo Atlântida, designativo das terras onde viveram os atlantes. Para isto contribuíram também duas circunstâncias. Primeiro, a raça atlante foi a quarta raça mãe - segundo a história da evolução do ponto de vista ocultista, depois da adâmica, hiperbórea e lemuriana. E segundo, o advento dos atlantes foi possível porque àquela

altura já estavam plenamente concretizados os quatro reinos da Natureza - mineral, vegetal, animal e hominal.

Ps.: Raça, no sentido de estado de consciência evolucionar.

Hoje, a região do mundo mais procurada pelos turistas interessados em desfrutar das benesses da Natureza em uma situação de estabilidade (perturbada por furacões durante alguns dias por ano e por vulcões em alguns pontos) é o Caribe. Faz sol praticamente o ano inteiro. O clima quente é temperado pela brisa marinha. Há milhares de praias em uma infinidade de ilhas, as Antilhas.

Segundo Henrique José de Souza, o nome “Antilhas” deriva de “atlantilhas”, ilhas atlantes. Aquelas ilhas são o que resta do continente onde viveram os atlantes, e onde reinava a eterna primavera, estação única de clima temperado e uniforme por todo o globo terrestre, conforme visto no início deste capítulo.

(Há notícia da ocorrência, na Atlântida, de períodos em que se formaram geleiras no polo norte, por um processo ainda hoje existente - a glaciação - cujas causas ainda são cientificamente desconhecidas, tendo os atlantes aprendido a contornar seus efeitos).

Na atual região caribenha ficava a maior parte do território do Império Atlante original. Sua capital central, a Cidade das Portas de Ouro (para os eubióticas, Shamballah-na-face-da-Terra), situava-se cerca de 15 graus ao norte do Equador, segundo Arthur E. Powell (obra citada). A localização referida por esse autor vem a ser perto do meridiano que passa pelo Cabo Branco, na Paraíba, hoje o ponto mais oriental do Brasil e da América do Sul.

Informações de fontes eubióticas (Henrique José de Souza e Ernani Portela, obras citadas) apontam para um outro centro da civilização atlante, a Cidade dos Telhados Resplandecentes, no atual Mato Grosso, Brasil (para os índios, Matatu Araracanga ou “Cabeceira das Araras”). A existência dessa cidade na distante antiguidade tem confirmação indireta em dois mitos (inter-relacionados) acreditados pelos europeus dos séculos XV e XVI: o Eldorado, lugar de estupenda riqueza, procurado pelos primeiros desbravadores que chegaram à América do Sul; e a Misteriosa Z, ponto místico, fonte de poder e abundância, perdido nos sertões do oeste do Brasil. O desejo de encontrar estes dois lugares fez parte da mística de muitos bandeirantes.

Os eubióticas referem-se também a Manoa (na Amazônia, lembrando o nome “Manaus”); e mais três grandes cidades no que viria a ser o Novo Mundo: uma onde é hoje a Ilha de Itaparica e duas nos Estados Unidos, respectivamente na Califórnia e perto de El Morro, em Arkansas, no meio-oeste. Na Europa, sabe-se de Romakapura (na atual Itália). No Oriente, Ariavarta (Índia); e finalmente outro grande centro atlante, no Egito. Tudo, no mais remoto passado atlante. Fontes teosóficas destacam a Cidade da Ponte, que, depois do primeiro cataclismo da Atlântida, abrigou um remanescente dessa civilização, na atual Mongólia.

Naquela época, a evolução humana era extremamente lenta. A cultura conservava sua identidade durante dezenas de milênios, quase sem alteração. Portanto, a descrição a

seguir refere-se a traços básicos que atravessaram os tempos e foram comuns aos povos atlantes em geral, com particularidades que não alterariam a visão de conjunto.

O QUE SE SABE DA VIDA ENTRE OS ATLANTES

O trecho seguinte baseia-se em uma variedade de fontes escritas (citadas na Bibliografia, no final deste volume) e orais (interlocutores da área da Teosofia e da Eubiose).

Com a redistribuição demográfica, a Tradição registra, já no início da Era da Atlântida, há quatro/cinco milhões de anos, a existência de sete tipos básicos de humanos.

O continente atlante ocupava o espaço onde hoje se encontra o Oceano Atlântico norte e parte do Atlântico sul. Tradicionalmente chamados de sub-raças da quarta raça mãe, a atlante, seus tipos humanos são: romoahal, tlavatli, tolteca, turânios, semitas, acádios e mongóis. Há poucas indicações sobre qual teria sido a população da Atlântida, mas a Tradição registra que, por ocasião do cataclismo atlante final, pereceram 64 milhões de habitantes, a totalidade da população da ilha de Poseidonis. A da velha Atlântida, antes do primeiro cataclismo, o mais arrasador, seria pelo menos 10 vezes maior.

Os romoahals, de pele negra azulada, eram pastores que migraram sob a direção dos Reis Divinos. Os tlavatlis, de tez amarela, uma gente pacífica, também comandada por Reis Divinos. Os toltecas, de cor avermelhada escura, eram belos, de grande estatura, guerreiros, civilizadores e colonizadores. Os turânios (ou turanianos), guerreiros brutais, designados nos antigos documentos hindus pelo nome de rakshasas ou “comedores de carne”. Os semitas (arcaicos, distintos dos modernos), povo irrequieto e buliçoso, viriam a dar origem aos hebreus (dos quais sairiam os judeus e os árabes), na quinta raça mãe, ariana. Os acádios, migradores, espalharam-se na bacia do Mediterrâneo e originaram os pelagos, etruscos, cartagineses e citas. Os mongóis procederam dos turânios e povoaram principalmente o norte da Ásia.

Tlavatlis, toltecas e turânios migraram do norte pleno, onde viveram inicialmente, mais para o sul, há três milhões de anos, quando ocorreu uma glaciação excepcionalmente grande. Ao longo dessa migração, eles foram deixando núcleos que, no então remotíssimo, no futuro, viriam a tornar-se as culturas que a arqueologia moderna conhece - dos toltecas, olmecas, maias, aztecas e, no hemisfério sul, de Teotihuacán, Macchu-Pichu, incas etc.

O contingente atlante que mais contribuiu para os traços característicos daquela civilização foram os toltecas. Para lidar com este ponto, é preciso tocar num desses mistérios difíceis de caberem na mente racional concreta.

Diz a Tradição que o *Manu* (guia do povo, patriarca) dos toltecas promoveu a vinda de numerosos Egos plenamente evoluídos no anterior Sistema da Lua. Eram consciências que tinham alcançado o máximo desenvolvimento possível naquele Sistema. Estando este desativado, tais seres (então, de natureza mental) não mais possuíam

meios de formar corpos físicos à maneira lunar, única acessível a eles, já que eram daquele Sistema. Assim, fora do mundo material, o grande palco da Evolução, não tinham como continuar evoluindo. Por isso aceitaram uma espécie de troca onde entraram com seu nível de consciência bem mais incrementado que o dos toltecas e saíram ganhando a oportunidade de encarnar nos corpos deles.

Sobre esta base constituiu-se o primeiro Estado centralizado e autocrático: o império atlante. O Manu, como imperador, ficou no centro do sistema cultural, político e econômico. Delegava a governadores (vice-reis) o mando sobre as províncias do império assim integrado. Era o “governo dos sábios”, ficando cada governador com a integral responsabilidade de garantir a distribuição de alimentos e recursos em geral necessários à vida. Incluíam-se aí saúde, educação, justiça, segurança, assistência médica, seguridade social para todos e mais o sustento dos maiores de 45 anos e dos incapacitados. Se faltava alguma coisa a uma província, grupo ou pessoa, o governante provincial era o responsável pelo suprimento da carência. Se ele começava a falhar, o Manu-imperador o destituía e nomeava outro.

Os traços gerais aqui descritos referem-se ao período da Idade de Ouro Atlante, isto é, não prevaleceram o tempo todo. Quando chegou a decadência desta civilização, tendências doentias ou perversas foram ganhando relevo, e a mesma terminou marcada pela guerra crônica e o emprego de pesadas formas de magia como instrumento de dominação.

Enquanto isso não acontecia - isto é, no apogeu atlante - as crianças, aos doze anos de idade, quando se destacavam pela vidência, a clarividência e a sensibilidade (atributos aliás nada incomuns naquele meio), eram enviadas às escolas de nível mais alto. Aí desenvolviam suas aptidões psíquicas, estudando Química (fundida à Alquimia), Aritmética, Astronomia (identificada à Astrologia), bem como as forças sutis da Natureza. Dos demais indivíduos (a maioria) só se requeria a capacitação adequada ao exercício das profissões correntes: artesanato, agricultura (muito valorizada), pecuária etc.

No seu estágio de desenvolvimento intelectual, os atlantes tinham um muito limitado senso de abstração. Desconheciam a generalização de conceitos, o pensamento se pautava pela experiência direta, sendo a aritmética e o conhecimento em geral tratados como magia. A arte da música era incipiente, com instrumentos muito simples. Na pintura, limitavam-se a um plano sem perspectiva e carregavam nas cores. Na arte do antigo Egito, estas características chegariam se fazer presentes.

Aos 45 anos, o indivíduo se afastava do sistema produtivo e ia servir à administração pública, integrando o “conselho dos sábios” de sua comunidade. Tornava-se pensionista do Estado e tinha acesso ao lazer. Até essa idade as diversões não eram acessíveis às pessoas, que viviam absorvidas no trabalho e no culto.

Não se fazia distinção de sexo para o exercício de qualquer cargo no Estado, mas a situação de homens e mulheres não era igual, uma vez que existia a poligamia.

A Ciência e a Tecnologia típicas da cultura atlante apresentavam uma diferença fundamental em relação ao modo moderno. As máquinas, embora sendo algumas de grande porte, eram um misto de aparelhos e símbolos. O melhor aparelho de todos era o próprio corpo humano com suas funções plenamente desenvolvidas nos indivíduos que já traziam alto potencial inato desse tipo. A Medicina, exercida pelos sacerdotes, também recorria à sensibilidade. A função sacerdotal era, em geral, hereditária. Praticamente todo mundo conhecia a cura magnética e as propriedades curativas das plantas etc.

Dominou-se o processo de utilização do **prâna**, a energia vital, num estado denominado *vril*. Processada pelo corpo do operador (naturalmente dotado - com predomínio das mulheres -, treinado nas escolas), essa energia movia veículos aéreos e de superfície (terra e água). Uma aeronave chegava a transportar até cem pessoas e não podia subir acima de algumas centenas de metros, porque o ar rarefeito não interagia o suficiente com os jatos de *vril* lançados por tubos que partiam do gerador etérico instalado no centro da embarcação.

Tal energia também era utilizada para fazer funcionar artefatos que invertiam a direção do empuxe da gravidade, gerando repulsão onde normalmente há atração. Com isto, elevavam-se facilmente grandes pesos, o que possibilitou as mega construções de pedra que caracterizaram a arquitetura daqueles povos.

Havia ricos e pobres, com os níveis intermediários, e uma classe de trabalhadores escravos. A principal forma de escravização consistia no aprisionamento de inimigos nas guerras.

Nas artes divinatórias, trabalhava-se com plantas, minerais e os astros, como apoio para a percepção sensitiva.

Criou-se um tipo de escrita pictórica, acessível à elite instruída. Era feita sobre finas lâminas de metal de superfície semelhante à da porcelana. Para a gravação, recobria-se a lâmina com uma camada de certo líquido. O idioma tolteca, aglutinante, tornou-se a língua universal.

No meio ambiente otimizado pela eterna primavera, a base da alimentação dos atlantes eram as frutas. Também se consumia pescado, além de cereais. Não se utilizava o sal. Havia algumas populações marginais àquela cultura, com costumes bem diversos, que ganhariam vulto e espaço ao iniciar-se a decadência. Na fase já terminal, comiam-se alimentos preparados com as vísceras e o sangue dos animais, sendo a carne desprezada.

Ainda na Idade de Ouro: não existia dinheiro, praticando-se o escambo (troca direta de bens e serviços), mas chegou-se a adotar, no meio da elite, discos de metal ou couro com um furo no centro, que eram trazidos presos à cintura e funcionavam como notas promissórias.

As terras produtivas, os meios de produção e os produtos pertenciam ao Rei, que controlava inclusive a distribuição de água: a adutora se localizava na área do palácio

real, este sempre no ponto mais alto de cada cidade. Havia cidades imensas, com água encanada nas casas feitas principalmente de pedra.

Os atlantes possuíam locais sagrados, as Terras do Sol, onde foram construídos templos descomunais, junto dos quais os do antigo Egito, como o de Luxor, seriam pequenos. Neles praticava-se o culto ao Sol e ao Fogo e adorava-se o Imperador como personificação dos mesmos.

Durante a longa fase da Idade de Ouro dessa cultura, não havia imagens nem objetos de representação da Divindade. A exceção era um disco de ouro, colocado no templo na posição adequada para captar os raios do Sol nascente no equinócio da primavera e no solstício de verão.

O poder político era hereditário, teocrático, sustentado pelos sacerdotes e guerreiros diretamente subordinados à autoridade absoluta do Imperador. No apogeu atlante, a capital central, cercada por muralhas altíssimas, era inacessível ao povo em geral, sendo reservada a um elite formada pelo monarca.

A exata composição do núcleo do governo imperial é misteriosa. Pelo que se pode compreender, a função de Imperador cabia a um casal de irmãos, às vezes apresentados como gêmeos. Havia uma terceira figura, a do sumo sacerdote, que ritualisticamente comandava a ligação entre o casal imperial, considerado divino, e os súditos. O conjunto dos três era a Tríade Sacerdotal, detentora do poder supremo em todos os aspectos.

A estrutura política e administrava do Estado encontrava-se completamente entrelaçada com a base sacerdotal e religiosa. Cultivava-se e praticava-se uma religião/ciência, em um conceito bem diferente do atual, a começar pelo fato de que a mesma conferia poderes factuais, reais, de natureza psíquica e mental. Os governantes da Atlântida eram grandes magos, do que o povo tinha provas.

O império atlante original dividia-se em sete grandes províncias, cada qual com sua capital, todas orbitando a oitava, a Cidade das Portas de Ouro.

No livro “Eubiose, A Verdadeira Iniciação” (Editora Aquarius), informa o Prof. Henrique José de Souza.

“Na Atlântida, o Governo terreno era feito entre os Sete Irmãos ou Dianis— os chamados ‘Sete Reis de Edom’ (Eden ou Paraíso Terrestre), sendo que o geral [temporal] se encontrava na Quarta Cidade, enquanto que o espiritual, representando o Mundo Divino, na Oitava, razão de suas altíssimas muralhas, que os rakshasas negros, os lemurianos da raça anterior, quiseram destruir para ver o que por detrás das mesmas se passava. [Aparentemente, JHS refere-se aqui a segmentos dos povos atlantes onde ainda predominava o estado de consciência lemuriano]. Por isso, procuraram construir a tradicional ‘Torre de Babel’.”

Os rakshasas mencionados eram um povo belicoso, principal responsável pelo flagelo da guerra crônica que atravessou o final daquela civilização e acabou por uma cata-

clísmica derrocada. Não eram os únicos briguentos. Geralmente identificados com os turanianos, rivalizavam com os toltecas no temperamento guerreiro.

Mas apesar disso, a Atlântida, graças à Idade de ouro e à Eterna Primavera – profundamente marcantes enquanto duraram - ganhou na memória ancestral da Humanidade a imagem de uma civilização de tranquilidade e paz.

O equilíbrio climático resultava de que o eixo terrestre e o eixo terrestre coincidiam, mas segundo a Tradição os rakshasas não se enquadraram nessa relativa uniformidade. Até certo ponto, nem os turanianos. E o descompasso destes esteve na origem dos conflitos que iriam redundar no colapso do império atlante.

A capital do governo temporal, a Quarta Cidade Atlante, aquela que ficava no atual planalto matogrossense, era habitada pelos turanianos, que ainda não tinham alcançado o pleno desenvolvimento do princípio mental concreto ou raciocínio factual.

RAIOS ESCUROS DA LUA: A MAIS MEDONHA DAS ARMAS

A elite da Quarta Cidade ansiava pela superação de tal estágio. A partir daí foi ganhando corpo e forma uma rebeldia contra a política da casta sacerdotal instalada na Cidade das Portas de Ouro, de manter trancados, segredos que os comuns dos mortais ainda não estariam preparados para conhecer.

Sendo os turanianos e os toltecas afeitos à guerra, ao longo dos milênios envolveram-se em muitas conflagrações, às vezes atacando as outras capitais, espalhadas pela Terra, às vezes até entre eles mesmos.

Os artefatos bélicos se desenvolveram. Escritos hindus antigos (o “Mahabharata” e os “Puranas”) relatam terríveis ataques aéreos onde se despejavam sobre o inimigo, bombas de um pesado gás venenoso. Há interpretações no sentido de que certa arma que usava “a energia que está dentro da matéria”, citada nos Vedas, era uma arma nuclear. No corpo-a-corpo, usavam-se lanças e espadas. Empregava-se certo instrumento que lançava feixes de setas.

Uma grande força armada, integrada por multidões de turanianos e toltecas, atacou a sede do poder supremo, residência do Imperador, do sumo-sacerdote e da Corte, a Oitava Cidade, a das Portas de Ouro. O ataque foi desfechado por uma frente que enfeixava o poderio de quatro das capitais provinciais. Houve também assaltos decisivos às cidades que não aderiram à frente rebelde, e a guerra tornou-se mundial, a primeira da História e do Mito, e também a mais devastadora.

Para decidir a parada, os atacantes lançaram mão de uma arma tenebrosa, que a Tradição chama de Raios Escuros da Lua. Essa arma destruía em massa o corpo vitalpsíquico dos atingidos, que se tornavam como zumbis.

Os invasores da Oitava Cidade tiveram uma vitória – aparente, pois na realidade foi uma formidável derrota. Invadiram a capital, mas a encontraram vazia. Sobre o signi-

ficado deste “vazio”, há dois entendimentos diferentes. Em um, o Imperador, a liderança e a Corte tinham-se retirado previamente, levando seus tesouros de conhecimento e seus instrumentos de poder sagrado. Em outro, a retirada envolveu não o aspecto físico, mas o espiritual, transcendente. Nesta versão, os invasores chegaram a matar o Imperador (os gêmeos imperiais) e até a devorar seus corpos na tentativa de assim absorver-lhes a essência, numa grande operação mágica. Mas este intento frustrou-se porque aqueles corpos já estavam desprovidos de valor essencial. De qualquer forma, segundo o Mito, a liderança espiritual atlante foi refugiar-se na Terra Imperecível que Nenhum Cataclismo Pode Destruir, também chamada de Sanctum Sanctorum da Mãe-Terra.

A partir deste magno acontecimento, ali se formaria o Reino de Agartha, no interior do planeta, em torno do Poder Espiritual retirado da superfície, e que foi se sediar no mais sagrado dos lugares, Shamballah interiorizada.

Na invasão da Cidade das Portas de Ouro, o segundo escalão igualmente saiu fora. Muito tempo depois (milhares de anos), reapareceria na região do Trans-Himalaia, que se estende do norte da Índia, passando pelo Tibete, ao remoto interior da Ásia, no hoje deserto de Gobi, então um mar, na atual Mongólia. Ali foi por eles estabelecida, em uma ilha, a Cidade da Ponte.

O escritor polonês Ferdinand Ossendowski, no livro “Animais Homens e Deuses” (obra citada), refere-se a uma antiquíssima tradição mongol, sobre os domínios subterrâneos do Rei do Mundo, que se chamava Rigden-Jieppo. Tal mito era tido como verdade factual pelo povo, a partir dos ensinamentos e práticas das autoridades religiosas do lamaísmo do ramo mongólico, similar ao do ramo tibetano, porém independente.

O reino subterrâneo de Agartha com sua capital Shamballah tornou-se uma realidade espiritual que é desde então, para o Ocultismo clássico, a fonte da mitologia e da mística relacionada com as Terras Sagradas que a História tem identificado e conhecido. Nas mais diferentes culturas antigas, reconhece-se a existência de um centro supremo que, sob uma variedade de nomes, tem referência geográfico/mítica. Dali emana a força espiritual que conduz, de diferentes maneiras, o mundo e a Humanidade. No perfil lendário de cada uma delas, há sempre uma ligação direta ou indireta com esse centro, por meio de emissários, profetas, passagens dimensionais, fórmulas mágicas etc. As ligações se situam em distintas profundidades, seja da auréola da Lenda, seja da crosta terrestre. No próximo cap., o assunto será mais detidamente exposto.

No livro “Eubiose, a Verdadeira Iniciação”, Henrique José de Souza informa (obra citada, p. 191): “Shamballah é a Oitava cidade subterrânea que, conjuntamente com as outras sete, a ela subordinadas, forma o tão debatido e, por isso mesmo, pouco conhecido Reino de Agartha ou também denominado Laboratório do Espírito Santo”.

Prossegue HJS:

“René Guénon, [1886-1951] em ‘Le Roi du Monde’, afirma existir uma ‘Terra Santa’, protótipo por excelência de todas as outras ‘Terras Santas’, centro espiritual ao

qual todos os outros centros são subordinados, 'Terra da Imortalidade', e que Platão denomina de Região dos Bem-aventurados”.

E acrescenta uma observação que tem tudo a ver com o tema do presente livro:

“Sua representação na superfície da Terra encontra-se atualmente no Brasil, a Nova Canaã ou Terra da Promissão para todos os povos que como tal a considerarem”.

A fundação do reino subterrâneo preservou os valores da Evolução, colocando-os a salvo do cataclismo que varreu a face da Terra em consequência do emprego maciço da terrível arma na guerra mundial na superfície. Quando da invasão da Cidade das Portas de Ouro, em alguns dias, talvez horas, o eixo do planeta “cambaleou”, inclinou-se. As massas oceânicas despejaram-se sobre os continentes em marés descomuns. As portentosas capitais foram varridas do mapa. A Atlântida esfacelou-se em sete grandes pedaços. Quando cessaram os terremotos e maremotos de proporções inimagináveis, o eixo terrestre estava inclinado 23°28' em relação ao eixo celeste, que naturalmente continuou perpendicular à eclíptica.

Sobre o momento da História em que isto ocorreu, as informações são desencontradas, talvez propositalmente obscuras. Da mescla de indicações de fontes mitológicas, ocultistas, mágicas e religiosas, depreende-se que algo ocorreu ao longo de cerca de 900 mil anos, não em um único acontecimento, mas em vários incidentes que foram somando-se para produzir o fim do meio ambiente físico, magnético e psico-mental onde existiu a civilização dos atlantes.

Primeiramente, esfacelou-se o continente da Atlântida em sete grandes subcontinentes. Muito mais tarde, outra convulsão telúrica reduziu-os a dois. Finalmente, restou a ilha de Poseidonis, que durou até cerca de nove ou dez mil anos a. C.. Os gregos antigos tinham memória dessa ilha, mencionada por Platão no diálogo de Crítias. Ali o remanescente da civilização atlante tinha subsistido por incontáveis milênios.

Para maior informação sobre a hecatombe da Atlântida, cabe uma transcrição de parte do artigo de Ernani M. Portela e C.V.H. Portela na mencionada Revista Dhâranã. Escreveram eles, começando pela referência ao primeiro cataclismo atlante, há uns 850 mil anos:

“Havendo tão tremendos sismos causado a inclinação do eixo da Terra, em relação ao plano da eclíptica, em 23 graus e 28 minutos, originou-se o fenômeno climático das quatro estações anuais, assinalando o término da Satya-Yuga e o advento da Kali-Yuga que em sânscrito significam, respectivamente Idade de Ouro e Idade Negra.

Seria a Oitava Cidade Atlante, a das “Portas de Ouro”, recolhida nas profundezas oceânicas, quando do primeiro cataclismo ocorrido na Atlântida, para evitar que o Rei da Quarta Cidade, a dos “Telhados Resplandecentes”, onde se encontrava plantada a “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, viesse a tomar conhecimento, antes do Tempo, dos mistérios custodiados pelo sacerdócio de Melki Tsedek (Epístola aos Hebreus, 7:3]

O Continente Atlante ou de Kusha, ao sofrer o primeiro cataclismo, há cerca de 850 mil anos, foi dividido em sete enormes ilhas, ou subcontinentes, dada sua extensão considerável, onde se situavam aqueles sete Reinos habitados pelas sub-raças já citadas. Outro grande cataclismo, ocorrido por volta de há 299 mil anos, reduziu o grande conjunto para duas ilhas apenas, uma setentrional, denominada Ruta, e outra meridional, chamada Daitia. Nova grande catástrofe provocou desaparecimento de Daitia e reduziu Ruta à pequena Ilha de Poseidonis, colocada no centro do Oceano Atlântico, à qual se refere Platão no seu diálogo de Crítias, e que foi submersa no ano 9.564 a. C.

Durante os últimos séculos da existência de Poseidonis, que ficava no meio do Atlântico, defronte da entrada do Mar Mediterrâneo, grande parte do hemisfério norte cobriu-se de gelo. Foi a glaciação de Würms, que terminou há cerca de 11 ou 12 mil anos. A pesquisa científica já reuniu provas mostrando a vinda da glacial como um fenômeno periódico, cujos vestígios geológicos encontram-se em diferentes eras. A mais recente foi a de Würms. No auge desta, as geleiras polares cresceram, avançando do pólo norte e descendo até o coração da Europa. O lugar onde hoje se encontra Paris estava dentro do gelo.

A data do colapso de Poseidonis, último ato da longa história da Atlântida, coincide com o fim da era de Würms. Há quem suponha que o Dilúvio bíblico teria resultado do rápido final da glacial. Com o derretimento do gelo acumulado, sobreveio o aumento em curtíssimo prazo do volume de água disponível para evaporação. A umidade atmosférica atingiu níveis altíssimos, redundando em ininterruptas trombas d'água que, segundo as Escrituras, duraram quarenta dias e noites.

Ainda mais: o acelerado colapso das geleiras elevou catastroficamente o nível dos oceanos. A massa de água engoliu ilhas e extensas regiões do litoral. Foi uma gigantesca maré que produziu sobre a crosta terrestre um impacto suficiente para causar formidáveis terremotos e erupções vulcânicas.

A Tradição registra que Poseidonis foi tragada pelas águas. As erupções submarinas provocaram grandes tsunamis que varreram a grande ilha. Tudo somado: no remanescente do mundo dos atlantes, 64 milhões de pessoa pereceram em questão de horas.

Esse dilúvio não foi tão “universal” quanto reza a Tradição. Longe de Poseidonis já havia outras terras habitadas, com povos que ficaram para semente da nova era que há tempos já se iniciara: a da Quinta Raça, Indo-ariana (Capítulo 5).

O que dá para entender dessa história é que, após a hecatombe final da Atlântida, a superfície da Terra como um todo perdeu seu caráter sagrado, restando “bolsões” de saúde física e mental aqui e ali (Terras Sagradas), em pontos específicos e em espíritos mais ou menos isolados.

O meio ambiente que se conservou globalmente sadio ocultou-se no interior profundo do Planeta, o Reino de Agartha com suas sete cidades em torno da Oitava, Shamballah interior. Desde então, na Tradição ocultista, a regeneração do sagrado nas terras

da superfície tem por base e sustentação aquilo que se liga a essa dimensão interna. Note-se que “regeneração” não significa “repetição” do que já passou. Seria, mais, uma reformulação, já que a Evolução, como já vimos, tem por figura geométrica representativa uma espiral ascendente.

Vale a advertência do Professor Henrique José de Souza, de que não se decifra tão facilmente o mistério do destino humano e dos desígnios da Mente Universal. Escreveu HJS:

“Se nem aos próprios Adeptos [denominação de certo grau da Sabedoria Iniciática] é permitido desvendar os segredos da civilização atlante e as causas que determinaram a destruição de seu continente, que dizer dos homens vulgares, por muito sábios que se julguem aos olhos do mundo? Lendo o Timeu e o Crítias de Platão? A história de Diodoro Sículo que nos fala de uma nação governada pelas Amazonas, as quais viviam na ilha de Héspera, situada ao leste do lago Tritonis, próximo da Etiópia, e que, encorajadas pelos seus repetidos triunfos, conquistaram várias nações? Com Plutarco, na “Vida de Sólon”? Nas Histórias de Eliano? Com Virgílio, na sua “Eneida”? Através das epopéias de Homero? Pesquisando as escrituras encerradas nos mosteiros tibetanos? Pela leitura do Bhagavad Purana?...”

Não. Todo o acervo histórico é inexpressivo e frágil diante dos impenetráveis mistérios que se ocultam nas profundezas dos mares. Muitas histórias teceram-se a respeito, as quais, de resto, sempre contêm traços da verdade. Assim, porque não haveríamos, também nós, de contar a nossa, no começo, à guisa de crítica e depois... um sonho, uma visão ou fantasia? Historia quoquomodo scripta, delectat. (Plínio). “Seja qual for o tema e o estilo, a História é aprazível”.

Os atlantes avançaram na construção da simbólica Pedra Cúbica, a Personalidade, que definiu a distância entre o Animal e o Hominal, aproximando um pouco mais o ser humano da sua origem divina. Mas ficaram a meio caminho, sofreram vacilações e recuos que desequilibraram seu mental e com ele o seu meio ambiente. O ataque à Oitava Cidade foi uma espécie de pecado original coletivo que acarretou a perda do paraíso ecológico.

OS 200 MIL ANOS DA GRANDE PIRÂMIDE

A magnífica marca ainda hoje presente de sua passagem pelo mundo é a Grande Pirâmide. As escolas Iniciáticas vêm conservando há dezenas de milênios a informação de que foi construída muito antes que a civilização egípcia começasse a florescer no Vale do Nilo.

Segundo fontes teosóficas, a Grande Pirâmide foi construída em um data entre 210 e 200 mil anos a.C, quando já existiria uma florescente civilização onde viria a ser o Egito conhecido dos arqueólogos, datando este de apenas 6 mil anos no máximo. Pela versão teosófica, o portentoso monumento ficou submerso um longo tempo em consequência da catástrofe que destruiu Ruta e Daitia. Servia à iniciação nos mistérios

sagrados e funcionava também como repositório de segredos e tesouros, nada tendo a ver, originalmente, com a função de túmulo. O povo que o construía refugiou-se, no cataclismo de há 200 mil anos, nas montanhas da Abissínia, ali permanecendo durante incontáveis milênios.

Por outro lado, a volta ao Nilo desse povo longamente exilado poderia explicar como a civilização dos faraós (qual a dos sumérios) apareceu praticamente pronta de uma hora para outra, o que para a Arqueologia e a Antropologia modernas constitui um mistério. Quando os refugiados multimilenares regressaram ao fértil vale do Nilo, formado depois de secarem as águas da inundação de 200 mil anos antes, já trouxeram sua cultura pronta. Uma outra hipótese – até mais festejada – é que a civilização nilótica tenha sido estabelecida pelos retirantes da Ilha de Poseidonis, em movimentos migratórios que antecederam a destruição do último reduto da Atlântida.

Tudo isto contraria o registro deixado pelo grego Heródoto, que visitou o Egito há uns 2500 anos e deixou escrita a versão que ouviu dos sacerdotes: a construção data-ria mesmo do reinado do faraó Quéops, uns 2300 anos antes do tempo do grego. Quéops teria escravizado o povo para obrigá-lo a trabalhar na obra e, segundo as informações que Heródoto deixou escritas, prostituiu a princesa, sua filha, para financiar a conclusão do projeto.

A explicação para a radical discrepância entre essa história e a que a Tradição conhece reside em que na época de Heródoto a civilização egípcia se encontrava em plena decadência e a antiga religião-ciência dos faraós tinha-se corrompido. Os sacerdotes de então, inteiramente desligados da Tradição oculta, possuíam informações deturpadas e falsas. Só nas ordens ocultas se conservava a verdade dos fatos.

Segundo a Tradição esotérica, nem a pirâmide dita de Kheops, nem as menores, de Kefren e Miquerinos, eram túmulos. Entre seus vários significados e funções, estava a evocação da figura do Homem Cósmico, com a parte superior, a Tríade, Mente plena, o Espírito iluminado, montada sobre a base, o Quaternário, a Pedra Cúbica, a própria personalidade. Por isso estas construções têm base quadrada (Pedra Cúbica) e lados triangulares (Tríade Superior). Segundo Blavatsky, a pirâmide era também um templo ao Sol, uma espécie de Livro de Pedra com o registro da Ciência dos Antigos ou Arcana e um centro de iniciação ritualística dos membros da família real egípcia. Este rito terminava na Câmara do Rei, onde o chamado Sarcófago era na realidade uma fonte batismal.

Um estudioso dos mistérios da Antiguidade mítica, Sebastião Vieira Vidal (membro da S.B.E., in memoriam), sustentava que a Grande Pirâmide encerra recintos e salas ainda desconhecidos dos arqueólogos. Segundo Vidal, existe no subsolo diretamente abaixo, uma antipirâmide, aliás, uma pirâmide invertida, com o vértice apontando para o nadir (ponto diametralmente oposto ao zênite, para onde aponta a pirâmide visível).

Vidal informava que a Grande Pirâmide era também um processador das energias cósmicas (Fohat, emitida pelo Sol Verde oculto no Espaço exterior) e telúricas (Kun-

dalini, radiada pelo Sol Rubro, Surya, oculto no Espaço interior, e do qual a estrela Sirius - Alfa do Cão Maior - é um reflexo). Suas paredes externas eram recobertas de placas de prata tratadas de forma a permitir a otimização das condições ambientais e magnéticas em geral.

No bojo das catástrofes atlantes e para contrabalançar as perdas evolucionais acarretadas pelas mesmas, apareceram os Manus, condutores de povos, trazendo sementes para as novas gerações que se destinavam ao repovoamento da Terra com seres humanos inseridos no contexto da Programação do Governo Oculto do Mundo.

Este repovoamento não deve ser entendido como partindo do zero, uma vez que houve muitos sobreviventes, fosse em pontos da superfície, fosse em bolsões localizados em imensas grutas e cavernas. As “novas gerações” às quais se refere o texto acima seriam as gentes que formariam a Raça Mãe seguinte, Indo-Ariana, com um novo nível de percepção ou estado de consciência.

O repovoamento em questão foi aquele feito a partir das regiões mais interiorizadas do Centro da Terra, o Sanctum Sanctorum da Tradição iniciática, a Terra Imperecível que Nenhum Cataclismo Pode Destruir, o Reino de Agartha. Um espaço entre físico e hiperfísico, dimensional, equilibrado entre o mundo dos *fenômenos* – aquilo que comumente chamamos de “a realidade”- e o mundo dos *númenos* (do grego *nôumenon*) – aquilo que costumamos chamar de “o Imaginário”. A Filosofia distingue os “fenômenos”, objetos que se conhecem por meio dos sentidos, dos “númenos”, objetos que só podem ser conhecidos pelo pensamento.

Os recentes avanços científicos e tecnológicos tendem a promover uma aproximação entre o *númeno* e o *fenômeno*, mostrando como o conhecimento arcano/antigo chegou bem mais perto de certas propriedades do Universo do que a ciência moderna até agora. Há uma convergência, dentro da qual, no campo do conhecimento ecológico, a idéia de Terras Sagradas vai deixando de ser vista como uma noção exclusivamente mística. E é esta convergência que marca o próximo capítulo da aventura humana conforme narrada pela Tradição ocultista.

5 – O Êxodo dos Deuses

O ser humano é feito tanto de imaginação e sonho quanto de carne e osso. Assim também este planeta, constituído tanto de minerais, vegetais, animais, processos materiais e energéticos quanto de imaginação e sonho. Na linha da filosofia do Ocultismo, também chamada de ciência antiga ou arcana, a diferença entre as coisas da matéria e as coisas do espírito é uma ilusão. A ciência moderna, a seu modo, caminha para incorporar esse conceito, com a expressão “realidade virtual” ganhando terreno, até na linguagem corrente, sobre o termo “ilusão”.

Na filosofia budista esotérica, o poder cósmico que possibilita o mundo dos fenômenos e a percepção do mesmo pelos humanos é chamado de Maya e às vezes personificado em uma deusa com esse nome. Para essa concepção filosófica que se inclui no hinduísmo também, tudo aquilo que está sujeito a mudança por decaimento, tendo princípio, meio e fim, é considerado como ilusão (em sânscrito, *maya*). Como tudo o que a percepção e a imaginação humana conhecem, passa por isto, a chamada realidade toda é *maya*. Por extensão, o termo aplica-se à magia, à ficção, ao teatro e ao imaginário quando capazes de gerar aparências tão fortemente ilusórias que se confundem com o que comumente se chama de “aquilo que é real”.

Conforme notou Fritjoff Capra, esta concepção “mística” fica muito próxima da verificação feita pelos físicos contemporâneos, de que os fenômenos observados acima do nível subatômico mais escondem do que revelam a realidade em si. Para ir compreendendo o que se passa no Universo, em todas as escalas, do macro ao micro, é preciso saber o que ocorre no nível das partículas subatômicas, incrivelmente menores do que o átomo e muitas tendo um tempo de vida de pequena fração de segundos. Em suma: da Física de partículas, como do estudo da filosofia ocultista, fica a impressão de que “a realidade não é real”.

Sem que seja esta a intenção principal dos Autores, a primeira parte do presente capítulo pode ser vista como uma contribuição ao paralelismo entre a Física contemporânea e o conhecimento místico oriental, na linha de indagação tão bem conduzida por Capra em “O Tao da Física” (Cultrix, 1993), publicado originalmente em 1975 e 1983, e “Ponto de Mutação”.

Realmente, na virada do século XIX para o século XX, até que a teoria da Relatividade e a teoria quântica viessem mudar profundamente as concepções científicas sobre o mundo material, Física e Metafísica pareciam seguir cada vez mais em direções opostas. Até a década de 80 do século XIX, parecia haver uma certa convergência, num aspecto importante: a Física acreditava na existência do éter cósmico, espécie de meio ou substância transparente e sem peso preenchendo todo o Espaço, e no qual se propagavam as ondas eletromagnéticas (luz, raios gama, raios cósmicos, rádio etc.). Esta idéia agradava aos místicos ocultistas, porque permitia pensar que o éter cósmico era afinal o mesmo *akasha* da concepção oriental. Em 1887, a experiência de Michelson-Morley demonstrou que não existe o éter. Isto pareceu ser um duro golpe da Física sobre a Metafísica.

Mas a Física (conhecimento da Natureza, partindo dos fenômenos) viria logo a mostrar que a convergência com a Metafísica (conhecimento partindo das idéias) é uma firme tendência. Para substituir o descartado éter cósmico, os físicos do Século XX logo criaram a ideia de **campo**, mais abstrata que a ideia de “éter”, passando o “campo” a ser o meio onde se dão os fenômenos eletromagnéticos. Na Física quântica, as partículas subatômicas são consideradas “alterações no padrão do campo”. Essencialmente, esta conceituação não difere da metáfora do “oceano sem praias” (o *akasha*) do misticismo metafísico oriental, onde se chega a dizer que a matéria consiste de “akasha condensado”. O **campo unificado** que os físicos continuam procurando na prática é o meio onde os fenômenos eletromagnéticos e os fenômenos gravitacionais (vale dizer, toda a realidade do mundo material estudado pela Física) podem ser tratados igualmente, como a metafísica ocultista atribui ao *akasha*, que afinal é o *campo* onde, segundo o misticismo oriental, tudo se cria e tudo se passa.

As noções introduzidas pela Física relativista e a Física quântica vieram corroborar as “velhas” concepções místicas sobre o Universo, de que:

- 1) O Universo tem sete dimensões (e não quatro), sempre com uma oitava que é também o início de uma nova série delas;
- 2) não existe a realidade material em si, independente do processo da consciência;
- 3) é inconsistente, portanto, a noção de tempo e espaço limitados à percepção sensorial direta ou indireta.

As fontes místicas orientais citadas por Capra estão, em geral, mais para o misticismo filosófico do que para o Ocultismo propriamente dito, sendo o primeiro mais contemplativo e o segundo mais operativo, embora as duas áreas se interpenetrem. Mas em ambos o “espiritualismo” tende a se encontrar com as concepções “materialistas” da Física de ponta.

O “senso comum” e o “bom senso” já não podem ficar plantados no seu arrogante triunfalismo, rejeitando liminarmente ideias e informações tão “estranhas” e afastadas da experiência cotidiana quanto aquelas da antiga Religião/Ciência (Ocultismo) e da moderna Astrofísica e da Física de partículas. Cabe, portanto a equiparação do grau de “estranheza” do padrão de conhecimento dos místicos ocultistas com a “estranheza” do padrão de conhecimento dos físicos de ponta, porque as ideias de uns e de outros frequentemente se assemelham de forma impressionante.

O presente livro “levanta essa lebre” em outro plano, delineando um paralelo entre o conhecimento moderno na área das ciências humanas (antropologia, sociologia, historiografia, psicologia) e a mitologia ocultista. Propõem-se aqui as linhas gerais de uma trama rica e complexa, mesclando mitos, lendas e mistérios com fatos históricos, acontecimentos objetivos com realidades subjetivas, conceitos místicos com teses científicas.

Atualmente, a imensa região onde se fundem a Crônica e o Imaginário torna-se cada vez mais permeável ao entendimento racionalizado, factual, aquilo que em inglês se chama *common sense* (senso comum) e em português *bom senso*. A expressão inglesa parece ser mais prática – como, aliás é próprio da mentalidade anglo-saxônica -, por-

que o “senso comum” e o “bom senso” nem sempre coincidem. Por exemplo: é do senso comum que a Terra e a Realidade são isto que se vê, se apalpa, se ouve, se cheira e se degusta. Mas não é de bom senso negar a existência dos micro-organismos, que só podem ser percebidos com o auxílio de instrumentos e processos artificiais. Na mesma ordem de ideias, não faria sentido continuar negando que o mundo espiritual - das ideias e sentimentos - exerce influência decisiva no mundo físico.

Por “físico” entende-se aqui a qualidade das coisas e fenômenos percebidos pelos cinco sentidos e por processos ou aparelhos que são extensões dos mesmos (telescópios, microscópios, aceleradores de partículas etc.). “Espiritual” seria aquilo que os sentidos e suas extensões ainda não podem registrar. Mas a possibilidade desse registro é uma questão de tempo. O próprio aparelho sensorial do corpo humano está em evolução. Já se fala em um “sexto sentido” como sendo a capacidade de perceber o mundo “imaterial”, as coisas da alma e do espírito. Portanto cabe imaginar um processo ou instrumento “físico” que no futuro poderá registrar essa faixa da realidade - como hoje há aparelhos que registram (e produzem) ultra-som e infra-som, coisas não percebidas pelos sentidos.

O Reino do Centro da Terra é uma realidade cultural e espiritual que o “senso comum” rejeita, mas o “bom senso” leva a admitir como um dado essencial à compreensão de inúmeros pensamentos e atos dos povos e dos seres humanos ao longo da História e também no presente. Neste aspecto, este livro se propõe como uma contribuição para a inclusão desses “estranhos” assuntos de Ocultismo e misticismo no âmbito da informação cultural profana, universitária, ao lado da Literatura, da Mitologia e dos muito ramos em geral da informação na área de Humanas.

Deste modo, não se pretende aqui “provar” que a Terra é “oca” e que nesse Mundo do Oco existe uma região encantada onde vivem povos e floresce uma portentosa civilização, o Reino de Agartha. Qualquer “prova” nesse sentido seria tão difícil de apresentar (para usar um exemplo da moda) quanto a de que os Ufos ou discos-voadores provêm de outros planetas de dentro ou de fora do Sistema Solar. Ou de que vêm do reino subterrâneo. Entre os estudiosos, ufólogos, pesquisadores ou simples curiosos desse mistério, aqueles que são “partidários” da existência de Agartha sustentam que os ufos/discos voadores saem dali.

É vibrante em muita gente que pensa, trabalha, escreve e de diferentes maneiras atua nessa área, a convicção da existência de todas essas coisas contrárias ao senso comum. Tenham ou não tenham fundamento tais crenças, sua importância se evidencia por si mesma. A mística dos seres alienígenas já se incorporou ao imaginário do homem moderno e integra suas expectativas, seu sistema de ideias e seu comportamento, de forma decididamente objetiva. Até no plano estritamente científico, há estudos e pesquisas que procuram uma prova, um sinal da existência, no espaço exterior, de outra espécie inteligente. No fundo, embora com critérios e métodos científicos, não deixa de ser também uma busca por Extraterrestres (Ets).

Seres que “não são deste mundo” sempre povoaram o imaginário da Humanidade, com diferentes nomes em diferentes épocas e culturas. Eles foram vistos como fantasmas, demônios, gênios, anjos, deuses. Sua influência e interferência no mundo dos fatos sempre foi real, tenham sido eles mesmo reais ou irreais no sentido costumeiro, que cada vez se torna mais inconsistente.

Ainda incipiente na atualidade, a mística dos hoje chamados Intraterrestres ou ITs marcou a “vida real” do homem de algumas culturas antigas do Oriente (basicamente mongóis e tibetanos). Até recentemente, estas culturas valorizavam o segredo em torno dessa crença e dos contatos com o mundo do interior da Terra, inclusive para se preservarem da intolerância religiosa, hoje felizmente reduzida de forma bastante significativa, bem como pelo receio de distorções nas formas de uso do poder aí contido.

Mais recentemente vem-se delineando a tendência a identificar ETs e ITs uns com os outros: seriam dois nomes para os mesmos seres. Já se introduziu até a noção de Ultraterrestres ou UTs, denominação indicativa de que esses alienígenas vêm de lugares que não são “aqui” nem “agora” na ótica do senso comum. Eles vêm de dimensões “ultra”: universos paralelos e simultâneos a este “nosso”, do futuro (ou de futuros alternativos); até de outros planetas mesmo. Mesmo vindo de outros planetas, não deixam de ser ITs porque, para eles, o espaço cósmico e o espaço interior da própria Terra são afinal uma coisa só.

TREVA FEITA NA LUZ - SOL DENTRO DA TERRA

Na dimensão interior da Terra, a Tradição indica a existência de um misterioso e magnífico objeto, um Sol Central, que os místicos hinduístas chamavam de Surya. Em um plano de percepção mais ligado à dimensão dos fenômenos “físicos”, esse Sol Central chega a ser um objeto entre físico e hiperfísico (mais que físico) que para certos cabalistas representa o número Aleph. Este define o ponto focal da Consciência Universal: seria, na linguagem moderna, aquele ponto onde todas as *coordenadas* de espaço e tempo seriam iguais a zero; isto é, todos os momentos e lugares do Universo estariam ali “colados” uns nos outros. Significa isto um ponto único – uma *singularidade*, palavra que, aliás, é empregada pela Astrofísica moderna para definir a natureza do buraco negro, região do Cosmos onde as leis físicas “normais” falecem porque a curvatura do espaço-tempo torna-se infinita.

Ao chegar a Surya, a consciência individual está livre para “focar-se” onde queira: em qualquer momento e lugar de todos os tempos e espaços, já que *tempo* e *espaço* deixam de ter a pesada realidade que lhes atribuímos. Esta ideia “mística” corresponde à ideia científica de que, à velocidade da luz, o espaço se contrai e o tempo se dilata infinitamente. Deixando assim de existir como os concebemos habitualmente, no “senso comum”.

O entendimento desta situação é importante para compreender-se a origem dos ufos, discos ou naves alienígenas que aparecem na face da Terra com crescente frequência.

A Tradição ocultista registra que em Shamballah, capital dos Mundos Interiores, reinam “as Trevas da Iluminação”, o que novamente faz lembrar a ideia do buraco negro. Na Astrofísica moderna, ele é negro porque seu campo de gravidade infinitamente intenso impede que a luz escape do *horizonte de eventos*. Este é o nome dado à zona do espaço ao redor do buraco negro e de onde nada pode sair, nem a luz. Shamballah às vezes é mencionada como sendo o “Sol Negro”, denominação também aplicada Surya, o Sol central espiritual.

Nessa linguagem, o Sol no âmago da Terra pode ser compreendido como um tipo de buraco negro que, em vez de “engolir” a realidade ao redor, destruindo-a, faz o inverso, criando ou recriando a realidade. Os astrofísicos teóricos especulam sobre o que acontece com a matéria e a energia que, entrando no campo de gravidade (“horizonte de eventos”) de um buraco negro, acaba desaparecendo ali. Para onde vai tudo aquilo? Há quem diga que vai sair “do outro lado”, em um outro universo. Portanto, o Sol Central, Surya, Shamballah, podem muito bem ser o “lado de cá” do “outro lado” do buraco negro no centro da Terra.

Na Tradição, são muitas as referências indiretas situando o que chamamos de “o real” como um conjunto inumerável de imagens que consideramos como sendo coisas e fatos, constituindo o mundo. Por serem gerados a partir da mesma fonte, um centro (no caso, Surya), as coisas e fatos que constituem a Terra vêm as ser a *mandala* (imagens irradiadas concêntricas) do Sol Central. Assim, este planeta é a mandala de Surya. E não apenas o planeta. Surya é entendido na Tradição ocultista como sendo o centro de todo o sistema cosmológico ao qual pertencemos. Tanto que o Sol visível é sua “projeção” eletromagnética, assim como a estrela Sirius (alfa do Cão Maior) é sua projeção na Galáxia. Deste modo, o Sistema Solar com seus planetas também faz parte da mandala de Surya. Na metafísica ocultista, Sirius é o centro de todo o sistema cosmológico: sistema solar, Via Láctea, Galáxias, o Universo. Certos cabalistas a consideram a verdadeira estrela polar.

Na Ciência arcana, os planetas do sistema solar são ora sete (visíveis para os Antigos, antes da invenção do telescópio), ora dez. Atualmente, são visíveis nove, mas há uma intensa busca científica pelo décimo, que se admite possa estar além de Netuno e Plutão. Poderia até estar do outro lado, com órbita entre o Sol e a órbita de Mercúrio. O suposto planeta primogênito já tem nome, Vulcano, e certas tradições afirmam que o mesmo já existiu, tendo sido “engolido” pelo Sol.

Na linha do simbolismo dialético do número 7, a Tradição dá conta da existência de sete cidades de Agartha, mais a Oitava, Shamballah, ao centro. Cada cidade destas se relaciona com um dos sete planetas dos Antigos, assim como a Oitava se relaciona com o Sol. (Sobre a significação mágico-dialética do algarismo 7, ver os capítulos anteriores). Na linguagem ocultista, onde o símbolo e aquilo que o mesmo representa se fundem um no outro, a cidade agartina e o planeta a ela relacionado são uma coisa só. Portanto, quando se diz que uma nave veio de Marte, por exemplo, está-se dizendo que veio daquele planeta e da cidade agartina correspondente, pois na esfera do Imaginário, como da Física mais moderna, o *fenômeno* (o fato) e o *númeno* (a ideia)

são uma e a mesma realidade. No nível subatômico, não há como separar a partícula e seu comportamento (*fenômeno*) da ideia (*númeno*) que se faz da mesma. Assim também na linguagem ocultista.

Um objeto ou consciência *ultraterrestre* pode, portanto provir de qualquer dimensão, qualquer localização no tempo e no espaço, qualquer nível de percepção e linguagem; enfim, de *qualquer parte de toda parte*. Ou *do outro lado de parte nenhuma*, como se diz no clássico da literatura infanto-juvenil *The Water Babies*, de Charles Kingsley.

Como o ponto de entrada (e de saída) está em Shamballah, localizada no centro do Reino de Agartha, todo objeto ou processo ligando a face da Terra a Shamballah/Surya passa por Agartha. Na linguagem ocultista, tudo se origina como idéia pura no Primeiro Trono (Shamballah), plasma-se como pensamento no Segundo Trono (Agartha) e se concretiza no Terceiro Trono (Face da Terra). Entre Agartha e a Face da Terra há regiões intermediárias, basicamente o Mundo de Duat (v. adiante).

Esta é, em conjunto, a realidade cultural (antropológica, psicossocial) que se toma como referência fundamental do presente texto, daqui em diante. Este referencial deve ser tido em mente para um melhor acompanhamento do relato sobre as Terras Sagradas e sua origem na nova fase da História que teve início com o fim da Atlântida.

A História das Terras Sagradas conta-se em termos da trajetória do conhecimento humano no sentido da maior, mais profunda e mais consciente interação entre a Humanidade e o Indivíduo, e simultaneamente entre o Indivíduo e o Todo, configurado este na Natureza. Tal trajetória parte do geral para o particular, e segundo a concepção ocultista, parte de volta do particular para o geral, encontrando-se então ampliada e aprofundada.

Em outras palavras: aquilo que no Ocidente chamamos de *Deus* e no oriente de *Brahma (Tat)* sente necessidade de uma linguagem para se autoconhecer. Esta linguagem ver a ser o Mundo e a Humanidade, que por sua vez sentem necessidade de uma linguagem para se comunicar com o Divino. E o Divino necessita disto como uma retroalimentação. O palco ou teatro de operações onde o Humano e o Divino realizam essa busca é o Cosmos em geral e a Terra em especial, daí seu caráter intrinsecamente sagrado. Nesse palco, à medida que o Divino e o Humano vão assimilando a linguagem um do outro, tendem a uma convergência.

Na Atlântida, a qualidade sacra da Terra tinha a ver com a existência de condições ideais em todos os planos: ambiental, cosmológico, astrológico, magnético etc., a partir do alinhamento dos eixos do planeta, como já vimos.

Os eixos (terrestre e celeste), atualmente desalinhados, terão de voltar ao realinhamento, talvez não no plano objetivo dos *fenômenos*, mas no plano virtual, espiritual, dos *númenos*.

Na Idade de Ouro da civilização atlante, essa convergência realizou-se. Mas, dialeticamente, e por causa também da natureza cíclica da evolução, desfez-se – aliás, catastróficamente, como se viu (capítulo 4).

E para preservar o avanço já conquistado, a liderança espiritual atlante (os “deuses”) refugiou-se no Centro da Terra, onde as condições ambientais, magnéticas, telúricas e astrológicas continuaram ideais. Desde então, têm partido dali, pela via da inspiração e da *avatarização* (ver no seguimento do texto) as iniciativas de maior significação cultural e espiritual – ou espiritualista, para empregar uma palavra que integra ambas as acepções.

Os “deuses”, “anjos”, “gênios” salvaram a ciência-religião desenvolvida na face da Terra, levando-a para o interior da própria Terra. “Gênio” emprega-se aqui no sentido que esta palavra tem em relação ao personagem saído da lendária lâmpada de Aladin, como se verá. Tal sabedoria traduziu-se não apenas em conhecimento, mas simultaneamente em amor, significando uma profunda comunhão com o Cosmos e entre todas as coisas que nele existem.

O ganho de conhecimento e sabedoria foi possível na face da Terra enquanto esta reunia as condições ambientais – objetivas e subjetivas – ideais. Isto possibilitou que os seres formados nas etapas anteriores da Evolução (nos Sistemas planetários anteriores ao nosso) pudessem viver e atuar aqui diretamente. Eram os reis divinos, os sábios, os sumo-sacerdotes, os hierofantes, os “deuses” fazendo presença entre os humanos. Quando a situação mudou com o colapso da Atlântida, que não deixou de representar um fracasso deles, os mesmos se retiraram, “interiorizando-se”. Do Mundo Interior, por eles ocupado e amoldado ao longo de mais de 800 mil anos, passaram a agir no meio humano de forma indireta, por intermédio de emissários, os avatares, os mestres e os inspirados. Hoje, o Reino de Agartha tem uma estrutura e uma dinâmica estabelecidas.

A VIDA NO REINO DO SOL QUE NÃO SE PÕE

Dar uma ideia da vida em Agartha é tarefa complexa. Um “terrestre” que ali chegasse com o estado de consciência e o nível de percepção daqui mesmo – coisa impossível – não entenderia nada e talvez até não visse mais do que estranhas formações geológicas, senão a mais completa escuridão. Um visitante que tenha feito a passagem dimensional (conversão de seu estado de consciência) verá uma região onde o dia é perene. (No Ocultismo, “dimensão” e “estado de consciência” são sinônimos). Jamais cai a noite, por causa do Sol central sempre presente, “imóvel” no centro do Mundo (Terra Oca). O forasteiro encontrará gente que lhe parecerá ser “de carne e osso”, de semblante tranquilo, vivendo em confortáveis casas que chamaríamos de “virtuais”.

Não existe a morte: em certo momento, o ser passa para um plano superior de consciência. Existem os dois sexos separados organicamente, mas com androginismo mental-espiritual.

A cópula serve exclusivamente à reprodução, em datas e horas escolhidas de acordo com conhecimentos da conjuntura astrológica e telúrica adequada ao casal. A alimentação é à base de frutas – e o visitante terráqueo não pode comer delas, nem beber da

água local, por demasiada puras para o seu metabolismo. Como vestimenta, uma espécie de túnica branca.

No aspecto econômico, a sociedade é igualitária, sem ricos nem pobres. Todos têm acesso aos bens e serviços necessários, retribuindo com trabalhos de sentido comunitário e principalmente com o ganho consciencial. Este se traduz em créditos que são uma forma de meio circulante na economia.

O sistema político equivale ao que seria uma cidadania sinárquica, com os sábios-sacerdotes na cúpula. A hierarquização social depende do nível em que cada indivíduo se encontra na vivência do amor-sabedoria-conhecimento. O poder supremo é exercido pelo Rei do Mundo e suas Colunas (grandes ministros).

As bibliotecas e os centros de documentação e estudo são gigantescos e maravilhosamente completos. Os agartinos transportam-se em veículos aéreos que usam energia mental integralmente limpa, não-poluente.

Existem trens com trilhos feitos de um material vítreo isolante, com o qual, aliás, se fabricam máquinas e utensílios. A tecnologia é altamente desenvolvida, de difícil compreensão na linguagem terrestre. A Medicina tem por base os processamentos energéticos e magnéticos, inclusive com o auxílio de aparelhos {também “virtuais”}.

Cabe ressaltar que, enquanto seus primeiros emissários já começavam a trabalhar na face da Terra, na época pós-atlante, os agartinos, no mundo interior, completavam sua adaptação e organização para a vida ali.

No Reino de Agartha existem vários planos ou níveis, distintos entre si por uma variedade de fatores, a começar pela profundidade em relação à superfície – consequentemente, pela proximidade ao Sol Central. Quanto maior a distância da superfície e a proximidade do Sol Central, mais as leis da Natureza às quais estamos “acostumados” vão assumindo outra configuração, outra dinâmica. Com isso, o modo de percepção e de interação da mente com o ambiente também se transforma no sentido da superação dos limites físicos e psíquicos correntes nesta dimensão que consideramos “normal”. Os místicos vêem aí uma espiritualização que se realiza em Agartha e se torna absoluta em Shamballah.

O plano menos profundo dos Mundos Interiores, chamado de Mundo dos Badagas, situa-se em grandes cavernas dentro da crosta terrestre, a uma profundidade média entre dezenas e centenas de metros. É plenamente “físico”, habitado por humanos ou humanóides que são tanto mais diferentes de nós quanto mais distintas as condições em que vivem, em relação às da superfície. Na crônica dos fatos estranhos e inexplicados ligados ao assunto, é notável o caso documentado do “casalzinho verde” (uma menina e um menino) que apareceu na Espanha, perto de Banjos, saindo de uma caverna, em agosto de 1887. Os ETs de Varginha, aparecidos em 1996, também podem ser oriundos do Mundo dos Badagas. Os exemplos são tantos que extrapolaríamos os limites deste trabalho.

O segundo nível, partindo da superfície, é o Mundo de Duat. Pela diversidade de informações, Duat é muito complexo, apresentando uma acentuada diferença entre sua região menos profunda e aquela limítrofe ao nível seguinte, onde se situa o Reino de Agartha. A primeira é uma dimensão intermediária entre o ambiente “físico” da nossa experiência cotidiana e o mundo “psíquico” característico do próprio Duat, e está impressionantemente descrito por Dante na “Divina Comédia”. No “Glossário Teosófico”, Blavatsky o define como “lugar onde residem as almas dos defuntos”, qualificando-o de “lúgubre e horrível”, tal como o poeta italiano o viu. Mas esta descrição corresponde a apenas uma das muitas regiões duatinas. O livro espírita “Nosso Lar”, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, dá uma visão mais para aprazível de uma imensa cidade (de nome “Nosso Lar”), que segundo Sebastião Vieira Vidal fica também em Duat.

Há mais de cem anos, na época em que Helena Petrovna Blavatsky produziu sua monumental obra “A Doutrina Secreta”, os ocultistas consideravam que seria prematuro falar no Mundo Interior da Terra. O primeiro escritor ocidental a se referir a Agartha foi Saint-Yves d’Alveydre, contemporâneo de Blavatsky, tendo trabalhado independentemente. O nome “Agartha” como sendo o do Reino subterrâneo foi explicitamente citado por Ferdinand Ossendovsky no livro (obra já citada) “Animais Homens e Deuses”, publicado na década de 20 do Século XX.

O livro “Horizonte Perdido” (*Lost Horizon*, década de 30 do século XX), de James Hilton, descreve, em forma de ficção, um cantão do Himalaia, *Shangri-Lah*, onde reinam a paz, a harmonia, a saúde e o bem-estar material como decorrência da elevação espiritual. Escrito com base em fontes tibetanas, esse romance situa Shangri-Lah em um vale oculto na montanha, e não como o espaço no interior da Terra, realidade que os lamas consideravam secretíssima. Pela descrição e o nome, que lembra Shamballah, o lugar descrito por Hilton é uma referência a uma região intermediária entre a parte mais espiritualizada da Face da Terra (na tradição oriental, o Tibete) e a região central dos mundos interiores (Agartha).

Na divisa com Agartha, Duat é muito espiritualizado. Quem ali tem acesso já superou o estágio da percepção mais sensorial e anímica do egoísmo e do personalismo. Transcendeu bastante das emoções e paixões e começou a sintonizar-se com a esfera das idéias elevadas, de fraternidade e amor universal.

O verbete do “Glossário Teosófico” (Editorial Kier, Buenos Aires, 1973) sobre “Devakhan” (outro nome de Duat superior) ajuda a compreender não só a natureza de Duat como, por extensão, do Mundo Subterrâneo como um todo, e o estado do ser humano após o fenômeno “morte”.

“Devachan (ou Devakhan) - Um estado intermediário entre duas vidas terrestres, no qual o Ego superior, Atmã-Buddhi-Manas, ou seja, a Trindade em forma Una [Tríade Superior], entra depois da superação de seu Kâma-Rupa e da desintegração dos princípios inferiores logo após a morte do corpo físico”. (Tradução dos Autores nesta citação. V também, Cap. 3.).

Blavatsky morreu em 1891. No seu tempo de vida, prevalecia no Ocidente a mentalidade religiosa que se referia ao Paraíso pós-morte como sendo uma região do Céu (o Espaço), a Mansão dos Bem-Aventurados. Opostamente, no mundo inferior (interior), no sentido de “em baixo”, localizava-se o Inferno, lugar de interminável expiação dos pecados graves.

O Credo, oração dos católicos, dizia que Jesus Cristo, após a ressurreição, “desceu aos Infernos” e “ao terceiro dia ressurgiu dos mortos”. Recentemente, o texto do Credo foi mudado, passando a dizer que Jesus “desceu à mansão dos mortos”, de onde ressurgiu após aqueles três dias. Assim a Igreja mudou sua forma de referir-se aos Mundos Interiores, indicando o implícito reconhecimento da natureza “não-infernal” da realidade no centro da Terra. Blavatsky referiu-se ao Devakhan como sendo uma região onde os desencarnados vão ter um descanso, para se refazerem do desgaste e da cansaça que é a vida no físico, a fim de poderem voltar a reencarnar em boas condições.

Devakhan parece ser o nome de um setor da região de Duat que faz divisa com o Reino de Agartha. Henrique José de Souza refere-se a uma outra região, Mekatulan, intermediária entre a Face da Terra e Duat superior (mais interiorizado). HJS também avisa que essas regiões, que funcionam como “câmaras de adaptação” para a passagem de um nível a outro, são criações mentais-emocionais dos próprios seres humanos. Isto significa que um viajante, se for capaz, poderá ir ao âmago da Terra, isto é, Agartha, sem ter de se deter nessas “escalas”.

Em um esquema algo didático, o perfil do mundo interior, do ponto de vista da natureza dos seres que o habitam, seria aproximadamente o seguinte:

Nos Badagas, os habitantes são praticamente como nós na superfície, com os quatro componentes da Pedra Cúbica fazendo-se presentes (V. Cap. 3). Esse espaço funciona como uma espécie de “câmara de descompressão”, um estágio ambiental para a adaptação, em termos de estado da matéria, dos desencarnados em trânsito entre a face da Terra e o mundo interior (no caso, Duat) e vice-versa.

Na região mais superficial de Duat, os habitantes já não possuem corpo físico à maneira dos habitantes da superfície e dos Badagas, nem o mental concreto (ou a maior parte do mesmo), tendo sido estes veículos desativados na morte. Mas carregam ainda o peso do corpo ou veículo energético-vital e do corpo ou veículo anímico-astral, conjunto este que forma o **kama-rupa** (em sânscrito, “forma ou corpo do desejo”). Esta região corresponderia, no geral, ao que na linguagem comum se chama de o Plano Astral, com sua parte mais grosseira (baixo astral) e sua parte mais sutilizada (alto astral). Os católicos a chamam de “purgatório”.

Na esfera mais profunda de Duat (Duat superior, referido alguns parágrafos acima), os seres já não as vestes, corpos ou veículos da Personalidade e, portanto, estritamente do nosso ponto de vista, são “imateriais”. Mas, na sua própria percepção, eles são “físicos, materiais”: ali, como aqui, dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no

espaço. Porém, a matéria duatina pode ocupar o mesmo lugar onde estaria a “nossa” matéria.

Em Duat como um todo, existem lugares bons, sadios – as Terras Sagradas de lá -, como existem outros lugares, ruínas, enfermícios, até tenebrosos. Como já vimos, na linguagem popular, isso corresponde ao alto astral e o baixo astral. Na cidade duatina “Nosso Lar” conforme descrita por videntes, há jardins e bairros sumamente aprazíveis, mas também outros, onde a violência e o crime campeiam. A grande diferença em relação à superfície é que os malfeitores do astral ficam confinados aos seus ambientes próprios, não lhes sendo possível sair dali, muito menos acessar a parte sã ou sagrada da cidade. Isto, por dois motivos: primeiro, o estado vibratório em que se encontram esses marginais astrais constitui uma barreira natural, pois eles simplesmente não percebem ou não se ajeitam em outro ambiente que não o seu; segundo, existe um corpo de guardiães com poderes para coibir e deter os poucos intrusos do baixo astral que consigam penetrar nas áreas boas.

Não existe reprodução em Duat. Ali não se nasce nem se morre, a não ser como uma fantasia excepcional de alguém ainda apegado ao sistema de antes da morte do corpo de carne e osso. Ao chegar lá, o “desencarnado” como que acorda do sono da morte. É o seu “nascimento” na dimensão astral. Quando seu ciclo ali se completa (geralmente em meses, às vezes uns poucos anos), ele simplesmente como que “adormece”. Seus vestígios de vitalidade (prânicos) são desativados. Inteiramente privado destes, o remanescente dos veículos dissolve-se naturalmente. Não há cemitério em Duat. Quando algum ego muito renitente, com um apego excessivo ao mundo das sensações, subsiste, torna-se um “cascão astral”, um cadáver grosseiramente anímico – ou, como diz o povo, alguém que “morreu e esqueceu de deitar”. Waldo Vieira, do Instituto de Projeciologia, chama-o de “psicótico post-mortem”.

O modo de vida na cidade de Duat tem outras semelhanças com o modo de vida no mundo da superfície. Por exemplo, lá também existe uma espécie de trem ligando os diversos bairros. É aéreo e apenas os recém-chegados, que ainda se sentem muito ligados a esta nossa dimensão, precisam utilizá-lo. Os já adaptados às condições próprias da dimensão astral se “tele transportam” pela simples vontade.

De vastas proporções e importância incalculável é a biblioteca central de Duat, onde está reunida toda a produção intelectual da Humanidade em todos os tempos. Ali não falta um só título ou item, exceto os produtos pornográficos. Ainda mais impressionante é o Museu vivo de História Natural, onde vivem espécimes de todas as formas de vida, animais e vegetais, que já existiram na Terra.

A parte mais espiritualizada de Duat, que por assim dizer faz divisa com o Reino de Agartha, funciona também como uma “câmera de adaptação”, para a passagem de um estado a outro. Em Agartha, toda a Terra é sagrada/sadia.

Na interpretação ocultista, quando Jesus Cristo, na antiga forma de dizer do Credo, “desceu aos infernos” (*infero*, sinônimo de *inferior*, no sentido de “mais profundo” ou “interior”), foi para se purificar totalmente de sua passagem pela superfície antes

de voltar a Agartha, sua sagrada terra natal. Uma vez purificado em Duat, pôde entrar em Agartha, de onde regressou à superfície (ao “ressurgir dos mortos”) em “corpo glorioso”, que é o estado normal da matéria naquele Reino. Como consta no Evangelho (*Ascensão*), depois desse regresso momentâneo ao nosso mundo, Jesus voltou definitivamente a Agartha.

A expressão “subiu aos Céus”, pela qual o Credo se refere a este fato, é bem significativa: ele *desceu* a Agartha e com isso *subiu* a um nível espiritual superior.

No Ocultismo, existe uma dimensão que, em certos aspectos, corresponde à noção religiosa popular de “inferno” como lugar de expiação interminável. Tem várias denominações, entre as quais a de “Cone da Lua”, lugar de sombra e terror, que, no entanto, não representa uma condenação eterna, pois para o ocultista a noção de eternidade se limita com a natureza cíclica da Evolução.

Mas ao se falar de Agartha não cabe mencionar o lado punitivo da realidade interior. Em Agartha predominam a inteligência, o amor e a sabedoria.

Vive ali uma Humanidade altamente espiritualizada, formada por seres cuja evolução chegou a esse estágio. O estágio da Personalidade (Pedra Cúbica) foi superado, surgindo plenamente a Individualidade (Pedra Filosofal). Esta, na representação gráfica simbólica, é o conjunto da Pedra Cúbica (Quaternário Inferior, corpo, vitalidade, alma, mental concreto) encimada (e utilizada) pela Pirâmide (Tríade Superior, mental abstrato, mental intuitivo ou “búdico”). O ser agartino está bem próximo do princípio crístico, o mesmo *Atmã* ou *Verdadeiro Ego*. É aspecto e integral do ser orgânico humano. Todos os corpos ali são “gloriosos”. Sua matéria está numa alta frequência vibratória, o que lhe permite permear-se (interagir, intercambiar) intensamente com o akasha, o Mar Sem Limites que se derrama do Logos Planetário. Este é o sentido de se dizer que a matéria agartina é muito mais “sutil”, muito menos “densa” que a dos outros níveis - claro, não só nos corpos humanos, como em todos os objetos e no meio ambiente por completo.

Quanto aos habitantes agartinos, não se pode falar em “pessoas”, mas em “individualidades”. Cada um é a expressão direta de sua *mônada*, seu *espírito*, entendido como entidade individual em contato com a fonte universal que é a origem e a referência do mundo manifestado. No estágio da superfície da Terra, a linguagem humana é insuficiente para tratar disto.

Cabe lembrar a máxima ocultista: “a Mônada nunca deixa a Casa do Pai que está no Céu”. Mas para evoluir, a Mônada “se projeta” no Mundo, num efeito-cascata que “passa”, na ida e na volta, por todos os níveis. Assim a mônada vai vivenciando e recolhendo informações (experiências-conhecimentos) que retroalimentam o grande *software* da Criação. No fundo, a Mônada original é uma só, mas se desdobra na manifestação inumerável, da qual se retroalimenta, lembrando o famoso anacoluto de Guimarães Rosa: “o espelho, são muitos”.

Sendo, de nosso estrito ponto de vista, uma abstração, Agartha é, no entanto, uma Civilização, um país com sete cidades ou cantões em torno da oitava cidade, a capital, Shamballah, onde vive o Rei do Mundo, Melkitsedek. Cada uma das sete cidades tem o seu Rei. Seriam os Sete Reis de Edon (Éden?) mencionados nas Escrituras dos cronistas hebraicos que ao longo dos séculos foram dando forma à Bíblia.

No seu próprio nível, a civilização agartina tem tudo o que a nossa tem, desde o que de bom e belo já está aqui realizado até aquilo que, nesse sentido, ainda se encontra no nível da possibilidade, do potencial ou ideal, ou seja, do futuro.

No reino subterrâneo não existe desamor, pobreza, doença, crime, como os conhecemos no mundo da superfície. Ali a rara criminalidade prende-se à violação do maior valor real para os agartinos, que é o acesso e o progresso do conhecimento transcendental. Isto se faz por um escalonamento hierárquico, de acordo com um andamento consagrado há milênios. O grande crime agartino consiste em alguém tentar quebrar esse código, para apoderar-se de conhecimentos que ainda não estão acessíveis aos de sua categoria. Em geral, a transgressão se resolve sem traumas nem punições, uma vez que não existem presídios nem castigos de outra ordem - a não ser, nos casos de extrema gravidade, a expulsão para a face da Terra.

A formação do Reino de Agartha foi simultânea à do Governo Oculto do Mundo. Como já vimos, na Idade de Ouro atlante existia um Governo do Mundo na superfície do planeta. Com o colapso daquele continente e da civilização nele existente, o Governo do Mundo interiorizou-se, tornando-se, portanto, pela ótica da superfície, Oculto.

Diz a Revista Planeta, Edição especial de fevereiro de 1983:

“É interessante notar que as tradições chinesas, egípcias, hindus e de outros povos mencionam uma grande abertura no norte e uma raça que vive sob a crosta da Terra. Nas lendas britânicas, irlandesas, escandinavas, encontram-se alusões a essa terra paradisíaca sob a superfície terrestre.

*Ray Palmer, editor da revista americana **Flying Saucers**, e Gray Barber, escritor, ambos especialistas em UFOs (objetos voadores não identificados) ou discos voadores, acreditam que esses têm sua origem no interior da Terra. Esse mesmo conceito de que os discos voadores provêm do interior oco da terra foi apresentado pela primeira vez pelo prof. Henrique José de Souza, fundador da Sociedade Teosófica Brasileira, hoje com o nome de Sociedade Brasileira de Eubiose, com sede em São Lourenço, no Estado de Minas Gerais, onde há um templo imenso, em estilo grego, dedicado a Agartha, nome budista do mundo subterrâneo”.*

Este Templo é “dedicado ao Deus Único e Verdadeiro de todas as religiões do mundo”. Muitos dos seus frequentadores estudam profundamente esses assuntos, e também as filosofias, culturas e religiões comparadamente, com base nas revelações do mestre Henrique José de Souza.

Para o tema deste livro, importante é ressaltar que, como já foi dito, o impulso evolucionar em sintonia com o programa do Governo (Oculto) do Mundo passou a emanar do Reino de Agartha, onde o sagrado/sadio predomina. E que, quanto mais direta a influência agartina na Terra, mais sacralizada a parte do território onde a mesma se exerce.

CONTATOS ENTRE A FACE DA TERRA E O REINO DE AGARTHA

Para compreender a índole das relações entre Agartha e a Face da Terra, é preciso recuar um pouco neste relato, até o momento em que o relacionamento começou ao final da civilização da Atlântida.

A marcha da Evolução não é linear, passando por contradições, alternativas, oposições, desvios, ciclos. No Ocultismo se diz que o Planetário, que afinal é a personificação do Logos, sendo este, Deus em ação, tem consciência mas não tem experiência. É uma contradição em termos, que só se resolve na prática da existência do Universo. O plano da Idéia (Ideação, Divindade) alimenta o plano da Ação (Natureza, Humanidade) e se retroalimenta dele. Dá-se então o choque de retorno, levando à perpétua reformulação operada pelo Carma.

As relações entre Agartha e a Face da Terra passam por esse metabolismo, com a Humanidade do reino subterrâneo polarizada no plano da Ideia e Humanidade da superfície polarizada no plano da Ação.

Na Idade de Ouro atlante, a utopia ecológica e social esteve momentaneamente realizada. Era perfeita para aquele momento e situação. A Ética, como arte e ciência da boa convivência dos humanos, fundia-se com a Ecologia, a arte e ciência da boa convivência entre os humanos e os demais seres da Natureza. Mas aquele foi apenas um ato no drama da evolução, e passou.

A Civilização atlante, no apogeu, talvez não deixasse de agredir a Natureza a seu modo, mas em escala bem menor do que a Civilização atual. Graças a isso, os “deuses” e os humanos puderam trabalhar juntos na construção de uma Cultura *sagrada*, no sentido de ecológica e espiritualmente *sadia*.

Na decadência, a agressão dos atlantes ao meio ambiente alcançou o nível mais catastrófico (capítulo 4). Então a liderança espiritual atlante retirou-se para os mundos interiores levando o cabedal da ciência/religião atlante (metafísica ocultista, conhecimento arcano, sabedoria dos deuses). E, uma vez instalada e ambientada ali, passou a agir na Face da Terra por meio de emissários e escolas iniciáticas, bem como por processos mentais que chamaríamos de “mágicos e místicos”: avatarização, indução áurica (ideias e sentimentos ativados no aura do ambiente da superfície, e que vão sendo captados pelos habitantes), inspiração intuitiva (de cientistas, escritores, artistas, poetas, filósofos).

Os contatos entre Agartha e a face da Terra se fazem de uma grande variedade de maneiras. No aspecto mais “material”, há passagens geralmente localizadas em regi-

ões montanhosas, espalhadas pelo mundo. Hoje, em grande parte, encontram-se no Brasil, principalmente na região da Serra do Roncador, em Mato Grosso, e na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais – o que tem a ver com o caráter “sagrado” dessas terras.

No aspecto mais geral, o acesso pode estar praticamente em qualquer lugar. Existem também contatos mágicos, ritualísticos.

Uma das principais vias de comunicação com o Reino de Agartha é pela avatarização. Segundo Blavatsky, “a encarnação divina ou a doutrina do avatara tem constituído o maior mistério de todos os antigos sistemas religiosos”. Ela também diz tratar-se da “descida de um deus ou de algum Ser glorioso (que tenha superado a necessidade de renascimento na Terra), no corpo de um simples mortal”. Segundo a Eubiose, “avatara é a manifestação cíclica do Espírito de Verdade”, manifestação esta que pode ser total, parcial ou momentânea.

“A Terra Oca”, de Raymond Bernard (1969) cita como principal via de ligação com os Mundos Interiores uma imensa abertura no Polo Norte, camuflada pelas geleiras. No livro de Bernard, Henrique José de Souza é citado como “o Professor Souza”, e considerado uma “autoridade” no tema dos discos-voadores como vindo dos Mundos Subterrâneos. Bernard cita também referências anteriores sobre o assunto, como a de Marshall B. Gardner (“Jornada ao Interior da Terra” ou “Have The Poles Really Been Discovered?” – “Foram os Pólos Realmente Descobertos”, 1920), a obra de William Reed (“Phantom of the Poles – O Fantasma dos Pólos”, 1906) e a famosa viagem do almirante Byrd.

Em 1947, este militar comandou uma expedição norte-americana à região ártica e lá viu uma zona de clima ameno, 2700 quilômetros para dentro do círculo polar: seu avião teria sido “interiorizado”, isto é, penetrado no mundo subterrâneo, de forma “acidental”. Em 1956, Byrd veria algo semelhante no polo sul.

O texto de Bernard é talvez objetivo demais ao traçar o perfil do mundo interno como sendo algo inteiramente “físico, material” no sentido comum.

O aparecimento dos discos-voadores ou UFOs, que começaram a ser vistos, com frequência cada vez maior, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, gerou toda uma mitologia moderna, onde fica difícil distinguir a fábula do delírio, a lenda da fantasia, o psicodrama da percepção mental e até o fato da fraude.

Desde o colapso da quarta raça mãe, atlante, uma forma fundamental do trabalho dos agartinos na Face da Terra liga-se ao aparecimento e formação da nova raça. Para isto, entram em cena, vindo do Reino de Agartha, personagens conhecidos como *manus*, guias e mentores espirituais e culturais dos povos. Antes, os *manus* nasciam na Face da Terra, mas depois passaram a vir de Agartha, por um processo de avatarização.

Segundo a Tradição, são notáveis os movimentos espirituais e culturais orientados, em diversas épocas e regiões, por *manus*. Citaremos alguns deles: Abraão, guia-

patriarca dos novos semitas; Ur-Gardan, que levou um povo para o litoral da Europa; Urgana, rei da Suméria, sacerdote da Ordem dos Magos da Caldéia; Rama, à frente dos Celtas; Fo-Hi, dos chineses; Odin, dos nórdicos (germânicos); Moisés, continuador de Abraão; Manco-Capac, dos Incas; Itizama e Quetzalcóatl, dos maias e astecas; Sumé ou Tamandaré, dos Tupis (tidos como menos civilizados ou apenas pré-civilizados).

A região onde começa a se formar uma raça mãe é tradicionalmente considerada uma terra sagrada.

Segundo a Tradição, as gentes que os manus fundadores das bases da quinta raça, ária, conduziram ao Pamir, pertenciam basicamente (não exclusivamente) à sub-raça atlante dos semitas, e com esse material humano eles começaram a direcionar a constituição da primeira sub-raça (ário-hindu) da nova raça mãe. Esta viria a ganhar o nome de ariana por ter surgido no ciclo astrológico-astronômico de áries, ou seja, quando o equinócio de primavera do hemisfério norte se encontrava nessa constelação zodiacal

Hoje, nas condições adversas em que se encontra o meio ambiente global terrestre, a continuidade e o avanço dessa Cultura na face da Terra dependem da ligação com o cabedal recolhido ao mundo interior, ali preservado - também desenvolvido pelo retorno dos resultados de sua aplicação na Face da Terra, ou retroalimentação. É de Agartha que, na ótica dessa mesma Cultura ocultista iniciática, vêm as informações, os impulsos e estímulos para o prosseguimento naquele rumo. A retroalimentação continua sendo um dado básico. Isto é: os seres de Agartha, ao nos ajudarem, também estão ajudando a si mesmos, já que sua própria evolução necessita da polaridade com os humanos da superfície.

Na Tradição ocultista, o sumo-sacerdote Vaisvávata, Manu (pai-guia-fundador) da Quinta Raça-Mãe, foi o primeiro personagem destacado pelo Governo do Mundo para liderar a retirada dos contingentes humanos que reconheciam os valores espirituais da Atlântida. O Governo do Mundo tomou essa providência por saber antecipadamente da catástrofe que viria a ocorrer.

Vaisvávata não foi um *avatar* porque nessa época a liderança espiritual ainda não entrara para o centro da Terra e atuava diretamente na superfície. Era o “governo dos sábios”, sediado na Cidade das Portas de Ouro.

A vanguarda espiritual dos atlantes começou a se retirar para o mundo interior bem antes do cataclismo, assim que se caracterizou a decadência daquela civilização. Sendo um desses iniciados nos segredos da religião-ciência, Vaisvávata estava inteirado do início do longo processo do final catastrófico da Atlântida e partiu com sua gente.

“Vaisvávata” parece ser o nome não de um indivíduo em particular, mas de uma longa linhagem de guias que, ao longo de muitos milênios, foram promovendo o êxodo cada vez que se aproximava uma das catástrofes referidas. A partir da interiorização, eles tornaram-se avatares, isto é, seres inspirados ou mesmo vindos dos mundos interiores, para agir na face da Terra.

O sistema dos avatares foi ativado há uns 800 mil anos. Mas há apenas uns 11 ou 12 mil anos, um Vaisvávata avatar que viveu na ilha de Poseidonis (mencionada no capítulo anterior, último reduto da civilização atlante) “tirou o time” pouco antes da hecatombe local. Deslocou-se muito para Leste, cruzou o Himalaia e se estabeleceu com sua gente na região himalaiana do norte da Índia, na meseta (área plana entre montanhas) do Pamir. Era a Terra da Promissão ou principal Terra Sagrada da época (em sânscrito, *Aryavarta*, “terra dos ários”. Ali vinha sendo desenvolvida, há centenas de milênios, a nova raça-mãe, ariana.

À medida que a superfície da Terra se dessacralizava com a progressiva falência atlante, os manus foram passando a ser também avatares. Surgiam como encarnações, na face da Terra, da inteligência espiritual abrigada no Reino de Agartha, onde o Sagrado e o Sadio tinham-se refugiado quando houve o maior dos cataclismos, há 850 mil anos. (O Sagrado e o Sadio podem ser entendidos sob a denominação-síntese de o Espírito de Verdade ou Sabedoria Eterna).

Como avatares, os Vaisvávatas eram emissários de Agartha. (O processo da avatarição é abordado em outro ponto deste livro). De lá, eles foram trazendo o conhecimento da ciência-religião atlante, conservada no mundo interior, para vivenciá-la no mundo exterior...

AS CASTAS NA SOCIEDADE EMERGENTE DOS ARIANOS

Logo na primeira fase dos ário-hindus, foram constituídas as castas sociais. Este ponto ainda faz parte dos mistérios de difícil acesso para a mentalidade lógico-factual moderna. Para compreendê-lo, é preciso considerar que o dado genético tinha importância fundamental, até prioritária, na mentalidade daquela época.

De saída, a constituição do novo ramo racial se fez pela intervenção direta do Manu na geração de novos indivíduos. O Manu era de fato um patriarca também no sentido de que cabia a ele gerar uma multidão de descendentes que herdavam seu código genético.

A idéia básica do sistema de castas consistia em que a colocação de um determinado indivíduo nesta ou naquela casta tinha a ver com o estágio de desenvolvimento do seu aparelho cérebro-espinhal-glandular e o nível do intelecto e da sensibilidade aí baseados. Como isto era, na prática, extremamente difícil de se aplicar, logo passou a prevalecer a pura e simples origem genética do indivíduo, isto é, seu nascimento nesta ou naquela família - que levaria, com o passar dos milênios, à hipertrofia da importância do *sobrenome*, independente dos predicados do próprio indivíduo.

Mais tarde, este “critério” sofreu grave e total deturpação. As castas viriam a tornar-se instrumento de dominação social de uma autodenominada elite sobre a grande maioria do povo.

Originalmente, eram quatro as castas, descritas abaixo segundo os registros deixados pelas tradições. Os registros orais tradicionais (recolhidos por Blavatsky, que os escreveu) contêm informações de caráter biológico que podem até colidir em alguns pontos com noções científicas atuais, mas são aqui transcritos a título de informação sobre como os ocultistas ortodoxos veem o assunto.

Citadas “de baixo para cima”, as castas do hinduísmo clássico eram as seguintes:

Os Sudras, pessoas simples, de pouca atividade intelectual, competentes para o serviço braçal, a grande massa popular majoritária. Sua produção de secreções das glândulas endócrinas (e de neurocondutores, como se diz modernamente) estava ainda em nível insuficiente para produzir modificações no desempenho intelectual, sendo seu nível de percepção limitado às sensações.

Os Vaishias, em número menor, embora numerosos, artesãos e profissionais em geral com alguma especialização, comerciantes, empresários, artistas, inventores. Tinham o aparelho endócrino e os neurotransmissores mais ativos, refletindo-se (no desempenho do sistema nervoso) em uma vontade de progredir.

Os Kshatrias, indivíduos com forte inclinação guerreira e gosto pelas artes militares, capacidade prática de liderança e iniciativa, com copiosa produção de secreções endócrinas e de neurotransmissores, traduzida em uma fortíssima vontade, registrando-se na crônica que prevalecia neles uma alta atividade das glândulas supra-renais (hoje se sabe que se tratava da grande produção de adrenalina).

Finalmente, os Brahmanes, sacerdotes, filósofos, pensadores, intelectuais, médicos-taumaturgos, com as funções endócrinas e neurotransmissoras em regime de plenitude, para a época.

6 - A Reconquista do Divino

Abrindo parênteses: para se ter uma ideia da escala de tempo e da complexidade dos processos envolvidos no surgimento de uma raça mãe do ponto de vista ocultista, transcreve-se abaixo, trecho de um livro eminentemente esotérico (“O Sistema Solar” – Arthur E. Powell – Pensamento - 1993 – p. 228 – publicado originalmente pela Sociedade Teosófica em Madras, Índia, 1930). O processo descrito refere-se aos atlantes, mas corresponde a um modelo de procedimento aplicável à criação de qualquer raça-raiz (raça mãe). Neste caso, o texto diz respeito mais especificamente ao primeiro povo (sub-raça), o ramoahal, da quarta raça mãe, atlante.

“Cerca de um milhão de anos se gastou no estabelecimento do tipo racial, tomando-se muito cuidado e tendo-se muito trabalho para chegar a uma mediana semelhança com o tipo que o Manu se incumbira de produzir. Pode dizer-se que ele fundou, então, sem dúvida alguma, a Raça, encarnando nela e chamando os seus discípulos para tomar corpos em sua própria família, de modo que a sua posteridade formou a Raça. O Manu de uma raça, num sentido quase literal, é o seu Progenitor, pois toda a raça tem o Manu por antepassado físico.

Nem os descendentes imediatos do Manu, entretanto, tinham uma aparência muito atraente, embora representassem imenso aprimoramento em relação à população circundante” [dos últimos lemurianos] (...) “Ele mesmo modelou e afeiçãoou seu corpo físico segundo seu corpo astral e mental, modificando o pigmento da pele até vê-la assumir uma coloração quase igual à cor designada para a Raça”.

Deve-se considerar que o texto acima foi publicado originalmente em 1930, antes portanto da perversa radicalização da questão racial, promovida pelo nazismo. O desvario nazista e sua derrota desmascararam o preconceito racista e desgastaram a conceituação racial; e indiretamente demonstraram o quanto é caduco, hoje, o falso sistema de valores evolucionais (transcendentais, sociais, culturais) baseados em caracteres físicos, entre os quais predomina o da cor da pele. No Ocultismo, o mestre que mais trabalhou para essa superação foi Henrique José de Souza.

Na Segunda Guerra Mundial, a Humanidade pagou um alto e cruento preço por esse precioso desmascaramento. Hoje, está provado que o conceito de “raça humana” não tem a menor base científica. O que existe é a espécie humana.

O moderno entendimento do Programa do GOM aponta para a formação de uma tipologia física universalizada, onde o preto, o branco, o amarelo, o pardo e o vermelho se mesclarão brevemente em um tom de pele que é tradicionalmente (nas profecias) chamado de “dourado”, com significado simbólico, referindo-se ao seu valor mental. Por um mau hábito verbal, ainda há ocultistas falando em “raça dourada”, quando “dourada” deverá ser a Humanidade como um todo.

Henrique José de Souza resolveu esta questão no plano do próprio Ocultismo, ao assinalar que “raça” no contexto humano caiu na obsolescência, isto é, este conceito envelheceu, apodreceu e morreu. Segundo HJS, hoje a Humanidade como um todo pertence ao que, por força da Tradição, ainda é designado como sendo a quinta raça-

mãe, ariana. Pouco importa que este ou aquele povo seja baixo, gordo, alto, magricela, branco azedo ou preto-azeitona. Todos os povos estão no mesmo estágio ou estado de consciência, que é aquele onde chegou a evolução humana até agora, globalmente. As diferenças – que existem – são individuais e não raciais. Além disso, HJS trabalhou intensamente, como escritor, ensaísta, educador e organizador, pela idéia de que a miscigenação sem qualquer preconceito é o caminho natural – e, portanto, evolucionar – para a superação definitiva da idiotice racista.

Negro que queira casar com loura ou louro que queira casar com negra (não esquecendo as recíprocas) não precisa ficar preocupado: em função da existência de genes recessivos, sempre haverá indivíduos com essas características. Falando sério: qualquer que seja a cor da pele aqui e ali, todo mundo será “dourado” no sentido de que o estado da consciência humana está chegando a uma equalização filosófica que certamente terá como consequência natural (e vice-versa) a equalização fisiológica; e onde as diferenças serão apreciadas como formas de enriquecimento da mente e do patrimônio genético de todos.

Mas voltemos à exposição do conceito de *manu*, que, em si, pode continuar válido e real na escala do presente e do futuro imediato. Devem ser guardadas as proporções em relação ao mesmo conceito em antigas sociedades patriarcais que se encontravam no estágio de organização tribal. O texto a seguir, francamente tradicionalista, é de Hernani M. Portela e V.H. Portela (Revista Dharana n. 15/16, 1960-61). Particularmente interessante é a enumeração que aí se faz, de grandes *manus* que a História reconhece, seja no plano dos fatos, seja como mitos.

*“Os Manus são os condutores ou plasmadores das raças e dos povos nascentes, aparecendo no início dos Ciclos, seja de Raças ou de Sub-raças, Ramos ou Famílias raciais. A tradição e a história da formação, da evolução e da decadência dos Povos são unânimes em afirmar a realidade dos Manus, a epopéia de um chefe primitivo, inspirado do céu, divindade humanizada, herói e guerreiro, ao mesmo tempo santo e patriarca. Em todos os tempos, em todas as latitudes apareceram, nas épocas necessárias, excepcionais condutores de povos ou Manus, tais como Mu-ká, preservando da catástrofe atlante as “sementes da nova humanidade”, Vaisvávata, à frente da vergôntea da qual nasceria a raça Ária; Rama, conduzindo os Celtas; Menés, dirigindo os Egípcios; Fo-Hi, orientando os Chineses; Odim, no comando dos Nórdicos; Abraão, à frente dos Hebreus; Moisés, dos Israelitas; Manco-Capac, dos Incas; Quetzal-Coatl, dos Aztecas; Itzama, dos Maias; Bochica, dos Chibchas; Tamu, dos Caraíbas; Sumé ou Tamandaré, dos Tupis, e outros guias excelsos a nortearem a planetária peregrinação das mônadas (do grego **mono**, **uno**, **unitário**) pelos Itinerários de IO”.*

Após o longuíssimo período de calma evolucionar que se sucedeu à tempestade atlante, iniciou-se o trabalho de retomada da evolução na face da Terra. Para tanto, os Mundos Interiores, onde se refugiara a liderança atlante, intensificaram da presença dos avatares, seus emissários, aqui. Desde então, em cada episódio, as funções de avatara e de manu incorporaram-se no mesmo indivíduo.

Esta movimentação correspondeu a uma decisão do GOM, de resgatar o caráter sagrado da superfície. Sabe-se dessa decisão pelos seus efeitos: a partir do prenúncio dos tempos históricos, são muitos os *emissários* dos Mundos Interiores que encarnaram entre os povos daquela época. Chama atenção como, na enumeração de manus-avatars citados acima, salta-se de Vaisvávata, que viveu há cerca de um milhão de anos, para Menés, no Egito pré-dinástico, isto é, entre cinco e oito mil anos passados.

No meio tempo, tem-se notícia de raros manus. Dois deles foram Osíris e Phtah (Hermógenes ou Hilarião), ligados a Poseidonis - assim mesmo, só um pouco antes do afundamento da ilha. Ambos viriam a ser adorados como deuses no antigo Egito. Eles promoveram a retirada prévia de muitos dos habitantes de Poseidonis (os que lhes deram ouvidos), salvando-os da catástrofe local.

A decisão do GOM, de reativar plenamente o programa evolucionar na face da Terra, foi adotada depois do colapso final da civilização atlante em Poseidonis. Esta reativação implantou-se em três frentes: uma no Oriente (Índia), outra às portas do Ocidente (Egito e logo Grécia) e a terceira, um pouco mais tarde e bem mais para Ocidente (México e depois Peru).

O antigo Egito e a antiga Índia (Bharat) são tradicionalmente conhecidos como a mãe e o pai da Humanidade no presente ciclo, noção que está ganhando corpo nos estudos modernos, não-iniciáticos. Um forte sinal disto configurou-se no início da década de 90 do Século XX, quando tomou conta dos meios intelectuais norte-americanos e europeus uma polêmica sobre as fontes da cultura contemporânea.

O livro “Black Athena“ (“Atenas Negra”), do americano Martin Bernal, professor da Universidade de Cornell, publicado em 1991, sustenta que os antigos egípcios eram um povo de pele negra. A implicação geral deste fato (e não a questão racial) é o que importa para nossa exposição, porque Bernal fez o seguinte raciocínio: se a civilização dos faraós foi a fonte da civilização greco-romana, sendo esta, por sua vez, a fonte da nossa, então a civilização atual dos americanos, dos europeus e, na globalidade contemporânea, de todo o mundo civilizado, teve por base e origem a contribuição cultural egípcia.

Na polêmica que se travou a seguir, não se duvidou essencialmente de que o Egito culturalmente é o berço da Grécia, e, portanto, do atual mundo judaico-cristão ocidental. Isto ficou como ponto relativamente pacífico, debatendo-se acirradamente “apenas” se os primeiros monarcas do Nilo e seus súditos eram negros, questão que não tem a ver com o tema deste livro.

Portanto, a Tradição ocultista e a opinião dominante não-ocultista vão tendendo a coincidir neste ponto: o Egito é culturalmente nossa avó, sendo a velha Índia o nosso avô, tendo nascido do cruzamento dos dois a cultura helênica (greco-romana) antiga, nosso pai e mãe.

É reconhecido pelos estudos profanos (acadêmicos, científicos, não iniciáticos) que várias correntes da filosofia grega beberam nas fontes da metafísica hinduísta clássica e do budismo esotérico, direta e indiretamente. A Teosofia resultou da fusão de

uma certa linha do pensamento grego antigo com as ideias que constituem o corpo da filosofia védica. Segundo Heródoto, andarilho e historiador grego do século V a.C., os nomes dos deuses da Grécia derivaram-se dos nomes dos deuses do Egito.

A mitologia dos povos que habitavam a parte do mundo hoje chamada de “as Américas do Sul e do Norte” é fecunda em relatos e lendas relativos a seres que vieram de longe, trazendo informações, sabedoria e, muito concretamente, tecnologia.

Um deles é o deus Quetzalcoatl, que foi cultuado ao longo de milênios pelos toltecas, maias e astecas. Sua lembrança estava perfeitamente viva ainda no Século XVI, quando o aventureiro espanhol Hernán Cortez chegou com sua pequena e arrasadora tropa.

Segundo a memória ancestral dessas culturas mesoamericanas, Quetzalcoatl foi um civilizador que lhes trouxe quase tudo o que possuíam em termos de conhecimento, a começar pela agricultura e o artesanato, terminando pela arquitetura monumental, aliás, caracterizada pela construção de pirâmides. Ele foi, portanto, um avatara.

O mesmo pode ser dito do mítico casal civilizador dos incas, o deus Manco-Capac e a deusa Mama-Occlo (Mama-Coya).

Estes personagens mitológicos mesoamericanos encobrem figuras históricas, de líderes ou até grupos de líderes aglutinados, na lenda, em um mesmo indivíduo. E, do ponto de vista ocultista, eram autênticos avatares (V. Cap. 5). Na escala de tempo da História, sua presença entre os habitantes da superfície é muito recente, contando-se em apenas alguns milhares de anos. Na realidade, podem ser considerados recivilizadores. Isto é: resgataram parte da cultura atlante perdida no cataclismo.

Os toltecas são tidos na tradição teosófica como o mais avançado dos povos (sub-raças) atlantes. Combinadas e cotejadas as informações de várias fontes esotéricas, não se chega a uma datação coerente, nem em si mesma, muito menos com a da Paleontologia ou da Arqueologia. Contudo, predomina a informação de que a Atlântida – continente e civilização – passou por quatro grandes cataclismos telúricos (colisão de asteróide, erupções vulcânicas, terremotos, maremotos).

Para a Arqueologia, os toltecas foram um povo de existência muito mais recente, datando o auge de sua civilização de um período entre os séculos X e XII da Era Cristã, na região central do atual México. Sua cultura se interpenetrou com a dos olmecas, cuja existência os arqueólogos modernos comprovaram como datando de uns 1450 anos A.C., e a dos Maias, que dominaram a América Central no primeiro milênio da Era Cristã.

Na terceira frente (México e Peru), o material humano utilizado foram povos atlantes remanescentes e a linha seguida foi a revitalização dos traços positivos da civilização perdida. Seus manus-avatares, já mencionados acima: Quetzalcoatl no México, e o casal manúsico-avatárico Manco Capac-Mama Occlo, no Peru.

A julgar pelos fatos, os planos do GOM incluíam o cruzamento da cultura ário-hindu (englobando praticamente toda a Ásia, inclusive a China) com a cultura atlante remanescente, reativada no Novo Mundo. O cruzamento cultural (e também genético) seria ensejado pela vinda dos europeus, com a ocupação por eles daquelas duas regiões (México e Peru) e de outras das Américas.

Deve-se considerar que, com o colapso da Atlântida, seus povos sobreviventes entraram em colapso cultural. Alguns regrediram, outros ficaram evolucionalmente estacionários durante muitos milênios. Esta meia pausa na aplicação do programa do Governo Oculto do Mundo parece ter coberto a área da superfície do Planeta como um todo, tendo o GOM considerado dessacralizada a face da Terra. Assim, as “sementes” da Raça Mãe ário-hindu (que se sucedeu à Raça Mãe Atlante), plantadas por Vaisvávata no Norte da Índia há 1 milhão de anos, parecem ter ficado numa espécie de estado de “animação-suspensa”.

No território da América do Sul hoje correspondente ao Brasil, havia povos que, sendo de remota origem atlante, encontravam-se em um estágio cultural involuído ao nível pré-civilizado. O principal deles era o tupi-guarani, e foi este o que mais interagiu com os europeus – mormente portugueses – que para cá vieram nos Descobrimientos.

O contato dos europeus com os remanescentes atlantes foi traumático. Certamente não fazia parte dos planos do GOM a destruição cultural e a verdadeira carnificina que se seguiram à vinda dos ários. Estes chegaram como conquistadores ao velho estilo, onde as novas “raças” submetiam e escravizavam à força as mais antigas.

Ambos os lados tinham seu nível e estilo de violência. A dos remanescentes atlantes era eminentemente de caráter ritualístico-religioso, sem ligação com interesses econômicos, territoriais ou de outro tipo utilitário, “prático”. Entre os astecas, praticava-se em larga escala um tipo de guerra que os antropólogos modernos têm dificuldade de entender. Uma tradução aproximada do nome desses combates na língua náuatle é “guerra das flores”. Delegações de duas cidades astecas reuniam-se e combinavam uma guerra, com datas certas para começar e terminar. O objetivo era cada beligerante capturar prisioneiros do outro, os quais seriam sacrificados em seus respectivos templos, em festivais religiosos marcados pela antropofagia de sentido mágico.

Já a violência bélica dos europeus ligava-se diretamente a interesses econômicos e territoriais. Havia também o pretexto religioso da “conversão dos gentios”, além da crueldade da Inquisição – esta, aliás, bem diferente da asteca. Entre os astecas, a vítima não era um réprobo, e sim uma espécie de herói vencido em combate.

Para a brutalidade da invasão espanhola comandada por Francisco Pizarro no Peru não houve sequer o pretexto de costumes violentos existentes entre os invadidos. Basta notar que na civilização dos Andes não se praticava a “guerra das flores” adotada no México.

Seja como for, o cruzamento cultural-genético se fez em todo o Novo Mundo, inclusive na América do Norte. Um pouco depois foi enriquecido pelo aporte dos povos africanos, inicialmente trazidos em massa como escravos e depois integrados à nova sociedade – embora de forma ainda não completamente resolvida.

O CAMINHO DA EVOLUÇÃO SEM O ABUSO DA VIOLÊNCIA

Pode-se fazer aqui uma interpretação que, sendo livre, baseia-se em indícios históricos e em informações esparsas, pontilhadas nos movimentos iniciáticos. (O Aurélio não registra esta palavra, *iniciático*, mas sim um seu sinônimo, “iniciatório”, na acepção de relativo à *iniciação*, sendo esta a “admissão em uma sociedade secreta como, p. ex., a maçonaria”).

O trauma da passagem do estado de consciência lemuriano-atlante para o estado de consciência ário parece ter motivado o GOM a procurar evitar o caminho da violência, trágica e tradicionalmente seguido pelos processos de transformação evolucionar.

Nos quinhentos anos transcorridos desde os Descobrimentos e as invasões europeias nas Américas, o estado de consciência da Humanidade caminhou – e continua caminhando – para uma equalização de valores, representando a busca do equilíbrio nas relações entre os povos. Este processo tem tudo a ver com a ascensão de um novo estado de consciência convencionalmente referenciado ao advento dos ários. Por entre contradições, vacilações e contramarchas, a civilização encaminhou-se para uma crescente rejeição à violência e ao instinto predador humano.

Tal tendência para o entendimento geral teve como ponto de partida a universalização da personalidade na espécie humana. Esta foi universalização - procurada e em muitos aspectos já alcançada - pela raça mãe ária, sendo esta em si, hoje, como já vimos, universal. Isto se tornou possível com o pleno desenvolvimento do mental e da alma pessoal, que em conjunto com o físico e o energético, como já se viu, constituem a Personalidade.

Em benefício da clareza da exposição, convém lembrar aqui alguns pontos já abordados.

Na Lemúria, os seres – que seriam mais bem qualificados, na maioria deles e na maior parte de sua trajetória, como pré-humanos - não chegaram a passar plenamente do estágio de alma-grupo (horda, tribo, clã, cidades-aldeias), com um mental rudimentar. Só os humanos “divinizados” tinham algo que se poderia chamar de personalidade. Surgiu e firmou-se em todos o sentido da visão. Os primeiros sentidos incorporados pelo projeto do ser humano foram a audição e o tato, nas duas primeiras raças-mães adâmica e hiperbórea.

Na Atlântida, começou a ganhar presença a função mental estritamente baseada nas informações dos sentidos (mental concreto), com forte intromissão do veículo anímico (astral). que então se expandia. Por isso que eles eram também sensitivos. A per-

sonalidade tornou-se um atributo potencialmente acessível a todos, ficando a capacidade de abstração como atributo de uma minoria. Apareceu o paladar.

Com os ários ou arianos, chega à plenitude a função mental concreta, já começando a abrir-se para o abstrato sob a influência de Buda-Mercúrio, o Senhor do desenvolvimento intelectual das criaturas humanas. A personalidade foi universalizando-se, processo que se completou muito recentemente, com a Revolução Francesa. Até então, formalmente, só o membro da família real, da casta sacerdotal (alto clero) ou da nobreza tinha personalidade. Com a Revolução, o direito a ter personalidade assumiu feição institucional, jurídica. Firmou-se o sentido do olfato.

Antes do “renascimento atlante” no Novo Mundo, desenvolviam-se no Velho Mundo as duas grandes culturas que, cada qual a seu modo, dedicavam-se a resgatar o caráter sagrado da Face da Terra: a civilização indo-chinesa e a civilização egípcia. Esta tinha ligação com a antiquíssima civilização tolteca, fonte também das culturas asteca e inca que floresceriam pouco depois daquela do Nilo.

De certo modo em compasso com esses movimentos, floresceu ainda uma outra civilização que atingia o auge quando a dos egípcios começava: a dos sumérios, depois destruída pela invasão dos semitas e sucedida pela dos assírios, de língua semítica.

É preciso registrar-se aqui, mais uma vez, que a escala de datas do modo ocultista de se contar a História, além de contraditória em si mesma em alguns pontos, não “bate” com a visão acadêmica.

De qualquer maneira, parece não caber dúvida de que, depois do primeiro e maior cataclismo atlante, há 850 mil anos, a Evolução entrou em um prolongadíssimo compasso de espera em escala mundial. Muita coisa foi lentamente acontecendo nesse meio tempo, em várias partes do mundo – inclusive no planalto central brasileiro, onde, segundo a Tradição, existiu uma cultura pós-Atlântida que conservou sua identidade e continuidade de memória durante nada menos que 200 mil anos. Isto exemplifica o ritmo evolucionar extremamente vagaroso que caracterizou o período.

Para o presente texto, o que importa é a reentrada da Evolução em um ritmo bem mais marcante, com a entrada em cena das civilizações ligadas à raça mãe ária, fecundadas pelo trabalho dos avatares. Importa também a tônica dessas culturas, com sua vocação para a filosofia e a especulação intelectual ligada ao mistério da vida e do Cosmos. Isto se tornou possível graças ao avanço do mental e do anímico.

E é curioso notar um determinado contraste entre os egípcios de um lado e os hindus e chineses, de outro. Os egípcios empenhavam-se na valorização da alma como veículo objetivo, quase material. Chegaram ao exagero da tentativa de alcançar a imortalidade pela mumificação do defunto junto com processos mágicos para a perpetuação de seu *duplo*. Já os indo-chineses atingiram um nível de especulação filosófica tão radical que eles chegaram a menosprezar as necessidades físicas (principalmente na Índia), criando a fome endêmica e crônica e promovendo uma espécie de mumificação filosófica.

Os motivos para esse prolongado interregno na Evolução estariam em duas circunstâncias básicas: primeiro, a liderança da Atlântida retirou-se (para se livrar do cataclismo), deixando um vazio de poder espiritual, moral, mágico e político; depois, a guerra mundial atlante e o desvio do eixo do planeta provocaram um derramamento de energia negativa, anímica e telúrica, com destruição e degradação do meio ambiente, além de depredação do aura da Terra.

A retirada dos líderes da Atlântida foi como um “êxodo dos deuses”, realizado em decorrência da invasão da Oitava Cidade e comandado pelo sumo-sacerdote Mu-Ka. Os retirantes encontraram no interior do Planeta um ambiente muito diferente daquele da superfície – conforme descrito no Capítulo anterior.

Os Mundos Interiores também têm uma História, que é mantida quase completamente oculta. O que se pode dizer, montando um mosaico de informações de diferentes fontes, é que os “imigrantes”, ao chegarem às regiões internas, necessitaram passar também por um longo período de adaptação. Esta envolveu as condições de vida nos mais diferentes aspectos, do ambiental ao psicamental, passando pela configuração astrológica e magnética.

Há muito tempo, completada a ambientação dos humanos nos Mundos Interiores, há indícios de que a mesma levou a um andamento evolucionar de lentidão comparável à que se observou na Face da Terra após o grande cataclismo, mas por outras razões. As condições interiores do planeta, caracterizadas pela quase integral estabilidade, conduziram a uma espécie de acomodação evolutiva. Também, nos níveis mais interiorizados de Agartha, a matéria está tão sutilizada que as contradições e os atritos característicos da vida material são extremamente minimizados.

Uma versão no mínimo curiosa aventar a hipótese de que muitos seres agartinos, espíritos profundamente evoluídos, sentem uma gradativa estagnação de sua própria espiritualidade. Seria uma decorrência da inatividade em que ficam na paz dos Mundos Interiores. Estes seres decidem voltar ao caldeirão da Face da Terra, como se fossem “atletas da consciência”. Não querem perder a forma, a qual, para eles, está intimamente ligada ao exercício do amor-sabedoria. Assim, encarnam em veículos plenamente humanos no nível da superfície e vêm trazer informações e conhecimentos, traduzindo-os em experiências no meio da Humanidade, cuja evolução ajudam pelo mesmo fato. Sendo um ato de amor universal, atende também ao legítimo interesse *particular* da respectiva mônada – sem contradição, desde que a mesma é, afinal, uma *partícula* do Todo.

O espírito do ser que vem como avatara não “precisa” mais reencarnar, porém decide fazê-lo para poder cumprir uma tarefa na esfera da Evolução humana, ativando algum aspecto do Programa do GOM. Assim, acaba também evitando que o mesmo fique prejudicado ou indefinidamente adiado.

O processo da avatarização é complexo e misterioso. Envolve uma forma de “encarnação” ou “reencarnação” que não tem a ver com a Roda de Samsara. Este é o nome budista-hinduísta da série de nascimentos e mortes pela qual passa carmicamente o

ser humano. A encarnação ou manifestação avatárica se dá no plano do mental superior, perto do nível espiritual, com pouca ou nenhuma interferência do carma no sentido simplesmente humano..

Etimologicamente, o vocábulo *avatar* (*avatá, avatara*) provém do sânscrito: *ava*, “descida”, mais *tara, tharah, taro (tao ?)*, “Lei” ou “caminho”. Na religião hinduísta, é a “descida” ou encarnação de um ser divino. No Ocultismo, é “manifestação do Espírito de Verdade”.

Um avatar pode ser total, parcial ou momentâneo. De um personagem como Tamandaré, presente no imaginário dos índios brasileiros na época do Descobrimento, diz-se que foi um “pequeno” avatar, enquanto aquela outra figura também indígena, o Sumé, foi “grande”.

Para nosso tema, importa lembrar que o berço terreno de um desses seres torna-se uma terra sagrada. Como já vimos a eclosão da Raça Mãe ariana na Mitologia e na História sincronizou-se com a multiplicação de tais manifestações avatáricas em várias partes do mundo. Patenteou-se que foi acelerada a execução de um Programa, que pode justamente ser chamado de “o Programa dos Avatares”, correspondendo à decisão agartina de trabalhar pelo resgate do caráter sagrado da superfície da Terra.

A região do Trans-Himalaia, que se estende da grande cordilheira (na fronteira entre a Índia e o Tibete) ao deserto de Góbi (na Mongólia) foi o primeiro teatro de operações dos indo-arianos. Pode-se concluir que sua escolha prendeu-se a fatores ocultos, mas também a duas circunstâncias reconhecíveis: a região tinha estado fora da área abrangida pela civilização atlante e, portanto, isenta dos reflexos negativos da hecatombe; e era uma área de montanha, sabendo-se pela Tradição e a crônica que as terras altas vêm sendo o berço preferencial de grandes civilizações com inspiração mística.

MONTANHAS E MOSTEIROS NAS TERRAS MAIS SAGRADAS

A mitologia de cada povo ou movimento tem sua montanha ou elevação sagrada referencial: Olimpo (dos gregos antigos), Meru (dos hinduístas), Sinai ou Horeb (dos hebreus), Alborj (dos persas antigos) Pottala (dos tibetanos), Moriah (dos maçons), monte das Oliveiras e Gólgota (dos cristãos), Sierra Madre (dos aztecas), Machu-Picchu (dos Incas), Fuji-Yama (dos japoneses), as Sete Colinas do Lácio (Roma), Shastra (EUA), Alpes (dos franco-normandos), Sintra (Portugal), Salvat - do Graal (Inglaterra), Roncador e Mantiqueira (Brasil) etc. etc. Entre os antigos egípcios, o papel da montanha era desempenhado pela Grande Pirâmide.

O Tibete, situado na parte mais montanhosa dessa região, onde se encontra o Evereste (no vizinho Nepal), ponto mais elevado do planeta e por isso chamado o Teto do Mundo, tornou-se o território do povo mais identificado com a tônica do ciclo indo-ariano então novo – hoje, esgotado. Constituiu-se no Tibete a Hierarquia dos Budas-Vivos, expressão direta de Sudha Dharma Mandalam, a Grande Fraternidade Branca (outro nome do Governo Oculto do Mundo). O Tibete organizou-se como uma teo-

cracia budista esotérica, ocultista (supra-religiosa), baseada no poderio (espiritual e temporal) da casta dos lamas, sacerdotes (na face da Terra) do Rei do Mundo, o soberano dos Mundos Interiores, personificado no mundo humano pelo Buda Vivo. O Dalai-Lama (sumo-sacerdote governante, sediado no palácio do Potala, em Lhassa, capital tibetana) e o Traishi-Lama eram os suportes esotéricos do Rei do Mundo, na função de Colunas.

O budismo-lamaísmo do Tibete inspirou a transformação espiritual indo-ariana no Trans-Himalaia. E, apoiada na grandeza cultural e territorial da vizinha Índia, a metafísica ocultista indo-ariana espalhou-se pelo mundo. Primeiramente, sua influência chegaria à Mongólia e China. Na Mongólia, bem mais tarde surgiu um lamaísmo nos moldes tibetanos e também ligado à hierarquia de Budas-Vivos.

Na concepção tibetana, no nível de revelação então permitida à Humanidade da Face da Terra, a capital dos Mundos Interiores, Shamballah, encontrava-se no Himalaia. O romance “Horizonte Perdido” (*Lost Horizon*), de James Hilton, chama de Shangri-Lah o santuário central do espiritualismo lamaísta, um recanto paradisíaco de paz, sabedoria e harmonia, onde não havia a doença nem a morte, escondido em algum lugar da grande cordilheira, entre as neves eternas. O britânico Hilton seguiu a linha de informação que fez o escritor iniciático Campanella, em “A Cidade do Sol”, dar o centro do poder espiritual como situado em “um país distante”. A primeira referência à localização da sede do Governo Oculto do Mundo no interior da Terra foi feita por Alexandra David-Neel, a andarilha e ocultista belga (1868-1969). Sem se referir diretamente aos Mundos Interiores, ela informa sobre um povo de sábios que habitava imensas cavernas debaixo do Himalaia. (A impressionante trajetória de Alexandra é abordada no Cap. 9).

À guisa de ramificações da Grande Loja ou Fraternidade no mundo humano, sendo em realidade a projeção do Governo Oculto do Mundo (GOM) na face da Terra (na época, centralizado no Tibete), fundaram-se 22 santuários espalhados por vários continentes. Os atos de fundação ocorreram em épocas às vezes separadas entre si por séculos, do quinto milênio a.C. ao ano de 1921 da Era Cristã. Muitos eram templos e outros mosteiros. Alguns deles não chegaram a ter existência objetiva. Todos, centros de força espiritual. Cada um foi ou é (vários ainda estão ativos) o ponto focal de uma terra sacralizada por sua influência.

Na linha oriental, a Tradição do GOM indica 22 mosteiros e fraternidades à guisa de ramificações da Grande Loja (outro nome da Grande Fraternidade) no mundo humano ou terreno: **Índia** – Srinagar, Simlar, Cartock, Ladak, Leh; **Mongólia** – Urga, Naringol; **Tibete** – Tjigad-Jê, Lhassa; **México** – Chichen-Itza; **Peru** – Macchu Pichu; **Egito** – El Kaira, Karnak, Luxor; **Líbia** – Kaleb; **USA** – El Moro; **Líbano** – Monte Líbano e Baal Beck; **Brasil** – Boassucanga (região de Vila Velha, no Paraná); Parimã ou Manoa, Cidade dos Tetos de Prata, o Eldorado (região da Serra de Roraima, em torno da Pedra Pintada); Teresópolis (Estado do Rio de Janeiro, região relacionada com Badezir (rei fenício imigrante); Matatu-Araracanga (significando, na língua tupi, “cabeceira das arararas”), que tem ainda o nome de Cidade dos Telhados Resplandecentes, lugar central da saga do Coronel Fawcett (região da Serra do Ronca-

dor, em Mato Grosso); Moreb (em São Lourenço, sul de Minas), conhecida pelos moradores como Montanha Sagrada.

Vê-se que, no encadeamento dos lugares sagrados, a movimentação não é estanque. Passado, presente e futuro coexistem. Quando uma etapa chega ao auge, já está em preparação a etapa seguinte.

Note-se que, desses 22 santuários espalhados por nove países, o Brasil tinha quatro e a Índia cinco, quase a metade. Hoje, com a ativação (há 100 anos) de um ponto na Ilha de Itaparica, o Brasil é sede de cinco, o que por si só indica a relevância de sua posição nesse quadro.

Contudo, o mapa dos centros de atuação do GOM no mundo começou a mudar radicalmente em 1875, quando Helena Petrovna Blavatsky e Henry Olcott saíram da Inglaterra e da Índia e instalaram a Sociedade Teosófica em Nova Iorque, EUA. (V. Cap. 8).

A sequência dos acontecimentos mostra claramente que Blavatsky e Olcott tinham a missão de transferir o pólo do movimento espiritualista-ocultista, então situado no Oriente, para o Ocidente. O grande lema esotérico *ex-oriente Lux* (“a Luz vem do Oriente”) devia ser substituído pelo *ex-occidente Lux* (“a Luz vem do Ocidente”).

É preciso notar que, em 1875, os EUA estavam longe de ser a potência em que se transformariam a partir do início do Século 20. Não há como negar que, ao decidir centralizar ali o movimento ocultista até então sediado na Índia, a fundadora da Sociedade Teosófica e seu principal colaborador já sabiam da perspectiva da ascensão norte-americana. Sabiam também que as duas bases territoriais e políticas do lamaísmo supra-religioso (a Mongólia e o Tibete) iriam entrar em crise terminal dentro de algumas décadas.

Na Mongólia, o Buda-Vivo Bogdo Gegen foi entronizado depois que a nobreza local libertou o país dos invasores manchus, em 1911. Em seguida houve uma intervenção militar chinesa, derrotada pelos russos brancos, que por sua vez perderam para o Exército Vermelho em 1919. O reinado do Buda Vivo mongol acabou em 1924, quando Bogdo Gegen desencarnou e abriu-se o caminho para a instalação plena do regime comunista. Pouco antes de desaparecer, ele anunciou que a série de Budas-Vivos orientais chegava ao fim, e que o próximo Buda-Vivo nasceria no Ocidente, iniciando uma nova fase na Evolução.

A antecipação, feita pela *intelligentzia* do GOM, do fim da liderança espiritual oriental, se confirmaria também no Tibete, pouco depois: a China invadiu o país dos lamas em 1950 e derrubou o poder teocrático, corroborando a queda tibetana, que filosófica e culturalmente já vinha de antes. Os lamas ainda afinados com a Programação já sabiam, aliás, que sua terra perderia a liderança espiritual, tanto que havia profecias anunciando a transferência de tal liderança para o Novo Mundo, com destaque para os EUA e depois o Brasil (V. Cap 1). Àquela altura, grande parte do clero lamaísta tinha entrado em decadência espiritual, repassando ao povo materialmente empobre-

cido uma religião voltada para a magia utilitarista, mediante cultos a demônios criados pelo animismo.

Preparada para superar o marcapasso espiritual que há séculos acometia o lamaísmo tibetano e o orientalismo em geral, a Teosofia preparara-se para ser a implementação da resposta ao problema da continuidade do Programa do GOM. Tal resposta na realidade vinha sendo armada desde o Século XIV, nos tempos da Escola de Sagres em Portugal, cuja ação abriu o caminho para as grandes navegações e o descobrimento do Novo Mundo, na Missão Y.

Desta forma, sendo Blavatsky considerada um avatara (expressão de uma consciência dos Mundos Interiores), a cidade de Nova Iorque beneficiou-se do influxo de sua presença, tornando-se de certo modo uma terra sagrada. Em um desses paradoxos da Evolução, depois que Blavatsky e Olcott, pela forte resistência encontrada principalmente na opinião religiosa, tiveram de desistir de seu projeto nos EUA, retirando-se para a velha Índia, a grande cidade não perdeu o impulso, pelo menos na rota profana. Viria a tornar-se o que é hoje de fato, a capital econômica e cultural do mundo profano.

É preciso destacar-se que, na marcha para o Ocidente, a Tradição do GOM, em diferentes momentos da Antiguidade, geraria outros movimentos transcendentais, a oeste da Índia, como o dos Magos da Pérsia (Irã).

Igualmente notável é o misticismo ocultista da Ásia Menor antiga. na linha sucessivamente praticada pelos sumérios, hebreus e judeus, a qual viria a redundar na tradição de Hiram Abif e Salomão (com repercussão na índole templária da Maçonaria) e na Cabala.

O Governo do Mundo começou como uma escola de iniciação, *Suddha - ou Zuddha - Dharma Mandalam*, significando na realidade “Confraria da Pura Lei”, mais do que “Grande Fraternidade Branca”, sendo esta a denominação usual adotada no Ocidente. A palavra “branca” induz, no caso, a más interpretações preconceituosas e aliás sem nenhum fundamento, pois Rigden-Jieppo (até recentemente, Rei do Mundo), dirigente de Suddha Dharma Mandalam, era etíope e negro.

Ali se estudava e se vivenciava o Programa Cósmico em execução sob a inspiração emanada do Supremo Arquiteto do Universo no seu aspecto de Logos criador. Com o tempo e o trabalho, as escolas iniciáticas foram se sucedendo e se multiplicando pelo mundo e ao longo da História.

Todas se situam na linha da Tradição do (atualmente) Governo Oculto do Mundo (GOM). Cada uma delas é, em algum nível, continuadora de Zuddha Dharma Mandalam (também chamada de Círculo dos Irmãos da Pureza).

Eis algumas de seus nomes, com a possível e involuntária omissão de algum. Aqui mencionam-se indistintamente ora os nomes das escolas, ora de seus Mestres fundadores e suas ordens ou confrarias. Leva-se em conta, aproximadamente, a cronologia, sem esquecimento da eventual simultaneidade:

Sete Reis de Edon, Sanctus Sanctorum, Ordem do Santo Graal, Vaisvávata, Osíris, Hermés, Fo-Hi, Lao-Tse (Kung-Fu Tse), Ordem de Melkisedek, Abraão, Moisés, Akenaton ou Khunaton (Ordem Rosacruz dos Andróginos), Salomão (Maçonaria Construtiva dos Três Mundos), Cabala, Zaratustra (Colégio dos Magos), Patanjali, Tantrismo, Gautama O Buda, Lamaísmo Tibetano, Lamaísmo Mongol, Pitágoras, Platão (República Platônica), Aristóteles (Escola Peripatética), Essênios (ao tempo de Jesus), Odin (os Ases), Quetzalcoatl, Manco-Capac, Aztecas Cabalistas (Chichén-Itza), Ordem dos Teurgos, Sufis, Ordem dos Irmãos Africanos (Cavaleiros de Albor-di), Carlos Magno (Doze Pares de França), Rei Artur (Cavaleiros da Távola Redonda), Druidas, Monges Construtores, Ordem dos Templários, Sociedade de Kaleb, Franco-Maçonaria, Christian Rosenkreutz (La Fama Fraternitat), Rosacruz (moderna), Ordem de Mariz, Ordem dos Templários, Ordem de Malta, Saint-Germain, Karcidismo, Sociedade Teosófica, Gurdjieff, Krishnamurti, Sociedade de Thule, Gnose, Eubiose.

A listagem acima não pretende incluir todos os nomes, mas tão-somente indicar, com a aproximação possível, a incontável multiplicidade de movimentos, instituições e associações de pessoas que de algum modo cultivam (às vezes sem a assumirem) a Tradição do GOM. Tal multiplicidade é ainda maior na presente virada do milênio.

De um modo geral, cada uma dessas “marcas” ligou-se a um certo lugar, uma certa referência geográfica, então considerada como sendo ou tendo sido uma das Terras Sagradas.

Vários desses movimentos mantêm ou mantiveram templos devotados a um magnífico aspecto da Tradição, de origem atlante, reativada pelo Cristianismo na Idade Média: a Demanda do Graal, a busca do recipiente (uma Taça) onde José de Arimatéia recolheu o sangue do Crucificado no Gólgota. Numa concepção ecumênica, ali foi virtualmente depositado o sangue de todos os Avatares, já a partir do colapso da Atlântida.

Tradicionalmente o Santo Graal é uma poderosíssima fonte de energia mental que impulsiona o progresso tanto espiritual quanto material do lugar onde se encontra na face da Terra. Trata-se, portanto, de um supertalismã, um inestimável tesouro.

No Apocalipse de João são apontadas as sete Igrejas do Oriente: Éfeso, Smyrna, Pérgamo, Tiátira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia (e a oitava, Jerusalém) - ligadas ao mistério do Santo Graal.

As Igrejas do Ocidente, relacionadas pela Tradição do GOM ao mistério do Graal: Santa Maria Maggiore, em Roma (Itália), Catedral de Bruges (Bélgica), Abadia de Westminster (Londres, Inglaterra), Sé Patriarcal (Lisboa, Portugal), Catedral do México (cidade do México), Catedral da Sé (Salvador, Bahia, Brasil). Em São Lourenço (MG, Brasil), foi construído pela Sociedade Brasileira de Eubiose um templo dedicado a todas as religiões do mundo, onde se cultua a memória da Taça.

Cada um destes centros (templos, mosteiros e catedrais) assinalou e ativou, no seu tempo, uma Terra Sagrada.

Toda esta movimentação, que como se viu começou ainda nos remotos tempos lemu-rianos e atravessou a era atlante, chegando à época ariana, configura a trama urdida pelo GOM, preparando o cenário para a época moderna, onde nos encontramos. E que por sua vez é a antessala de grandes transformações - já em curso - no Brasil e no mundo.

7 – E Ele peregrinou sobre a Terra

Decidido nos Mundos Interiores – como já se viu no capítulo 6 – o pleno reembarque do GOM no trem da Evolução acelerou a marcha da Civilização com o trabalho dos avatares e dos seres (simplesmente) humanos que os mesmos têm mobilizado na face da Terra.

Podem ser identificadas quatro linhas básicas no direcionamento do Programa do GOM na etapa iniciada com a eclosão da raça mãe indo-ariana. Estas linhas não se formaram imediatamente, antes se foram delineando ao longo do tempo.

- 1 – Destituição gradual da casta sacerdotal como detentora exclusiva do Conhecimento e de seu repasse à Humanidade.
- 2 – Em compasso com a abolição desse monopólio sacerdotal, estimulação do trabalho dos filósofos e pensadores, com base no raciocínio (mental concreto) abrindo para a abstração (mental abstrato-intuitivo).
- 3 – Introdução do monoteísmo como meio de contraditar as antigas religiões pagãs voltadas para a adoração das forças da Natureza.
- 4 – Multiplicação das linhas de ação humana, pela grande variedade das formas de pensar e sentir, traduzida inclusive na pluralidade de etnias e nações.
- 5 - Realinhamento da História, de acordo com o Programa Cósmico.

A “escolha” dos avatares (os protagonistas individuais da trama evolucionar) e dos lugares onde eles baseiam sua atuação no plano humano (as Terras Sagradas) nada tem de arbitrária.

No início da era atlante, ia-se de pé enxuto do sertão do Brasil ao Oriente Próximo. Era o restante de parte da pangeia, o continente primordial que, segundo certa teoria geológica, consistia dos atuais continentes, todos juntos. Os continentes como os conhecemos hoje teriam sido formados posteriormente pela fissuração do bloco original. Na Idade de Ouro da Atlântida, as águas oceânicas estavam quase totalmente limitadas ao leito do atual Pacífico, criado quando a Lemúria afundou.

Há indícios de que os planos do GOM, de resgate da superfície da Terra, incluíam (incluem) a restauração das capitais sagradas atlantes, praticamente nos mesmos lugares onde existiram.

No ponto de partida da trajetória da raça ariana, na velha Índia, já no plano da História moderna, delineou-se logo a tendência de mesclar a filosofia e a mística com a mitologia, no trabalho intelectual. Era a tônica do mental da nova raça. O Vedismo e o Bramanismo, sistemas filosóficos e religiosos filiados à Religião-Ciência dos atlantes, passaram por uma evolução secular, enriquecendo-se pela especulação filosófica e a integração de cultos locais. Diz o Aurélio: “Constitui o hinduísmo ampla manifestação cultural, expressando-se por uma riquíssima literatura de sentido poético-religioso, na qual se cristalizaram numerosos preceitos relativos à vida cotidiana e à

organização social, e se desenvolveram, através dos séculos, vários sistemas teológico-filosóficos”.

É válido identificar-se aí uma tônica da cultura ariana, da busca de linguagens que, sendo próprias de cada pensador ou poeta, tornam-se inteligíveis a todos pela via da comunicação. Com o tempo aparece a figura do Autor, que não fazia sentido na cultura atlante, onde não havia manifestação do pensamento que fosse assumidamente individual: toda manifestação era indiferenciada do cabedal sacerdotal, ligando-se diretamente ao ritualismo e à magia. Vale dizer que, com os arianos, a atividade cultural foi deixando de ser exclusivamente sacra para se tornar também profana.

Com a primeira sub-raça ariana aparece, em suma, a figura do pensador individual, que logo se torna filósofo. É um acontecimento relativamente recente, situando-se ao longo de uma faixa englobando do terceiro ao primeiro milênio a.C. A título de exemplo, podem ser citados: o hindu Viasa, codificador e comentador dos Vedas, obra literária fundamental do hinduísmo; Lao-Tsé, o poeta-filósofo chinês; o anônimo filósofo que escreveu o Eclesiastes, o mais filosófico dos livros da Bíblia, sendo esta a peça literária básica do judaísmo e do cristianismo, vindo depois a influenciar o islamismo também. E uns 900 anos a.C. surge a primeira figura reconhecida de autor-poeta: o bíblico rei Salomão, com seus belos Cânticos. Literariamente, os Cânticos são poemas que se filiam aos Salmos de Davi, onde a literatura estritamente sacerdotal (invocações da divindade) se funde às vezes com a criação poética pessoal, como na linda poesia-oração que é o Salmo 22 (23).

Os pensadores indo-arianos encontraram uma massa de cultos pagãos formados no meio do povo ao longo de todo o período de transição depois da predominância da raça atlante. Pela própria índole de seu mental, que desenvolveu a abstração, muitos desses filósofos trataram de obstar a tendência politeísta então dominante. Natural, desde que o politeísmo geralmente se liga a coisas concretas, divinizando objetos e fenômenos da Natureza. Habilmente, sem negar as crenças populares, os filósofos indo-arianos subordinaram todas as divindades (um sem-número delas) a um Ser Supremo uno, Brahma, como síntese e fonte de todas. Pode isto ser entendido como o primeiro passo, com efeitos a longo prazo, para a restauração da concepção da unidade fundamental do Universo e do culto a Deus como consciência una. Abria-se uma primeira porta para o resgate do significado da palavra **religião**. Tal redefinição recorre à etimologia do latim *religare*, “tornar a ligar”. Na tradição ocultista, é a *religação* de cada ego individual com o Todo, o Logos Planetário ou Solar, a Divindade.

No tipo de mental característico dos ários, o “retorno do Espírito à Casa do Pai” assume a tonalidade da iniciação individual dentro da iniciação da Humanidade como um todo. A magna diferença entre os atlantes e os ários reside em que, no estado de percepção e consciência dos primeiros, a abstração indispensável ao pensamento filosófico e à criação artística era uma raridade.

A Cultura atlante foi eminentemente mágica; e a Magia, algo de concreto para aquele povo. Na Cultura atlante, as leis da Natureza expressavam-se misteriosa e exclusivamente de conformidade com uma vontade extra-humana, dependendo, para seu co-

nhecimento, controle e aplicação, da crença em forças sobrenaturais e de fatores morais, subjetivos (Magia). Na Civilização ária, as leis da Natureza foram passando a ser aquelas percebidas, através de seus efeitos, pelos sentidos e as extensões destes (máquinas, procedimentos físicos), estudadas e comprovadas pela experimentação, compreendidas com o auxílio da abstração, generalizadas em formulações intelectuais e aplicadas objetivamente (Ciência).

A reconquista do *status* sagrado da Terra passou, no plano religioso, pela preparação do advento do monoteísmo. A semente para tanto já se encontra na antiga literatura da Índia: os Vedas, os Upanishads, o Baghavad-Gita, o Mahabharata, o Ramayana. Em todos estes textos está presente a influência da Sabedoria Iniciática, fonte da Religião-Ciência, chamada, pela Tradição, de Gupta Vidya (“sabedoria eterna” em sânscrito).

Uma série de avatares chamados Vyasa (que viveram entre 3500 anos e talvez 1000 anos a.C) incluiu, segundo a Tradição, o compilador e ordenador dos textos védicos na forma em que chegaram até nós; e também o autor do Mahabharata.

O Ramayana tem pontos de semelhança com a *Ilíada*, o poema grego atribuído a Homero e datado possivelmente de cerca de 600 a 700 anos antes do indiano, tido este como escrito entre 500 e 200 anos a.C., o que dá à *Ilíada* uma idade de cerca de 1200 anos. Em ambos narram-se guerras motivadas pelo rapto de uma mulher – espiritual e fisicamente bela -, respectivamente Helena (levada para Tróia) e Sita (levada para Lanka).

Segundo a interpretação teosófica, o texto hindu alude claramente à luta entre a nova raça-mãe, dos ários, contra os remanescentes da raça anterior, dos atlantes, personificada pelo gigante raptor Ravana, rei dos sinistros Rakshasas. Blavatsky refere-se aos primeiros como Adeptos da luz e aos segundos como Adeptos das trevas (Magia branca e Magia negra). Na linha de argumentação que vimos seguindo neste texto, não seria exagero ver-se aí um sinal de distinção entre a Ciência (conhecimento da Natureza com a participação da Razão) e a Magia propriamente dita, à maneira antiga (visceralmente não-racional).

Tanto o Mahabharata como o Ramayana são referências que estão na origem do Budismo. Sem ser propriamente uma religião monoteísta (no sentido ocidental moderno), o Budismo ampliou o caminho filosófico para o monoteísmo no extremo Oriente.

O monoteísmo de há muito já estava implantado entre os judeus, desde o segundo milênio a.C. E já uns oito séculos antes de Buda (que é do quinto século a.C.), sua introdução bem mais a Ocidente tinha sido tentada no Egito pelo faraó Khunaton (Akenaton), um avatara. Do ponto de vista dos historiadores profanos, Akenaton teria influenciado ou sido influenciado pela religião monoteísta do grande manu e avatara judaico Moisés (quase contemporâneo do faraó), ao tempo da longa permanência dos hebreus no Egito.

O Himalaia é a montanha sagrada dos hindus, que também têm seu rio sagrado, o Ganges. Na grande cordilheira e nas margens do rio, situaram-se na maior parte as Terras Sagradas dos indianos, a exemplo de Lumbini, cidade natal de Siddharta, que viria a ser o Buda, no sopé da montanha, hoje na fronteira indiano-nepalesa; e de Ayodhia, lugar de nascimento de Rama, o herói do Ramayana, sobre o Ganges, no centro-leste da Índia.

Entre os judeus, bem mais a oeste e alguns séculos depois, a geografia do sagrado apontou para o Monte Sinai e o Rio Jordão. Com a invasão israelita, as terras de Canã passaram a abrigar o primeiro povo monoteísta conhecido na História profana. Para o nosso tema, este aspecto é relevante porque da religião judaica originou-se o Cristianismo, e este fez a ponte entre as formas da religiosidade oriental e da religiosidade ocidental.

Certamente não por acaso, Jesus Cristo nasceu e trabalhou naquela região (Ásia Menor), geograficamente situada na interface do Oriente com o Ocidente, entre a antiguidade asiático-africana (mais remota) e a antiguidade europeia (mais recente).

Esotericamente, o vocábulo *Cristo* corresponde ao mais elevado grau da Iniciação, significando “o Iluminado” ou “o Verbo Encarnado”. Na concepção iniciática, Jesus de Nazaré é um avatara.

A Tradição refere-se às andanças de Jesus na Índia, onde, em Srinagar, ao norte, existe um túmulo apontado como sendo o seu. Em Jerusalém, cidade santa do Cristianismo, a Igreja do Santo Sepulcro marca o local da tumba de onde, segundo os cristãos, Ele ressuscitou. Aliás, um Avatara não está totalmente sujeito ao fenômeno que chamamos de “morte” e, na ótica ocultista, ambas as sepulturas têm significação limitada ao plano simbólico. Importante é que Jesus Cristo encontra-se tanto no contexto místico-ocultista quanto no místico-religioso.

Fundador do Islamismo, outra grande religião monoteísta oriunda do Oriente Próximo e também ligada ao Judaísmo na origem, o profeta Maomé faz parte da tradição dos avataras como um dos maiores entre eles. Sendo Meca a grande cidade santa dos islamitas, eles têm outros centros santificados, como Medina, terra natal do Profeta-mor, e a própria Jerusalém, já que os maometanos ortodoxos cultuam a memória de Abraão e consideram Jesus um grande profeta.

O SANTO GRAAL, TRAÇO DE UNIÃO ENTRE OCULTISMO E CRISTIANISMO

O mais significativo traço de união entre as duas linhas da Tradição (cristã e iniciática), no que se refere à localização das Terras Sagradas, é o Cálice Sagrado ou Graal. Na linha cristã, este vaso, utilizado por Jesus na última ceia, foi o mesmo em que José de Arimatéia e Nicodemus, amigos do Crucificado, recolheram-lhe o sangue jorrado no Gólgota quando o centurião Longino o golpeou com a lança.

Na linha iniciática, o Graal já fora utilizado pela primeira vez nos remotos tempos da tragédia atlante, quando nele se depositou o sangue do casal imperial divino, de certo

modo vitimado na invasão da oitava cidade. Ainda segundo a lenda iniciática, anteriormente fez-se o Cálice ou Taça utilizando-se preciosíssima matéria-prima: a Esmeralda que se desprende da testa de Lúcifer no momento de sua queda, ainda no tempo da raça lemuriana.

No vaso, que ficou conhecido como o Santo Graal ou simplesmente o Graal (a Taça), vem-se depositando o sangue de todos os avatares – segundo uma revelação ocultista. No Graal, repositório da essência do fluido sanguíneo desses seres superiormente avançados no caminho da Evolução, representa-se simbolicamente a acumulação de sua energia espiritual, subjetiva, que tem reflexos no mundo objetivo, material, como cornucópia, supertalismã em todos os planos, fonte de todas as riquezas: conhecimento, pensamento, dinheiro, arte, cultura, agricultura, ciência, tecnologia, comércio, indústria etc. Deste modo, sua presença em um determinado país da Face da Terra impulsiona-o enormemente.

Sob a guarda dos seres dos Mundos Interiores, o Graal é trazido periodicamente ao mundo exterior como sinal da presença do poder divino. Em cada período, os agartinos “delegam” sua posse a uma determinada ordem ou escola iniciática. Esta tem como centro uma determinado lugar, que então assume o valor de uma terra sagrada.

A partir de um vasto cabedal de referências, deve-se supor que o Graal são muitos: isto é, são várias as suas aparições disseminadas pela Terra e pela História, como se fossem produtos ideográficos do Cálice ou Taça original.

Para clarear esta informação com exemplos, basta destacar alguns aparecimentos do Graal sob diferentes nomes e circunstâncias.

No Mahabharata, luta-se pela posse do Cálice de Aritha. O Júpiter hindu, Indra, tira-o do Rei dos Nagas (a Serpente sagrada) e o leva para o Céu.

Quando são lançadas as bases do futuro império persa, aparece um cálice misterioso feito de turquesa, mineral azulado ou esverdeado, evocando a Esmeralda de Lúcifer, cheio do néctar da vida. Este conteúdo lembra a ambrosia, néctar dos deuses do Olimpo, alimento que dava e mantinha a imortalidade.

O *Jatâca*, tratado relativo ao nascimento dos *bodhisatwas* (nome genérico daqueles a quem falta uma única encarnação para chegar ao Nirvana, supremo estado de consciência), registra que Gautama Buda recebeu (de uma origem misteriosa) quatro cálices de safira, vindos dos quatro pontos cardeais. Ele os recusou, mas quando lhe trouxeram outros quatro, de pedra negra, aceitou-os, colocando-os um dentro do outro e ordenando que se tornassem um só. (A cor negra alude à Kali Yuga ou Idade Negra, ora em curso, durante a qual os grandes iluminados compadecidos trabalham para socorrer/resgatar a Humanidade).

A união ou pacto dos seres humanos com a Divindade marcou o apogeu da história judaica, nos reinados de Davi e Salomão (por volta do ano 1000-900 a.C.), sob a égide da Arca da Aliança, uma outra forma do Graal, simbolizando e concretizando a presença direta de Deus no mundo dos homens.

Data também dessa fase a estreita colaboração dos israelitas com seus vizinhos fenícios. Já então podem ser detectados sinais do futuro destaque do Brasil na cena do Programa do Governo Oculto do Mundo. Pode-se dizer que é dessa época o início objetivo da preparação da vinda do Graal para o Brasil. Este magno acontecimento viria a registrar-se em meados do Século XX, como se verá no capítulo XI do presente livro.

Como povo de vocação marítima e de grandes navegadores, os fenícios se encarregaram de levar as diretrizes do GOM a distantes regiões do globo terrestre. A Bíblia refere-se à misteriosa terra de Ofir, onde os dois grandes monarcas do Reino de Israel e Judá iam buscar ouro em abundância. No Segundo Livro das Crônicas, 8:17, está anotado que Hiram, Rei de Tiro, mandou navios e marinheiros que, acompanhados de servidores do Rei de Israel e Judá, foram até Ofir, de onde trouxeram quinze toneladas de ouro, incorporadas ao tesouro de Salomão.

Muito se tem especulado sobre a localização de Ofir e há quem diga que o nome Solimões, da primeira metade do maior rio brasileiro (que passa a se chamar Amazonas depois da embocadura do Rio Negro, seu afluente), deriva do nome do monarca judaico. Não sendo nosso propósito discutir esta questão, vamos limitar-nos a dar algumas informações sobre a opinião de que Ofir, o misterioso lugar com espantosa abundância de ouro, ficava na Amazônia.

Em 1937. O “Jornal do Comércio” de Manaus publicou artigo onde, sinteticamente, são citados fatos e pessoas que têm a ver com o aqui exposto. O periódico refere-se ao livro “Antiga História do Brasil”, de Ludwig Schwenhagen, que na abertura se reporta ao grande pesquisador da era pré-descobrimento, Bernardo da Silva Ramos. Na época da publicação da citada matéria, Silva Ramos era presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. Diz o “Jornal do Comércio”:

“O estudo da antiga história do Brasil começa no Norte. Em 1876, apresentou Onfroy Thoron em Manaus seu excelente tratado sobre as viagens das frotas do rei Hiram de Tyro, da Fenícia, e do rei Salomão, da Judéia, no Rio Amazonas, nos anos de 993 a 960 a.C. O sucessor de Thoron em Manaus é Bernardo Ramos, um legítimo amazonense”.

O mesmo artigo informa que Ramos foi numismata e vendeu uma magnífica coleção de moedas antigas. Com os recursos apurados, “fez longínquas viagens às três Américas, visitou também a Europa, Egito e Babilônia, para estudar em todos esses países as antigas inscrições”.

Em seus estudos, Silva Ramos cita Theopompo, poeta e historiador grego antigo, quando dá conta de certa referência a um quarto continente (além da Europa, Ásia e África, conhecidos na antiguidade clássica), de imensa extensão e habitado. Informa o pesquisador (em entrevista a José Matos, publicada em 1927 pelo jornal *O Piauí*, de Teresina: “*Os cartagineses [fenícios de origem], senhores do mar, bloquearam durante três séculos o Estreito de Gades, Cadiz ou Gibraltar, para impedir que gregos e tirrênios [romanos] se comunicassem com o oceano e as terras de oeste, tendo o*

senado de Cartago, segundo Aristóteles, decretado pena de morte a quem tentasse navegar para o país por eles descoberto além do Atlântico”.

A monumental obra de Bernardo da Silva Ramos, “Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, Especialmente do Brasil” (Imprensa Nacional, 1930-39), reforça a idéia de uma tentativa de colonização fenícia em terras brasileiras. O autor decifrou um sem-número de inscrições, destacando-se aquela da Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, que diz: “*Tiro Fenícia Badesir Primogênito de Yethbaal*”. Segundo o pesquisador, essa inscrição data do período 887-856 a. C., o qual marcaria o tempo em que navegantes fenícios andaram pelo Brasil.

Henrique José de Souza dá uma tradução que troca as posições (pai, filho) dos personagens mencionados: “*Yeethbaal Tiro Fenícia Primogênito de Badesir*”. No artigo “Brasil Fenício, Brasil Íbero-Ameríndio” (Revista Dharana n. 2, 1954), conta H.J.S um episódio ocorrido por volta do ano 850-860 a.C.

“Tyro era a capital da Fenícia. Nela estava firmada a corte do rei Badesir, então viúvo. Do seu consórcio nasceram oito filhos. O primogênito (8º), como muito bem decifrou Bernardo Ramos, chamava-se Yetbaal (o Deus branco). Os outros sete irmãos o odiavam por ter sido aquele a quem Badesir mais amava, seja pelos seus dotes espirituais, seja pela sua alta inteligência, por isso mesmo o seu melhor conselheiro. Os próprios sacerdotes o respeitavam e muito o queiram. Entretanto, já de certo tempo, se tramava na corte a expulsão do imperador (o Pai) e de seus dois filhos, pois que o primogênito não era mais do que uma parrelha de andróginos, para fazer jus aos termos bem conhecidos do Andrógino Divino: no mundo Superior, Adam-Kadmon, no mundo inferior, Adam-Heve. Mas também, em várias teogonias, Osíris e Isis, Hélio e Selene, Castor e Pollux etc. Finalmente, eis que chega o momento da expulsão que, diga-se de passagem, não foi levada a efeito pelo sangue de irmãos, nem pelo próprio povo que antipatizava com os sete filhos de Badesir, amando e respeitando os dois primeiros, assim como o próprio imperador, pela sua virtude e obediência às cousas divinas. Com essa revolta, insuflada por alguns elementos da castas militar e religiosa (como aconteceu com “a guerra religiosa de Amenophis IV” ou Kunaton, 1370 anos a.C.), o País passou de império a República.

A flotilha que foi armada para trazer o rei, os príncipes, escravos, sacerdotes e alguns elementos do Povo que ficaram fiéis aos mesmos, era composta de seis navios: no primeiro vinham Badesir, os 2 filhos, 8 sacerdotes, cujo primeiro ou oitavo, como Sumo-Sacerdote, tinha o nome Baal-Zin (o deus da Luz ou do Fogo”, dois escravos núbios fiéis aos seus dois senhores, e a marinhagem, acompanhada de soldados que deveriam voltar depois ao antigo Império fenício... Nos outros navios, além da gente do povo, vinham mais 49 militares, também expulsos do País por terem ficado ao lado do rei Badesir, e seus dois filhos mais velhos... E mais 222 que, a bem dizer, era a elite do povo fenício”. (...) Esses novos habitantes “vinham preparar o Brasil fenício para o Brasil Ibero-Ameríndio, descoberto” [muitos séculos depois] “por Cabral, secundando Colombo... Assim, duas cortes ficaram constituídas: a temporal, pelo rei Badesir, pelos sacerdotes da sua antiga corte, alguns militares etc. e que ocupava toda a região que vem do Amazonas até Salvador (Bahia). E desta região até onde é

hoje o rio Grande do Sul, ficava a corte espiritual, dirigida por Yetbaal, na sua forma-dual, acompanhado pelos dois escravos núbios, pelos 222 elementos da elite fenícia... e algumas outras pessoas”.

v

Esta referência ao Brasil íbero-ameríndio soma-se aos sinais, já citados, de que o Programa do GOM incluía uma posição de destaque para este país como grande terra sagrada, num futuro que parece estar-se realizando.

Os fenícios mantinham um movimento iniciático, a Ordem dos Cários. Os emissários cários atuaram por estes lados, já anteriormente à época da tentativa de Badezir, de estabelecer aqui uma colônia que criaria uma civilização sintonizada com o GOM. Esta parte do mundo estava praticamente adormecida, evolucionalmente, desde o colapso da Atlântida. Deve-se notar que a chegada da corte fenícia retirante coincide, na escala de alguns séculos, com o surgimento das civilizações pré-colombianas nos Andes e na Meso-América (Tiahuanaco e Macchu-Pichu, pré-incaicas) e olmecas-toltecas. Eram remanescentes da civilização atlante e surgiram independentemente da atuação fenícia por aqui.

Tudo indica que a deposição de Badezir na Fenícia apressou a execução da intenção já existente na Ordem dos Cários, de estabelecer uma ponta-de-lança indo-ariana no Brasil. Os fenícios, como os judeus/israelitas, filiavam-se a uma das sete sub-raças da raça-mãe ariana, a semítica.

O projeto malogrou por força de uma violência que vitimou fatalmente Yetbaal (na realidade, um casal de gêmeos). Ambos pereceram em um “acidente” na entrada da Baía de Guanabara, defronte do Pão de Açúcar (perto do ponto onde, na noite de Ano Novo de 1992, afundou o *Bâteau Mouche*, matando 55 pessoas).

A tragédia ocorrida há quase três mil anos deixou marca na mitologia não-ocultista. No livro “Aquém da Atlântida”, de Gustavo Barroso (da Academia Brasileira de Letras), registra-se a existência de uma lenda árabe medieval falando de uma “ilha Brasil”, onde certo demônio chamado Mano Satanás (“Mão de Satã”) costumava causar naufrágios na entrada da barra. Mas Barroso não chegou a registrar o mito em toda sua extensão.

Os gêmeos Yetbaal residiam na Pedra da Gávea (hoje, ruína de uma esfinge fenícia) e transitavam, por mar, entre este local e a atual Niterói (*Nish-Tao-Ram*, “o Caminho do Sol”), do outro lado da baía, onde celebravam rituais mágicos. Todo este trabalho visava a sacralização das terras banhadas pela atual Baía da Guanabara, criando a ambiência adequada à presença de seres evoluídos, vindos dos mundos interiores. Os príncipes fenícios utilizavam uma pequena embarcação movida a pedais por um dos escravos. Havia, contudo, opositores.

Estes, camuflados no Pão de Açúcar, recorrem à magia negra pesada para provocar uma tempestade repentina, que faz o pequeno barco afundar. Os três ocupantes morrem afogados. Quando o pai, Badezir, informado da tragédia, chega da Amazônia, manda mumificar os corpos, ficando as múmias depositadas no interior da esfinge da

Gávea. Badezir sobrevive por pouco tempo ao impacto da perda. Antes de morrer, ordena ao sumo-sacerdote que deixe sua própria múmia ao lado das dos filhos, por sete anos. Depois disso, é trasladada para um pequeno templo no recesso da selva amazônica. Há a expectativa de que esse monumento funerário seja encontrado brevemente.

Quanto aos despojos dos gêmeos Yetbaal, permaneceram na Gávea até recentemente (há menos de 50 anos), quando foram retirados.

O fim de Badezir e seus filhos causou o abandono do plano fenício, e a retomada do trem da Evolução no Novo Mundo sofreu um adiamento de mais de dois milênios, até que uma outra Ordem iniciática, a dos Templários, reativasse esse plano, já aí tendo por base o Graal, como veremos logo adiante.

É preciso dizer que esta lenda pertence exclusivamente à esfera esotérica e tem desdobramentos relacionados com a situação do Rio de Janeiro, sobre o qual passou a ter peso o carma daquele atentado. Entre grupos místicos, é corrente a idéia de que o emblema da cidade, a estátua do Cristo no Corcovado, deve ser sempre alvo da atenção dos moradores. Se um dia a mesma desabar, será o sinal da iminente invasão das praias, ruas e avenidas pelas águas do mar. Quem estiver atento, terá tempo de se retirar, salvando-se. Conforme dito no início deste livro (p. *) a estranha marca que a estátua apresentava em meados da década de 70, exatamente sobre o peito, à altura do coração, foi removida numa obra de recuperação do monumento, realizada alguns anos depois. Seria uma indicação de que o carma do Rio de Janeiro foi em grande parte aliviado, inclusive pela mudança da capital para Brasília.

Existe um outro episódio ligado às ações preparatórias do papel relevante do Brasil no programa da Evolução. É a Lenda de Teresópolis, falando das lutas entre dois povos indígenas, os Grupiaras, culturalmente avançados, que viviam na serra, onde hoje se localiza Teresópolis, e os Caacupês, retrógrados, atrasados, habitantes da baixada, atualmente a localização da maior parte do Grande Rio. Depois de uma batalha decisiva, onde os Caacupês foram derrotados e se criaram as condições para o nascimento do líder espiritual esperado pelos Grupiaras, estes migraram para a região do atual Sul de Minas Gerais (v. a lenda em anexo a este capítulo).

A DEMANDA DO GRAAL EM TERRAS DO BRASIL

Toda esta trama faz parte da doutrina dos avatares, segundo a qual o avanço da Humanidade está estreitamente ligado à presença, entre nós, de seres de alta consciência, vindos do Reino de Agartha. E a atuação deles, por sua vez, relaciona-se com a presença do Graal neste ou naquele ponto da superfície da Terra.

Foi na Idade Média que a lenda do Graal – como repositório das essências dos avatares, conforme descrito em cap. anterior – passou para o primeiro plano das expectativas e ações do Programa do GOM.

No imaginário europeu, a Demanda do Graal está centrada na lenda britânica do Rei Artur (ou Artus ou Artu) e os Doze Cavaleiros da Távola Redonda. Artur é um personagem histórico (do Século V) e também mítico. Uma vez por ano, reunia-se com seus Doze Cavaleiros em torno da Távola Redonda, para todos relatarem suas aventuras e seus problemas. Segundo vários poemas da época, em francês e inglês arcaicos, José de Arimatéia, levando a Taça contendo o sangue de Jesus, empreendera uma peregrinação e acabara feito prisioneiro no País de Gales. A partir daí, a Taça fica desaparecida por séculos.

A obra de Sir Thomas Malory, “**Le Morte Darthur**” (1485), relata esta parte e vai adiante. O Rei da grande Bretanha, Artur, lidera seus cavaleiros na busca do ideal de justiça e elevação espiritual. Um deles, Launcelot, é induzido, por artes mágicas, a ter um relacionamento com a filha do Rei Pelles, a princesa Elaine, que o cavaleiro pensa ser a esposa de Artur – um grave equívoco e injustiça, pois na realidade nunca houve o adultério da Rainha Guinevere. O filho daquela união vem a ser Sir Galahad. Em um dia de Pentecostes ele é levado à sala dos cavaleiros reunidos com o Rei Artur em torno da Távola Redonda e ali lhe oferecem o “*Siege Perilous*” (Perigoso Assento). Em meio a raios e trovões, a Taça aparece na sala, mas ninguém a vê. Os cavaleiros então juram empreender seu resgate. O eremita Naciens avisa que a tarefa só poderá ser levada a cabo por quem for puro e livre de pecado.

São muitas as peripécias vividas pelos protagonistas da Demanda. Galahad obtém em certa abadia um escudo branco com uma cruz vermelha, trazido por José de Arimatéia. Finalmente, Galahad, Percival e Bors chegam ao Castelo de Carbonek, têm uma maravilhosa visão do Salvador, recebem o Graal de suas mãos e o levam para o Reino de Sarras, onde Galahad sobe ao trono. Ao fim de um ano, ele morre, a Taça sobe ao Céu e nunca mais é vista. Segundo o registro ocultista, foi devolvida aos Mundos Interiores. Mas foi vista de novo, sim, voltando à Face da Terra, como se relata mais adiante neste livro.

O Rei Artur e seus Doze Cavaleiros fizeram o papel de Guarda do Graal. O nome do Rei evoca o da estrela Arcturus (Alfa do Boieiro), uma das mais brilhantes do céu, que tem essa denominação por estar próxima à Ursa Maior, parecendo guardá-la.

O resgate do Graal encerra a tradição pagã (gótica e céltica) da magia e da guerra como formas de estabelecer o reino da elevação espiritual, da Graça e do Amor, segundo a interpretação do “*Dictionnaire des Personnages*”, de Laffont-Bomopiani (França-Grã Bretanha, 4^a reimpressão, 1992).

Pela tradição eubiótica, as Sete Igrejas do Oriente citadas no início do Apocalipse de João estão ligadas ao Mistério do Graal (Dhârânâ, jul/ago-1954. S.B.E. - H.J.S.). O apóstolo/profeta dirige cartas aos Sete Anjos daquelas Igrejas. Esses templos abrigaram, sucessivamente, a Taça (ou uma de suas imagens virtuais), tendo, portanto sido portadores e repassadores da Tradição do Cálice contendo o Sangue Vivo do Cristo, e sucedidas nessa função pelas Sete Igrejas do Ocidente.

Porém, na linha do papel programado para o Brasil, hoje o Mistério do Graal já não tem ligação com esses locais, tendo passado a outro nível que se situa em um plano mais ecumênico, supra-religioso (Cap. 11).

No ano de 800, Carlos Magno lançou as bases do Sacro Império Romano-Germânico ao ser coroado Imperador do Ocidente pelo Papa Leão III.

Carlos Magno e seus Doze Pares de França – expressão dos 12 signos do Zodíaco, como os Doze Cavaleiros da Távola Redonda e os Doze Apóstolos de Jesus Cristo – foram uma outra configuração da Guarda do Graal. O Imperador dos francos teria sido dirigido e orientado por ordens secretas iniciáticas, conhecedoras dos grandes mistérios da vida humana.

A conquista islâmica da Terra Santa dos cristãos levou Roma a promover a organização das Cruzadas com a missão de desalojar os muçulmanos da Palestina. A primeira Cruzada retomou Nicéia, Antióquia e Jerusalém em 1096, tendo fundado o Reino Latino de Jerusalém em 1099. Na Ásia Menor, os cruzados tiveram contato com mestres de sabedoria de origem arábica e de imenso valor intelectual e espiritual. Grande número de cristãos preferiram instruir-se ao invés de combater por um ideal sem objetivo evolucionar. Do fermento trazido por esses novos conhecimentos e experiências saíram as Ordens de Jerusalém ou do Cristo e a dos Templários.

O pesquisador Hernani M. Portela informa que “os Templários espalharam-se por toda a Europa. Trabalhavam para a implantação da Sinarquia [governo simultâneo de vários dirigentes espirituais supremos]. Possuíam esplêndida organização e visavam dois fins: a) constituição do que se poderia chamar Estados Unidos da Europa; b) distribuir instrução pública obrigatória e gratuita”.

No artigo “Cosmogênese – Antropogênese – Ordens Secretas”, publicado na Revista Dharana, n. 15/16 – 1960-61, acrescenta Portela:

“Felipe IV, o Belo, então rei de França, tendo já dissipado tudo o que havia pilhado aos lombardos e aos judeus, sem conseguir, todavia, a unificação da França tradicional de Carlos Magno, tentou apossar-se das imensas riquezas dos Templários, originadas dos vencidos nas guerras de religião e de conquista e de doações que recebiam de príncipes e senhores feudais, pelo auxílio que prestavam a estes na expansão de seus domínios”.

Repelido em suas pretensões pelo papa Bonifácio VIII, cuja bula expedida em 5 de dezembro de 1301, faz queimar em praça pública, convoca o conclave que elege o arcebispo de Bordéus, Bertrand de Got, com o nome de Clemente V. Conseguindo o “sócio” para a grande aventura, o novo Pontífice, sem forças para repelir as despuddoradas imposições de Felipe IV, rei de França, consuma o grande crime, expedindo a bula “Ad providam Christi” que “sanciona a torpíssima resolução do concílio de Viana mandando suprimir a Ordem do Templo com a entrega de todos os seus bens aos “Hospitalários”, Ordem sem expressão, submissa às imposições do monarca ambicioso e sem escrúpulos.

Com a morte dos chefes templários, inclusive Jacques de Molay, desapareceu a ordem do Templo que, fundada no ano de 1118 de nossa era, foi destruída em 1312. Das suas cinzas saíram as ordens da “Cruz de Malta”, da “Cruz de Cristo”, de “Aviz” e outras que tiveram seus papel em épocas posteriores.

O trecho a seguir é especialmente interessante por nos servir para fazer a ligação destes acontecimentos com o destaque previsto para o Brasil:

“Possuíam os Templários excepcionais privilégios em Portugal, onde reinava D. Diniz, rei atilado e providente que, compreendendo os desígnios do Rei de França em relação aos Templários e a pusilanimidade de Clemente V, incapaz de se erguer à altura moral de seu predecessor Bonifácio VIII, criou a Ordem Militar de Cristo, por carta régia de 15 de novembro de 1319, para onde transferiu todos os privilégios e bens materiais dos Templários, cujos heróicos esforços enaltecia pela ajuda recebida para expulsão dos mouros das fronteiras de Portugal. Com a morte dos chefes templários, inclusive Jacques de Molay, desapareceu a ordem do Templo que, fundada no ano de 1118 de nossa era, foi destruída em 1312. Das suas cinzas saíram as Ordens da Cruz de Malta, da Cruz de Cristo, de Aviz e outras que tiveram seu papel em épocas posteriores”.

A história das grandes navegações portuguesas, iniciada pelo trabalho do Infante Dom Henrique, o Navegador, no movimento que ficou conhecido como Escola de Sagres, fez-se em grande parte sob os auspícios da Ordem de Cristo. Esta possuía uma vertente iniciática, como herdeira do conteúdo ocultista dos Templários. Um aspecto pouco difundido é que, na Tradição ocultista e templária, conforme levantada por Henrique José de Souza, D. Henrique tinha ligações com a Grande Fraternidade (dos Mundos Interiores, ou seja, o Governo Oculto do Mundo).

Das primeiras décadas do Século XV até 1460, ano do falecimento do Infante, os portugueses assumiram a liderança mundial em termos de técnicas de construção naval, cartografia e navegação, explorando a costa da África. Estes avanços abriram caminho ao estabelecimento, no final daquele século, da rota oceânica para a Índia pelo contorno da África.

O projeto das grandes navegações, de custo quase inabordável, na época, para o pequeno Portugal, país de reduzida população e economia fraca, prendeu-se ao motivo explícito do interesse por ganhos materiais. Estes adviriam da mudança do eixo do comércio com o Oriente, quebrando o monopólio das cidades italianas na rota do Mediterrâneo. Havia também o pretexto da difusão da fé cristã.

Por trás destas motivações ostensivas, encontrava-se o cumprimento de um aspecto fundamental do Programa evolucionar, uma operação que Henrique José de Souza chamou de *Missão Y*. Esta consistia na realização prática, histórica, dos valores espirituais identificados com os planos do GOM, de conduzir a marcha da Civilização para Oeste, além do Oceano Atlântico, então conhecido na Europa como sendo o Mar Tenebroso.

O Y do nome da missão faz referência ao fato de que a mesma, de acordo com o esquema pré-estabelecido pelos continuadores dos Templários, partindo da Península Ibérica (Portugal e Espanha), abria-se em duas direções, uma para o Norte (México, Estados Unidos), outra para o Sul (Brasil). Para o destino na parte norte do Novo Mundo, quem cumpriu a tarefa foi Cristóvão Colombo em 1492, à frente de uma expedição espanhola que declaradamente partiu para chegar à Índia por meio de uma volta ao mundo (“ao Nascente pelo Poente”). Para a parte sul do Novo Mundo, coube a Pedro Álvares Cabral, em 1500, comandar a esquadra portuguesa que declaradamente iria consolidar a rota africana para a Índia, rota esta aberta por outro navegante lusitano, Vasco da Gama, entre 1497 e 1500. Cabral teria aportado ao Brasil “acidentalmente”, por ter sido obrigado a mudar de curso, em função de intempéries e correntes marinhas.

Na realidade, segundo documentos encontrados na década de 70 do século XX, sua viagem fora preparada dois anos antes, mediante uma expedição organizada por Duarte Pacheco Pereira, o continuador da obra técnica da Escola de Sagres. E na realidade mítica e mística, tanto Cabral quanto Colombo tinham conhecimento de que vi- nham realizar o plano de trazer a semente do estado de consciência da civilização ari- ana (esotericamente falando), implantando-a nas regiões do planeta que tinham abri- gado o centro da civilização atlante. Portanto, a missão de ambos era transcendental, importando em uma nova sacralização destas terras, há muito tempo dessacralizadas, isto é, marginalizadas do Programa evolucionar, em decorrência das catástrofes que destruíram a Atlântida.

Não se pode deixar de assinalar que algo do conteúdo mitológico dos Descobrimen- tos “vazou” para o conhecimento popular na época. Difundiu-se no meio do povo o mito de que nas terras recém “descobertas” situava-se objetivamente o Paraíso Ter- restre, o Éden reencontrado. No espírito de Colombo, o sentimento do mágico e do maravilhoso era tão forte, que ele viu sereias na ilha aonde chegou em uma de suas viagens ao atual Caribe. Os incrédulos sustentariam que ele viu fêmeas de boto – mas pode-se preferir que, com sua visão de iniciado no Ocultismo, Colombo avistou mesmo nereidas (ou ondinas), ninfas do mar.

Seu próprio nome tem conotação iniciática: “*Cristóvão*” significa, etimologicamente, “portador de luz” (conhecimento, cultura, civilização); e “*Colombo*” (do latim *co- lumbus* = pomba) faz alusão ao episódio bíblico da pomba que o patriarca Noé soltou da Arca para testar se as águas do Dilúvio universal já haviam baixado. O genovês a serviço da monarquia espanhola naquela missão de descobrimento comprovou que sim: as águas que haviam engolido a Atlântida tinham deixado, simbólica e realisti- camente, novas terras secas cujo repovoamento civilizatório poderia então começar.

Também Pedro Álvares, o descobridor português, adotou um nome em ligação com o sentido oculto de sua tarefa: originalmente ele usava o sobrenome “*de Gouveia*”, ten- do adotado o de “*Cabral*” ao receber do Rei a missão de comandar a esquadra que oficializaria o Descobrimento do Brasil. O novo sobrenome “amarrava” sua missão ao Trópico de Capricórnio (cabra), para onde ele se dirigiu. No seu brasão de armas, há a imagem de três cabras dispostas triangularmente.

No Ocultismo templário, a cabra ou bode é um totem de Lúcifer no sentido esotérico. Sendo *Lúcifer* e *Cristóvão* etimologicamente sinônimos virtuais, pode-se incluir *Cabral* nesta sinonímia, onde os três termos significam, afinal, a mesma coisa. Aliás, consta que Cabral e Colombo se conheceram durante os dez anos que o genovês passou em Lisboa tentando conquistar, da Coroa portuguesa, apoio para seu projeto, o que mais tarde foi obter na Espanha.. Isto ocorreu porque no reinado de D. João II, que no trono português precedeu D. Manuel I, rei ao tempo do descobrimento do Brasil, ficara consagrado o plano de se chegar às Índias pelo contorno da África. Ostensivamente, o plano de Colombo, que ele realizou com o respaldo espanhol, era contornar o próprio globo terrestre... Colombo certamente sabia que a terra onde aportou na expedição de 1492 não eram as Índias, e sim o remanescente da Atlântida, mas preferiu não divulgar isso. Daí que o Novo Mundo foi chamado durante algum tempo de “Índias Ocidentais”; e seus aborígenes, de “índios”.

A reforçar a interpretação iniciática, há ainda o fato de que o primeiro governador Geral do Brasil, Tomé de Souza, ao chegar à Bahia em 1549, tinha no seu brasão a inscrição latina *Sic Illa ad Arcam Reversa Est* (“E assim ela voltou para a Arca”), com a figura de uma pomba trazendo um ramo no bico. Segundo os eubiotas, a sonoridade do vocábulo *arca* evoca o nome do Reino de Agartha, que na tradição templária está na origem de toda esta trama evolucionar. Dela virão a fazer parte outros personagens dos primeiros tempos da História do Brasil, como João Ramalho, Diogo Álvares Correia (o Caramuru), Catarina Paraguaçu e José de Anchieta.

Estes protagonistas vincularam-se à proposta original da Ordem dos Templários para a retomada do trem da evolução aqui, com a intermediação da Ordem de Cristo, que sucedeu aquela. Do ponto de vista acadêmico, não há provas disto. Contudo, a atuação deles tem uma orientação claramente ligada à perspectiva da preparação do Brasil para uma nova situação ao mesmo tempo cósmica e histórica. Nesse sentido, eles se destacam como heróis em meio a uma imensa maioria que, quase sempre, atua inconscientemente em sentido contrário, muitas vezes deturpando e frustrando a intenção construtiva desses poucos.

Mas antes de chegar a centralizar-se no Brasil, a trama do GOM iria passar por uma de suas tentativas mais diretas, a fundação da Sociedade Teosófica em Nova Iorque, um dos assuntos do próximo capítulo.

A Lenda de Teresópolis

Henrique José de Souza

Esta história é desconhecida, por completo, dos mais ilustres historiadores justamente devido ao fato de ter ocorrido em remotas épocas, e com o passar dos anos, haver se transformado em lenda. Acha-se estreitamente ligada aos mistérios que envolvem a grandiosa Obra em que está empenhada a S.B.E., mostrando uma face oculta sobre Teresópolis, que demarca a etapa anterior a que chegou a Mônada, na sua marcha evolucionar, através do Itinerário de IO, antes de firmar-se no 23° de latitude Sul do Trópico de Capricórnio, na cidade de São Lourenço, em Minas Gerais.

Muitos séculos antes de Cabral ter aportado na enseada a que ele mesmo deu o nome de Porto Seguro, e o Brasil não ser mais do que “uma selva”, embora de há muito banhada pelos aurifulgentes lampejos de Svaraj, como ‘sétimo raio do Sol místico Surya”, anunciador da “Missão dos Sete Raios de Luz”, região poupada pela grande catástrofe atlante, ocorrida há perto de um milhão de anos e onde as serras do Parimã, do Roncador, dos Órgãos, da Canastra, Mantiqueira e outras mais se erguem, altivas e garbosas, para a abóbada celeste, como “lugares jinas do Brasil” e que certos gananciosos civilizadores se arrogam o direito de devassar, dando preferência ao ouro e à gemas preciosas “que se ocultam no seio da terra”, ao invés da chamada “proteção aos índios”. O lugar hoje conhecido por “Baixada Fluminense”, e toda a zona que, na mesma latitude, compreende a serra onde está a formosa Teresópolis, em direção a Magé, era o reduto de duas poderosas tribos: a que vivia na planície, muito maior, formada pelos terríveis Caacupês, enquanto a da montanha, pelos Gurupiaras ou Grupiaras. Esta, embora guardiã dos mais preciosos tesouros iniciáticos da civilização atlante, era cruelmente perseguida pela primeira, cujas características comprovavam a sua afastada origem lemuriana.

Teosóficamente falando, os Caacupês eram francamente lunares ou apásicos, por viverem na planície, numa região um tanto pantanosa, enquanto os Grupiaras, uma raça solar, como prova, por sua vez, a escolha dos altos cumes da Serra por morada, cujo nome naquela época, era Itapira. Quanto à elevação que hoje tem o nome de “Dedo de Deus”, chamava-se Aca-Bangu.

Invejosos e maus, como eram os Caacupês, todo o seu desejo consistia em aniquilar até o último rebento dos seus bondosos vizinhos, e apoderar-se da jovem Abayu, filha de Guarantan, chefe da tribo dos Gurupiaras. Abayu, como verdadeira sacerdotisa mantenedora de Agni, o fogo sagrado, vivia em “tabu”. Sabia muito bem dos seus espirituais privilégios, o feiticeiro da tribo inimiga, chamado Bagé-Baguá, famoso evocador de anã e anhangá, ou sejam, os maus espíritos e o próprio diabo. Insinuara ele, ao chefe da tribo dos Caacupês, de nome Cabuna, o “o casamento do seu filho Apiamira, com a formosa e privilegiada jovem Abayu, para que dessa união, nascesse o futuro chefe da tribo dos Caacupês”.

Entretanto, do lado oposto, havia alguém que vigiava muito de perto “a virgem do tabu”, ou seja, o seu inseparável amigo protetor e “mestre”, senhor de grandes poderes oculto, e pagé também da mesma tribo, cujo nome era Açocê-Bu. Nem podia deixar de ser assim, porquanto, neste mesmo “tabu” se conservava a velha tradição de “um enviado do céu”, o grande “Cabaru-Tupã” que devia desposar a “formosa Abayu”.

O nascimento da mesma Abayu, já fora anunciado “por um ser de grande esplendor”, à sua mãe Morirá, de quem a filha herdara a beleza e outros predicados, além dos espirituais que lhe davam o direto, portanto, de ser “a esposa do enviado do céu”, e conseqüentemente, a mãe do futuro chefe da tribo dos Gurupiras.

Logo que a virgem completou os dezesseis anos de idade, e os sinais celestes, inclusive, os relacionados com o primeiro dia da Lua Nova, e Júpiter com Saturno em

conjunção, foi ela mesma quem, sua mãe já tendo falecido, recebeu o aviso feito por um anjo (ou Deusa) “de que, o seu Bem-amado estava prestes a chegar, para, na mesma ocasião, tomá-la por esposa, depois de derrotar os ferozes inimigos da tribo dos Gurupiras. E dessa união, mais mística do que sexual, nasceria Aquele que deveria conduzir seu povo a região da fartura, da paz e da felicidade”...

Ciente, o seu protetor e amigo, de tão auspicioso acontecimento, ele conduziu a virgem à presença de seu pai, para que este, por sua vez, prevenisse a todos os filhos da tribo, que o momento da grande batalha, que deveria ser travada com seus vizinhos inimigos, se aproximava, e, como consequência, a chegada do “enviado dos céus, o filho de Tupã, que tomaria por esposa “a virgem do Tabu”, por todos querida e respeitada.

Durante os três dias que antecedem ao primeiro da Lua Nova de Maio, o ritual foi mantido com todo o rigor. E as armas preparadas para a grande luta, que deveria travar-se na mesma ocasião.

Na planície, os Caacupês previam alguma coisa inesperada, pois. Além de acenderem fogueiras que se refletiam em grande extensão, como sinal a todos os filhos da tribo, para se aproximarem do lugar, dançavam, cantavam, fazendo rufar os guararás, soprando os catapuços e os borés, de modo verdadeiramente ensurdecedor.

O céu, até então crivado de estrelas, começou a tomar um aspecto sombrio, as nuvens encaracolando-se, mais pareciam serpentes aladas querendo despenhar-se em cima do lugar visado pela forças cósmicas, para um grande novo acontecimento no mundo dos mortais.

Os filhos da tribo privilegiada dos Gurupiras, com seu chefe à frente, ladeado por sua filha Abayu e o sacerdote Açocê-Bu, estavam formados em três círculos concêntricos, no mais transcendente dos simbolismos, que, em verdade, é o dos três sóis, tendo por trás, o Sol Oculto ou espiritual...

O mesmo fenômeno se dava no céu: nuvens, comprimindo-se de encontro umas às outras, deixavam no centro um grande rombo, em forma circular, como se fossem três arco-íris ligados nas pontas, à guisa de grinaldas de flores. E onde se via, por baixo, rutilando no esplendor do seu próprio simbolismo, o Cruzeiro do Sul.

Eis quando, do seio da terra, línguas de fogo começaram a erguer-se, como se fossem verdadeiras e enormes fogueiras. Por sua vez, fogos cambiantes, em forma de bolas, saltitam por toda a parte, principalmente, de um serro a outro, obediente às três cores matrizes: amarelo, azul e encarnado.

Em baixo, o clamor terrível dos Caacupês, dava a impressão de perigosos demônios lançados do inferno, desafiando as criaturas, os próprios deuses nos céus. Com os punhos voltados para o cume da Montanha, gritando, gesticulando, lançando as primeiras flechas, como desafio à tribo privilegiada dos Gurupiras, o quadro cada vez mais se assemelhava ao da “capital do inferno”, pois, segundo Milton, seu nome era: Pandemonium.

E uma chuva de estrelas riscando a abóbada celeste, em todos os sentidos, já então completamente despida de nuvens, foi o sublime prenúncio da vinda do “Cavaleiro das idades”, o enviado dos céus, “o Filho de Tupã”, há tanto tempo esperado pela tribo dos Gurupiras, a contar todo um ciclo numeral e cabalístico de “luas novas, que se sucediam uma às outras”...

Iguabebê! Iguabebê! Cabaru-Cabaru-pararanga! Cabaru-pararanga!, exclamavam, numa alegria indescritível, os filho da tribo dos Gurupiras.

E como se tivesse caído do céu, apareceu no centro dos três círculos, bem diante do “Tabu”, “O Cavaleiro das Idades”. Seu cavalo todo ajaezado era de uma alvura imaculada! Ele saltou dos estribos e dirigiu-se primeiro a sua esposa. Ajoelhou-se e tomando entre as suas, as delicadas mãos da jovem sacerdotisa, beijou-as com todo o respeito. Ergueu-se e abençoando toda a tribo, foi direto ao sacerdote. Açocê-Bu, que, neste momento, prostrando-se de joelhos diante de Cabaru-Tupã, beijou a terra três vezes. A seguir aproximou-se de Guarantan, o Chefe da tribo, beijou-lhe a frente, estreitando-o nos braços. “Chefe da tribo dos Gurupiras, disse ele, a quem coube a graça de ser pai da divina Abayu, filha também de Morirá, hoje no reino celeste, eu te saúdo repleto de amizade e respeito. Tu és o tronco donde vai surgir a nova raça, da qual meu filho Mora-morotim será o guia espiritual... E eu, sou “O filho de Tupã”, do qual se originam todos os seres da Terra. E para o qual todos eles hão de voltar um dia, purificados da sua primitiva mácula...

E tomando da sua espada flamígera, lançou o grito de guerra, que foi ecoando pelas quebradas da serra, pela floresta adentro...

Nesse ínterim, os mais afoitos da tribo inimiga, como que possuídos do diabo, alcançavam os altos penhascos da serra do Itapira. Enquanto os que se achavam apenas nos contrafortes, manejando poderosos arcos, enviavam para o alto as agudas e venenosas flechas preparadas para aniquilar “até o último rebento da tribo dos Gurupiras”.

Eles haviam presenciado o “milagre”. E com isso, a sua fúria foi muito maior.

Entretanto, um ruído estranho se fizera ouvir, partido do seio da terra, abalando a própria montanha. E uma chuva de pedras começou a desabar sobre “os inimigos da Lei”: os decaídos “lunares” em combate com os “solares”, os filhos do céu. E às rochas maiores, sucederam as menores.

Foi uma devastação horrível! Muito mais, quando “o cavaleiro celeste”, à frente do seu exército, despenhou-se pela montanha abaixo, como se tivessem todos, sem exceção alguma, asas no pés.

Por toda a parte, cadáveres da tribo inimiga. Embora, porém, guardando distância, estava postada uma grande massa humana, feroz, terrível, como os próprios demônios!

A batalha maior teve lugar na planície. Mesmo assim, dentro em pouco, estava quase dizimada a tribo dos Caacupês, porquanto os poucos elementos que lhe restavam, fugiam espavoridos para as bandas do Norte.

O povo privilegiado, seguindo seu chefe temporal e espiritual, começou a galgar o espinhaço da serra do Itapira. Em chegando ao alto, foi recebido pelo Chefe da tribo, ladeado por sua filha Abayu e o sacerdote Açocê-Bu, além de doze guerreiros escolhidos, formando aquela misteriosa “corte”, que de nenhum modo deveria, naquela ocasião, abandonar o “tabu”. O ritual do casamento teve lugar. As festas se prolongaram durante sete dias.

Nove meses depois de tão auspiciosos acontecimento, teve lugar um outro maior: a vinda à luz do dia, de Mora-Morotim, o futuro chefe e Guia da tribo dos Gurupiras, em direção “a região da fartura, da paz e da felicidade”. Tal fato, entretanto, só se deu, vinte um anos depois, quando este Ser alcançou a maioridade.

Um grande cortejo, formado por algumas centenas de pessoas, dirigiu-se para a “Terra Prometida”. Nessa época, já o “Cavaleiro Celeste” havia desaparecido, da mesma maneira por que havia chegado. Durante muito tempo, preparou ele, o espírito de sua esposa, para aceitar aquela dolorosa separação, como uma “Ordem emanada do céu”.

E a tribo chegou, finalmente, ao lugar apontado pela secular tradição, o qual não é outro, senão, o que traz ainda hoje o misterioso nome de Ayuruoca.

Tal como acontecia com Tamandaré, Mora-morotim, “ensinava aos filhos da tribo, o que, durante a noite aprendia dos céus”.

E a tribo continuou feliz por muito tempo.

Homenagens as “Sete rosas que ornaram a Coroa de São Lourenço”, na razão de um sistema planetário transformado em geográfico e um dos maiores mistérios de que se acha envolvida a Obra dos Deuses, cujo nome, como se sabe, é Missão Y.

Os nomes das sete simbólicas rosas do referido sistema, são Ayuruoca, Conceição do Rio Verde, S. Tomé das Letras, Maria da Fé, Carmo de Minas, Itanhandu, e Pouso Alto, pouco importando a colocação da duas últimas. No centro, o Sol místico: “a capital espiritual do mundo”, a cidade das curas e dos prodígios. Em resumo: a Laurenta Sul-mineira.

O silêncio, a quietude mística que envolvem a todas elas, serão como gotas de orvalho caídas no coração do homem justo, sábio e bom, cujo coração é, de fato, a corola de uma Flor estranha, a palpitar noite e dia, atendendo aos impulsos da Luz Divina, emanada do único e verdadeiro Sol: Parabrahmã.

Aponta-o, na sua gigantesca e apoteótica magnificência: o Dedo de Deus.

Esclarecimentos

Como se viu, a raça lunar ou a dos Caacupês vivia na planície, ou lugar patanosos, apásico, psíquico ou astral. Enquanto a solar, ou dos Gurupiras ou Grupiaras, no cume da montanha.

Cume ou Kumara, tanto vale. Outrossim, vemos reproduzida a tradicional batalha “entre lunares e solares”, como aquela do Mahabhárata, “no campo de Kurukshe-tra”, que é o da vida

Vejamos agora, os nomes dos personagens, lugares e coisa, que fazem parte da referida lenda:

Itapira: o nome da serra, onde hoje se assenta a bela Teresópolis, cujo nome, como se sabe, provém da Imperatriz do Brasil, D. Teresa de Alcântara; do mesmo modo que, Petrópolis, de seu esposo e último imperador do Brasil, D. Pedro II. Itapira quer dizer: “a pedra inclinada”. Em outras línguas pré-cabralinas: “Montanha de Fogo”.

Magé: nome que tem hoje a parte litorânea da referida região: significa: “o antro do feiticeiro”. O que diz bem da raça que habitava a planície, e também, do seu pagé.

Pagé-Baguá: “o feiticeiro da lagoa”.

Pagé (Bagé): “feiticeiro ou mago”, termo este que, sendo anagrama do Ogam, africano, é dado ao “pai de santo ou do terreiro”. Evocador e anã e anhangá, (no tupi), ou sejam: almas errantes (kama-rupas), como se diz no Oriente) e o mesmo, “diabo”.

Aca-Bangu: antigo nome do penhasco que tem hoje, o nome de Dedo de Deus, significa: “A ponta, a saliência escura da serra”.

Caacupês: nome da tribo lunar ou da planície, tem o significado, “por baixo do monte”. Guararás, Catapuçus e Borés: tambores, búzios, canas, etc. Cabuna: nome do chefe dos caacupês, significa: “a vespa negra”.

Apiamira: nome de seu filho, com o qual, desejava a tribo que se casasse Abayu, a sacerdotisa ou jovem que vivia em “tabu”, na tribo dos Gurupiras, significa, “o pintado, o macho, o varão de um povo, etc.”.

Gurupira: nome da tribo solar ou do alto, quer dizer, “o que fica por trás da serra, do monte, etc.”.

Guarantan: nome do chefe dessa tribo, significa “a madeira rija”, “o forte, o guerreiro, etc.”.

Açocê-Bu: nome do pagé superior ou sacerdote, aquele que protege às ocultas (uma espécie do “Dai com a direita, que a esquerda não veja”).

Araberi: também era seu nome, como significado, “o peixinho dourado” (da água doce, etc.). No Zend: Arabin, ou seja, “o que preside o fogo”, na mesma razão do termo sânscrito, Arambha-Berham.

Abayu: nome da virgem em “tabu”, ou sacerdotisa, significa, “a que tem os cabelos ruivos ou louros”. *Mori-Ra*, nome de sua mãe, quer dizer, ‘A ventura das venturas’ (a felicidade solar).

Cabaru (ou *Cabayu*) *Tupã*: “o cavaleiro celeste”, o esperado (o cavalo alado). Também chamado: *Botucavaru*.

Iaguabebê: “estrelas candentes”. *Cabaru-Pararanga*: “o cavalo das nuvens”, “alados”, etc.

Mora-Morotim: nome do “filho da tribo”, ou seja, “aquele que devia guiá-la à região da fartura, da paz e da felicidade”, tem por significado: “o alvíssimo filho do povo”, o puro, o imaculado, o perfeito, etc. Note-se que os dois termos são escritos com a misteriosa letra “M”. Exemplo: *Mitra*, *Maitri*, *Maitreya*, etc. Além de que, *Mora* faz lembrar outros termos sagrados, como sejam: *Morya*, *Mouro*, *Meru*, *Maru*, etc. *Tamandaré* (ou *Tamoinda-Ré*): quer dizer, “o repovoador”, “o condutor do povo”, etc.

Ayuruoca: região para onde foi conduzido o povo da montanha *Itapira*, pelo *Manu* acima referido, quer dizer, em língua tupi: “o buraco da rocha, da caverna, etc.”. Em sânscrito, se decompõe em dois termos que completam esse mesmo sentido, ou seja: *Ayu* (ou *Ajur*) e *Loka*: “a região da luz”, da Iluminação, da Sabedoria Perfeita (*Eubiose*, a Ciência da Vida). Donde ser “a região da verdadeira Paz e da Felicidade”.

Finalmente, *Roncador*, ou seja, o nome que tem hoje a conhecida serra mato-grossense, era chamada pelos tupis: *Itapororoca*, “a pedra que ronca, que ruge, que fala, etc.”.

Os gentios daquele lugar, também, a denominam *Matatu-Araracanga*, com o significado de “cabeceira” das araras”. (Atualmente o seu sentido se perdeu, entretanto ficou a corruptela de *Matutu*). Aquele termo como também o segundo, de que o gentio se serve para a serra do *Roncador*, fazem lembrar o *Monte Ararath*, bíblico, onde a *Arca de Noé* encalhou.

No entanto, existe um outro lugar, que, a bem dizer, é “uma projeção da mesma cordilheira”, à qual se aplica muito melhor, aquele termo, ou seja, “Serra da Araras”.

(*Dhâranâ* n. 124 - 1945)

8 – Um porto seguro sob o Equador

Um dos símbolos mais intrigantes da Tradição e que foi popularizado pela Bíblia é a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. A partir de várias indicações e sugestões de diferentes fontes, os autores propõem aqui uma interpretação que é também um registro das muitas versões sobre o que vem, a ser, afinal, esta Árvore, um emblema tão significativo quando o Graal. Primeiramente, pode causar surpresa a circunstância de que tanto a Árvore da Ciência do Bem e do Mal quanto o Cálice Sagrado têm relação com o mistério do feminino.

Não sendo um só, mas vários dentro de uma unidade, consistindo de uma peça original com sete gêmeas virtualmente iguais à Oitava, fonte das demais, o Graal, que hoje permanece resguardado nos Mundos Interiores, segue o modelo do Sistema Planetário arquetipal da Evolução: sete Globos luminosos ou Planetas em torno do Sol espiritual, o Oitavo, sendo este a síntese de todo o Sistema.

Cada uma das catedrais mencionadas no Cap. 7 abrigou uma das réplicas-gêmeas da Taça durante um tempo. O Graal como Oitavo contém suas sete reproduções virtuais, e só vem à face da Terra nos momentos máximos de abertura de um novo ciclo.

O Cálice está construído segundo medidas canônicas. Lorenzo Paolo Domiciani, autor misterioso às vezes identificado como sendo uma outra identidade literária (heterônimo) de Saint-Germain, o grande iluminado francês do século XVIII, personagem entrevistado entre a sombra e a luz da lenda, escreveu:

"Esse Cálice ou Taça possui as suas medidas canônicas, conhecidas por alguns, por exemplo, pela Ordem dos Monges Construtores, que deram origem posteriormente aos Rosacruztes (...) [O autor refere-se aqui aos antigos membros da Ordem criada por Christian Rosenkreutz]. De tais medidas canônicas foi que se serviu o autor da "Vênus de Milo", para a [medida] da protuberância dos seios da estátua, por ser justamente idêntica à da concavidade da referida Taça ou Cálice... como se sabe, obediente aos prováveis cânones da deusa mitológica" (Dharana, julho/agosto/1954).

O autor rosacruciano-maçônico-teosófico Jorge Adoum (Mestre Jefa), na obra **"Poderes ou O Livro que Diviniza"** (Editora Pensamento, São Paulo, 1993, publicado originalmente em Quito, Equador, em 1940), sustenta uma informação que instiga a idéia da relação entre o poder espiritual e suas expressões simbólicas no mundo. Diz Adoum (p. 20): "a mulher é a árvore da Ciência do Bem e do Mal, cujos frutos causam a morte ao libertino e a vida aos parcimoniosos e prudentes".

Isto lança uma luz diferente sobre a questão que abordamos no seguimento deste capítulo, indagando sobre o que seria, tanto simbólica quanto concretamente, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Esta existia, segundo a Tradição, na Quarta Cidade Atlante, a Cidade dos Telhados Resplandecentes, que como já vimos ficava no planalto central do Brasil (no atual Mato Grosso). Tendo a Quarta Cidade liderada a insurreição que levou à invasão da Oitava, Shamballah (então ainda na Face da Terra), foi esta invasão o *pecado* que *originou* a grande transformação trazida pelo colapso da civilização da Atlântida.

No simbolismo bíblico, o pecado original ocorre quando a mulher induz o homem a comer o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Como a Tradição registra que a liderança da Quarta Cidade (onde mitologicamente estava plantada aquela Árvore) não se conformava com o nível de seu limitado acesso ao conhecimento guardado na Oitava, resta saber qual o papel da mulher nessa trama.

O inconformismo do povo da Quarta Cidade foi o ostensivo motivo da invasão da Oitava, que redundaria na grande guerra. A conflagração atlante é o primeiro dos três maiores conflitos referidos pela Tradição, sendo os dois outros a guerra de Tróia, narrada na *Ilíada*, e a guerra do Ceilão, narrada no *Mahabharata* (nome que em sânscrito significa “A Grande Índia”).

Como já vimos, o motivo tanto das batalhas troianas quanto das cingalesas foi o resgate de uma mulher raptada: Helena no primeiro caso e Sita no segundo. Pela Tradição fica-se sabendo também que ambas as epopeias trazem no seu bojo o choque entre concepções de vida e sistemas de poder temporal, cultural e espiritual. Foram lutas entre heróis e anti-heróis arquetipais, potestades e deuses, identificando-se uns com o amor universal, outros com a capacidade humana de odiar. Aí também a semelhança dessas guerras com a guerra atlante é muito grande, insinuando ainda mais a ideia de que a memória ancestral da bélica hecatombe da Atlântida encontra-se igualmente na origem da história contada, com variações, na grega *Ilíada* e no hindu *Mahabharata*.

E coloca-se a indagação: se houve na Atlântida, como na Grécia e na Índia mitológicas, uma figura feminina cujo sequestro motivou a guerra, quem foi ela?

A questão remete a uma outra, coerente com o assunto deste livro: que tem isto a ver com as Terras Sagradas do Brasil?

A Quarta Cidade teria sido, no início da fase de decadência da Atlântida, uma espécie de super-Sodoma-Gomorra onde a dissolução dos costumes sexuais chegou a uma radical deterioração. Na disputa alucinada pelo privilégio e o gozo, recorria-se a formas brutais de violência moral e física, com recurso a sofisticadas e maciças formas de baixa magia.

Mas em outro aspecto (ver adiante neste texto) a situação na Quarta Cidade tinha uma motivação básica que, no fundo, era de natureza espiritual: a frustração do povo diante das restrições no acesso ao conhecimento concentrado na Oitava Cidade, Shamballah-na-Face-da-Terra, sede espiritual do império atlante e por isso mesmo sua capital central.

Pode-se dizer que a alternativa Brasil começou a ser definida ainda ao tempo da Idade de Ouro da Atlântida, quando uma das duas grandes capitais, a Cidade dos Telhados Resplandecentes (a Quarta), construída pelos Toltecas e os Turânios, erguia-se majestosa onde é hoje o Planalto de Roosevelt, em Mato Grosso. Era a sede do lado temporal, mundano, do Governo do Mundo. Segundo a Tradição, seus construtores, apesar da opulência material de sua civilização, ainda não haviam desenvolvido o mental a ponto de superarem o instinto conquistador e guerreiro.

A “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, tida pela Tradição como plantada naquela capital e apontada ora como sendo o nome de uma escola iniciática, ora como um supermonumento à Religião-Ciência ou Sabedoria Divina, vinha a ser, afinal, ambas as coisas e mais outras. Podia ser também, e com o mesmo sentido, uma referência ao arquétipo do Homem celeste (cósmico) ideal da tradição cabalística, Adam-Kadmon. Para os cabalistas, Adam-Kadmon identifica-se com o Terceiro Logos (Terceiro Trono), etapa da manifestação divina, correspondendo à ação do Espírito fecundando a Matéria.

Por sua natureza ativa, o Terceiro Logos é eminentemente masculino. Já o Segundo Logos (Segundo Trono) é andrógino: o princípio dito masculino e o princípio dito feminino estão aí em equilíbrio, com tônica na *idealização (plasmação)*, por isso distinguindo-se do Terceiro Trono, onde predomina a *ação*. Daí dizer-se que o Segundo Trono é o plano das Mãe Divina.

Na esfera do manifestado, ao nível humano, estes magnos arquétipos são às vezes chamados de "Gêmeos Espirituais". Ambos devem ser, estar e funcionar juntos, como dois em um só, para que o conhecimento e o poder, sejam espirituais, sejam temporais, se exerçam em sua plenitude. Arquetipalmente representados e presentes entre os atlantes, eram o Imperador/Imperatriz que reinava em Shamballah. Emanava deles o cerne da Civilização atlante, o pleno conhecimento e prática da Religião-Ciência.

Na aplicação deste conhecimento no plano objetivo, político, social, o mesmo acabou monopolizado pela casta sacerdotal em torno dos Gêmeos, na sede espiritual e central do Governo do Mundo, a Cidade das Portas de Ouro, a Oitava cidade, Shamballah-na-Face da Terra.

Na Quarta Cidade, a dos Telhados Resplandecentes, o poder era desequilibradamente masculino. Daí a busca frenética de satisfações materiais, a disputa pelo poder e os privilégios levando à beligerância crônica, à violência, à dissolução. E qual a razão básica desse desequilíbrio?

Na Quarta Cidade funcionava a Hierarquia criadora dos Kumaras ou Senhores de Vênus, os principais componentes da corte do Quinto Planetário, aliás Lúcifer. (Uma das interpretações vê a Árvore da Ciência do Bem e do Mal como sendo a árvore genealógica dos Kumaras). Recorde-se que o Quinto se rebelara justamente por discordar do ritmo da evolução do mental humano, que ele considerava lento demais no Programa Cósmico aprovado pelos Sete Irmãos. Desde então, como punição à rebelia desse Planetário, sua contraparte feminina fora separada dele, uma privação insuportável.

O ramo arábico da Tradição indica que a esposa de Lúcifer esteve aprisionada na estrela Algol (Beta do Perseu). O nome vem do árabe *El Ghoul* ou *Al Ghoul*, significando O Demônio, e foi dado àquela estrela há 10 séculos pelos astrônomos árabes. Segundo a Astronomia moderna (**Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica**, de Ronaldo Mourão, Nova Fronteira/CNPQ, 1987), a estrela ganhou essa

denominação por seu estranho comportamento: sendo uma binária eclipsante, um dos dois astros que a integram é muito menos brilhante que o outro e periodicamente o eclipsa, causando a redução do brilho. Também, o nome antigo da constelação de Perseu, que tinha em Algol seu principal componente, era Demônio.

No apogeu da Quarta Cidade, o território sob seu mando era material e culturalmente muito rico, mas sofria da grave carência espiritual acarretada pela ausência do aspecto feminino arquetipal. Na falta do princípio feminino transcendente, nem o amor-sabedoria avançava nem o poder se consolidava. O elemento masculino procurava-o caoticamente, com radicais formas de excessos nas práticas e costumes.

A exacerbação do sexo e os excessos da valorização do corpo - principalmente do corpo feminino - são traços marcantes do comportamento vigente no Brasil. Isto parece indicar que os resíduos da energia e das vibrações deixadas aqui por aquela fase da Quarta Cidade atlante continuam ativos e ainda por se resolverem. A tônica do papel do Brasil no novo ciclo é a busca do equilíbrio entre a vida material e a vida espiritual - questão de vida e morte para a Civilização contemporânea e que, afinal, estava também na raiz da crise que encerrou a Idade de Ouro da Atlântida.

Esta questão colocada na base dos problemas da Civilização nos dias de hoje é agravada por dois fatores que naquele momento não existiam entre os atlantes: o desequilíbrio material cavando o abismo entre ricos e pobres, e a depredação do meio ambiente ameaçando a vida pela total dessacralização da Face da Terra.

*

Tudo indica que, para Lúcifer, sua contraparte, àquela altura, não mais estava aprisionada em Algol, e sim em Shamballah-na-Face-da-Terra. Tal crença o levou a insuflar os humanos da Quarta Cidade contra a Oitava, para assim tentar libertá-la.

Deste modo, teria cabido a ela, na guerra atlante, o papel que Helena e Sita desempenharam respectivamente na guerra de Tróia e na do Ceilão.

Ainda segundo o Mito, o Rei da quarta cidade, inspirado por Lúcifer, levou seus exércitos a atacarem a Oitava, com o reforço de outras três cidades. Seu grande objetivo consistia em apoderar-se de segredos da Sabedoria Divina que, no entender da liderança sediada na Cidade das Portas de Ouro, nem ele nem seu povo estariam ainda preparados para compreender. Deflagrou-se a guerra mundial que resultou no desvio do eixo da Terra.

Tendo as forças invasoras partido do atual planalto central e estando Shamballah praticamente dentro das atuais águas territoriais deste país, a região onde hoje se situa o Brasil esteve no centro dos acontecimentos mundiais naquele remoto passado.. (Adiante neste texto, citam-se referências que apontam para essa posição geográfica do Brasil na trama evolucionar).

As populações sob o governo da Quarta Cidade espalhavam-se por um território de cerca de 4 milhões de quilômetros quadrados (metade da extensão territorial brasileira). Abrangia do Atlântico ao Pacífico e a bacia do Amazonas. Portanto, data já da

quela época tão afastada a programação das (hoje) terras e gentes brasileiras como uma alternativa, para, a partir do Descobrimento, estarem em condições de reassumir um papel de relevo no enredo cósmico. Voltaremos ao tema anda neste capítulo.

Os invasores da Oitava Cidade tentaram apoderar-se da essência dos Gêmeos por meio de um rito antropofágico, uma suprema e, no caso, caótica eucaristia: devoraram seus corpos. Mas, como já se viu, estes já estavam sem a essência espiritual, que se interiorizara.

A invasão foi um fiasco também no que diz respeito ao resgate da contraparte do Quinto, porque ela não se encontrava lá. Sua libertação do real lugar do confinamento - em Algol - viria a ocorrer muito mais tarde, isto é, já nos tempos modernos, quando o Quinto se reconciliou com seus irmãos Planetários.

Com o colapso da Atlântida, a Árvore da Ciência do Bem e do Mal deixou de ser o símbolo único de máximo repositório e processador arquetipal do conhecimento e da experiência no plano da Evolução. Mitologicamente, o sangue dos Gêmeos, derramado no grande sacrifício, foi recolhido no Graal, sagrada taça construída a partir da Esmeralda desprendida da testa de Lúcifer quando de sua “queda”, na transição da Lemúria para a Atlântida. Deste modo, o Graal e a Árvore passaram a ser simbolicamente uma coisa só.

É notável a alusão, implícita nestes dois símbolos milenares, ao código genético, uma realidade que a ciência terrena só veio a conhecer recentemente. A Árvore relaciona-se à genealogia, e a Taça ao sangue, que na linguagem universal é sinônimo de hereditariedade. Na Teologia clássica, o sangue representa a Natureza (a contingência, o mundo dos atos e circunstâncias) em oposição à Graça (a inspiração divina, a iluminação espiritual). Sendo o Graal o repositório do sangue dos Gêmeos - e a partir daí de todos os demais avatares, seres iluminados -, por isso mesmo expressa a fusão entre Vida-energia e Vida-consciência.

Isto explica também o mito do sangue azul. O *akasha*, o mar sem limites, o oceano sem praias (o campo unificado da Física moderna -, é a substância (ou meio) universal que interliga desde as galáxias às partículas subatômicas. Quando a Ciência atual diz que o sangue é como se fosse uma porção do oceano dentro do corpo, está implicitamente concebendo o sangue como expressando uma porção desse grande fluido, o *akasha*. A este o Esoterismo (e a parapsicologia) consideram o magno caldo de cultura e o arquivo vivo do Universo. No plano espiritual, isto é, no mundo dos arquétipos, o Akasha é azul. Assume o vermelho quando na dimensão material. Por isso o sangue dos seres ascensionados espiritualmente - como até a Revolução Francesa pretendiam ser os reis humanos - é dito azul.

As referências à participação do Brasil no centro do Programa Cósmico estão ora no registro esotérico de fonte ora eubiótica, ora independente.

Como escola de iniciação, a Eubiose caracteriza-se principalmente pelo destaque que dá à contribuição brasileira no trabalho evolucionar. Segundo ela, o avatara Maitrêia, esperado por todas as correntes esotéricas como o protagonista-mor da consciência do

novo ciclo, já nasceu no Brasil e deverá aqui iniciar sua ação transformadora. E ele pode ser tanto uma pessoa quanto um movimento sócio-cultural, como na Renascença: segundo Henrique José de Souza, a Humanidade esperava um Avatar no ano 1000, mas ele só veio cerca de 300 anos depois, e não como uma determinada pessoa, mas como o grande número de artistas, poetas e pensadores renascentistas.

MAIS CONFIRMAÇÕES DO BRASIL: DE FAWCETT À TEOSOFIA CLÁSSICA

Outros dados reforçam a informação de que houve no planalto central brasileiro um grande centro de civilização que deixou marcas ainda ativas no presente e para o futuro imediato.

No registro teosófico mais tradicionalista não se dá relevo a nada disto, parecendo, pelo contrário, prevalecer a intenção - seja deliberada, seja inconsciente - de minimizar esse aspecto. Que Shamballah-na-Face-da-Terra situava-se praticamente nas atuais águas territoriais brasileiras está longe de ser negado por um teosofista ortodoxo como Arthur E. Powell (**O Sistema Solar**, Ed. Pensamento, p. 246). Segundo ele, “*a Cidade das Portas de Ouro situava-se na costa oriental [da Atlântida], quinze graus ao norte do Equador*” -- como já vimos, perto da costa brasileira. Mas, para a mentalidade de Powell, tudo o que de importante tenha ocorrido naquela época, com repercussão nos dias de hoje, concentrou-se no México e no Peru. De passagem, ele informa que os toltecas, aos quais ele mesmo atribui a maior parte dos méritos da civilização atlante, “*chegaram ao Rio de Janeiro*”, porém não diz mais do que isso.

Na mentalidade reinante na comunidade “cultura” do hemisfério norte, prevalecia (e ainda prevalece) uma rejeição preconceituosa em relação aos valores culturais da parte sul do mundo. Nessa perspectiva, a História arcana teria de se situar no México (que afinal também fica no hemisfério norte), ou, na melhor das hipóteses, no Peru. Este, mesmo estando no sul, é visto como uma extensão ou supercolônia dos toltecas.

A ideia de que o presente e o futuro imediato da Humanidade, para serem melhor compreendidos, devem ser vistos como tendo dado uma volta espiral ao mundo, retornando agora à cena da hecatombe atlante, é apoiada por várias fontes.

A saga do coronel Fawcett, a expedição Theodore Roosevelt e o mito bandeirante do Eldorado, mencionadas no seguimento deste texto, apontam para a relevância da história arcaica/arcana do Brasil.

O explorador e aventureiro britânico coronel Percy Harrison Fawcett, que deixou um livro de memórias, publicado pelo filho Brian, veio procurar no Brasil o que dizia ser uma cidade muito antiga. Ele chegou a andar pela Bahia, onde um grupo de bandeirantes avistou grandes ruínas, no século XVII, deixando disto um testemunho, em documento guardado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Contudo, Fawcett não achou em terras baianas o que procurava, e se voltou para a Amazônia mato-grossense, especialmente a região do Roncador.

Em 1925, na última expedição, a quarta, àqueles sertões, trouxe o filho Jack, jovem de 21 para 22 anos. Segundo a mãe, Nina Fawcett, o filho tinha uma missão, anunciada por sábios indianos que visitaram a família no Ceilão, quando o menino nasceu e onde Percy trabalhou como agente do Serviço Secreto britânico, função que desempenhou antes de se aventurar no Desconhecido.

Há indicações de que Jack deveria gerar no ambiente indígena (dito inca-tupi) uma prole que representaria a mescla genética do anglo-saxão com o índio, como emblema da fusão do mental da raça mãe ariana com o da raça mãe atlante. O lado racial desta noção está hoje obsoleto. Segundo a mesma, a transformação de consciência cabia preferencialmente a este ou àquele tipo racial humano com determinada aparência. Tendo o coronel Fawcett vivido muitos anos no Oriente, é quase certo que absorveu ali esta concepção antiga, que ao longo dos séculos acabou contribuindo para um dogmatismo racista.

Não se sabe ao certo o que resultou da missão Fawcett, porque naquela última expedição (a de 1925) o explorador e o filho (junto com um amigo deste, Raleigh Rimmel) desapareceram misteriosamente sem deixar traço, ao norte da Serra do Roncador, em Mato Grosso. Há quem diga que eles se “interiorizaram”, isto é, encontraram o acesso ao Reino do interior da Terra. Esta versão é sustentada pelos teúrgicos do Roncador, que até meados da década de 80 tinham ali um centro de iniciação a que chamavam de Monastério. O Monastério encerrou suas atividades depois da morte do mentor Udo Luckner.

A saga da busca de um magnífico segredo naquela região e seu entorno é enriquecida pela expedição que o ex-presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, ali realizou entre dezembro de 1913 e abril de 1914.

Acompanhado do então coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, o líder norte-americano atravessou a região do grande mistério, entre o centro de Mato Grosso e o sul do Amazonas. O pretexto para esta aventura nos sertões era o desejo dele, de caçar e percorrer “lugares exóticos”, esportes que reconhecidamente gostava de praticar, segundo o coronel Amílcar Botelho de Magalhães, no livro **“Rondon, Uma Relíquia da Pátria”**, publicado há 50 anos pela Biblioteca do Exército.

É provável que Theodore estivesse mais interessado, mesmo, nos enigmas da área, onde muito antigamente existiu uma das duas principais capitais atlantes. O fato de ter escolhido justamente aquele ponto para sua aventura é certamente bem mais do que uma mera coincidência.

O Rio da Dúvida, existente no local, passaria a se chamar Rio Roosevelt, assim como o planalto circundante. Mas se a expedição do ex-presidente realmente tirou alguma dúvida, com certeza, ao que se saiba, foi apenas do nome daquele rio. Se "Teddy" Roosevelt fez alguma descoberta sobre o remoto passado da região, guardou-a para si.

Com o colapso da Atlântida, a Taça do Graal foi levada para os Mundos Interiores. Dali, é trazida periodicamente à Face da Terra, com seu potencial de supertalismã,

nos momentos máximos de mudança de ciclo ou tônica evolucionar. Como já vimos, o ponto da superfície onde a Taça derrama vibrações diretamente, torna-se uma Terra Sagrada.

Nos tempos modernos, a presença do Graal marcou a atuação de uma personagem cujo trabalho filosófico e cultural, no campo do estudo das relações entre religião e Ocultismo, bem como da mitologia e da metafísica oriental, ainda está por ser avaliado em toda a profundidade e extensão. Considerando-se o exposto na primeira parte deste capítulo, nada mais natural e lógico que essa personagem transformadora e perturbadora fosse uma mulher, Helena Petrovna Blavatsky, organizadora da Teosofia.

A passagem da Taça (uma das réplicas-gêmeas) pela Catedral de Washington deu-se no século XIX, segundo se pode deduzir de uma série de informações ligadas ao estabelecimento da sede mundial da Sociedade Teosófica nos Estados Unidos da América do Norte, mais exatamente na cidade de Nova Iorque.

Na época, a existência de um Governo Oculto do Mundo era um segredo iniciático rigorosamente oculto. Hoje, sabe-se que a Taça teria sido levada para lá como uma etapa da Missão Y iniciada por Colombo e Cabral. Como supertalismã, sua presença marcaria definitivamente o destino dos EUA, impulsionando seu progresso em todos os aspectos: cultural, político, econômico, industrial, científico. No entanto, o avanço propriamente espiritual, no sentido da harmonia e da geração da paz mundial com justiça e amor, foi comprometido por fatores resultantes da fortíssima intervenção humana e contrária.

O primeiro fator desse relativo revés foi o desfecho da tentativa da russa Helena Petrovna Blavatsky e do americano Henry Steel Olcott, realizada em 1875 (V. Cap. 7). Os dirigentes do nascente movimento teosófico encontraram intensa oposição da liderança dogmática religiosa norte-americana. Os fundadores da S.T, que se propunha a ter alcance internacional, com uma filial em cada país, sofreram difamações – inclusive a acusação de racismo – e ameaças.

Numa perspectiva histórica, a Teosofia originara-se da filosofia grega clássica na linha de pensadores tão diversificados quanto Platão e Pitágoras, em uma mescla com o Budismo esotérico. Segundo Blavatsky, a Teosofia (em sânscrito. *Gupta Vidya*) é tão antiga quanto a Humanidade pensante e civilizada, e tradicionalmente chamada de sabedoria universal ou dos deuses, pois foram estes que a trouxeram aos humanos. O conhecimento teosófico *esotérico* (interno) está na base de todas as formas *exotéricas* (externas) de religião. Sua idéia fundamental é, em essência, espiritual. O Homem é um ser espiritual em evolução para melhor e pode progredir por meio da atividade física, mental e espiritual adequada. Pode assim desenvolver faculdades e poderes que lhe permitirão ir além do véu do mundo material para entrar em contato consciente com a realidade fundamental.

Ao cabo de alguns anos de severos contratemplos nos EUA, o movimento teosófico refluuiu para o Oriente, estabelecendo-se em Adyar, na região de Madras, Índia, onde sua sede mundial permanece até hoje.

Uma forma de se colocar a proposta de Blavatsky, autora da monumental obra “**A Doutrina Secreta**”, em vários volumes, é que ela tentou, nos Estados Unidos, fazer uma alquimia ou transmutação mental, fundindo o estado de consciência moderno ocidental com o estado de consciência tradicional oriental. Segundo uma comparação de Henrique José de Souza, ela não chegou a alcançar seu objetivo “*por ser mais fácil fundir os metais do que os mentais*”.

O jogo de palavras embute em seu significado o objetivo da operação na escala macro: preparar uma grande transformação de consciência, com base em uma nova configuração do aparelho ou veículo físico – sensorial, emocional e cerebral – do ser humano. Tal configuração não é transformadora por si mesma. Necessita sincronizar-se e fundir-se com o conhecimento trazido pelos avatares. Na linguagem teosófica, isto equivaleria, na corrente fase da Evolução, à formação de uma nova raça mãe, sucessora, na próxima etapa, da ariana ou indo-ariana.

Na Teosofia clássica, este magno acontecimento se processaria gradualmente e só ocorreria de fato daqui a algumas centenas de milhares de anos. O processo, integrado no mistério da Programação Cósmica, incluiria reajustamentos genéticos, com reflexos nas expressões do pensamento e do sentimento. Na parte menos misteriosa, estaria se passando definitivamente do *crer por crer* ao *crer pelo saber*, uma profunda mudança filosófica, intelectual e emocional.

Usa-se aqui a palavra “raça” entre aspas porque o conceito é impreciso, obsoleto, quando se refere a uma espécie como a nossa, que caminha para uma equalização genética sem prejuízo das diferenças entre os indivíduos. A Eubiose substitui o conceito de “raça”, contaminado ao longo de eras de preconceito e intolerância, pelo de “estado de consciência”, hoje independente da tipologia física.

Para a Eubiose, escola iniciática criada por H.J.S. como um prolongamento e ao mesmo tempo uma reformulação da Teosofia, houve, por vários motivos, entre os quais o revés teosófico nos Estados Unidos, um *saque sobre o futuro*: a transformação da espécie humana acelerou-se enormemente, já estando lançadas as bases das duas raças-mães (agora, estados de consciência) do imediato porvir, *bimânica* e *ata-bimânica*. Com o saque sobre o futuro, foram “queimadas” duas etapas da evolução dos arianos. Pelo esquema original, atualmente estamos na quinta sub-raça ariana, a teutônica, e ainda deveriam vir as duas sub-raças restantes da raça mãe ariana. Mas as mesmas tiveram uma total antecipação na sua chegada já estão começando a vir como novas raças-mães.

A etimologia destes dois termos ajuda a clarear seus significados: *bi* (“duas vezes”) + *manas* (do sânscrito para “mental”), significando “duas mentes”; isto é, a fusão do mental concreto (factual, lógico) com o mental abstrato (que opera principalmente com qualidades, relações, ideias, não com a realidade sensível). *Ata* (“mais além”) + *manas* = “além do mental”, indicando o conhecimento intuitivo; ou (como registra o Aurélio) o alcance, em toda a sua plenitude, de uma verdade de ordem diversa daquela que se atinge por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico.

A palavra *manas* também lança uma luz diferente sobre o mistério dos discos-voadores ou ufos (sigla da expressão *unidentified flying objects*, “objetos voadores não-identificados”, equivalente ao português *ovnis*).

Entre os antigos hindus, este veículo aéreo era chamado de *vimana* (*vi* ou *bi* + *manas* = “duas mentes”), referindo-se à região fronteira ou faixa operativa entre o mental concreto e o mental abstrato. Como instrumentos ou veículos de conexão entre dois níveis de consciência, os ufos-vimanas são uma forma de ligação entre a Face da Terra, dimensão eminentemente física, e o Reino de Agartha, dimensão eminentemente hiperfísica.

A força motriz que os ufos-vimanas utilizam, conhecida na tradição como *vril*, é também de natureza dual: resulta de um processamento de duas energias, uma telúrica, emanada do Sol vermelho no âmago da Terra, *kundalini*, e outra cósmica, do Sol verde nas profundezas do Cosmos, *fohat*. Esse processamento é realizado no próprio corpo humano (quando habilitado), pelos *chacras* (“rodas, vórtices giratórios”) existentes no corpo etérico). É ajudado por um tipo de artefato (máquina, aparelho) que na terminologia moderna certamente seria chamado de “biomotor”)

Possivelmente não foi por acaso que estes objetos interdimensionais começaram a ser avistados em grande número justamente nos Estados Unidos, a partir do final dos anos 40. Aquela foi uma década definitiva, de reformulação de valores no pós-guerra, de acentuada mudança no psiquismo coletivo, de afirmação da Organização das Nações Unidas, de grandes câmbios na política mundial, de profundas transformações culturais e científicas; uma fase em que os Estados Unidos continuaram beneficiando-se do influxo energético trazido pela presença do Graal em seu território – um impulso residual, pois o supertalismã já tinha sido retirado de lá.

A figura do mestre Jiddu Krishnamurti espelha bem a ambigüidade norte-americana como expressão da bipolaridade oriente-ocidente, que a tentativa teosófica nos EUA tentara explicitar. No início do Século XX, Krishnamurti (nascido na Índia em 1895) fundou, com a britânica Annie Besant, então presidente da S.T. (após a morte de Blavatsky) e C.W. Leadbeater, a Ordem da Estrela. Aí ele foi apresentado como sendo a encarnação da nova consciência, a tônica mental-espiritual do ciclo, o milenarmente anunciado avatar Maitreia. Contudo, em poucos anos, Krishnamurti negaria ter essa condição e promoveria a dissolução da Ordem. Em meados da década de 20, fixou residência em Ojai Valley, na Califórnia, onde viveu e trabalhou, cultivando e difundindo amor e sabedoria, até a morte, em 1986 - mas não como um avatar, e sim como um "simples" mestre ascensionado.

Os norte-americanos também têm suas Terras Sagradas. Já vimos que a atual megalópole profana do planeta (a faixa de Boston a Washington, centralizada em Nova Iorque e incluindo Filadélfia e Baltimore) chegou a desempenhar esse papel, pelo menos potencialmente, como sede – embora temporária – da Sociedade Teosófica. Para os EUA, as Montanhas Rochosas (do outro lado do país) representaram aquilo que o Himalaia foi para o Tibete e a Índia, os Andes para os incas (Peru) e a Sierra Madre para os astecas (México). O Monte Shasta, na Califórnia (4.312 metros de alti-

tude) é um imponente ponto de referência do Governo Oculto do Mundo. No centro-sul norte-americano, registra-se a existência de outra ligação com os Mundos Interiores, El Morro, hoje um parque nacional, no Estado de Arkansas.

Ao que a História arcana indica, a segunda alternativa da Missão Y – referente ao Brasil – já fora acionada previamente, dando a impressão de que se tinha como provável o resultado parcial obtido nos Estados Unidos. A tentativa do rei fenício Badeszir, narrada no capítulo 7, tinha o mesmo objetivo fundamental: transferir o centro das operações do programa da Evolução de oriente para ocidente. A variante estadunidense do projeto do GOM sofreu esvaziamento depois do ataque atômico às cidades de Hiroxima e Nagasáqui, em 1945, e dos primeiros testes subterrâneos com explosivos nucleares naquele país, dois anos antes.

CABRAL DESCOBRE O BRASIL, ANCHIETA E RAMALHO O CRIAM

Sendo objetivo da Missão Y promover a fusão de tipos de estado de consciência (modos de percepção/relacionamento entre o ser humano e o mundo), pode-se tentar defini-los, com os riscos que toda simplificação acarreta: de um lado, o modo de origem mais diretamente atlante, com tônica no sensorial-instintivo-psíquico (toltecas, incas, aztecas, ameríndios em geral); do outro, o modo indo-europeu-ariano, impulsionado para o mental-emocional como controlador do sensorial-instintivo, abrindo para a abstração. Estas coisas, nas primeiras raças-mães, tiveram uma implicação genética predominante. E este aspecto não deixava de ter importância na missão Y, embora não fosse decisivo aí, no plano propriamente físico, referindo-se mais, então, à fusão dos mentais, conforme assinalou HJS.

Nas primeiras décadas após o Descobrimento, dois episódios envolvendo miscigenação e caldeamento cultural tornaram-se marcantes.

Na ilha de Itaparica, Bahia, o português Diogo Álvares casou-se com a índia Paraguaçu, da nação tupinambá. Conta a lenda ensinada nos livros escolares que Diogo, um naufrago, foi dar às costas baianas em 1510, e que, atacado por silvícolas, disparou sua arma. Amedrontados com os estampidos, os índios passaram a respeitá-lo, chamando-o de *caramuru*, significando *homem (branco) do fogo* ou *filho do trovão*. Uma tradução mais correta parece ser *homem-dragão* ou *homem-cobra do mar*, nome com forte conteúdo místico e mitológico, uma vez que a serpente é símbolo universal da astúcia e do poder trazidos pelo conhecimento. A moréia, peixe que pela forma lembra uma serpente e é peçonhento, abundante naquelas águas, era chamada de *caramuru*.

Para os eubiotas, a Ilha de Itaparica é uma Terra Sagrada. Eles têm ali um templo em forma de obelisco, no bairro de Mar Grande, na cidade de Vera Cruz, um dos dois municípios da ilha. É o centro de um dos Sistemas Geográficos da Eubiose.

Pelo encontro de duas culturas, dois mundos, duas “raças”, o casamento de Diogo e Paraguaçu (que recebeu o nome cristão de Catarina) passou a emblematizar o início da nova nação.

Entre a população de Itaparica (em tupi, *anteparo de pedras* – arrecifes), é notável a democracia genética, com numerosos casamentos entre pretos, brancos, caboclos e cafusos. Além dos portugueses e dos índios, ali se fixaram, ao longo das gerações, negros e descendentes de holandeses, que por lá andaram durante as décadas da presença batava no Nordeste, no século XVII.

Os primeiros europeus vindos de Portugal a se fixarem no Brasil foram, que se saiba, os dois grumetes que faziam parte da tripulação da esquadra de Cabral aportada onde hoje é Porto Seguro. Segundo a carta de Pero Vaz Caminha, quando o capitão deu a ordem de zarpar, os dois não atenderam ao sinal de chamada e os navios partiram sem eles, de quem nunca mais se teve notícia. Há a hipótese de que seriam na realidade um jovem casal.

Esta idéia encontra base no referencial histórico. No meio da juventude portuguesa da época, era forte o imaginário do Novo Mundo (do qual toda a Europa já tinha notícia pelas viagens de Colombo) como sendo o Paraíso Terrestre reencontrado. Muitos rapazes se engajavam nas navegações, e existem provas documentais de que entre eles havia moças que se travestiam, uma vez que não se admitiam mulheres a bordo. Portanto, não é difícil imaginar que a Europa, já então velha e cansada de guerras, preconceitos, Inquisição, intolerância social, pobreza da imensa maioria, levasse um casal jovem a procurar outro ambiente.

Outro personagem meio histórico, meio mítico, dos começos do Brasil, foi o também português João Ramalho, que se fixou em terras de São Paulo. Há provas históricas de que, pouco depois de 1500, ele era já um personagem importante, influente entre os indígenas e respeitado entre os portugueses. Ramalho, que pelo próprio sobrenome transmite uma ideia de *ramificação*, *disseminação* ou *espalhamento*, deixou uma numerosíssima prole, os primeiros *mamelucos*, mestiços de branco e índio.

Nas décadas e nos séculos seguintes, os mamelucos foram os mais numerosos e mais competentes integrantes das entradas e bandeiras chefiadas por portugueses "abrasileirados", como Fernão Dias, Bartolomeu de Gusmão, Raposo Tavares e Borba Gato. Estes recorreram àqueles homens destemidos e conhecedores dos sertões para se aventurarem no Desconhecido e se comunicarem com os índios.

O padre José de Anchieta nasceu em La Laguna de Tenerife, nas Ilhas Canárias, em 19 de março de 1534, e veio para o Brasil em 1553, na comitiva do segundo governador-geral, D. Duarte da Costa. Tinha 19 anos de idade e sofria de um mal degenerativo que os médicos da época não conheciam. Retrospectivamente, hoje se admite que poderia ser câncer ósseo ou uma doença neurológica grave. Ainda em Portugal, José fez um juramento solene, prostrado diante da imagem da Virgem Maria, de dedicar a ela a sua vida. A decisão de vir para o Brasil atendia ao propósito dele no sentido de, se tivesse de morrer cedo, que fosse em pleno trabalho missionário.

No Brasil, para surpresa dele e dos superiores, os sintomas da doença foram desaparecendo e ele acabou curado.

José de Anchieta aprendeu extensa e profundamente o idioma principal dos índios tupis, o nheengatu ou nenhencatu ("língua boa"), simplificado por ele e outros jesuítas para uso geral. Em 1595, Anchieta publicou a Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil.

Além da catequese dos índios, o "Apóstolo do Brasil", como é conhecido (foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 22 de junho de 1980), realizou várias coisas, como a fundação do Colégio dos Jesuítas, na Bahia, e a missão pacificadora junto aos tamoios, em 1563. Nesta ocasião, escreveu seu famoso "Poema em Louvor à Virgem Maria" - segundo a lenda, nas areias da praia.

Anchieta não deixou de ser um religioso à frente de seu tempo. Ele via na catequese um serviço ao ser humano como um todo, inclusive a parte material, e não apenas à sua alma. Não bastava ensinar o Evangelho aos índios, era preciso também defender-lhes os direitos, apoiando-os em seu desenvolvimento humano e social. Vários séculos se passariam antes de o Concílio Vaticano II admitir a interdependência das dimensões do ser humano, entre o espiritual e o material.

A crônica de sua vida, na visão do Ocultismo, registra que ele, logo depois da chegada à Bahia e antes de ir radicar-se em São Paulo, visitou a Ilha de Itaparica, para pregar aos tupinambás. Partindo de São Paulo, visitou o Sul de Minas, notadamente São Lourenço e São Tomé das Letras.

Morreu em Reritiba (atual Anchieta-ES) em junho de 1597. Os índios carregaram seu corpo por cerca de quinhentos quilômetros e depositaram-no na Capela de São Tiago da Igreja dos Jesuítas.

João Ramalho é uma das figuras mais controvertidas da história da Capitania de São Vicente. Com sua família (ou famílias, como se verá adiante), fincou as raízes de povoações que deram origem às cidades de Santo André e São Paulo, a cujas Câmaras pertenceu. Esse português de Vouzela, segundo alguns, ou de Coimbra, segundo outros, já morava por aqui quando Martim Afonso de Sousa chegou em 1530. Não há registros de como veio. O pesquisador e ex-presidente da República Washington Luiz considerou que ele foi um dos primeiros - talvez o primeiro português - que se fixou no porto de São Vicente, mas o mistério de sua origem continua indecifrado.

Na sesmaria concedida por Martim Afonso a Pero de Góes em 1532, João Ramalho e Antônio Rodrigues - este, um personagem muito pouco conhecido - se declaram estando no Brasil desde "de 15 a 20 anos", o que fixaria sua chegada por volta de 1512.

A atuação de Ramalho foi fundamental na ligação entre o litoral e o planalto, abrindo picadas, criando aldeamentos e facilitando a colonização por sua amizade com os índios. Esteve em choque com os padres jesuítas porque vivia maritalmente com várias índias, "filhas dos maiores". A reconciliação ocorreu quando se casou com a índia Bartira, filha do cacique Tibiriçá. O jesuíta Simão de Vasconcelos chamou-o de "árvore ruim" cujos descendentes "foram maiores males que a própria peste". Em nenhum momento, porém, o padre citou esses crimes, o que deixa sem fundamento a

afirmação. Manoel da Nóbrega também chegou a criticar João Ramalho em uma carta datada de 1553, mas mudou de idéia meses depois, ao conhecê-lo.

Ramalho ajudou Martim Afonso, Manoel da Nóbrega e muitos outros na penetração no sertão. Foi ele também edil (conselheiro) em São Paulo, Santo André, alcaide-mor do campo e figura respeitadíssima nos vilarejos em toda a área, apesar de considerado “inculto e selvagem”. Morreu com mais de 80 anos.

A motivação ostensiva dos líderes das bandeiras era a descoberta de minas de pedras e metais preciosos, além da captura de aborígenes para escravização. Em pouco tempo a utilização do trabalho escravo dos indígenas seria descartada, porque eles simplesmente não se prestavam a essa condição. A escravidão era uma instituição que os índios desconheciam inteiramente. Também, como nômades ou seminômades, tinham à disposição um imenso território para onde fugir, quando perseguidos pelos aprisionadores de escravos. E principalmente, prevaleceu aí o quadro descrito pelo cronista francês Montaigne, que na segunda metade do Século XVI escreveu, referindo-se aos ameríndios (índios das Américas): *“Eles andam nus, comem o que a natureza oferece, constroem suas casas com o que encontram ao redor, não têm leis escritas, nem forças armadas, nem juizes. Não se prestam para escravos”*. E Montaigne concluía com uma filosófica indagação: *“Com efeito, que espécie de domínio se pode exercer sobre seres humanos que não precisam de quase nada para viver?”*.

No geral, o sentimento dos homens cultos sintonizava com o sentimento popular da época, de que o continente recém-descoberto era uma região tão virgem, generosa e sadia que chegava a ser uma Terra Sagrada. A influência do mítico reencontro do Paraíso Terrestre chegou até a obra do francês Rousseau, já no século XVIII, inspirando a figura do “homem natural” ou “bom selvagem”. Rousseau atribuía a existência do Mal, não ao pecado, mas à Sociedade, que afasta o ser humano de sua condição natural, onde ele é bom e feliz (**Du Contrat Social**).

A mística da redescoberta ou reinvenção da felicidade humana também inspirava o imaginário dos bandeirantes: ocultamente, além do interesse de lucro que constituía a base financeira de suas expedições, eles procuravam um certo ponto nos sertões onde se encontraria a ligação com o reino da sabedoria, da harmonia e da paz. Este lugar, que estaria nas profundezas da região virgem, era chamado de *a Misteriosa Z, Manoa, Eldorado*. Ali tudo era fartura e opulência, tanto no sentido material quanto espiritual.

Na penetração para oeste, um dos povos mais combativos que os bandeirantes encontraram foram os xavantes. Para eles, as terras da margem esquerda do rio que delimitava seu território, no atual Mato Grosso, banhando as vertentes da Serra do Roncador, eram tabus. Muitos intrusos foram abatidos ali, o que gerou o nome *Rio das Mortes*. Hoje aqueles índios encontram-se inteiramente pacificados. A função que suas “patrulhas” desempenhavam tornou-se desnecessária até certo ponto ou passou para outras mãos, com a constituição de reservas indígenas ou biológicas e a institucionalização de santuários ecológicos na área e ao redor: Xingu, Chapada dos Guimarães, Chapada dos Veadeiros etc..

A palavra *xavante* sugeriu a Henrique José de Souza um trocadilho, “chave das antas”. O vocábulo “anta” designa o maior mamífero brasileiro, mas também é sinônimo de *dólmen*: o antigo monumento megalítico constituído de grandes pedras verticais com um imensa laje horizontal assentada nas mesmas. Talvez o significado real do nome daquela nação jê seja mesmo “chave dos Andes”: os xavantes guardavam e isolavam um trecho intermediário entre o sul da Amazônia e a base da grande cordilheira. É o prolongamento de uma faixa de terra muito aproximadamente delimitada entre os paralelos 14 e 15, abrangendo, entre o Atlântico ao Pacífico, locais como Salvador, Brasília, a Chapada dos Guimarães e Machu Picchu, no coração andino do Peru.

A Chapada dos Veadeiros, com a cidade de Alto Paraíso de Goiás, considerada por muitos místicos e esotéricos uma Terra Sagrada, fica uns 200 quilômetros ao norte de Brasília, quase dentro da faixa entre aqueles dois paralelos.

Certa corrente de ufologistas místicos dá a essa faixa o nome de *Corredor Bivac*, definindo, segundo eles, um fluxo de energia atravessando o continente sul-americano em três patamares: partindo da baixada litorânea, passando pelo planalto central e alcançando as alturas da Cordilheira dos Andes.

Na tradição tupi, esse roteiro tinha o nome de *Peabiru*, “o caminho iluminado pelo Sol”, que se situava a meio caminho entre o Equador e o Trópico de Capricórnio, configurando uma linha imaginária entre o Nascente e o Poente. Não será por mera coincidência que “o caminho iluminado pelo Sol” é a tradução tradicional da expressão fenícia *Nish-Tao-Ram* - segundo Henrique José de Souza. Recorde-se que os gêmeos Yetbaal, filhos do ex-rei fenício Badezir, costumavam atravessar a Baía de Guanabara para ir a Niterói (*Nish-Tao-Ram*) realizar rituais mágicos relacionados com a missão de ativar o plano do GOM nestas terras, há três milênios.

Tal denominação relaciona-se com o Itinerário de IO, a trajetória do Grande Ego, a Civilização, caminhando na face da Terra nos tempos históricos, de Leste para Oeste. No Itinerário de IO, evoca-se a evolução da Civilização de fonte indo-ariana na sua expressão mediterrânea (fenícios, israelitas, gregos, romanos, portugueses, espanhóis), em mescla com os remanescentes atlantes, os índios das Américas. A grande família linguística dos *caráibas* engloba incas, tupis e muitas tribos do Brasil, designando também os indígenas que habitavam as Antilhas e o *Caribe*.

Desta forma, o ponto de entrada da Missão Y no Brasil, a Bahia (com Porto Seguro), liga-se geodesicamente a Brasília, indo sair em Machu Picchu, ponto de interseção do remoto passado atlante com o presente histórico pós-inca.

Todo este referencial contribuiu para popularizar o mito de que as selvas do sul da Amazônia mato-grossense ligam-se fisicamente às neves andinas por imensas galerias subterrâneas que se entroncam na Serra do Roncador. O entroncamento vai dar na Serra da Mantiqueira, embaixo da cidade de São Tomé das Letras (e de São Lourenço, começando em Pouso Alto), Minas Gerais. Seria, portanto, uma ligação objetiva entre a Mantiqueira, o Roncador e os Andes.

A Mantiqueira é cada vez mais considerada uma Terra Sagrada, compondo, junto com a Serra do Mar, a Serra do Roncador e a Serra dos Órgãos, o mapa orográfico místico-mitológico do Brasil.

Para os eubiótas, o ponto mais avançado do Itinerário de IO nos dias de hoje é a cidade de

São Lourenço, em Minas Gerais, onde eles construíram o templo em estilo grego, dedicado a Maitréia. Não deixa de ser significativo que esta pequena e famosa estância hidromineral tenha sido durante um mês, em 1938, a capital virtual do Brasil. Naqueles dias, aqui permaneceu o então Presidente Getúlio Vargas, que trouxe sua equipe, motivando a visita de vários ministros para despacho.

A Serra do Mar tem um prolongamento (com a baixada de permeio) no maciço da Serra da Carioca, incluindo o Pão de Açúcar, o Corcovado e a Pedra da Gávea, cenários da tentativa fenícia de sacralização avançada deste país. Visto de longe, do mar, o perfil da Serra da Carioca forma o Gigante Deitado.

Na Serra dos Órgãos sediou-se o centro do sistema geográfico de Teresópolis, outra fase no trabalho de preparação da atual região do Grande Rio para a ascensão evolucionária do Brasil. Ali travou-se a mítica batalha entre grupiaras e caacupês (anexo do capítulo 7).

A Serra do Roncador é, para muitas correntes de pensamento (eubiótas, teúrgicos, néo-teosofistas, ufologistas esotéricos), a montanha sagrada central da civilização do Terceiro Milênio.

Todas estas regiões montanhosas abrigam pontos de contato com os Mundos Interiores, portais energéticos, dimensionais (e até mesmo físicos) para o Centro do Planeta, o espaço-tempo onde se plasma (mentaliza-se, concebe-se, modela-se) a realidade mental e espiritual, antessala e área de interseção *para e com* a realidade material. É o útero da Mãe-Terra. Nele se dá a gestação de sentimentos e ideias que, *vindo ao mundo*, tornando-se objetivos na face da Terra, mantêm a alimentação e a retroalimentação entre as duas humanidades, a da superfície e a do interior do planeta.

É um processo de mão dupla que resiste a uma abordagem objetiva, racional, e por isso mesmo misterioso. Para o Ocultismo, fora da dialética que integra dinamicamente os dois pólos (bipolaridade) da realidade, matéria e espírito, não há evolução. Esse casamento transparece na linguagem corrente: *matéria* vem de *mater (mãe)*, enquanto se usa a palavra *pai* ao invocar o princípio espiritual supremo, “Deus” (como na oração *Pai-nosso*).

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) intuiu e traduziu a precariedade da colocação usual, do espírito como sendo absolutamente superior à matéria. No **poema “Momento num Café”**, os homens que estão no bar tiram os chapéus maquinalmente diante de um enterro passante. Só um deles se descobre num gesto solene. Segundo o poeta, este *“saudava a matéria que passava, liberta para sempre da alma extinta”*. Na mesma linha de reconhecimento da bipolaridade, pela valorização do lado materi-

al, o psicanalista e comunicador Eduardo Mascarenhas costumava ressaltar que “a mulher jovem simboliza a eternidade da carne”.

Constituindo ligações com o Útero da Mãe-Terra, as montanhas sagradas podem ser consideradas como a grande referência da ascensão da tônica feminina que marca a trajetória da Humanidade na etapa ora em começo.

9 - Deus e Deusa na Terra Prometida

A expressão “eterno feminino” foi consagrada para fazer referência à importância especial da mulher com sua tônica própria, em todos os momentos e situações do cotidiano e da História.

Na época das grandes navegações e dos Descobrimentos, a Europa encontrava-se na fase intermediária entre o final da Renascença e os começos da Idade Moderna. Era uma época de extensas e profundas transformações nos costumes, que no entanto não tinham repercussão direta na situação do elemento feminino da sociedade. Se houve alguma consequência mais notável em referência às mulheres, foi o fim definitivo da moda da cavalaria andante, marcante em grande parte da Idade Média antes da Renascença que abriu caminho para a modernidade.

Sozinho ou em grupo com seus pares, o cavaleiro andante corria distantes terras envolvendo-se em aventuras para amparar os fracos, desagrar senhoras e donzelas, combater injustiças e defender a fé cristã. Geralmente cada cavaleiro escolhia uma dama (preferencialmente da nobreza) para ser sua inspiradora e platonicamente a dona de seu coração, e em cuja homenagem procurava realizar grandes feitos.

Esta forma de exaltação da mulher representava uma compensação para as convenções e tradições que lhe predeterminavam uma posição social e cultural em segundo plano. Implícita e supostamente, homenageá-la compensava sua submissão ao poder masculino.

No começo do Século XV, a maravilhosa figura de Joana d’Arc (1412-1431) demonstrou que a mulher tem um potencial pelo menos igual ao do homem, inclusive na tradicionalmente mais rigorosa exclusividade dele, a guerra. Ela chefiou o exército francês na batalha de Orléans, marcando o fim da ocupação inglesa na França. A absurda severidade da punição que lhe foi imposta na fogueira, sob a acusação de hereesia e bruxaria, incorporou o desvario da reação masculina diante de seu feito tão “impróprio” para uma mulher. Ela foi condenada por um tribunal de eclesiásticos franceses (com o apoio da Inquisição) convocados pelo ingleses (dos quais acabara prisioneira) para significar que não se tratava de uma vingança dos derrotados por ela, mas de uma questão religiosa. O presidente da corte foi o arcebispo Cochon (ou Cauchon), a palavra do francês para “porco”, prenunciando a moderna designação do machista antifeminista exacerbado, como sendo um “porco chauvinista”. A canonização de Joana (em 1920) demorou quase cinco séculos, mostrando mais uma vez a dificuldade em se reconhecer seu *status* de grande símbolo da afirmação feminina.

Segundo Henrique José de Souza, o nome *d’Arc* relaciona-se com a origem agartina de Joana: *da Arca* significaria *de* (ou *da*) *Agartha*. A sonoridade da palavra *Agartha* faz alusão à *Arca* (de Noé) como símbolo da salvação – no cataclismo da submersão do continente atlante – para os que se recolheram àquele Reino no interior da Terra. *Joana* (*Jeanne* em francês) estaria no lugar de *jina* (“gênio”), palavra teosófica de origem sânscrita, designativa de seres espiritualmente muito evoluídos.

O escritor teosófico espanhol Mario Roso de Luna, que consagrou o uso da expressão *jina*, aplica esta chave etimológica ao nome do personagem do conto iniciático arábico “As Mil e Uma Noites”, Aladim ou Allah Djin, *Gênio de Allah* (“Espírito de Deus”). Aladim, aliás, liberta o **gênio** da lâmpada, isto é, libera sua própria luz ou força interior. Na linha eubiótica, *jina* é o habitante de Duat superior ou de Agartha. Portanto, na mitologia ocultista, Joana d’Arc pode ser vista como uma emissária do Governo Oculto do Mundo. Um dos sentidos da mensagem de sua vida é a igualdade entre mulheres e homens. O fato de que se vestia de homem (um dos fundamentos da acusação de heresia) reporta-se ao Programa do GOM quando anuncia que a espécie humana caminha para o androginismo ou hermafroditismo mental-espiritual (alusão ao deus Hermes e à deusa Afrodite).

Para tanto é necessária a ascensão do elemento feminino, equilibrando o jogo do poder entre os dois sexos.

A presença de um ser de tão grande significação e potencial tornou a França, naquele momento, uma Terra Sagrada, propiciando a mística e a confiança suficientes para unir e animar os franceses em torno de uma liderança. Joana representou a salvação do reino francês como nação entregue ao invasor e ao fraco postulante à Coroa. Havia fome, desorganização e desunião no país. Pela força das armas sob seu comando, a Donzela de Orléans, inspirada por uma aparição de Nossa Senhora, garantiu a coroação de Carlos VII em Rheims, encerrando aquela fase crítica da história da França. Pagou um alto preço – mas, pela tradição do GOM, ela não sofreu o suplício do fogo, tendo sido colocada em seu lugar uma criação psico-mental virtual (um *tulku*), ficando ela mesma a salvo, recolhida aos Mundos Interiores. Uma lenda da tradição oral popular vem passando de geração em geração, dando conta de que, na hora do sacrifício na fogueira, uma pomba branca saiu da boca de Joana e seu coração foi encontrado intacto entre as cinzas do corpo.

Na linha da ascensão feminina, é significativa a tendência das navegações portuguesas de se dirigirem logo para o sul, cruzando a linha do Equador, enquanto os espanhóis tentaram chegar às Índias sem sair do hemisfério norte. Astrologicamente, o hemisfério sul tem tônica feminina, polarizando com a tônica masculina do hemisfério norte.

O MISTÉRIO DAS PLÊIADES NA ASCENSÃO FEMININA

O aglomerado das Plêiades, na constelação zodiacal do Touro, era, para muitos povos do hemisfério norte, avistado mais ao sul, havendo uma época do ano em que desaparecia abaixo do horizonte, nessa direção. No terceiro milênio antes de Cristo, o reaparecimento anual das Plêiades acima do horizonte, em abril/maio, marcava o início da primavera. Na Ásia central, para os turcos, quando elas se tornavam visíveis depois do pôr do sol, em setembro/outubro, era o anúncio da proximidade do inverno. Gentes dos montes Altai diziam que no centro desse grupo de estrelas encontra-se um buraco na abóbada celeste, sendo por aí que vem o frio. O significado das Plêiades tinha relação direta com as épocas de plantio e colheita. No antigo Peru, entre os incas,

eram veneradas como divindades, patronas da agricultura e protetoras do milho, ao qual faziam crescer.

A mais brilhante das Plêiades – todas visíveis a olho nu – é Alcíone, nome que significa “a paz”. Segundo o **“Dicionário de Símbolos”**, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (Editora José Olympio – Rio de Janeiro, 1982), muitos astrólogos antigos e modernos a consideraram como sendo o sol central de nossa galáxia. Os babilônios chamavam-na *Temennu*, a Pedra Fundamental.

Popularmente elas são chamadas, no Brasil, de “As Sete Cabrinhas”, “As Sete Irmãs” e “O Sete-Estrela”. Sua índole feminina aparece portanto em toda a mitologia e nomenclatura. De um ou de outro modo, são relacionadas com o poder gerador, regenerador e nutridor do princípio feminino. Na astronomia hindu, têm o nome de Krittikas e são as sete nutrizes (amas-de-leite) de Karttikeya, deus da guerra, idêntico a Marte. Este mito indica a natureza ambivalente da figura da mãe, capaz de sustentar tanto o santo quanto o guerreiro.

No **“Glossário Teosófico”**, assinala Blavatsky que as Plêiades estão relacionadas com os maiores mistérios do Ocultismo e completam os mais secretos símbolos astronômicos e religiosos. Para Henrique José de Souza, elas representam o centro espiritual de toda a massa de estrelas em circulação na nossa Galáxia.

Um outro grupo de estrelas, também muito festejado por todos os povos, são as Três Marias (Três Irmãs), tidas como sendo o Cinturão de Orion, na grande constelação que tem esse nome e por ser equatorial é sempre vista na direção sul, para quem está no hemisfério norte. Blavatsky identifica Orion, o gigante caçador {da mitologia grega} que emprestou o nome à constelação, com o titã Atlas, que sustenta a abóbada celeste (ou o próprio mundo) nos ombros.

Na Antiguidade, as Três Marias eram também chamadas de o Cajado. Entre os gregos, sendo um belo e másculo caçador, Orion sempre esteve envolvido em conflitos por causa de seu interesse por mulheres, tendo uma vez tentado violentar a própria deusa Diana (Artemis). Para castigá-lo, a deusa enviou um escorpião que o picou e o matou. Mas em outra versão, o escorpião não conseguiu ferir Orion, que sempre foge, tanto que, por suas respectivas posições no céu, quando o aracnídeo vai surgindo de um lado, o caçador vai desaparecendo pelo lado oposto. O fato de as Três Irmãs representarem seu cinturão ou seu cajado, símbolos da masculinidade, parece sinalizar para a realidade transcendental de que o feminino sustenta o masculino.

Talvez nada seja mais significativo da discriminação contra as mulheres e da reação machista contra os primeiros movimentos de ascensão delas, nestes 150 anos, do que o episódio atualmente evocado no Dia Internacional da Mulher. Nos Estados Unidos da América do Norte, no dia 8 de março de 1857, 129 operárias de uma fábrica de tecidos de Nova Iorque entraram em greve. Queriam salários iguais aos dos homens e redução da jornada de trabalho (que chegava a 16 horas). Os patrões trancaram as portas, com as grevistas dentro, e incendiaram a fábrica, matando a maioria das operárias.

É significativo que a implantação da Teosofia em nível mundial, iniciada por Blavatsky em 1875 nos Estados Unidos, tenha marcado o início da ascensão do elemento feminino no meio social, cultural e político. A Sociedade Teosófica talvez seja a primeira escola de iniciação a ser presidida por mulheres, além de homens. Blavatsky foi sucedida por Annie Besant e a presidência da ST é ocupada atualmente pela indiana Radha Burnier.

Alexandra David-Neel (1868-1969) foi a primeira mulher não tibetana a ser recebida pelo Dalai Lama, líder político religioso do Tibete. Nascida na Bélgica e fascinada pelo budismo, aprendeu o sânscrito. Tendo recebido uma pequena herança em 1890, percorreu a pé a África do norte. Casou-se com Philippe Neel na Tunísia, mas suas viagens a mantinham sempre longe do marido. Passou pelo Ceilão e cruzou a Índia em 1912. Chegou a vestir-se de homem para poder presenciar rituais proibidos. Em 1924, chegou a Lhassa, capital do Tibete, ao cabo de oito meses de caminhada pelas montanhas cobertas de neve. Na época tinha 56 anos. Alguns a consideravam louca, enquanto outros a respeitavam como possuidora de dons paranormais. Morreu aos 101 anos, ainda revisando as provas de um livro. Escreveu 27 obras acerca de seus estudos e aventuras pelo Oriente. Em português, já foram editados "**Tibete, Magia e Mistério**" e "**Iniciações Tibetanas**". Sua importância no estudo do budismo tibetano é universalmente reconhecida.

Alexandra David-Neel e Helena Blavatsky foram contemporâneas da Rainha Vitória (1819-1901), da Inglaterra, país que, com Elisabeth I, séculos antes, tinha aberto o caminho para o exercício do poder político objetivo por uma mulher, nos começos da era moderna. Sem ser uma rainha no sentido pleno (de conformidade, aliás, com a monarquia parlamentar britânica), Vitória exerceu plenamente sua prerrogativa de ser ouvida em questões de política externa e durante décadas sua forte personalidade foi emblema do império britânico.

Uma súdita da Rainha Vitória, Florence Nightingale (1820-1910) mudou o panorama da guerra, com seu pioneirismo de tónica eminentemente feminina, lançando a figura da mulher nos campos de batalha como enfermeira. Em meados do século XIX ela tomou a decisão, incomum para a época, ainda mais por se tratar de pessoa de família rica, de estudar enfermagem (em Paris e na Prússia). Na guerra da Criméia (1853-56), envolvendo turcos e russos de um lado, ingleses e franceses (depois, italianos) do outro, Florence levou 30 enfermeiras para atender os feridos em combate. A "Dama da Lâmpada", como ela ficou conhecida por procurar, à noite, os combatentes caídos na batalha, tornou-se um símbolo de conforto e compaixão. Ela voltou para Inglaterra em 1856 com a saúde arruinada, mas passou o restante de sua longa vida trabalhando pela formação de enfermeiras.

Na guerra do Paraguai (1864-1870), a brasileira Ana Néry também marcou a presença feminina pelo socorro aos feridos nas sangrentas batalhas travadas entre brasileiros, argentinos e uruguaios, de um lado, e paraguaios do outro. Para a mentalidade da época, a presença, na guerra, dessa mulher de família ilustre, justificava-se pelo fato de, inicialmente, ter ido acompanhando seus três filhos, Justino, Isidoro Antônio e Pedro Antônio.

Uma impressionante figura feminina do início do Século XIX foi a revolucionária Rosa Luxemburgo (1870-1919), russo-polonesa por nascimento e alemã por casamento. Depois da Primeira Guerra Mundial, ela exerceu uma forte liderança sobre os social-democratas da República formada na Alemanha após a queda do regime imperial, e mesmo sendo moderada do ponto de vista dos extremistas do movimento comunista internacional, foi presa e barbaramente assassinada por oficiais alemães.

Também grande revolucionária foi Maria Quitéria, brasileira nascida em Feira de Santana, na Bahia, em 1792. Na Guerra da Independência, em 1822-23, Maria Quitéria, sertaneja de família modesta, tornou-se uma lenda viva ao entrar na briga do lado brasileiro. Tendo fugido de casa com as roupas do cunhado, assumiu o nome dele, alistou-se na artilharia e só depois de identificada como mulher passou para uma arma menos pesada, a infantaria. Quitéria participou diretamente de muitos combates e acabou organizando um batalhão de mulheres que, reforçadas por moradores, obstaram uma investida da força portuguesa na Ilha de Itaparica. Em 1823, com 31 anos de idade, já famosa, veio ao Rio de Janeiro para ser condecorada no grau de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro pelo Imperador D. Pedro I, que a promoveu a alferes de linha (posto imediatamente inferior ao de tenente). Nessa ocasião, ela impressionou a corte por suas maneiras femininas sob o traje militar masculino.

Outra notável guerreira brasileira foi Anita Garibaldi, que se tornou protagonista da História no Brasil e na Itália. Nascida Anita de Jesus Ribeiro, em Santa Catarina, 1819, casou-se aos 16 anos com um sapateiro de sua terra, mas logo se uniria a Giuseppe Garibaldi, o revolucionário italiano refugiado no Brasil e que aderiu à Revolução Farroupilha. Após a morte do marido, Anita casou-se com Giuseppe, indo morar com ele no Uruguai, país para o qual o italiano passou a trabalhar defendendo Montevideu contra os argentinos. Anita estava com 28 anos e Giuseppe com 41 quando ela, levando três filhos, o acompanhou no regresso dele à Itália, que estava em luta pela independência e a unificação. Ao lado do marido na defesa da República de Roma contra os franceses, Anita contraiu tifo e morreu em 1849, antes de completar 30 anos de idade. No contexto de sua época, como esposa, mãe e guerreira, Anita Garibaldi foi uma maravilhosamente completa figura de mulher.

Ao longo da História, desde a Antiguidade, não são muitos os exemplos de governantes femininos efetivos. Um dos mais notáveis é o da rainha Hatshepsut, que há mais de três milênios, para se manter no trono do Egito, usava uma barba postiça como a dos faraós. Outra rainha egípcia, Cleópatra, de origem grega, algumas décadas antes da Era Cristã recorreu a outro tipo de referência masculina, sem a qual a mentalidade machista não reconheceria o poder absoluto de um mulher: em vez de barba de mentira, usava amantes de verdade e ficou na História por se manter no trono recorrendo à beleza e ao poder de sedução. Teve um filho do ditador romano Júlio César e depois foi amásia do chefe dos exércitos romanos no Oriente, Marco Antônio. Quanto este se viu derrotado e se suicidou, ela, sem um poder masculino para garanti-la, suicidou-se também.

Um dramático e ao mesmo tempo grotesco exemplo histórico da situação de inferioridade imposta à mulher é a figura da Papisa Joana. Até hoje corre entre os meios eruditos uma polêmica sobre se é real ou lendária a existência deste personagem feminino que, entre os séculos XII e XIII, subiu ao pontificado, mas não como uma mulher e sim como um travesti feminino. A pessoa que ficou na memória popular como sendo a Papisa teria feito toda uma carreira eclesiástica, disfarçada de homem. Certamente era uma personalidade de valor, tendo alcançado o cardinalato e finalmente subido ao trono pontifício. A julgar pela versão corrente até hoje, esta Joana, ao se tornar Papa, era ainda jovem o bastante para engravidar. Sua condição feminina foi descoberta quando, certo dia, por ocasião de uma cerimônia tradicional onde o Papa anualmente liderava uma procissão de longa distância pelas ruas de Roma, ela começou a sentir dores e deu à luz ali mesmo. Nos registros do Vaticano, não há qualquer referência a nada disto e a Papisa não passa de uma boataria sem fundamento.

No Século XX, no Ocidente, sucessivas conquistas foram equiparando a situação das mulheres à dos homens. Nas democracias de moldes ocidentais, elas ganharam o direito de voto e acessaram profissões tidas como exclusivas dos homens. Madame Curie introduziu definitivamente a figura feminina no campo científico. E as mulheres começaram a assumir funções políticas.

Como chefes de grandes governos, Golda Meir, Indira Gandhi, Isabelita Perón e Margareth Thatcher são figuras que, polêmicas ou não, com ou sem referencial de base masculina mais ou menos explícita (algumas eram filhas ou esposas de líderes), foram afirmando a presença feminina na esfera do poder institucional. Até mesmo no mundo muçulmano, onde o lugar secundário destinado à mulher tem raízes mais profundas nos costumes e na crença religiosa, houve espaço para Benazir Buto no governo do Paquistão. Não deixou de ser um notável exemplo de ascensão feminina em um meio islamita, muito embora a ainda jovem e bela Benazir tivesse crescido politicamente à sombra do pai Zulficar Ali Buto, executado em 1979.

No Brasil, marcou época a eleição, no início da década de 80, de uma mulher, Maria Luísa Fontenele, para governar uma capital de Estado: ela foi eleita prefeita de Fortaleza, Ceará. Uma década mais tarde, já em plenos anos 90, Roseana Sarney foi a primeira mulher no País a ocupar cargo executivo e eletivo de primeiro nível, como governadora do Estado do Maranhão. Já anteriormente os eleitores maranhenses haviam colocado outra mulher no poder: Gardênia Gonçalves, que em meados dos anos 80 subira à prefeitura da capital, São Luís. Gardênia, esposa do ex-governador João Castelo, se notabilizaria ainda mais ao se tornar a primeira postulante ao poder em nível presidencial, como vice-presidente escolhida para a chapa do candidato à Presidência da República, Esperidião Amin, em 1994.

No panorama da ascensão feminina sobressai a figura de Luiza Erundina, que na década de 80, sem referencial de casamento ou outro apoio institucional masculino, governou a maior cidade do País e a terceira mais populosa do mundo, São Paulo. Erundina se fez politicamente sem o referencial masculino de um marido. O mesmo pode ser dito de outra notável personagem da política paulista, Marta Suplicy, que

ganhou projeção nacional primeiramente como sexóloga, independente da importância do marido, senador Eduardo Suplicy.

Não apenas na política tem sido notável a ascensão feminina, mas também no ambiente literário. Até o início da segunda metade do Século XX, as escritoras brasileiras tinham pequeno reconhecimento formal. Só com a eleição de Raquel de Queiroz para a Academia Brasileira de Letras (1977) isso começou a mudar. Depois vieram Lygia Fagundes Telles e Nélide Piñon. Em diferentes níveis, Cecília Meireles, Cora Coralina e Adélia Prado “invadiram”, por assim dizer, um campo até então de quase completa exclusividade masculina, a autoria e publicação de obras poéticas.

No ambiente da cultura e das artes, é notável também o primeiro reconhecimento de uma mulher no Brasil, e uma das primeiras no mundo, como grande pintora, na pessoa de Tarsila do Amaral. Artista plástica radicada em São Paulo nas décadas iniciais do Século XX, quando a cidade se modernizava aceleradamente, Tarsila notabilizou-se pela pintura de temática brasileira, centrada em motivos de nosso meio cultural e natural, e pelo temperamento tropical no tratamento da cor.

No meio esportivo, a tenista Maria Ester Bueno foi a primeira personalidade feminina a projetar ampla e duradouramente o nome do Brasil no cenário internacional, ganhando vários campeonatos e títulos na Europa e nos Estados Unidos, na década de 60.

Na questão da marcha evolucionar para um equilíbrio entre as tónicas feminina e masculina, é importante compreender que Helena Blavatsky foi o primeiro avatar integral feminino. Joana d’Arc, por exemplo, foi, como já se viu, uma manifestação avatárica, mas não no sentido pleno da palavra. Os avatares propriamente ditos são mestres (as), instrutores (as) e condutores (as) da Humanidade como um todo.

Na Antiguidade, houve outra figura feminina reconhecida como um grande avatara, a Sibila de Cumes. Mas é um vulto que hoje só pode ser entrevisto na região fronteira entre a História e a Lenda, tendendo mais para esta. E além disso, sua atuação se caracterizava pelo exercício de faculdades e artes ligadas à intuição, à clarividência e à adivinhação, atividades paralelas à ação diretamente social, cultural, política e até guerreira que, de um modo ou de outro, tem marcado a trajetória dos avatares masculinos.

A fundadora da Teosofia foi uma mulher que não precisou usar barba postiça como a rainha egípcia Hatshepsut, nem roupa e nome de homem como a Joana d’Arc ou outra francesa, a escritora George Sand (no século XIX); nem se abrigar de algum modo à sombra de uma personalidade masculina, para realizar sua imensa obra. Até certo ponto, Helena Blavatsky inverteu os pesos na balança da polaridade entre os sexos, tendo o americano Henry Steel Olcott como seu maior auxiliar.

A Tradição esotérica indica que os grandes trabalhos na escala macro da evolução humana são cumpridos por casais. Isto é válido, aliás, em todos os níveis, na esfera do sagrado como do mundano, assumindo as mais diferentes configurações. Mas em

todas elas o homem sempre ou quase sempre se colocou como o elemento dominante e senhor das iniciativas, ficando a mulher como “uma auxiliadora idônea”, conforme consta de antigas versões da Bíblia.

No plano mundano, tem havido exceções notáveis, como a tzarina de todas as Rússias, Catarina a Grande. Austríaca de nascimento, ela casou-se com o herdeiro do trono russo, no Século XVIII. Quando ele se tornou czar, provou ser um fraco e Catarina, tendo subido ao poder por obra do casamento, tradicional condição para a ascensão feminina, mostrou sua personalidade implacavelmente dominadora: depôs o marido, assumiu diretamente o governo e tornou-se por longo tempo uma notável imperatriz. Portanto, mesmo neste caso, a fonte original do poder, depois subvertida, foi masculina.

Em 1777, Dona Maria I assumiu o trono português e foi no seu governo que, onze anos depois, Tiradentes sofreu a pena capital, tendo a rainha lhe recusado clemência. Mas coube a uma outra mulher, a Princesa Isabel, assinar a Lei Áurea, que aboliu a escravatura no Brasil.

O usual, historicamente, tem sido a mulher permanecer em segundo plano, à sombra do protagonista masculino, mesmo quando ela também sobe à notoriedade. Mas o verdadeiro papel dela nos grandes acontecimentos, na longa fase de submissão feminina, ainda está para ser estudado e compreendido. O faraó Akhenaton ou Khunaton (reinou de 1386 a 1370 a.C.), que tentou implantar o monoteísmo, teve por contraparte a esposa Nefertiti, uma das mais lindas mulheres da História (a palavra *nefer*, na antiga língua egípcia, significa *bela*). Ela foi a inspiradora e, em muitos aspectos, a mentora do marido, que é considerado como sendo o fundador da Maçonaria antiga (Maçonaria dos Três Mundos), originalmente mesclada com o que viria a ser, em separado, o movimento da Rosacruz (Rosacruz dos Andróginos).

Muitas vezes a parte feminina nem é mencionada. Pouco se sabe, por exemplo, do alcance do papel da esposa do patriarca Moisés na vida dele e na História. Mas sem dúvida o princípio feminino exerceu-se na trajetória do maior profeta judaico, até por ter sido uma mulher – a princesa egípcia que o tirou das águas do Nilo e o adotou – a fonte primeira de seu poder. Esta circunstância não pode deixar de ser vista, pelo menos numa discreta escala, como uma inversão do padrão “rotineiro”, onde a força objetiva provém do macho como ponto de partida.

Em outras configurações, o papel de contraparte nem cabe à esposa. Assim ocorreu com o compositor Tchaikowski, que foi inspirado – e subvencionado – por uma dama, Nadezdha Von Meck, que chegou a fazê-lo comprometer-se a não tentar conhecê-la pessoalmente.

Em outros casos, a presença da mulher é exclusivamente subjetiva sem deixar de ser determinante. Pode-se dizer assim de José de Anchieta, que, como um noviço ainda saindo da adolescência, prostrou-se diante da imagem da Virgem Maria, jurando-lhe devoção e dedicação eterna. Sem dúvida foi a Virgem a inspiradora do jesuíta, como

expressão do arquétipo junguiano (de C.G. Jung) da *Magna Mater* (afinal, o mesmo arquétipo universal da Deusa-Mãe ou Mãe Divina).

FOHAT E KUNDALINI: UMA COSTELA DE EVA EM ADÃO

No Esoterismo antigo, a *Shakti* ou *Zakti* (sânscrito) é a energia feminina ativa dos seres divinos. No hinduísmo popular, são muitas as Shaktis, esposas dos deuses; deusas elas próprias. No Ocultismo, Shakti é a coroa da luz astral, reunindo as seis forças da Natureza sintetizadas, a Energia Universal. Esquemáticamente, podem enumerar-se assim:

- 1) a grande força, incluindo a luz e o calor;
- 2) o poder do intelecto, do conhecimento;
- 3) o poder da vontade;
- 4) o poder do pensamento criador (Kriya Shakti);
- 5) o princípio de vida universal (Kundalini), fogo serpentino (curvo e frio), eletricidade e magnetismo da Terra;
- 6) o poder das letras, da linguagem e da música.

Mas também, Shakti é, em resumo, a fase negativa de uma força qualquer. Se esta força é um deus, a Shakti vem a ser a fase ou polo negativo dele.

O importante é que sem ela não ocorre a bipolaridade, não se dá o fluxo de energia e conseqüentemente nada acontece no plano da ação, dos fatos e fenômenos - na evolução, em suma. Igualmente no nível humano: o elemento masculino necessita do elemento feminino funcionalmente presente, para poder exercer-se. E vice-versa.

Estamos aqui fazendo uma mescla conceitual da erudição ocultista com o entendimento popular sobre o tema da polaridade – ou, melhor dizendo, a bipolaridade desdobrada ao infinito no mundo manifestado, num processo semelhante ao descrito no, em relação à dinâmica dialética do número 7.

No entendimento corrente, o feminino, representando o pólo negativo, teria um papel auxiliar. Isto, porém, no fundo, não chega a ser um conceito, limitando-se na realidade a ser um preconceito. A própria informação de fonte esotérico-ocultista ajuda a clarear este ponto.

No conjunto, Shakti polariza com Fohat, termo que, segundo Blavatsky (“**Glosario Teosófico**”), representa “a potência ativa (masculina) de Shakti, que é a potência reprodutora feminina na Natureza”). Masculino e feminino estão dentro um do outro, indissolúvelmente associados. Fohat é a essência da eletricidade cósmica ou luz primordial, a unidade que envolve todas as energias cósmicas, tanto no plano visível como no imanifestado – ou seja, na esfera das ideias. Shakti, aí chamada comumente e generalizadamente de Kundalini, engloba, na polarização com Fohat, todas as energias telúricas ou da Terra. Mas, como se vê pela anotação de Blavatsky, Fohat não existe sem Kundalini, sendo ambas as energias, afinal, reflexos recíprocos – a exem-

plo. aliás, do Eterno e do Supremo Arquiteto, representados nos dois triângulos que se entrelaçam na estrela de seis pontos ou Hexagrama.

Assim, o masculino e o feminino são fases um do outro, e só existem juntos. São igualmente importantes, cada qual com sua tônica. E é justamente a tônica que estabelece a famosa e apreciada “diferença” entre os sexos. A importância maior convencionalmente atribuída ao macho não passa de um subproduto do estágio de desenvolvimento cultural e espiritual das Civilizações do passado – e nem de todas, pois em várias (na maior parte totalmente esquecidas), o poder social e até o poder político pertencia às mulheres, no matriarcado.

Portanto, a participação do feminino é essencial em qualquer circunstância. A participação do masculino, também, mas não precisa ser “lembrada” como ocorre em relação ao feminino. A ascensão das mulheres corresponde à ativação da consciência humana - social, cultural, política - para a realidade de que os sexos se complementam indispensavelmente. No passado remoto, existiam antepassados do ser humano, hermafroditas, tendo no corpo os aparelhos sexuais do macho e da fêmea. Depois veio a separação física dos sexos, com uma variedade desdobramentos dos planos mental e psíquico. O hermafroditismo ou androginismo deve agora, segundo todas as indicações de fonte ocultista, reimplantar-se, só que não no nível físico, mas no mental/emocional. Isto é: macho e fêmea continuarão cada qual com seu aparelho genital. Mas a reintegração da unidade das tônicas feminina e masculina, refazendo-se subjetivamente no emocional, no psíquico e no mental, certamente terá repercussões objetivas na aparência física e no comportamento.

A idéia é que a mulher seja socialmente reconhecida na sua posição de igualdade com o homem, sem nada perder de seu poder inspirador, de sua ligação ao mesmo tempo visceral e espiritual com o mistério do Cosmos.

Estas expectativas têm tudo a ver com as imagens que se vêm formando em torno da figura do avatara Maitrêia. Na Tradição, Maitrêia virá como o mais integral dos avatares. Um dos significados de seu nome (sânscrito) é “senhor dos três mundos”: físico, psico-mental e mental-espiritual. Sendo um personagem-síntese, ele naturalmente deverá ser um andrógino no sentido contemporâneo, isto é, subjetivo. E como o androginismo subjetivo tem repercussões no físico, Maitrêia geralmente é representado em concepções artísticas como um homem mesclando, na aparência, a masculinidade temperada por uma beleza de toque esteticamente feminino.

Também pelo lugar esperado como sendo o de seu nascimento, aparece a tônica feminina, sendo ele o primeiro avatara de Vishnu a vir à luz no Hemisfério Sul. E o Sul, astrologicamente, como já indicamos, se identifica mais com o aspecto feminino. Em suma: Maitrêia deve vir como um homem (ou um movimento masculino) com toda a força interior da mulher.

Na Tradição ocultista, Vishnu, um dos deuses maiores do hinduísmo metafísico, ao lado de Brahma e Shiva, já teve nove encarnações, sendo Maitrêia a décima. Vishnu manifesta-se no meio da Humanidade nas grandes mudanças de ciclo, sempre que se

dá a chegada de uma nova raça-mãe ou estado de consciência na escala macro. Suas nove encarnações anteriores ocorreram no hemisfério norte, principalmente na Ásia. Um de seus vários nomes é Kalki-Avatar (o Avatar do Cavalo Branco).

Existe ainda a expectativa de que ele seja não um indivíduo, uma pessoa única, e sim uma consciência ativada em muita gente, numa liderança social, cultural, política e até financeira - sobretudo, espiritual.

Esta expectativa nasce da situação do mundo em geral, por não se terem ainda realizado as esperanças universais de paz, fraternidade, prosperidade e saúde, as quais nasceram com o Século XX. E este termina sem as mesmas se realizarem - às vezes parecendo, aliás, cada vez mais distantes. Cria-se assim a ansiedade por uma mudança que teria de ser radical e profunda. Daí dizer-se que Maitrêia vem imbuído do amor pela Humanidade e da missão de corrigir distorções e desvios nos rumos da Evolução. Sua índole é, portanto, dupla, ao mesmo tempo amorosa no sentimento e rigorosa na ação.

A mulher, pela própria base biológica, como dona do ninho e centro do núcleo familiar, muito geralmente tem sociabilidade mais desenvolvida que a do homem. Sendo Maitrêia o avatara em quem mais ativada está a consciência social, no sentido moderno, vem daí também a tonificação de seu lado feminino.

SEM CATÁSTROFE NAS TERRAS MAIS SADIAS

O anseio pela transformação necessária gera o temor correspondente, em relação às ações radicais e rigorosas que a consciência de Maitrêia pode ensejar ou empreender. Essa consciência vibra no plano objetivo, como no subjetivo.

A presente instabilidade do clima e da crosta da Terra, com a multiplicação de furacões e terremotos excepcionalmente fortes, é contrabalançada pela confiança de que, nas Terras Sagradas, os cataclismos naturais não se farão tão presentes. Contudo, há outras indicações, de que as maiores catástrofes desta passagem interciclos poderiam ser de natureza social: crise econômica, desorganização da produção, onda de violência criminal e terrorista, caos político. Os fatores do desequilíbrio ecológico, agravados pela depredação ambiental, eventualmente se combinariam com a conjuntura social para precipitar e aprofundar as mudanças. E por ser o mundo, hoje, uma crescente globalidade, nenhum país estaria totalmente a coberto. Mas alguns - admite-se - sofrerão bem mais do que os outros, o que, aliás, em escala, já ocorre.

É extremamente difícil estabelecer um paralelo entre as expectativas do Ocultismo clássico e as situações objetivas no mundo e no meio humano. Os estudiosos e praticantes da metafísica orientalista ou do Esoterismo modernizado estão longe de uma unanimidade quando se trata de interpretar a correspondência entre profecias e fatos.

Entre os esoteristas atuais, predomina o sentimento da iminência de uma catástrofe planetária. Mas há também otimistas, que veem na própria vinda de Maitrêia um an-

tídoto do envenenamento espiritual, ecológico, social e cultural que cria o condicionamento catastrófico.

Como já assinalamos, Henrique José de Souza deixou um legado espiritual marcado pela expectativa de que o trauma da transformação seja minimizado. De seus ensinamentos se depreende a perspectiva de que o sofrimento pelo qual a Humanidade está passando é inevitável, mas não chegará a assumir as proporções de uma hecatombe planetária como a da Atlântida. Para isto trabalhou H.J.S. a vida toda, ao lado de sua esposa e companheira de missão, Helena Jefferson de Souza.

Este casal de mestres fundou e estruturou a Eubiose. A partir da morte de H.J.S. em 1963, Dona Helena assumiu a presidência da então Sociedade Teosófica Brasileira por seis anos, até que o primogênito de ambos, Hélio Jefferson de Souza, a sucedesse em 1969. Nessa ocasião o nome do movimento mudou para Sociedade Brasileira de Eubiose, completando, no entender dos eubiótas, o processo de "ocidentalização" da tradição do Graal e de centralização da mesma no Brasil. O ramo propriamente esotérico da Eubiose é a Ordem do Santo Graal, com sede em São Lourenço, Minas Gerais.

No ano 2000, Dona Helena completou 93 anos de idade. Ela vai deixando entre os discípulos uma bagagem de amor e sabedoria que exemplifica perfeitamente a tônica feminina, sem que lhe tenha faltado a capacidade de ação necessária para a sustentação do trabalho após a morte do marido.

Havendo a perspectiva de que a futura e iminente atuação de Maitréia tenha por centro o Brasil, ganha força a imagem deste País como uma grande Terra Sagrada do futuro imediato, relativamente defendida de um possível colapso de âmbito planetário, temido pela maioria e ansiado por muitos.

10 – Perto do fim da jornada

A partir da decadência da Atlântida, a História das Terras Sagradas, até o início da raça mãe ariana, pode ser esquematicamente roteirizada assim, fundindo mito e realidade nas suas linhas mais gerais:

- 1) há cerca de 1 milhão de anos, a civilização atlante atingiu sua idade de ouro, com o Governo mundial de base teocrática sediado em Shamballah-na-Face-da-Terra;
- 2) a liderança espiritual atlante, tendo percebido que a disputa pelo conhecimento sacerdotal, que era a base do poder, levaria à guerra, refugiou-se nos mundos interiores;
- 3) os dois dirigentes supremos da Atlântida, chamados de Gêmeos Espirituais (um casal divinizado), retiraram-se, deixando na face de Terra os seus corpos, mas já desprovidos da essência;
- 4) os invasores entraram na Oitava Cidade, sacrificaram e devoraram ritualmente os Gêmeos na tentativa de assimilar seu conhecimento (origem da antropofagia ritual e da eucaristia ou antropofagia ritual simbólica);
- 5) a guerra atlante provocou o desvio do eixo terrestre em relação ao eixo celeste;
- 6) Vaisvávata levou grande número de sobreviventes para a meseta do Pamir, no Himalaia;
- 7) a liderança espiritual refugiada no interior da Terra organizou o Governo Oculto do Mundo e começou a trabalhar na superfície por intermédio de emissários especiais da Grande Fraternidade de Luz, os avatares (patriarcas, guias e instrutores espirituais e culturais);
- 8) ao longo de muitos milênios, o povo no Pamir foi recebendo elementos novos (espirituais, culturais, genéticos) vindos dos Mundos Interiores;
- 9) no extenso meio-tempo, os povos remanescentes da Atlântida ficaram como que “marcando passo” ou mesmo regredindo, sujeitos aos novos cataclismos que foram liquidando com eles;
- 10) nessa vasta época, foram se acentuando as diferenciações entre línguas e crenças, desaparecendo a comunhão ou fraternidade universal e o caráter sagrado da Terra como um todo, fato que transparece no mito da Torre de Babel;
- 11) progressivamente, no Pamir, foi constituindo-se a quinta raça mãe, *ariana*, cuja primeira sub-raça, *ário-hindu*, viria a criar a civilização clássica nos vales dos rios Indo e Ganges, cabendo à segunda sub-raça, *ário-semítica*, formar o mundo árabe-judaico na Ásia Menor;
- 12) o último vestígio da Atlântida, a Ilha de Poseidonis (no Oceano Atlântico), foi destruída pelo cataclismo de há cerca de 11 mil anos (no final de Era Glacial de Würms);

13) com o desaparecimento definitivo da civilização atlante, abriu-se totalmente o caminho para a civilização dos arianos, que apareceu por toda parte, diversificada, pluralizada, sem uniformidade de credo e sem unidade política;

14) o mental da raça mãe ariana desenvolveu a capacidade de abstração, simultaneamente com a extensão, a todos os humanos, do olfato, quinto sentido desenvolvido pela espécie, a *quinta-essência*..

15) o pluralismo social e cultural dos arianos refletiu-se nas cidades-estados, a forma de organização política comum (ou mesmo a única) no começo dos tempos históricos;

16) apareceu a tendência à formação de impérios com o poder centralizado, englobando as cidades-estados, que se tornaram vassalas dos dominadores imperiais.

Convém lembrar que, na época atlante, a autoridade do governo central (oitava cidade) era integral: religiosa, filosófica e tecnológica, decorrendo daí sua supremacia política e econômica. A casta sacerdotal em torno do Imperador/Imperatriz controlava o conhecimento, a ritualística e a tecnologia, estando tudo isto entrelaçado num todo abrangente e rígido. A burocracia e o poder militar eram importantes, mas secundários na sustentação do estado de coisas. E não se pode esquecer que tudo isto se apoiava na situação ambiental e cósmica criada pelo alinhamento dos eixos do planeta.

Quando entrou em cena a quinta raça mãe, ariana, tal alinhamento já não existia. Mas a casta sacerdotal mantinha a memória objetiva do passado, quando os eixos coincidiam. Sabia disto pelos registros das escolas de iniciação e pelos contatos, dentro e às vezes fora destas, com o GOM - Governo Oculto do Mundo ou Grande Fraternidade de Luz. Por sua vez, o povo conservava no fundo da mente coletiva a memória ancestral de uma era de fraternidade geral e, decorrente, de felicidade comum. Sendo uma saudade, essa fraternidade situava-se, retrospectivamente (e continua sendo assim), em um nível muitíssimo elevado, certamente algo acima do alcançado de fato na realidade histórica.

O interesse da elite em restaurar (quer pela ânsia de domínio, quer pelo amor ao conhecimento) uma situação ideal do passado, somando-se à atávica lembrança popular da idade de ouro, marcou a história do mundo antigo a partir daí. Pode-se contá-la sob o prisma de sucessivas tentativas de resgatar o caráter sagrado da Terra e, junto com ele, o sentimento de irmandade universal.

Em benefício da evolução humana segundo os planos do GOM, os avatares vinham dos mundos interiores trazendo a missão do regenerar o sagrado, junto com as informações e os ensinamentos teóricos e práticos necessários para que a própria Humanidade pudesse mover-se nessa direção. Os avatares passaram a atuar em uma grande variedade de povos e culturas, numa convivência pacífica. Mas também havia avatares guerreiros, que instruíram e/ou conduziram suas gentes no sentido da conquista cultural/espiritual pela força das armas. Assim agiu, por exemplo, o teuto-ariano

Odin. O mesmo pode ser dito do semítico-ariano-judaico Moisés, que levou seu povo à terra prometida, obtida na guerra total contra os primitivos cananeus, que tinham outros credos religiosos. E também do semítico-ariano-arábico Maomé, que disparou o *Jihad* , a guerra santa do Islam.

Do ponto de vista da geografia política global, a tentativa de ressacralizar a Terra como um todo surgiu com os construtores de impérios. E assim mesmo, não os primeiros deles. Os acadianos, sumérios, assírios e babilônios se caracterizaram pelo respeito que tinham aos costumes e crenças dos povos conquistados, aos quais impunham o domínio político e econômico, mas não o domínio cultural, psíquico e espiritual. Os egípcios formaram um império grande o bastante apenas para proteger suas fronteiras (V. logo adiante)...

O SIGNIFICADO OCULTO DA IGREJA UNIVERSAL

Sem pretender insinuar uma teoria geral da História, adotamos este enfoque, mais, como uma forma de clarear o sentido da expressão “Terras Sagradas”. Podemos sintetizar a colocação que queremos fazer, da seguinte forma: os impérios mundiais foram tentativas de recriar a **Igreja de Melki-tsedek**, isto é, a confraria ou organização fraternal de alcance mundial que chegou a existir no auge da Idade de Ouro da Atlântida.

Como já vimos, esse credo único e comum a todos os povos, embora não tenha chegado a eliminar completamente a discórdia e a guerra, chegou, sim, a criar uma sociedade mundial baseada numa vasta comunhão de expectativas e ideais. No povo em geral, tal comunhão não se fazia no plano da consciência intelectual, mas do sentimento espontâneo. Contudo, a cúpula sabia o que estava fazendo. A idéia da fraternidade geral resultava também da aura ou campo de vibração da Grande Fraternidade, a primeira magna escola de iniciação, que não tinha esse nome por acaso. É a esta unidade que chamamos de **Igreja de Melki-tsedek** no presente texto.

A situação de harmonia global na idade de ouro atlante, a maior já conhecida pela Humanidade, possível e boa para aquela época e aquele estágio de desenvolvimento humano, foi viabilizada pela situação ecológica e cósmica especial: o alinhamento dos eixos do planeta. E acabou juntamente com o seu súbito desalinhamento (P.**).

Depois da hecatombe terminal da Atlântida em Posseidonis, vários povos, sob uma série de líderes, tentaram em diferentes épocas refazer a unidade filosófica planetária. Foram tentativas feitas no planeta com os eixos não alinhados, e, portanto sem as condições ecológicas, magnéticas e cósmicas ideais.

Numa síntese sem qualquer pretensão de ser completa, podem ser citados esses impérios mundiais.

A primeira potência que se espalhou pelo mundo conhecido nos tempos históricos foi, numa sucessão, a dos acadianos, sumérios, assírios e babilônios, e sua expansão levou muitos séculos para atingir o auge. Estes povos foram continuando-se uns nos

outros, culturalmente, e sua primeira presença marcante se deu por volta de 2500 anos a.C. No máximo alcance territorial de seu poderio, eles chegaram a dominar o mundo entre o leste da bacia do Mediterrâneo e o oeste do Mar Negro, no primeiro milênio a.C. A língua não constituiu um dos traços dominantes dessa continuidade, e nem a religião (ligada aos astros, com o culto ao Sol, à Lua e às Estrelas) teve papel principal aí. Eles se caracterizaram, mais, pelos traços de seu desenvolvimento material, com a prática generalizada da agricultura em larga escala, a irrigação e um princípio de vulgarização de conhecimentos e usos, que, na Atlântida, só eram acessíveis estritamente à elite: astronomia (simultaneamente com a astrologia), códigos de direito, escrita e moeda (entre os assírios e babilônios antigos chegou a existir um sistema bancário).

Para o conhecimento acadêmico, a língua suméria é de difícil filiação, enquanto a dos assírios e babilônios, que os sucederam e continuaram, é nitidamente semítica. Mas segundo a informação esotérica, todos os povos da Mesopotâmia e adjacências são basicamente originários dos *semitas*, que eram a quinta das sub-raças atlantes (não confundir com a ário-semítica, segunda sub-raça ariana - V. acima).

Outro poderoso império da Antiguidade pré-clássica, o do Egito, não teve vocação nem alcance mundial. Os faraós (à exceção talvez de Sesostris e Ramsés II) não buscavam propriamente a expansão, mas a ampliação de fronteiras, mais como forma de garantir e manter seus núcleos territoriais originais.

No apogeu da civilização do Nilo (há uns 3500 anos), a civilização hinduísta clássica, formada pela primeira sub-raça ariana, começava a se firmar. Ela trouxe os traços culturais mais marcantes do arianismo (filosofia, literatura, artesanato artístico) - facilitados, segundo a Tradição, por um novo aparelho cérebro-espinhal-endócrino, que aumentou a capacidade de abstração do mental.

O primeiro grande confronto cultural traduzido em guerra deu-se entre os persas e os gregos antigos. Os gregos tinham-se expandido em uma vasta comunidade geográfica (praticamente toda a margem norte e leste do Mar Mediterrâneo), filosófica e religiosa que ao mesmo tempo era politicamente fragmentária. As cidades-estados completamente autônomas entre si frequentemente guerreavam umas com as outras, por questões territoriais, comerciais e até, às vezes sem motivo conhecido. Mas, mesmo em meio à guerra crônica, elas mantinham sua unidade como um império psíquico-cultural-religioso-mitológico, com festas e comemorações periódicas que congregavam a todos, como as Olimpíadas. O idioma tornou-se também um traço de união geral dos helenos (nome dos gregos antigos) e de outros povos *helenizados*. Seria uma **Igreja de Melki-tsedek** helênica.

O traço central da cultura helênica foi o humanismo, viés filosófico que colocou o ser humano no centro do sistema de valores e ideias, em lugar das velhas concepções onde os deuses (e seus representantes na Terra, reis, profetas, sacerdotes) eram os únicos seres importantes. No humanismo dos gregos, os pensadores e os artistas (arquitetos, escultores, dramaturgos) ganharam grande importância e os deuses assumiram qualidades e defeitos humanos, chegando a se acasalar com simples mortais. Estes,

por sua vez, podiam divinizar-se e tornar-se imortais pelo próprio esforço (épico, heróico, como no caso de Hércules), contando com ajuda divina. A mitologia grega era assim uma recriação (diferenciada) da mística atlante. No meio dos atlantes, chegou a haver intercuro sexual entre humanos e divinos. A grande novidade da contribuição dos gregos consistiu em que a mística sacerdotal se traduziu em mitologia popular e o intercâmbio entre deuses e humanos foi acrescido do elemento político.

Na Atlântida não havia política fora dos estreitos limites do poder sacerdotal, e o jogo da política subordinava-se rigidamente ao dogma religioso e à tradição ritualística. Já os gregos antigos firmaram o conceito de cidadania independente da estrutura teocrática. Em lugar da teocracia, surgiu a democracia (com as limitações da época, isto é, como governo não do povo todo, mas de uma elite de cidadãos, então uma minoria absoluta). Mesmo quando o poder dos cidadãos era ocasionalmente suplantado pelo mando de um indivíduo (quando então aparecia o *tirano*, um monopolizador do poder, um ditador), este surgia por dentro do jogo político mundano, profano, e não pela imposição do poder divino representado por grupo ou casta sacerdotal.

Aquelas gentes amavam sua cultura e modo de vida, sentindo-se felizes nas terras onde a mesma era adotada. Para eles, tratava-se de um território sacralizado pelo sentimento de fraternidade cultural e filosófica fundamental, que coexistia com as diferenças e disputas circunstanciais, territoriais e de classe, sobrepondo-se a elas. Tanto era assim, que as cidades da Grécia antiga deixaram todas as suas disputas de lado e uniram-se para enfrentar e rechaçar a invasão persa, do sexto para o quinto século antes da Era Cristã, defendendo o solo sagrado do Peloponeso, berço e centro da civilização helênica.

Os persas de Dario e Xerxes não se empenhavam propriamente em impor seu próprio modo de vida ao mundo, mas em impedir que o mesmo fosse completamente suplantado pelo modo de vida grego.

Alexandre da Macedônia (356-23 a.C.) foi o primeiro construtor de império a tentar reconstituir a unidade espiritual mundial pelo poderio militar.

Esse jovem rei de um pequeno país teve como conquistador a trajetória pessoal mais impressionante e rápida da História. Filho do rei Felipe foi educado por Aristóteles. Em certos círculos teosóficos, ele é considerado sem dúvida um avatara, ou no mínimo uma personalidade que recebeu a força digna de uma divindade para realizar a tarefa de ressacralizar a Terra por meio da unificação política e cultural global.

Pela força das armas, Alexandre da Macedônia levou a cultura helênica ao mundo civilizado que se estendia para o oriente. Suas conquistas abrangeram vastos territórios a leste e sudeste da Macedônia. A oeste tinha-se iniciado a formação da civilização romana clássica. Influenciados por muitas colônias gregas, os romanos, que tinham tido um berço cultural próprio, a partir dos etruscos, já estavam helenizando-se. O fato de Alexandre tê-los deixado em paz, voltando-se para o outro lado, reforça a indicação de que seu objetivo era mesmo unificar o mundo culturalmente.

O mais significativo, do ponto de vista do programa evolucionar na época, consistia em que Alexandre da Macedônia era rei sem ser sacerdote. O império que ele criou e o estado praticamente mundial que implantou eram laicos (oficialmente desligados da religião), tendo sua liga não na religião nem no clero, mas na cultura. Mesmo havendo seu legado político durado apenas alguns anos após sua morte (aos 33 para 34 anos), a influência filosófica e mitológica do helenismo nas regiões conquistadas deixou marcas profundas e duradouras.

O império alexandrino estendeu-se do sudeste da Europa por todo o Oriente Médio e Próximo, chegando ao Rio Indo, na Índia, abrangendo o Egito e o Norte da África. Em 336, ao assumir o trono (com 20 anos de idade), ele já encontrou uma base territorial inicial, formada pelo pai Filipe, que unificara a Macedônia e a Grécia pela força militar. Em 334 a.C., Alexandre, cruzou o Helesponto, estreito marítimo que separa a Europa da Ásia. Em 323, entre os 12 e os 13 anos de reinado, quando morreu pouco após completar 33 anos, tinha formado e organizado politicamente aquele vasto império. Sua obra político-militar e administrativa é espantosamente grande para ter sido realizada em período tão curto, daí a crença geral de que ele foi inspirado, apoiado e ajudado por poderes superiores.

Seja como for, o caráter mundano, laico, sem compromisso com a religiosidade institucional, portanto sem ligação com a casta sacerdotal, longe da imagem do rei-sacerdote, foi o traço mais nítido de Alexandre.

Esse perfil iria acentuar-se entre os romanos, herdeiros culturais e sucessores imperiais dos helenos. Entre os romanos, a influência religiosa ou mística na definição das linhas de poder era praticamente inexistente, a ponto de se fazer a sucessão do imperador, mais das vezes, em função do jogo político-militar e até sem conotação hereditária.

Contudo, mesmo no império que ficou com a imagem de ter sido o mais mundano de todos - o império romano -, o sentimento do transcendental se fez originalmente presente na lenda de Rômulo e Remo.

Recém-nascidos e abandonados na Natureza, os fundadores de Roma foram amamentados por uma loba. Na Tradição ocultista, Rômulo e Remo eram um casal de origem divina. No simbolismo da lenda, a loba romana representa a Mãe-Natureza no seu lado feroz, violento, impositivo. Daí, certamente, a raiz da máxima romana criada por Plauto, *homo homini lupus*, “o homem é lobo para o homem”. Diferente da civilização atlante, a civilização romana seria universalizada não pelo poder mágico-sacerdotal em primeiro lugar, mas primordialmente pela força das armas (aliada à força cultural).

Ao mesmo tempo que, no Oriente, Alexandre realizava suas conquistas como um rei supremo que não era sacerdote, no Ocidente europeu os romanos também se expandiam, e entre eles a índole não-religiosa era ainda mais explícita. O poder político tinha por base o senado aristocrático onde a influência sacerdotal era inexistente.

Mais tarde, entre os primeiros imperadores romanos, a partir de Augusto (na virada para o primeiro século da Era Cristã), o poder político, econômico e militar do monarca contagiou-se com a tradição atávica oriental do rei-sacerdote. Otávio Augusto foi ritualmente divinizado em vida. Alguns de seus sucessores mais desvairados - Nero, Calígula - se autoproclamavam encarnações divinas, embora no sentido mais pagão, mundano e material. Os cézares, os nobres e os generais sacrificavam ritualisticamente aos antigos deuses do Olimpo, herdados dos gregos com outros nomes, com um sentido prático, utilitário.

Mas isto não chega a esconder o fato de que, em uma linha de continuidade com a experiência de Alexandre da Macedônia, o império romano formou-se com inspiração mais diretamente “humana” (no sentido de profana, não sagrada) pela guerra de conquista. Os cézares foram bem diferentes do imperador macedônico porque, para eles, a uniformização do mundo pela cultura e a concepção de vida tinha importância secundária. O principal era o interesse de dominação política, territorial e econômica, com base na força militar.

Mas em pouco tempo o paganismo foi superado e o cristianismo tornou-se a religião oficial dos cézares. Isto foi facilitado por vários fatores, sobressaindo-se que, entre a soldadesca das legiões, predominava o culto ao deus Mitra. Esta divindade, muito antiga, formara-se por uma fusão de crenças ocidentais e orientais, passando a representar um embrião ou base romana do monoteísmo cristão.

Deste modo, em nível ora explícito, ora indireto, a mística da influência de uma vontade superior sobre os construtores de impérios tem atravessado as eras. Passando-se ao mundo medieval que sucedeu o mundo romano, a fonte filosófica do poder mundano era a vontade divina expressa por uma **igreja universal** então vista como um fato concreto: a igreja cristã no Ocidente europeu denominou-se “católica”, palavra que significa, exatamente, “universal”, com sede em Roma, a sede européia do poder cultural. A outra igreja cristã que constituiu a base religiosa do império romano do oriente, com sede em Bizâncio/Constantinopla, também era “universal” no seu próprio território. No fundo e no conjunto, tratava-se da tentativa de reprodução da comunidade espiritual que marcou o apogeu atlante.

Em plena Idade Média, a supremacia do poder lastreado nas igrejas cristãs foi contestada por outro poder de fonte diretamente religiosa, o Islamismo. Significativamente, o fundador da religião islâmica, Maomé, é, para o Ocultismo, um avatara, um emissário dos mundos interiores - como o foram Moisés, Jesus, Buda. O próprio Allan Kardec, criador do Espiritismo, um ramo do Cristianismo, foi também um emissário, em outro nível, como Adepto, isto é um membro graduado da Grande Fraternidade que se originou, como vimos, na interseção Lemúria/Atlântida. Assim, o império muçulmano também teve inspiração religiosa, e nele esta foi muito marcante, tanto que suas conquistas se fizeram sob a égide de *Jihad*, a guerra santa contra os *infieis*, os não-muçulmanos.

FLAGELOS DE DEUS NA FACE DA TERRA

Perto do final da Idade Média, no século XIII (anos 1200), um outro movimento de conquista mundial teve também inspiração espiritual, embora bem menos evidente que a islâmica. Por sua natureza, pode ser chamada de místico-religiosa. O império mongol foi construído pela força das armas sob a liderança de Genghis Khan (1167-1227), que o Ocultismo considera uma espécie de avatara da transformação pelo rigor e a violência, uma espécie de anjo exterminador, o castigador da estagnação e corrupção filosófica que tinha se apossado do mundo cristão, muçulmano e budista. Cabe lembrar que algo semelhante já havia acontecido oito séculos antes, nos anos 400 d.C., na invasão dos hunos comandados por Átila. Os europeus na época apelidaram de “o Flagelo de Deus” esse chefe de guerra de baixa estatura, quase um anão. Tal como os mongóis no século XIII, os hunos, no século V, penetraram fundo em terras da cristandade. Tanto uns como outros tiveram como ponto de partida seus respectivos territórios na Ásia Central. Suas tentativas podem ser vistas como fazendo parte do Programa do GOM, que por intermédio deles promovia uma “limpeza da área”, tendo em vista os grandes desvios de rota na linha da recriação de uma comunidade (igreja) universal.

Pode causar estranheza que a presença do GOM na face da Terra se fizesse pela via guerreira, e que seus aqueles seus dois emissários se apresentassem como castigadores da Humanidade. A expressão “o flagelo de Deus” tem um duplo sentido, designando aquele que flagelava (os seguidores de) Deus, sendo também um castigo vindo de Deus.

Veja-se o título do conquistador mongol, “Genghis Khan”. A origem de Temujin (seu nome pessoal), tido como nascido em 1167, filho de um chefe tribal da Mongólia, no coração da Ásia central, mergulha numa atmosfera lendária. Já na infância e juventude houve sinais que o apontavam como um predestinado. No cotidiano, no meio de seu povo nômade, ele sempre sabia onde estava a caça, a água, o perigo e o inimigo.

O mito de que Temujin gozava de uma cobertura transcendental misteriosa, crença esta veiculada por um antigo livro anônimo intitulado “**História Secreta dos Mongóis**” (citado no volume “**The Times Atlas of World History**”, Londres, 1988), é reforçado pelo fato de que sua primeira liderança abrangia apenas um clã pobre de sua gente. Em muitos anos de luta, Temujin superou todos os rivais, reunindo inicialmente uma força combatente de 20 mil homens.

Do ponto de vista objetivo, parece inexplicável como um chefe guerreiro gerado numa sociedade “primitiva” fosse capaz de se revelar um gênio militar capaz de obter o máximo de rendimento de sua pequena tropa original. Temujin ganhava as batalhas pelo planejamento, a organização e a audácia. Por volta de 1206, os povos das estepes mongólicas e tártaras, unificados por ele, atribuíram-lhe o título de Genghis Khan, significando “chefe universal”. Já então chefiando centenas de milhares de guerreiros, com a melhor e mais aguerrida cavalaria do mundo, ele invadiu o norte da China, ultrapassou a Grande Muralha e capturou Pequim em 1215. Entre 1216 e 1223, arrasou o império muçulmano do Khwarizm, no território correspondente à parte central da atual Rússia asiática, e investiu para oeste, no rumo da Europa.

O impacto da conquista mongol foi formidável. Depois da morte de Genghis Khan (em 1227) seus descendentes prosseguiram na conquista e as hordas mongóis chegaram a penetrar nos reinos cristãos da Europa Central.

Em ambas as ocasiões, tanto na invasão mongol como na dos hunos, a crença de que a força mágica da igreja formal era suficiente para garantir o caráter sagrado e portanto a invulnerabilidade da civilização cristã, sofreu grande desgaste.

No Século V, a investida dos hunos abriu ainda mais o caminho forçado pelas invasões dos vários povos bárbaros pagãos, que aceleraram queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), disparando a transformação de mentalidade que levaria à Idade Média.

No Século XIII, por sua vez, a maré mongol por pouco deixou de engolfar de vez a Europa (mais exatamente pela morte, em 1240, do Grande Khan Ogedei, um descendente e sucessor de Genghis Khan. Os mongóis dominaram a maior parte da Rússia européia, invadiram a Polônia e a Hungria e chegaram às portas da Alemanha. Mesmo tendo durado pouco tempo e sido detida na entrada no continente europeu, a avalanche dos guerreiros das estepes asiáticas ajudou a abrir, pela enorme abalo no fechado espírito da época, o caminho para a revolução cultural trazida pela Renascença.

Neste texto, o que estamos procurando é indagar, de forma necessariamente esquemática, se por trás dos construtores de impérios encontrava-se, em nível ora subjetivo, ora objetivo, ora em uma mescla, a inspiração do Governo Oculto do Mundo. O objetivo maior deste consistia em formar uma nova unidade espiritual mundial, reconstituindo, em outro nível, a comunidade planetária existente na Idade de Ouro atlante.

Sendo este um texto que lida com uma realidade misteriosa, lendária, pode-se e até deve-se recorrer a dados e interpretações refugadas pela mentalidade estritamente racionalista. Aplicando-se o que seria considerado um não-método, algo próximo da liberdade poética, é possível identificar nos nomes “Genghis Khan” e “huno”, elementos de neuro-lingüística que resultam reveladores, embora possam ser tomados por ingenuidade ou arbitrariedade intelectual.

Veja-se o conteúdo místico e oculto do nome **huno**, tão indicativo de uma vocação globalizante quanto o título de Genghis Khan ou “chefe universal”. Em **huno**, a letra **h** não chega a ocultar a palavra “**uno**”. Em latim, dizia-se “**huni**”, que pode ser entendido como a forma genitiva **uni**, significando “**do uno**”, isto é, comprometido com a unidade ou universalidade. Assim, o interesse de recriar a igreja (no sentido de comunidade espiritual universal) está presente no conteúdo histórico desses dois conquistadores separados no tempo por quase mil anos, Átila e Genghis Khan.

O que se deve admitir - em nome da compreensão da aparente incongruência desses personagens - é que, nas duas épocas mencionadas, a violência bélica parecia ser uma maneira rápida e eficaz de promover a transformação evolucionar desejada pelo Programa Cósmico. O viés da guerra já vinha dominando anteriormente o mundo, há séculos. No tempo dos hunos, o Império Romano, embora já decadente, ainda era sus-

tentado pela brutalidade armada e a escravidão. Oitocentos anos depois, no tempo dos mongóis, o poder dos senhores da Idade Média sustentava-se às custas da truculenta dominação sobre o povo, que era coagido à miséria e à servidão em nome, inclusive, da crença religiosa. Internamente, na maior parte dos reinos ditos cristãos, imperava a irracionalidade cruel e policial da Inquisição, que chegou a se arrogar o nome de “Santa”. As maiores atrocidades eram cometidas em nome de Deus. Principalmente, a superstição, a mentira e a ignorância sistêmica encobriam uma desenfreada injustiça social e a desvairada deterioração do psico-mental, corrompendo o raciocínio, as emoções e, com estes, o comportamento da quase totalidade das pessoas, a começar pelos governantes. Tudo a pretexto e sob o disfarce da fé religiosa.

O desenvolvimento do mental como base para o ganho de consciência é o maior dos valores evolucionais do ser humano. A Terra e nenhuma parte dela têm como ser sagradas (isto é, sadias do ponto de vista evolucionar), encontrando-se o mental em estado de estagnação acompanhada de decomposição.

Em outro plano, a conquista mongol promoveu a ligação do Ocidente com o Extremo Oriente. As gentes governadas por Genghis Khan e seus sucessores tinham por religião um tipo de xamanismo, onde as forças da Natureza, personificadas em espíritos bons e maus, eram controladas pelos xamãs (*xamã*, etimologicamente, “esconjurador, exorcista”). Os conquistadores mongóis foram absorvendo as grandes religiões dos povos conquistados, principalmente o Islamismo, o Budismo e, em menor escala e com o passar do tempo, o Cristianismo.

Do Himalaia, as hordas mongólicas e tártaras levaram para a Mongólia o budismo lamaísta. Isto ocorreu antes que o processo de deturpação gradual, verificado no Tibete (cap., p. *), acabasse por transformar o lamaísmo tibetano em um tipo de vulgarização xamanista do budismo esotérico. Já na Mongólia formou-se uma nova rama de Budas-Vivos que conservaram a pureza da Tradição ligada aos Mundos Interiores e aos avatares, até a terceira década do século XX. Portanto, pode-se dizer hoje que a conquista mongol do século XIII funcionou como ponte para essa transposição da tradição do GOM, do Himalaia para a Mongólia.

Naquele remoto e isolado país, sua capital, Urga, passou a ser a Terra Sagrada por excelência, até a fase final da predominância espiritual do Oriente, no início do século XX. Então essa predominância transferiu-se para Ocidente, da forma resumida a seguir.

Em 1911, os príncipes mongóis criaram uma monarquia independente da dinastia manchú que dominava a China e caíra naquele ano. O trono mongol foi entregue a Sua Santidade Bogdo Gegen, o Buda Vivo de Urga, tendo uma parte do país, chamada de Mongólia Interior, permanecido sob controle chinês.

Em 1919-21, a China tentou recuperar o controle de toda a Mongólia. Isto aconteceu em seguida à Revolução Soviética, mas os chineses foram derrotados pelo Exército Vermelho. A Mongólia Exterior reconfirmou sua independência.

Só quando o Buda Vivo veio a falecer, em 1924, é que foi proclamada a República Popular da Mongólia, com regime e governo comunistas. Significativamente, com todo o seu materialismo, os bolchevistas respeitaram formalmente o lamaísmo e a monarquia teocrática mongol enquanto Bogdo Gegen ocupou o trono.

Segundo Henrique José de Souza, a data do desaparecimento do último Buda Vivo da Mongólia marcou também a transferência da liderança espiritual mundial, na linha da Tradição do GOM, do Oriente para o Ocidente - e neste, especificamente o Brasil, daí o status sagrado desta terra, do ponto de vista ocultista.

Tal transferência realizou-se juntamente com uma transformação geral e profunda no significado do próprio espiritualismo. No que diz respeito ao conceito de “sagrado”, ganhou mais força a conotação de “sadio”, refletindo a preocupação maior da cultura ocidental com as repercussões do mundo das idéias no mundo dos fatos, e vice-versa. Para a mentalidade ocidental, o conceito de sagrado teria mesmo de ser diferente do conceito oriental, a começar (de forma surpreendentemente trivial, prática) pela questão do saneamento básico.

A moderna cultura ocidental, que descobriu a existência dos micro-organismos e consagrou a ideia de higiene (primeiro pessoal e depois ambiental), jamais consideraria sagrada uma coisa ou região poluída, como ficou sendo, por exemplo, o Ganges, o rio emblemático do hinduísmo, transformado, ao longo dos séculos, em uma gigantesca cloaca. Nas águas do Ganges, que atravessa a Índia de norte a sul e é o esgoto de incontáveis cidades, vilas e aldeias, o religioso hindu mergulha contritamente em banhos de “purificação”.

Também, no Ocidente, ganhou corpo ao longo do Século XX a ideia de uma “ecologia social”, completamente estranha à velha mentalidade do Oriente - muito presente. Aliás, no panorama dos costumes da classe nobre hindu, no plano da devoção.

Os marajás e os fidalgos em geral casavam os filhos quando a moça estava com 13 para 14 anos e o rapaz com 15 para 18. Uma vez casados, os pais entregavam-lhes a administração dos bens materiais (terras, rebanhos) e se retiravam para algum santuário a fim de completar sua iniciação. O jovem casal repetia esse padrão de comportamento: casava os próprios filhos naquela idade e por sua vez se retirava. Para sustentar o nível de conforto material que lhes servia de base ao conforto espiritual, os nobres e ricos mantinham o povo no trabalho, na escassez e na miséria. Tal situação perdurou pelos séculos dos séculos e, misturada com outros fatores de ordem religiosa e tradicional, levou a Índia ao que é hoje, como vem sendo há milênios: um país socialmente inviável, onde a “ecologia social” de há muito “foi para o brejo” - brejo este simbolizado no próprio Ganges, como se viu.

No Ocidente moderno, com a Revolução Francesa e o Código Napoleônico, implantou-se a base dos direitos humanos almejando a superação dos abismos sociais e políticos. Por cima de contradições, conflitos e dificuldades, este processo vem avançando, tendo passado pela experiência socialista radicalizada no comunismo. Há um inegável esforço humano de “despoluição” institucional e “descontaminação” político-

social, com marchas e contramarchas, mas numa direção geral que aponta para o oposto dos absurdos sistemas de privilégios do passado.

UM NOVO CONCEITO DE TERRA DA PROMISSÃO

Na mesma linha, a concepção de “terra da promessa” ou “terra prometida” já não tem como manter seu sentido atávico. A globalização da civilização vista como uma tendência natural e não como uma ideologia, conduz ao fim mais ou menos próximo das fronteiras nacionais - primeiro econômicas e logo políticas. Essa globalização decorre não do desejo ou da vontade, muito menos do programa deste ou daquele partido ou facção, mas do processo social mesclado com o desenvolvimento científico e tecnológico. Corresponde à inclinação do programa evolucionar do GOM no sentido da geração das condições para uma nova idade de ouro no planeta. Se a sociedade humana anseia por isso, e para alcançá-lo, como ocorreu na Atlântida, necessita de uma cultura de âmbito planetário, a globalização em curso pode ser vista como um primeiro passo.

O avião, a telecomunicação pelo satélite artificial, as transmissões de TV em escala mundial, a informática e a internet, em conjunto, estão imprimindo também um outro significado às profecias sobre a “morte das nações”. Não se trata mais de hecatombes naturais ou sociais, pestes e guerras que viriam dizimar as populações e seus governos, mas simplesmente do desaparecimento, por desnecessidade e desuso, das alfândegas e quartéis de fronteira. Com todas as suas eventuais contramarchas e os atrasos possíveis, esta é uma persistente tendência mundial.

De tudo isto decorre a superposição, anotada no início deste livro, da tradicional idéia religiosa de “terra sagrada” com a moderníssima idéia de “santuário ecológico”.

Feitas estas colocações, é importante deixar bem claro que os conceitos de “terra sagrada” e “terra da promessa” não desapareceram, e sim mudaram. Perderam o conteúdo dogmático e exclusivista, ganhando abertura e superando o sectarismo. Hoje, com a velocidade e facilidade das viagens de longa distância e das telecomunicações, entram em decadência os valores do bairrismo filosófico e religioso, dando lugar à ascensão da tolerância e do ecumenismo.

Um dos grandes canais objetivos destas transformações é o turismo ecológico, do qual o turismo esotérico deve ser visto como um ramo. A crescente afluência de pessoas aos santuários ecológicos, aos parques naturais e às regiões onde ainda se preserva a Natureza tem a ver com a busca do sadio como um caminho tão bom quanto o espiritual. Os dois, aliás, se fundem em um só. Na modernidade, os lugares santos/sadios são emblemas da consciência emergente onde a Humanidade e a Mãe-Terra querem e precisam formar um todo harmonioso.

*

O movimento esotérico brasileiro que mais importância atribui à situação geográfica, à definição das Terras Sagradas como sendo certos pontos no mapa, com referências

e desdobramentos no plano simbólico, transcendente e mágico, é a Eubiose. Esta escola de iniciação trabalha três regiões no Brasil, cada qual com oito cidades, sendo uma delas a referência central do conjunto, que é chamado de Sistema Geográfico, havendo, portanto, três deles: Sul de Minas, Mato Grosso e Bahia.

Segundo a Eubiose, esses três sistemas funcionam como “embocaduras” ou portais (mais dimensionais do que “físicos”) para os Mundos Interiores, entre a superfície e o âmago da Terra, onde se encontra o Reino de Agartha. Para o fundador da Eubiose, Henrique José de Souza, é nessas e por essas ligações, num intercâmbio, que se vai realizando o processo de universalização do mental e da civilização, tendo em vista o futuro e próximo início do surgimento de uma nova Idade de Ouro.

No modo de dizer ocultista, a Idade de Ouro não pode vir na ausência de uma verdadeira **igreja universal**. Daí o persistente interesse da Humanidade por uma nova **igreja** - que em função das transformações evolucionais precisa ser reengenhada.

Esta reengenharia visa superar a sectária tendência místico/religiosa que ao longo dos milênios contaminou grande parte do movimento espiritualista, e contra a qual esse próprio movimento vem reagindo. É firmemente crescente a noção de que a vida espiritual e a vida material guardam relações que não podem ser negligenciadas sem prejuízo para ambas.

A nova tendência geral propõe uma comunidade espiritual homogênea, mas aberta, unitária mas ecumênica, segundo as grandes linhas da trama do GOM, numa síntese que configura o capítulo final da presente fase da História - e deste livro.

11 – Um recomeço no centro do Universo

A História das Terras Sagradas confunde-se com a própria História do mundo e acaba por se revelar também como sendo a história do confronto entre a saúde e a doença, a felicidade e a desgraça, o amor e o ódio, o entendimento e a ignorância, o Bem e o Mal - enfim, todos os binômios da polaridade e da dialética. Numa forma mais simples de dizer, o confronto de Deus e o Diabo.

Significa isto que, para acabar de contar a História do ponto de vista da filosofia e da metafísica do Ocultismo, é preciso desenvolver um tema que foi insinuado ao longo do livro: a guerra cósmica entre o Quinto e o Sexto Planetário. O Brasil esteve e está no centro desse conflito, que muito recentemente - conforme veremos logo adiante - entrou em uma nova fase, melhor para os seres humanos.

No entender do Papa João Paulo II, que à sua maneira falou sobre o assunto em 1999, os adversários foram Jesus e Satanás e a luta terminou com a vitória do primeiro, quando Ele, com seu supremo sacrifício, redimiu a Humanidade. Na interpretação teológica, resta agora que cada cristão vença Satanás dentro de si.

Numa interpretação ocultista, Jesus corresponderia ao Sexto Planetário e Satanás ao Quinto. Neste século, os dois contendores, que há eras vinham lançando seus agentes, seus exércitos e suas forças auxiliares na guerra cósmica, enfrentaram-se finalmente em um combate singular, um duelo: tal como Jesus, o Sexto venceu e então ofereceu um acordo de paz ao Quinto, que aceitou. Desde então, há apenas algumas décadas, os dois irmãos vêm trabalhando juntos com o mesmo objetivo: o ganho de sabedoria para toda a Humanidade e a universalização do amor fraterno.

Assim como, para os teólogos católicos, ainda é preciso cada cristão vencer Satanás dentro de si, para um pensador ocultista como Henrique José de Souza é necessário que os ex-combatentes mútuos, o Quinto e o Sexto, desmobilizem as forças criadas por ambos durante o longuíssimo conflito cósmica recém-terminado.

O acordo entre os dois Planetários importa na superação das velhas noções de Bem e Mal, tendo em vista o estabelecimento do equilíbrio da Neutralidade perfeita. Para tanto, agora que estão em paz, cabe a cada um desativar e até destruir os próprios recursos que foi criando e lançando na guerra.

Na mitologia ocultista, Lúcifer, Satã ou o Quinto Planetário não se confunde com o diabo das religiões. Helena Petrovna Blavatsky comenta que a Humanidade teria outra sorte se tivesse mais horror à ignorância e ao egoísmo que ao Diabo vulgarizado.

A ignorância e o egoísmo geram egrégoras destrutivas, pensamentos que ganham forma e vida até certo ponto próprias - assim como, opostamente, o conhecimento e os bons sentimentos geral egrégoras construtivas. Misturando-se com a memória atávica de Satanás e com criações de origem perfeitamente humana - fantasmas, vampiros, a "sombra do Ego" (da psicologia junguiana) e outras - estas formas-pensamentos miúdas, pessoais, muitas vezes terríveis, são confundidas com Satã/Lúcifer/O Quinto, o grande Personagem da Mitologia. Mas é preciso fazer justiça ao Quinto: ele não

poderia ser o adversário de Jesus (de Deus, em suma) se não fosse também grande. Mesmo no plano da religião, a importância do Adversário é reconhecida no famoso Paradoxo de Santo Ambrósio (*paradoxo: conceito que é ou parece contrário ao comum*). Disse Ambrósio: "*Abençoado seja o pecado original que nos propiciou a vinda de tão maravilhoso Salvador*".

A interpretação religiosa vulgar desfigurou completamente - segundo Blavatsky - "*um dos conceitos mais ideais e profundamente filosóficos do pensamento antigo*". As lendas da queda dos Anjos e das guerras entre potestades cósmicas são de origem pagã, tendo vindo da Índia e da Caldéia. Lúcifer considerou que o ser humano criado por decisão da assembléia dos Sete Planetários não passava de um autômato, daí a rebelião dele. Por isso mesmo ele é identificado com Prometeu, o herói grego mitológico que roubou o fogo dos deuses (o mental, a inteligência) para dá-lo ao ente humano.

O Logos é Sabedoria, e quando em atividade como adversário da ignorância, é Satã. Quando visto na sua profunda antiguidade, Satã é chamado de "avô do Universo". Daí sua afinidade (por estranho que pareça) com a figura de Papai Noel, um ancião (avô) que vem do Pólo Norte (evocação da raça adâmica), veste-se de vermelho (cor satânica) e traz presentes (simbolizando a doação da inteligência) para a humanidade criança. Os presentes de Papai Noel são colocados na árvore de Natal, alusão à Árvore da Ciência do Bem e do Mal.

Papai Noel/Lúcifer/Satã/Quinto Senhor esteve presente como instigador na cena mítica e bíblica do pecado original, quando Eva e Adão comem o fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Na Tradição, o aparecimento do mental na criatura humana corresponde à separação dos sexos e ao processo pelo qual a dupla homem/mulher toma o lugar do hermafrodita lemuriano. A espécie humana coloca-se então acima do nível puramente animal, ganhando a compreensão de que "está nua", isto é, em comunhão direta e primária com a Natureza. Diz a Bíblia que "o homem e a mulher estavam nus e não sentiam vergonha". No momento em que deixam de ser simplesmente animais, descobrem então a necessidade de vestir-se, vale dizer, de criar a cultura, atributo exclusivamente humano. O Quinto acompanhou e estimulou de muito perto estas transformações, e por isso a Tradição o considera um grande benfeitor da Humanidade.

Se com isso desapareceu o Paraíso Primordial ou Éden Primevo, passando o planeta a ser uma terra não-sagrada, ganhou-se a possibilidade de criar o Paraíso consciente: aquele que a Humanidade moderna está buscando pelo casamento da Civilização com o Meio-Ambiente, da inteligência com o instinto. Esta é a mais complexa e a mais profunda das questões com a que a sociedade humana se defronta nos dias de hoje. E vem de muito longe, desde o tempo da hecatombe atlante, podendo finalmente resolver-se agora.

Segundo a Tradição, as Guerras das Potestades e a Queda dos Anjos visavam ajustamentos espirituais e cósmicos, mas principalmente a realização do mistério da evolução do homem tal como é hoje. As lutas envolveram os sete filhos autogerados de

Deus, o Eterno, principalmente dois deles, o Quinto e o Sexto. Ambos queriam o bem da Humanidade, divergindo quanto ao andamento, o ritmo da Programação Cósmica: uma divergência que se aprofundou, levando ao confronto e influenciando decisivamente nos destinos humanos desde a passagem da era lemuriana para a era atlante.

Para o Ocultismo, sem a rebelião de Lúcifer e sem o levante da Quarta Cidade atlante, por ele insuflado, a Humanidade estaria ainda muito atrasada, submissa à casta sacerdotal. Tampouco teria havido a migração para o âmago da Terra, levando à criação do Reino de Agartha e à interiorização de Shamballah. E, portanto nem existiria aquela outra Humanidade que habita os Mundos Interiores e se tornou fonte de inspiração e suporte espiritual para a Humanidade na Face da Terra. O resgate da condição sagrada do planeta, para o qual tudo isto concorre, significa uma nova sintonia com a Programação Cósmica, em um nível mais alto.

Recorde-se que a Quarta Cidade atlante situava-se em terras hoje brasileiras, no planalto mato-grossense. E que Shamballah-na-Face-da Terra estava praticamente dentro das atuais águas territoriais brasileiras, na saída da Caribe para o Atlântico.

A Missão Y preparou a retomada do processo da civilização em terras antigamente ocupadas pela quarta raça-mãe, *atlante*, com a entrada em cena da raça *indo-ariana*, a quinta raça mãe, Havendo um dos braços do Y (visto na horizontal), na direção norte, deixado de cumprir integralmente sua tarefa, tendo por base os EUA, o outro braço, na direção sul, foi acionado no Brasil. O braço norte representava o aparecimento da sexta sub-raça (*bimânica*) da quinta raça-mãe no presente, correspondendo o braço sul ao futuro surgimento da sétima sub-raça ariana, (*atabimânica*). Mas como houve o *saque sobre o futuro* e a queima de etapas, as duas sub-raças estão vindo como raças-mães, a sexta e a sétima, com os mesmos nomes: raça-mãe bimânica e raça-mãe atabimânica - ambas no Brasil.

No sentimento de grande parte da opinião pública mundial, é marcante a expectativa de que a queda do império político-ideológico e territorial da extinta União Soviética será proximamente compensada pelo declínio do império econômico norte-americano. Todos os grandes poderes imperiais do mundo e da História surgiram, cresceram, atingiram o auge, declinaram e morreram. Citando exemplos: o império romano foi um dos mais duradouros, tendo atravessado vários séculos; o império bizantino (império romano do oriente, menor) durou mais tempo ainda. O que hoje resta deles, no plano material, são ruínas e relíquias. No plano espiritual, psíquico e cultural, sua herança é imensa e profunda, mas reciclada e transformada.

Nessa perene renovação, é chegada a vez do Brasil, mas não como um novo império no velho estilo. A força da civilização do Terceiro Milênio é de natureza eminentemente espiritual, englobando o psíquico, o cultural e o social, para aprofundá-los. O estado de consciência trazido pelo avatar Maitreia aponta para uma era de equilíbrio, onde a idéia de dominação entra em descenso. Cabendo ao representante brasileiro fazer o discurso de abertura dos trabalhos da Assembléia Geral da ONU, a cada ano, o Brasil fica aí como símbolo de uma novo estado de consciência também no plano político, uma filosofia de poder temperada pelo entendimento e a tolerância.

Convém recordar mais uma vez que a palavra **raça** refere-se agora ao estado de consciência e percepção acessível a todos os seres humanos, independentemente da tipologia física ou posição social.

No território brasileiro, cada uma das raças-mães ora em formação possui seu ponto focal: o da raça bimânica no Roncador/Mato Grosso e o da raça atabimânica na Mantiqueira/Minas Gerais, tendo ambos por ponto de interseção a Ilha de Itaparica/Bahia. Sem ter exclusividade na afirmação do novo estado de consciência, esse triângulo configura uma cobertura mágica avançada que expande seus efeitos por todo o País - e também para o conjunto da superfície da Terra.

Ao mesmo tempo que indicadores de natureza "objetiva" sinalizam caber ao Brasil no futuro imediato - e em alguns aspectos, já no presente - um papel de relevo no surgimento de uma nova tônica cultural e social, é crucial aqui a questão básica da civilização do Terceiro Milênio conforme tonificada espiritualmente pela presença de Maîtréia.

No plano social e cultural, o maior problema a ser enfrentado pela Humanidade no Século XXI é a harmonização entre a tecnologia e a Natureza. A importância do Brasil no encaminhamento desta questão evidencia-se em algumas circunstâncias. O País tem a maior reserva natural e biológica do mundo, a Amazônia. Aqui foi a sede da mais ampla conferência mundial já realizada, sobre a questão ecológica, a ECO-92. Também, ao mesmo tempo que continua preocupante a depredação do meio ambiente brasileiro, não há como negar o avanço na área da defesa ambiental e da legislação ecológica nacional - hoje uma das mais abrangentes do mundo, faltando implementar totalmente a aplicação .

Este é também um país surpreendente no plano político: sua (ainda) nova Constituição (de 1988) dedica amplo espaço e profunda atenção aos direitos humanos e sociais, sendo até criticada por "excessos" nesse campo. Embora exista racismo no País, os negros possuem hoje os meios legais para se defenderem. A realidade legal bate de frente com uma realidade social muitas vezes cruel.

Para o Ocultismo, o mundo objetivo, "real", é plasmada na dimensão das idéias e só depois se expressa objetivamente na dimensão dos fatos. Segundo Sebastião Vieira Vidal, a nova realidade do Brasil como ponto focal da civilização do Terceiro Milênio (quando então ele é chamado de "Pátria do Avatar") já está plasmada no Segundo Trono. Na nossa analogia com a linguagem da informática, a relevância do deste país já é parte integrante e destacada da Programação Cósmica, e agora estamos entrando no seu "aplicativo".

Não é intenção deste livro "provar" que o Brasil será brevemente a maior potência do mundo. Nossa proposta é mostrar seu valor e suas imensas potencialidades à luz da Tradição Primordial, do Ocultismo e de muitas profecias. Não se trata de tarefa difícil em si (como demonstrado ao longo do presente trabalho), mas dificultada por três circunstâncias:

1) entre muitos brasileiros, é um velho e arraigado costume falar mal do Brasil - um mau hábito, aliás, herdado de Portugal, onde, já no final do século passado, Eça de Queiroz anotava que os lisboetas gostavam de formar grupos de conversa nas esquinas e bares para "injuriar a pátria";

2) nos Estados Unidos e principalmente na Europa, há uma notável tendência em círculos ditos "cultos" e em uma parte da mídia a menosprezar o Brasil e os brasileiros. Denigre-se a imagem do país e de seu povo, ficando às vezes a impressão de uma sabotagem consciente ou inconsciente;

3) onde não se faz essa difamação, pratica-se a omissão ou mesmo a sonegação de informações e dados que de algum modo ressaltam as qualidades brasileiras.

Portanto, o presente livro vale no mínimo como um antídoto desse envenenamento, representando um esforço para contrabalançar o jogo de valores da informação na modernidade. A realidade mitológica, cultural e mental da Missão Y não pode mais ser omitida, e para contestá-la é preciso ter argumentos, não cabendo a pura e simples negação.

Há muitos exemplos de que a influência das concepções ocultistas no Brasil e no mundo atinge a superestrutura do poder político. Basta citar dois casos. Para ser coroado Imperador do Brasil, Pedro I teve de ser investido, na antevéspera, na função de Grão-Mestre da Maçonaria. E para encarar a investida nazista no mundo, com o forte conteúdo mágico-místico do hitlerismo, situado na linha sinistra, foi decisiva a entrada, na guerra, dos Estados Unidos, cujo Presidente, Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), era Grão-Mestre da Maçonaria americana.

A Segunda Guerra Mundial foi uma luta cósmica e cármica onde os contendores se alinhavam conforme o antagonismo no palco da Evolução: a Grande Fraternidade de Luzes e a sombra desta, que poderia ser chamada de "Grande Fraternidade das Trevas" {atuante no nazismo sob o nome de Sociedade de Thule} Este fato transcendente deve ser entendido de acordo com a máxima ocultista de que, *onde há muita luz, há muita sombra*. E vice-versa.

Não se pode deixar de anotar que a envergadura espiritual de Roosevelt transparece ainda no fato de que ele morreu pouco anteriormente ao bombardeio norte-americano às cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui. Estava tudo pronto para esta violência contra a Humanidade, contra o aura do Planeta e contra o próprio corpo do Planetário, quando o grande líder saiu de cena, alguns meses antes. Roosevelt deixou para o vice Harry Truman (1884-1972) a responsabilidade de apertar o histórico gatilho da guerra nuclear, um medonho fantasma que assombrou a segunda metade do Século XX e ainda não foi totalmente esconjurado.

O ataque atômico ao Japão, as explosões nucleares subterrâneas experimentais promovidas pelos EUA, as detonações de superbombas H na atmosfera, feitas pela antiga União Soviética e outros países, tornaram-se fatores da dessacralização da Face da Terra. Por isso mesmo cresce a importância de cada Terra Sagrada defendida e implementada como tal, a título de recursos da saúde cósmica contra o adoecimento fa-

tal do meio ambiente. No planeta cansado de guerra e violência, das Terras Sagradas de hoje parte o movimento de ressacralização que é ao mesmo tempo consequência e decorrência da chegada do estado de consciência de Maitréia. O sagrado e o sadio identificam-se primordialmente com a rejeição e superação de todo tipo de intolerância e ódio entre irmãos.

Trabalhado pelo GOM junto aos habitantes da Face da Terra através dos emissários do Reino de Agartha, o novo estado de consciência já levou ao fim da guerra fria, onde o perigo do conflito nuclear foi maior e iminente. A tendência, daqui para a frente, é no sentido da redução da ameaça da guerra total, por meio de acordos internacionais, levando à desativação e destruição dos arsenais nucleares e a um clima de entendimento mundial - determinante, por sua vez, do enfraquecimento dos movimentos terroristas. Na regência de Maitréia, a luz (do entendimento) será tão intensa que suplantará a sombra (da intolerância e do fanatismo).

A fonte dos problemas atuais do Brasil passa pela máxima ocultista sobre o balanço entre luz e sombra. Seu programado papel de relevo na Missão Y gera-lhe enormes responsabilidades, a cuja altura precisam estar o povo e o governo. Na medida em que isto não ocorre, aparecem complicações.

Há diferentes maneiras de detectar, compreender e abordar as grandes tendências do País, sendo a bandeira uma grande "chave" para estes segredos.

VALE O ESCRITO NOS ASTROS DESSE LÁBARO ESTRELADO

O pavilhão nacional está no livro dos récordes (Guinness Book). É nossa a maior bandeira hasteada a céu aberto no planeta. Tem 20 por 14,3 m e fica na praça dos Três Poderes, em Brasília. É trocada no primeiro domingo de cada mês e o mastro não se desnuda no momento da troca, pois a substituição se faz com sincronismo: enquanto a bandeira já desgastada pelo tempo e o vento é arriada, a nova é hasteada. A presença de representações dos colégios, embaixadas, forças armadas, órgãos do governo e do Congresso, da população em geral e mais os turistas dão grandiosidade ao evento.

As bandeiras encerram poderosa força magnética e mágica, exercendo magna influência sobre os povos que elas representam. Possuem força psico-mental para promover mudança energética coletiva, social e também individual, em cada cidadão que tenha sensibilidade. Este potencial se evidencia à medida que os cidadãos se reúnem conscientemente em torno dos símbolos do país.

Quando um povo tem sua criação/realização ligada às fontes cósmicas, os seus símbolos (bandeira, brasão etc.) são concebidos mediante os princípios intuitivos da Programação do GOM.

A bandeira é um aparelho mágico com origem e repercussão na alma e no aura do povo, trabalhando sua imagem mental/emocional com ação direta no mundo objetivo, por um processo dinâmico (*gestalt*), um campo de força conhecido no Ocultismo como *egrégora*. Articulada com suas próprias cores e com o som (hino), a bandeira é

como um condensador e distribuidor de energia psíquica e magnética. Seus valores numerológicos têm a ver com a correspondência mágica entre cores e números. Na configuração de cada pavilhão está presente também, em geral de forma implícita, a equação astrológica transcendente daquele povo.

Assim todos os países estão sob a tutela de um número, um som e uma cor, entre outros fatores, tal como são regidos os seres humano. A bandeira brasileira, que muitos especialistas consideram fora dos padrões da heráldica (arte/ciência dos brasões), mostra ao mundo materialista que "tudo está escrito nas estrelas", conforme a máxima ocultista e popular. Portanto, as mensagens contidas neste "lábano que ostenta estrelado" referem-se ao presente e ao futuro do Brasil, futuro este que, como expomos neste livro, tem grande relevância na situação e no porvir do mundo e da Humanidade.

A forma atual da bandeira brasileira resultou de uma progressão que começou na configuração adotada após a Independência e que atravessou os reinados de Pedro I e Pedro II (de 1822 a 1899). Nosso pavilhão, como existe hoje, foi inspirado por idéias e sentimentos positivistas e ocultistas (maçônicos).

O positivismo, sistema de ideias criado pelo filósofo francês Augusto Comte (1798-1857), tinha muitos adeptos entre os líderes do movimento republicano. Caracterizava-se, sobretudo, pelo impulso que deu a uma orientação *cientificista*, isto é, de que a ciência objetiva ("positiva") é suficiente para atender todas as necessidades do ser humano e da sociedade. Mas os republicanos, em grande número, eram também maçons, e, portanto cultivavam o entendimento de que, mais além da realidade aparente, existe e vibra a fonte desta, que é a realidade transcendental, espiritual e misteriosa, inteligível na programação do GOM.

Na sua primeira forma, a bandeira tinha o campo verde com o losango amarelo e, ao centro deste, o brasão imperial. Com a república, o brasão foi substituído pelo globo azul com a faixa, a inscrição e as estrelas, tudo carregado de significados, como veremos no trecho a seguir. (Não se trata de astrologia, mas de simbologia sideral ou uranologia - de. *Ouranós*, divindade da mitologia grega que personificava o Céu, o Universo).

Na bandeira brasileira, a configuração astral transcendente aparece nas estrelas e constelações ali representadas. Corresponde ao aspecto do céu na cidade do Rio de Janeiro, às 8:30h do dia 15 de novembro de 1899 (12 horas siderais, tempo universal do Observatório de Greenwich), e deve ser considerada como vista por um observador localizado fora da Via Láctea, nossa Galáxia.

As estrelas representam os estados brasileiros, expressando o seu real valor no contexto universal.

Vê-se o Cruzeiro do Sul (Crux), caracterizado por cinco estrelas (estados): Gama, Bahia; Delta, Minas Gerais; Beta (Mimosas), Rio de Janeiro; mais Alfa (Acrux, Es-

trela de Magalhães) São Paulo, sendo a Quinta, Epsilon (Intrometida), o Espírito Santo.

O Cruzeiro do Sul uma alusão à linguagem rosacruziana, onde existe um símbolo composto de cinco rosas, uma para cada braço da cruz e outra ao centro. Assim, o Cruzeiro do Sul evoca a Rosa-Cruz. Na iconografia cristã, a Rosa simboliza a Taça (o Graal) onde foi colhido o sangue do Crucificado. No Ocultismo em geral e na Maçonaria em particular, a rosa-cruz tem carga simbólica profunda, referindo-se ao Tetragrammaton, o nome de Deus com quatro letras (IHVH), que segundo a Cabala hebraica encerra todos os poderes.

Sírius (Alfa de Cão Maior), a estrela mais brilhante do céu, ícone da Confraria Branca de Caleb no Egito moderno, representa Mato Grosso, local referencial do próximo Sistema de Evolução e da Civilização do Terceiro Milênio. Entre os ocultistas, Sírius é a verdadeira estrela polar e equívale a uma expressão física de Surya, o sol místico dos antigos, sendo Surya outro nome do Sol Central no âmago da Terra, fonte do sagrado no planeta. A Confraria de Caleb é um ramo árabe da Grande Fraternidade Branca, sendo Caleb o nome "oculto" de Sírius.

As cinco estrelas mais recentemente introduzidas na nossa bandeira: Alfard (Solitária, Alfa da Hidra), Mato Grosso do Sul; Epsilon, Delta, Gama e Beta do Cão Maior, respectivamente Tocantins, Roraima, Rondônia e Amapá. Junto com Canopus (Alfa de Argus ou da Quilha), representando Goiás, formam na bandeira o polígono estrelado do futuro imediato do mundo, na civilização da Era de Aquário. O centro irradiador dessa civilização está programado para sediar-se justamente no centro-oeste do Brasil.

Aquela pequenina estrela, Sigma do Oitante (Polaris Australis), na parte de baixo do globo azul, perto do Triângulo Astral (bem ao fundo do globo), é a única estrela de 5ª magnitude da bandeira e representa Brasília do futuro, como referência ao Quinto Sistema de Evolução. Sigma do Oitante é também a única estrela próxima ao pólo sul celeste e visível a olho nu.

Procyon (Alfa do Cão Menor) e Gama da Hidra Fêmea figuram o Amazonas e o Acre. O signo de Virgem, expresso pela estrela Spica (Alfa da Virgem), solitária na parte de cima do globo azul da bandeira, sinaliza o estado do Pará, estando ligada aos mistérios do Eldorado, Manoa, picos da Neblina e de Roraima, etc. Virgem é, das constelações referidas na bandeira brasileira, a única que na carta celeste tem uma parte no hemisfério norte e outra no sul. Por isso está ali (sintetizada em Spica) representando a Missão Y, que tinha a mesma situação.

As estrelas do Escorpião representam os estados nordestinos: Alfa (Antares), Piauí (com as Sete Cidades, que para a arqueologia são "estranhas formações geológicas" e segundo os ocultistas são o local sagrado da civilização que existiu ali, remanescente da Atlântida; Beta (Acrab), Maranhão; Epsilon, Ceará; Lambda, Rio Grande do Norte; Kapa, Paraíba; Mu, Pernambuco; Teta, Alagoas; e Iota, Sergipe. Na bandeira, o

Escorpião expressa o magnífico Arcano 13 do Tarô como transformação ou regeneração.

O Triângulo Astral (na iconografia maçônica, o Delta Luminoso, símbolo do Supremo Arquiteto do Universo.) representa, respectivamente com suas estrelas Gama, Beta e Alfa, os estados do Paraná, com a Vila Velha e a Taça de Pedra, (Boassucanga), Santa Catarina e Rio Grande do Sul (com os Sete Povos das Missões).

Das cores da bandeira brasileira, o branco figura a união de todas as cores, a paz e a ausência de sombra; o azul expressa o amor-sabedoria, o 5º princípio (*quinta-essência*), a fonte de todas as riquezas; o amarelo indica a intuição, o 6º princípio (*sexto sentido*), o saque contra o futuro; e o verde, a esperança, a primavera, a liberdade, o mental concreto (comparativo).

O globo azul simboliza o *akasha*, o Oceano Sem Praias ou Mar Sem Limites, o *campo* universal da Astrofísica contemporânea: no Ocultismo, um duplo portal celeste, o Primeiro e o Segundo Trono. Do primeiro se originam os 7 planetas sagrados, do segundo as 7 forças sutis da Natureza, e dos dois em conjunto tudo aquilo que vai ter existência real no Terceiro Trono.

No losango amarelo, sendo o losango uma figura geométrica formada por dois triângulos, vibra perfeitamente o sentido de duas tríades: uma superior, a Pedra Filosofal, o Supremo Arquiteto do Universo, o Deus Único e Verdadeiro; e outra inferior, a Pedra Cúbica do Universo. No losango estão graficamente fundidas a Pedra Cúbica (Personalidade) e a Pedra Filosofal, (o Espírito). O conjunto simboliza o ser humano integral.

A faixa branca, em arco descendente da direita para a esquerda (mas, do ponto de vista do observador, da esquerda para a direita), revela a transferência dos valores materiais e espirituais do Oriente para o Ocidente, e também refere-se à ligação entre o trópico de Câncer e o trópico de Capricórnio. A frase impressa em verde na faixa, "ordem e progresso" inspira-se na filosofia positivista, com seu lema "o amor por base, a ordem por meio e o progresso por fim".

Na linguagem do Ocultismo, os símbolos magnos provêm do Segundo Trono, o plano ou dimensão espiritual onde o Logos mentaliza, plasma a programação cósmica. Uma vez plasmada (concebida, configurada), essa programação passa para o Terceiro Trono, a dimensão do mundo objetivo, materializado. E no Segundo Trono surge uma nova plasmação, isto é, aquilo que era o futuro tornou-se presente, e um novo futuro começa a ser engendrado.

Assim, do ponto de vista ocultista, o que está representado na bandeira do Brasil veio do Segundo para o Terceiro Trono e já é realidade, restando ser compreendido e reconhecido - primeiramente, pelos próprios brasileiros.

Sendo o Brasil a grande Terra Sagrada do futuro que já se faz presente, a falta tanto do auto-reconhecimento como do reconhecimento alheio (um puxando o outro) gera um campo de força adversa, negativa, capaz de dificultar todo o processo.

Os valores expressos na bandeira sinalizam para o Brasil como sendo uma síntese espiritual e cultural da experiência da Humanidade desde a era atlante, um cabedal que está aí para ser reciclado, transformado. A própria natureza do País expressa esta realidade em dois aspectos: o ambiental e o humano, com a maior reserva natural do planeta que é a Amazônia; com a (relativa) democracia étnica misturando contribuições nativas, africanas, europeias e asiáticas; e com o contraste entre a tônica espiritual, de um lado, e a índole instintiva, do outro, valorizando o corpo.

Na linha da máxima ocultista de que onde há muita luz, há muita sombra, a cada uma das qualidades mostrando a afinação do Brasil com o Programa do GOM corresponde uma condição negativa. Assim, à democracia étnica (com toda sua relatividade) contrapõe-se um dos mais perversos níveis de concentração de renda do mundo; à exuberância do meio ambiente responde uma extensa depredação ambiental; à valorização do corpo (que afinal é o veículo do espírito) opõe-se a exacerbação do sexo.

Presentes em todo o mundo, estas questões apresentam-se superaquecidas no Brasil, que assim se coloca também como referencial para as respostas de interesse de toda a Humanidade. Sem dúvida, os destinos previstos para o País, quanto melhor entendidos e *operacionalizados*, tanto mais plenamente se cumprirão.

VIVENDO E EVOLUINDO JÁ NO NOVO MUNDO

Assumindo-se que estamos em pleno ciclo da destruição, temos necessariamente de assumir também que a reconstrução vem a seguir, sendo até concomitante em alguns aspectos. E o modo como se fará esta reconstrução, os rumos que adotará em relação à Programação Cósmica, dependem muito do nível de sintonização do Brasil e do Mundo com as grandes linhas da Evolução, conforme a Tradição ocultista.

Na Astrologia oculta (que estamos chamando de Uranologia), há sete megaciclos dirigidos respectivamente pelos sete planetas sagrados, que se sucedem de 35 em 35 anos, repetidamente. No século XX, passamos pelos ciclos de Marte, Lua e Sol, nessa ordem. Na regência de Marte, deus da Guerra (1909-44), houve as duas conflagrações mundiais (1914-18 e 1939-45) e as várias guerras localizadas. Seguiu-se (1945-1980) o ciclo da Lua, sendo esta o ícone astral da paixão ou de *kama-manas* (sânscrito: a mente voltada para o sexo). Dentro desse período, na década de 60, começou a revolução dos costumes e o "liberou-geral", com a introdução da pílula anticoncepcional (uma luz que viria a acarretar a grande sombra da Aids).

Em 1981, iniciou-se o ciclo do Sol, que irá até 2016. E o que faz a luz solar? Revela tudo quanto estava escondido nas sombras e queima o que deve ser queimado. Daí a avalanche de informações de todo tipo na mídia, com a ampliação dos meios e recursos de comunicação e a amplificação da ressonância das notícias.

Destaca-se aí a presente onda de escândalos (principalmente governamentais) por todo o mundo e no Brasil, que tem portanto um aspecto positivo de limpeza escancarada, e segundo a previsão uranológica deverá prosseguir em crescendo até o final da

regência do Sol em 1916. É um quadro que faz parte do acordo entre o Quinto e o Sexto planetários, também conhecido como "queima das vestes".

Uma questão do maior interesse para todos os povos e para cada pessoa é o alcance e profundidade da "limpeza da área" que está precedendo a manifestação - a ser logo reconhecível por todos - de uma nova tônica filosófica e mental; uma realidade espiritual que pode ter diferentes nomes e até ser identificada com um determinado ser ou grupo de seres, mas é antes de tudo uma transformação coletiva, social.

O que significa a "limpeza" anunciada e desejada, em maior ou menor grau, pelas diversas correntes esotéricas, espiritualistas e até religiosas? Será uma punição em massa? Um expurgo em escala planetária? E de que modo virá? Serão acontecimentos completamente fora do comum, verdadeiros "milagres destrutivos". Ou ficarão nos limites das formas Mis ou menos conhecidas de tragédias coletivas?

Na perspectiva ocultista clássica, predomina o entendimento de que a limpeza não tem necessariamente de eliminar - conforme chegam a anunciar certas colocações ameaçadoras - a maior parte dos seres humanos. Com todo o seu referencial mitológico e mágico, o Ocultismo é também realista, por considerar que a linguagem do Logos, do Planetário da Ronda - de Deus, enfim - tem a lógica da linguagem dos fenômenos. E os fenômenos, em uma palavra, expressam as leis da Natureza, as quais são reconhecíveis pela inteligência humana. Para os ocultistas, os poderes supremos não costumam violar seu próprio código. Certamente Santo Tomás de Aquino referia-se a isto quando enunciou seu famoso aforismo: *"A verdade, nem Deus pode sonegar"*.

Portanto, no Ocultismo de fonte clássica, é apertado o espaço para a confirmação de expectativas como a aproximação de um certo astro, Hercóbulos, um singular "planeta-chupão" que sugaria os humanos alijados da Evolução na Terra - ou seria ao contrário.

A espera pelas frotas de naves interplanetárias comandadas por Ashtar Sheram, que virão salvar grande parte da Humanidade de um hipercataclismo final, é um arrebatador mito contemporâneo. E "de repente" pode até tornar-se realidade, já que, na dimensão mítica, nada é impossível.

Há uma copiosa opinião apontando terremotos, erupções vulcânicas nunca antes vistas e ciclones de inaudita violência, queda de asteróides-monstros, epidemias devastadoras, mudanças climáticas radicais, crises na produção de alimentos, a "Escuridão de três dias" e guerras totais como sendo capazes de desencadear uma hecatombe planetária. Segundo certos catastrofistas, dois terços da Humanidade desapareceriam nesse processo, a curtíssimo prazo.

Eles não imaginam que, do atual total de seis bilhões de habitantes do planeta, morrendo quatro bilhões que certamente ficariam insepultos, estando a sociedade desorganizada pela própria hecatombe, a "área" seria tudo, menos o que se poderia chamar de "limpa". Haveria, sim, epidemias que acabariam com o terço restante.

Para as expectativas do Ocultismo, conforme expressas com simplicidade por Henrique José de Souza (**O Verdadeiro Caminho da Iniciação**, 1940), o fim da Humanidade não faria sentido agora. Escrevendo ainda em plena época da Segunda Guerra Mundial, quando havia quem dissesse que aquele conflito ia acabar por destruir toda a Terra, lembrou HJS: "*A mesma não poderia ser de todo destruída sem ter completado a sua própria evolução e dos seres que nela habitam*".

Para a continuidade desta evolução, o novo vai substituindo o caduco à medida que este desaparece e cede a vez e o espaço. Já vimos que nas novas gerações de seres humanos, com todos os tons de pele e por toda parte, estão encarnando multidões de consciências sintonizadas com a tônica do ciclo de Maitreia.

Importante ressaltar que, quando inserido na dinâmica evolucionar, o *velho* está sempre atualizando-se e portanto, é perenemente *novo*. A própria etimologia da palavra *avatara* ou *avatara* assim indica. Segundo o entendimento ocultista, o vocábulo se compõe de *ava*, "antigo, arcaico", e *torah*, "lei, código", significando, portanto "lei antiga". Sendo o *avatara* de cada ciclo a consciência mais nova presente no mundo na época, encontra-se aí também a bipolaridade inerente à vida e à História: no caso, a sabedoria antiga e a experiência nova.

A ESCURIDÃO QUE NÃO CABE DENTRO DE SI

No Ocultismo, o *avatara* é chamado de *Espírito de Verdade*. Note-se: não da *Verdade* como coisa dogmática e exclusivista, mas de seu *Espírito*, que, sem deixar de ser absoluto em si, espalha-se sob várias denominações com o mesmo conteúdo básico. É esta a fonte do ecumenismo e de uma futura frente única espiritualista que deverá marcar a aceitação universal da mensagem de Maitreia.

No texto escrito no início da década de 40, HJS anunciava o quadro que viria a se efetivar na regência do Sol, a partir de 1981. Já então ele apontava para a falência dos velhos sistemas de dominação, dizendo que "*a política no Ocidente morreu com Franklin Delano Roosevelt, e no Oriente com o Mahatma Gandhi, o maior mártir de nosso século, a jóia preciosa da velha Índia*". (Ele foi assassinado por um nacionalista radical em 1948, menos de um ano após a proclamação da independência indiana, da qual foi o principal artífice).

Para H.J.S. (que deixou este mundo em 1963), os grandes transformadores da velha sistemática do poder no mundo foram aqueles que ele chamava de "os três KKK": Kennedy (EUA) pela política de desarmamento, Krushev (URSS) pelo fim do stalinismo e Kubitschek (Brasil) - este, principalmente pela construção de Brasília.

HJS também pregava e anunciava a formação das comunidades supranacionais, reunindo vários países pela adoção de um mercado comum e uma moeda única, como se está fazendo agora na Europa, e em menor escala na América Latina, com o Mercosul.

A eclosão da consciência de Maitreia, ainda antes do fim do ciclo do Sol, em 2016, deve, segundo a expectativa ocultista, levar à formação (a médio prazo) de um governo mundial único. Mas esse governo *"não possuirá nem cores, nem gestos, nem símbolos, porque nada disto terá mais razão de ser"*. Sua bandeira será perfeitamente branca, representando o projeto universal de paz, amor, justiça e igualdade.

Deste modo, um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, o Domínio (ou Opressão), estará descartado. De acordo com a Programação Cósmica, a Humanidade tem agora a oportunidade de vencer os outros três - Guerra, Fome e Peste.

Para certos pensadores ocultistas contemporâneos (que preferem manter-se no anonimato), o chefe da "gang" apocalíptica atualmente é precisamente a Opressão, que se espalha a partir dele em três círculos concêntricos: político, econômico e financeiro. O círculo político, no seu aspecto perverso, corresponde à Guerra - já que, segundo a máxima de Von Clausewitz (1780-1831), "a guerra nada mais é que a continuação da política por outros meios". A Fome e a Peste vêm com a perversão econômica da acumulação da riqueza nas mãos de poucos e a doença do egoísmo em escala social.

O ser humano, tanto coletivamente quanto individualmente, ainda é o maior fator dos cataclismos que atingem a ele mesmo - pela depredação ambiental e a criação de egrégoras sinistras, formas-pensamentos destrutivas, sociais e pessoais. Mas o Programa do GOM está colocando em movimento as forças e energias que desarticulam a ignorância e o egoísmo, criando as condições para a recriação da condição sagrada da Terra como um todo.

Um dos temas mais apaixonantes para a opinião pública interessada em Ocultismo e Esoterismo é o levantamento das perspectivas de hecatombe planetária a curto prazo ou no máximo a médio prazo. Comunidades, grupos e indivíduos querem saber de suas chances de autopreservação e salvação no caso de virem a ocorrer catástrofes com grande poder de destruição.

Para o Ocultismo de fonte clássica, não há profecias inarredáveis, cem por cento certas. O que há são tendências e probabilidades que, para se confirmarem em maior ou menor grau, dependem também do comportamento do elemento humano. Na atualidade, existe sim a possibilidade de magnos desastres naturais e sociais com potencial destrutivo em larga escala. Mas, como vimos ao longo deste livro, há em contrapartida um expressivo número de sinais indicando que a Programação Cósmica valoriza o trabalho de quantos procuram fazer esta transição o menos traumática possível, acarretando menor sofrimento humano. Entre estes trabalhadores pela amenização da destruição e a aceleração da reconstrução encontram-se Adeptos, Mestres, Escolas Iniciáticas. Ordens Esotéricas. Discípulos e Profanos afinados com a tônica do novo ciclo.

Conforme vimos antes, uma das previsões sobre os perigos que rondam a Terra como um todo no futuro imediato é a Escuridão de Três Dias. Segundo a profecia, durante 72 horas todo o planeta mergulhará numa treva compacta acompanhada de pesada poluição atmosférica e ataque de monstros do astral. É um mito que tem origem no

Apocalipse bíblico e confirmação (no sentido de existir alguma possibilidade concreta do mesmo) na ciência contemporânea.

Ainda no Século XX, muitos videntes, beatas e beatos, estigmatizados e estigmatizadas têm externado suas visões sobre a Escuridão de Três Dias, com advertências e aconselhamentos. Na maioria, esses profetas religiosos apresentam o assunto como sendo um castigo enviado pelos Céus sobre a Humanidade pecadora.

Durante os três dias, as pessoas devem manter-se em suas casas, sem sair por motivo algum e nem mesmo olhar para o exterior. Poderá ser fatal a simples visão das cenas de horror que estarão se passando lá fora. Descerá fogo dos céus, a paisagem e as cidades se consumirão nas chamas. Uma pestilência letal percorrerá o ar. Dentro de casa, a água e os alimentos devem ser protegidos, cobertos. Em muitos lugares será preciso proteger o rosto com máscara contra gases ou, no mínimo, lenços e panos amarrados.

A informação científica indica certo tipo de objeto existente no cosmos, o glóbulo de Bok, que potencialmente, segundo alguns ocultistas, representaria tal ameaça. Essa forma escura e mais ou menos compacta de nebulosa foi estudada pelo astrônomo norte-americano de origem holandesa Bart Bok (1906 -1983), que lhe emprestou o nome.

Um glóbulo de Bok é feito de gases e poeira. Se um desses objetos viesse a cruzar a órbita da Terra, os efeitos poderiam ser bem maléficos, descontados os exageros. A luz do Sol talvez fosse momentaneamente impedida de chegar até nós. Gases encontrados em um glóbulo de Bok são a amônia e o cianeto, letais, saturando o hidrogênio, o principal componente. A poeira em suspensão possui infinidade de fragmentos de rocha que causariam bombardeio meteorítico de monta.

Segundo a astronomia, muitos glóbulos de Bok encontram-se "na vizinhança" do sistema solar, sendo o conceito de "vizinho", em termos astronômicos, relacionado com distâncias colossais: no caso, de dezenas de milhares de anos-luz. Isto indica que o fim do mundo por obra do encontro da Terra com um desses objetos seria no máximo uma possibilidade para um futuro extremamente distante, de centenas de gerações.

Contudo, há uma interpretação diferente - e esclarecedora - para este mito "realizável". A Escuridão de Três Dias que a colisão com um glóbulo talvez provocasse pode ser entendida como uma metáfora do sofrimento coletivo (e passageiro) que atinge a Humanidade nos momentos cíclicos de transformação, "dores do parto" para uma situação nova e promissora.

A casa é universalmente o símbolo do eu interior e, por extensão, do espírito de cada um. Mantê-la defendida, fechada aos ataques do meio mundano com suas agressões e envenenamentos, significa conservar-se ileso em meio à destruição do que está sendo descartado por ter evolucionalmente envelhecido e morrido.

Para o Ocultismo, os acontecimentos que são *reais* em si passam-se em um plano ou dimensão anterior à dos fatos e fenômenos propriamente ditos - ou assim chamados

na linguagem profana. Deste modo, a Escuridão de Três Dias, tanto quanto outras catástrofes anunciadas para a presente transição de ciclo, podem até ocorrer. Seriam como que teatralizações de realidades profundas do emocional e do mental dos seres humanos quando confrontados às tendências e exigências da Programação Cósmica.

Na prática, quão extenso seria o tempo durante o qual a Humanidade teria de encarar a Escuridão ou qualquer outra forma de cataclismo presumido? Três dias? Três semanas? Três anos? Três décadas?

De qualquer forma, os efeitos ruinosos, se de todo chegarem a existir, certamente serão contidos nos limites de desastres localizados, parciais. Isto se deverá principalmente àqueles que souberem manter sua casa, seu templo íntimo, como a mais Sagrada das Terras, o país do sonho de comunhão entre a consciência divina e a consciência humana.

Pela Programação Cósmica, o Brasil, em meios a todas as dificuldades do momento - isto é, na presente e transitória "escuridão", onde os valores superiores sofrem as agressões do egoísmo e da ignorância -, é o centro das Terra Sagradas do ciclo iniciante. Neste ambiente aparentemente hostil, mas na realidade favorável, quando percebido na linguagem do Planetário da Ronda, o Avatar de Aquário, cada pessoa tem como utilizar seu melhor potencial. Cada qual é um ponto sagrado no mapa da Evolução.

Defendido pela sua força interna, no portal interior por onde o ser individual tem acesso ao mundo divino, a criatura humana verá o Sol e as estrelas brilhantes novamente. A mensagem do Ocultismo consiste em que basta manter a mente e o coração abertos à compreensão de que o castelo de um homem é o Universo.

FIM

BIBLIOGRAFIA**O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO – 1940**

- Prof. Henrique José de Souza – SBE.

As profecias que atestam o advento da nova civilização

- Ernani M. Portela - Revista Dhârânâ - mar-jun/1959

Em Torno da Grande esfinge das Selvas Brasileiras

- Manuel Tenreiro Corrêa – Dhârânâ – nº 4 - 1978

Eubiose, A Verdadeira Iniciação - Editora Aquarius

- Prof. Henrique José de Souza.

Brasil Fenício – Brasil Íbero-Ameríndio

- Prof. Henrique José de Souza - Revista Dhârânâ n. 2, 1954 – 1983.

Cosmogênese – Antropogênese – Ordens Secretas

- Ernani M. Portela- Revista Dhârânâ, n. 15/16 – 1960-61.

Mistério do Graal - Dhârânâ, jul/ago-1954. jul-out/1957 - S.B.E.

- Prof. Henrique José de Souza.

A Igreja de Melki-Tsedek – Dhârânâ – nº 7-8 / 1959.

- Prof. Henrique José de Souza.

Tibete e Teosofia

- Mário Roso de Luna e Prof. Henrique José de Souza – SBE

Série Portal de Aquário

– Eliseu Mocitaíba da Costa – mar/2000

*** **Sociedade Brasileira de Eubiose - S.B.E.-**

*** Conselho de Estudos e Publicações – S. Lourenço - MG

Tel. (35) 3331-7535

As publicações da S.B.E. é permitida a divulgação desde que se indique a origem

Fundamentos da Teosofia - Editora Pensamento - Jinarasadasa

Revista Ano Zero (edição de agosto de 1993) - Miguel Borges – Ed. Monterey

Mistérios e Magias do Tibete – Ed. Rodemar, RJ, 1965 - **Chiang Sing**

Inscrições e Tradições da América pré-histórica, no Brasil (1939)

- Bernardo da Silva Ramos – Imprensa Nacional

Fenícios no Brasil (1924) - Ludwig Schwenhagen. Ed. Cátedra.

Av. Sen. Santas, 20/806. RJ.

Aquém da Atlântida - Historiador Gustavo Barroso. Academia Brasileira de Letras

Fantástico, da Rede Globo de televisão - Foi ao ar, em 1986

O Sistema Solar - Ed. Pensamento, 1993, Madras. Índia, 1930

- Arthur E. Powell

Fiat Lux - - Isaac Azimov (1920-1992). E. Melhoramentos.

O Tao da Física - 1975 e 1983 - Cultrix, 1993 e

Ponto de Mutação - Fritjoff Capra, Ed. Cultrix

The Water Babies - Charles Kingsley.(A. B. L.).

- Divina Comédia** - Dante Alighiere.
- Glossário Teosófico** – Ed. Glem - H. P. Blavatsky
- Nosso Lar** – F.E.B.
- André Luiz, psicografado por Chico Chavier e Waldo Vieira
- A Doutrina Secreta** - Helena Petrovna Blavatsky. Ed. Glem
- Horizonte Perdido** - *Lost Horizon*, 1930 de James Hilton, .(A. B. L.).
- Revista Planeta**, Edição especial de fevereiro de 1983:
- A Terra Oca** - Ed. Record. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A
- Raymundo Bernard.
- O Jornal do Comércio** - Manaus. 1937 - “Antiga História do Brasil”
- Ludwig Schwenhagen
- Jornal O Piauí** – 1927. Teresina - José Matos
- Le Morte Darthur** (1485) - Sir Thomas Malory, .(A. B. L.).
- Poderes ou O Livro que Diviniza** – Ed. Pensamento, SP, 1993. Quito, Equador, em 1940) - Jorge Adoum (Mestre Jefa)
- Astronomia moderna (Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astro-náutica)** - Ronaldo Mourão, Nova Fronteira/CNPQ, 1987
- Dicionário de Símbolos** - (Editora José Olympio – Rio de Janeiro, 1982)
- Jean Chevalier e Alain Gheerbrant
- Tibete, Magia e Mistério** – Civilização Brasileira – 1976 e
- Iniciações Tibetanas** - Hemus – 1978. Alexandra David-Neel
- Guinness Book**
- O Rei do Mundo** - 1978 - Ed. Cavalo Branco - René Guénon.
- Bestas, Homens e Deuses – O Enigma do Rei do Mundo** - 1920
- Ferdinand Ossendowski
- Tibete – Terra de Magia e Mistério** - (Ediouro). Arlindo Fiorenti
- História Secreta dos Mongóis** - “The Times Atlas of World History”,
Londres, 1988)
- Dictionnaire des Personnages** – Ed. Bouquin, setor Laffont-Bompíahi.
Robert Laffont, 1992.
- Rondom uma Relíquia da Pátria.** Cel. Almicar Botelho de Magalhães.
Biblioteca do Exército- 1950.
- O Mundo Perdido de Agharta.** O mistério do mundo subterrâneo e a energia do Universo. ALEC MACLELLAN. Editora Nova Era -

BIBLIOGRAFIA

O VERDADEIRO CAMINHO DA INICIAÇÃO – 1940

- Prof. Henrique José de Souza – SBE.

As profecias que atestam o advento da nova civilização

- Ernani M. Portela - Revista Dhârânâ - mar-jun/1959

Em Torno da Grande esfinge das Selvas Brasileiras

- Manuel Tenreiro Corrêa – Dhârânâ – nº 4 - 1978

Eubiose, A Verdadeira Iniciação - Editora Aquarius

- Prof. Henrique José de Souza.

Brasil Fenício – Brasil Íbero-Ameríndio

- Prof. Henrique José de Souza - Revista Dhârânâ n. 2, 1954 – 1983.

Cosmogênese – Antropogênese – Ordens Secretas

- Ernani M. Portela- Revista Dhârânâ, n. 15/16 – 1960-61.

Mistério do Graal - Dhârânâ, jul/ago-1954. jul-out/1957 - S.B.E.

- Prof. Henrique José de Souza.

A Igreja de Melki-Tsedek – Dhârânâ – nº 7-8 / 1959.

- Prof. Henrique José de Souza.

Tibete e Teosofia

- Mário Roso de Luna e Prof. Henrique José de Souza – SBE

Série Portal de Aquário

– Eliseu Mocitaíba da Costa – mar/2000

*** **Sociedade Brasileira de Eubiose** - S.B.E.-

*** Conselho de Estudos e Publicações – S. Lourenço - MG

Tel. (35) 3331-7535

As publicações da S.B.E.: É permitida a divulgação

desde que se indique a origem

Fundamentos da Teosofia - Editora Pensamento - Jinarasadasa

Revista Ano Zero (edição de agosto de 1993) - Miguel Borges – Ed. Monterey

Mistérios e Magias do Tibete – Ed. Rodemar, RJ, 1965 - **Chiang Sing**

Inscrições e Tradições da América pré-histórica, no Brasil (1939)

- Bernardo da Silva Ramos – Imprensa Nacional

Fenícios no Brasil (1924) - Ludwig Schwenhagen. Ed. Cátedra.

Av. Sen. Santas, 20/806. RJ.

Aquém da Atlântida - Historiador Gustavo Barroso. Academia Brasileira de Letras

Fantástico, da Rede Globo de televisão - Foi ao ar, em 1986

O Sistema Solar - Ed. Pensamento, 1993, Madras. Índia, 1930

- Arthur E. Powell

Fiat Lux - - Isaac Azimov (1920-1992). E. Melhoramentos.

O Tao da Física - 1975 e 1983 - Cultrix, 1993 e

- Ponto de Mutação** - Fritjoff Capra, Ed. Cultrix
The Water Babies - Charles Kingsley.(A. B. L.).
Divina Comédia - Dante Alighiere.
Glossário Teosófico – Ed. Glem - H. P. Blavatsky
Nosso Lar – F.E.B.
- André Luiz, psicografado por Chico Chavier e Waldo Vieira
A Doutrina Secreta - Helena Petrovna Blavatsky. Ed. Glem
Horizonte Perdido - *Lost Horizon*, 1930 de James Hilton, .(A. B. L.).
Revista Planeta, Edição especial de fevereiro de 1983:
A Terra Oca - Ed. Record. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A
- Raymundo Bernard.
O Jornal do Comércio - Manaus. 1937 - “Antiga História do Brasil”
- Ludwig Schwenhagen
Jornal O Piauí – 1927. Teresina - José Matos
Le Morte Darthur (1485) - Sir Thomas Malory, .(A. B. L.).
Podere ou O Livro que Diviniza – Ed. Pensamento, SP, 1993. Quito, Equador, em 1940) - Jorge Adoum (Mestre Jefa)
Astronomia moderna (Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica) - Ronaldo Mourão, Nova Fronteira/CNPQ, 1987
Dicionário de Símbolos - (Editora José Olympio – Rio de Janeiro, 1982)
- Jean Chevalier e Alain Gheerbrant
Tibete, Magia e Mistério – Civilização Brasileira – 1976 e
Iniciações Tibetanas - Hemus – 1978. Alexandra David-Neel
Guiness Book
O Rei do Mundo - 1978 - Ed. Cavalo Branco - René Guénon.
Bestas, Homens e Deuses – O Enigma do Rei do Mundo - 1920
- Ferdinand Ossendowski
Tibete – Terra de Magia e Mistério - (Ediouro). Arlindo Fiorenti
História Secreta dos Mongóis - “The Times Atlas of World History”,
Londres, 1988)
Dictionnaire des Personnages – Ed. Bouquin, setor Laffont-Bompíahi.
Robert Laffont, 1992.
Rondom uma Relíquia da Pátria. Cel. Almicar Botelho de Magalhães.
Biblioteca do Exército- 1950.
O Mundo Perdido de Agharta. O mistério do mundo subterrâneo e a energia
do Universo. ALEC MACLELLAN. Editora Nova Era -